



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Fábio Amorim de Matos Júnior

Tradução comentada das *Nuvens* de Aristófanes

CAMPINAS
2020

FÁBIO AMORIM DE MATOS JÚNIOR

Tradução comentada das *Nuvens* de Aristófanes

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira

Este trabalho corresponde à versão Definitiva da dissertação defendida pelo aluno Fábio Amorim de Matos Júnior e orientada pelo professor Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira.

CAMPINAS
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

M428t Matos Júnior, Fábio Amorim, 1980-
Tradução comentada das "*Nuvens*" de Aristófanes / Fábio Amorim de Matos Júnior. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Trajano Augusto Ricca Vieira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Aristófanes. As nuvens. 2. Comédia Grega. I. Vieira, Trajano, 1959--. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Commented translation of Aristophanes' "*Clouds*"

Palavras-chave em inglês:

Aristophanes. The clouds

Greek comedy

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Trajano Augusto Ricca Vieira

Ricca Vieira, Trajano Augusto

Flávio Ribeiro de Oliveira

Fernando Brandão dos Santos

Data de defesa: 27-11-2020

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: iD 0000-0001-6609-7624.

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4861911955702400>



BANCA EXAMINADORA:

Trajano Augusto Ricca Vieira

Flávio Ribeiro de Oliveira

Fernando Brandão dos Santos

IEL/UNICAMP

2020

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

DEDICATÓRIA

Aos meu avós:

José Inácio de Melo (*in memoriam*), Geraldo Amorim de Matos (*in memoriam*),
Maria de Lourdes Melo (*in memoriam*), Ana de Matos (*in memoriam*).

Pelo olhar campesino que me permitiu reter certa nota de candura
no *meu* Estrepsíades.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Trajano Vieira, pela orientação, pelas aulas memoráveis sobre a *Odisseia* e pela inspiração advinda de suas traduções.

Ao professor Flávio Ribeiro, pela inspiradora leitura do *Édipo*, pelas sugestões apontadas na qualificação e por ter aceitado ler e avaliar integralmente este trabalho.

Ao professor Fernando Brandão, pelas sugestões apontadas durante a qualificação e pela disponibilidade em ler e avaliar integralmente este texto.

Ao professor Adriano Machado Ribeiro, através do qual tive meu primeiro contato com as *Nuvens*, durante seu curso de *História da Filosofia Antiga I*, ministrado na UFU, no ano de 2000. Agradeço-lhe também pelas primeiras aulas de grego.

Ao professor Alexandre Guimarães de Tadeu Soares, pelo empenho manifesto durante minha cooperação docente na UFU, entre os anos de 2013 e 2017, permitindo que eu me dedicasse, exclusivamente, ao ensino do grego, contribuindo, diretamente, para a realização do presente trabalho.

Ao colegiado do curso de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, que, gentilmente, me liberou para firmar acordo de cooperação docente e, posteriormente, permitiu-me condensar minhas disciplinas durante os primeiros semestres de 2017 e 2018, a fim de que eu pudesse cumprir a carga horária obrigatória do programa.

Aos meus familiares, em especial minha mãe Edna Melo e meu padasto João Duarte, os quais, mais uma vez, acolheram-me no seio do lar durante os anos de preparação deste trabalho.

À família Sócrates, extensão de minha família nestas terras de Cora Coralina.

Aos meus amigos, para os quais meu agradecimento é também um pedido de desculpa pela ausência prolongada, sobretudo ao Eduardo Marra.

Ao professor e amigo André Campos, pelo aprimoramento musical dos últimos anos e por ter concordado, por mais de uma vez, que eu revisse meu repertório semestral quando o acúmulo das atividades assim me exigiu.

Por fim, agradeço à Yasmim Sócrates, sem a qual, talvez, eu sequer houvesse realizado este trabalho. Era alta madrugada do primeiro dia de 2016 quando ela me sugeriu que eu traduzisse as *Nuvens*. Ideia aceita, foram muitos os dias e as madrugadas em que ela leu, escutou, sugeriu e opinou na escolha das diferentes versões que resultaram na minha tradução definitiva.

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma tradução comentada das *Nuvens* de Aristófanes, realizada a partir da edição textual de Kenneth Dover (1968). Acompanha a tradução um estudo introdutório sobre as principais características da peça, assim como algumas breves considerações sobre os parâmetros adotados na tradução.

ABSTRACT

The present work consists of a commented translation of the *Clouds* of Aristophanes, made from the textual edition of Kenneth Dover (1968). The translation is accompanied by an introductory study on the main characteristics of the piece, as well as brief considerations on the parameters adopted in the translation.

SUMÁRIO

1 – ESTUDO INTRODUTÓRIO.....	10
1.1. CONTEXTO DA REPRESENTAÇÃO.....	11
1.2. REAÇÃO AO RESULTADO DO CONCURSO	16
1.3. AS DUAS VERSÕES DAS <i>NUVENS</i>	22
1.4. ROTEIRO DA PEÇA E ANÁLISE DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS.....	26
1.4.1 Roteiro	26
1.4.2. <i>Estrepsíades</i>	28
1.4.3. <i>Sócrates</i>	32
1.4.4. <i>Fidípedes</i>	48
1.4.5. <i>Coro</i>	50
1.4.6. <i>Os Discursos Fraco e Forte</i>	52
1.5. EDIÇÕES DO TEXTO E TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS	53
1.6. PROPÓSITOS E PARÂMETROS DA PRESENTE TRADUÇÃO	54
1.6.1. <i>Fluência textual</i>	55
1.6.1.1. Fluência textual: (α) recusa às paráfrases.....	55
1.6.1.2. Fluência textual: (β) elisão e (γ) adaptações terminológicas	57
1.6.1.3. Fluência textual: (δ) versificação	65
1.6.2. <i>Caracterização das personagens</i>	67
2. TRADUÇÃO DAS <i>NUVENS</i> (ΝΕΦΕΛΑΙ)	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	315

1 – ESTUDO INTRODUTÓRIO

O espaço temporal que compreende o surgimento, apogeu e declínio da chamada “comédia antiga” é relativamente curto. Dentre a primeira representação cômica em um dos festivais de Dioniso (486 a.C.), até o último festival em que o gênero manteve suas principais características (404 a.C.), pouco mais de oitenta anos se passaram. Aristófanes, único expoente da “comédia antiga” cujo legado conserva textos integrais, fez-se atuante nos últimos vinte e três anos deste período¹. Sua estreia no teatro grego, ainda sob pseudônimos², ocorreu no ano de 427 a.C., com *Os Convivas* e, no ano seguinte (426), com *Os Babilônios* – ambas perdidas. De sua obra, composta por aproximados quarenta e quatro títulos, onze foram conservados na íntegra: *Os Arcanenses* (425); *Os Cavaleiros* (424); *As Nuvens* (423); *As Vespas* (422); *A Paz* (421); *As Aves* (414); *Lisístrata* (411); *Tesmoforiantes* (411); *As Rãs* (405); *Assembleia das Mulheres* (392); e *Pluto* (388)³.

¹ As duas últimas comédias produzidas pelo poeta, *Assembleia das Mulheres* (392) e *Pluto* (388), não mais conservam os elementos básicos da “comédia antiga”, inserindo-se no período de transição que antecederá a chamada “comédia nova”. Eis, genericamente, como Sommerstein (2002, p. 68-69) descreve as mudanças operadas nas últimas comédias sobreviventes de Aristófanes: “A segunda metade da carreira de Aristófanes testemunha uma progressiva simplificação desta elaborada e variável estrutura. Depois de 414 não sobreviveram peças que possuam uma segunda *parábase*, ao passo que a primeira *parábase* perde alguns de seus tradicionais componentes e nas duas peças do século quarto desaparecem por completo. Nas duas últimas peças o *agôn* é drasticamente simplificado, com a duplicação de seus componentes sendo abandonada; a epirremática estrutura desaparece de outras partes da peça e muitos dos interlúdios corais são de tão pouca importância dramática que suas falas não são sequer incluídas no roteiro, sendo a ocorrência simplesmente marcada pela palavra *chorou*. Na última peça sobrevivente de Aristófanes, *Pluto*, tudo que permanece do padrão da Comédia Antiga é um *parodos* meio cantado, meio recitado (linhas 257-321) e um *agôn* (linhas 487-618) (...)”.

² Em suas primeiras representações, o poeta adotou os pseudônimos “Calístrato” e “Filônides”. Embora não se saiba ao certo os motivos para tal atitude, é possível que ele receasse concorrer, em próprio nome, com poetas mais velhos e, desde já, experientes. Existe também uma referência antiga sobre a existência de uma lei que impunha a idade mínima de trinta anos para a participação em concursos; não obstante, vários comentadores questionam a veracidade de tal informação (e.g. Rogers, 1916, p. 74). Ademais, mesmo após 424 a.C., quando encenou, em próprio nome, os *Cavaleiros*, Aristófanes ainda voltou a representar sob pseudônimos: *As Vespas* (422) sob o nome de Filônides; e *As Aves* (414) sob o pseudônimo de Calístrato.

³ Conforme indica Sommerstein (2002, p. 3-4), em meados do século III a.C. as representações dramáticas já eram consideradas um tesouro cultural remanescente de um nostálgico e glorioso passado. A despeito de ainda serem encenadas, neste período as representações dramáticas se tornavam cada vez mais objeto de leitura e de comentários críticos. Inicialmente, tal atividade compreendia a obra dos três trágicos e de cinco comediógrafos: Epicarmo, Cratino, Êupolis, Aristófanes e Menandro. Por volta de 300 d.C., todavia, as comédias de Epicarmo, Cratino e Êupolis já haviam sido perdidas e o conhecimento da comédia grega confinado ao conjunto das onze peças remanescentes de Aristófanes.

1.1. Contexto da representação

As Nuvens (Νεφέλαι) foi representada nas Grandes Dionísias⁴ do ano de 423 a.C, durante o arcontado de Isarco, competindo com *A Garrafa* (Πυτίνη) de Cratino e a peça *Kónos* (Κόννος) de Ameipsias – ambas fragmentárias.

Ao que indica o escólio do verso 398 dos *Cavaleiros* (BEKKER, 1829, p. 50, v.2), a peça inscrita por Cratino, *A Garrafa*, teve como motivação composicional os ataques que lhe foram dirigidos, pelo próprio Aristófanes, no festival do ano anterior.

[Aristófanes] afronta Cratino por ser mijão e bebum. Cratino era um poeta mais velho do que Aristófanes e dos mais afamados da antiga comédia. Por isso diz [Aristófanes] “se não te odeio, que me torne cobertor na casa de Cratino, pra ele mijar em mim”. Parece-me que aquele [Cratino] se sentiu ofendido e, apesar de já não competir e compor, escreveu novamente uma peça voltada para si e para sua bebedeira, a *Garrafa* (*Pytíne*) (...) ⁵

De fato, no ano de 424 a.C., Aristófanes concorreu com *Os Cavaleiros*, peça icônica da sátira nominal, cujo mote de ataque foi o demagogo Cléon, o qual, naquele momento, encontrava-se à frente de Atenas. Ainda assim, em duas passagens da

⁴ Toda representação dramática – tragédias, comédias e dramas satíricos – era realizada durante festivais religiosos de caráter público em honra a Dioniso. Atenas celebrava, anualmente, três festivais em honra ao deus: as Dionísias Urbanas, as Leneanas e as Rurais. Todavia, somente os dois primeiros festivais comportavam concursos dramáticos. A maior das festividades ficava a cabo das Dionísias Urbanas ou Grande Dionísias, celebradas durante a primavera (março-abril), para uma audiência bem ampla – composta por cidadãos e estrangeiros – e dirigida pela autoridade religiosa máxima – o arconte epônimo. Por se realizar durante estação propícia para a navegação, esse festival atraía muitos visitantes do exterior, sendo que, no tempo do império ateniense, as cidades-estado confederadas enviavam delegações que traziam o seu tributo de contribuição anual para a liga de Delos, militares para servirem em campanhas em andamento e um falo para ser carregado durante a procissão. As atividades realizavam-se no curso de seis dias, divididos entre: procissão solene com a estátua do deus Dioniso; concurso de coros ditirâmbicos; e concursos dramáticos. Já as Dionísias Leneanas eram celebradas durante o inverno (janeiro-fevereiro), em um teatro secundário, na região do Lenaico, e destinava-se ao público local – cidadãos e metecos –, visto que por esta época os portos encontravam-se fechados. Sua realização estava a cargo do arconte rei e sua duração era reduzida a três ou quatro dias, divididos entre: uma procissão silenciosa e, a partir de 422 a.C., dois concursos de tragédias e comédias. Por fim, As Dionísias Rurais eram celebradas no mês de Dezembro em cada um dos cem *démoi* de Atenas. Em face de sua natureza local, sua programação não era fixa e estava condicionada aos recursos particulares de cada um dos *démoi*. Embora não comportassem concursos dramáticos, enquanto as mais pobres limitavam-se às procissões solenes, as mais ricas proporcionavam representações teatrais de peças anteriormente encenadas (SOMMERSTEIN, 2002, *passim*).

⁵ Tradução nossa: ὡς ἐνουρητὴν δὲ καὶ μέθυσον διαβάλλει τὸν Κρατῖνον. ὁ δὲ Κρατῖνος καὶ αὐθὺς ἀρχαίας κωμωδίας ποιητής, πρεσβύτερος Ἀριστοφάνους, τῶν ἄγαν εὐδοκίμων. γενοίμην οὖν φησὶν εἰς τὴν οἰκίαν Κρατῖνου κώδιον, ὥστε μου κατορεῖν ἐκεῖνον, εἰ μὴ σε μισῶ. ὅπερ μοι δοκεῖ παρξυνθεῖς ἐκεῖνος, καίτοι τοῦ ἀγωνίζεσθαι ἀποστὰς καὶ συγγράφειν, πάλιν γράφει δρᾶμα τὴν Πυτίνην, εἰς αὐτόν τε καὶ μέθην, (...).

peça, o Coro de cavaleiros alude a Cratino, o qual, naquele ano, obteria a segunda colocação com a comédia *Os Sátiros*.

Uma das ocorrências verifica-se durante a parábase (v.527-538), quando o Coro intenta demonstrar a degenerescência sofrida pelo velho poeta, seja quanto à sua compleição física, seja quanto à sua inspiração poética, seja quanto ao reconhecimento de sua obra por parte da audiência.

Depois lembrava-se do caso de Cratino, dantes tão aplaudido, como um rio a correr por planícies sem escolhos, a derrubar do seu posto, para os arrastar consigo, carvalhos e plátanos e rivais cortados pela raiz. Nos banquetes não se cantava outra coisa, era só “Doro de sandálias de... sicofanta” ou “artífices de hinos bem modelados”, de tal maneira ele estava então em voga. Agora, porém, que vocês o vêem tresler, não querem saber dele para nada, nem da sua lira de cavilhas soltas, cordas bambas e juntas esgaçadas. Um homem daquela idade, anda por aí, armado em Conas, uma coroa murcha na cabeça, morto de sede; quando, graças às vitórias do passado, devia beber no Pritaneu, e, em vez de dizer disparates, assistir ao teatro, com todo o esplendor, ao lado de Dioniso⁶.

A metáfora da qual se vale Aristófanes para indicar o sucesso alcançado por Cratino ao longo de sua carreira – “(...) a derrubar seu posto, para arrancar consigo, carvalhos e plátanos e rivais cortados pela raiz” (...) –, possivelmente, vincula-se a uma característica amplamente atribuída a esse autor, qual seja: a de ter sido o renovador do expediente de ataque pessoal, tão ao gosto dos gregos, no âmbito da comédia antiga. Sousa e Silva, em nota ao verso 528 de sua tradução dos *Cavaleiros* (2006, p.229), atribui a Cratino a inserção do expediente do ataque nominal na estruturação dramática das peças, de modo que os alvos pudessem, ao mesmo tempo, desempenhar um papel no contexto da trama⁷:

⁶ Tradução portuguesa de Maria de Fátima Souza e Silva. Todas as citações dos *Cavaleiros*, salvo indicação em contrário, seguem a referida tradução.

⁷ Como salienta a mesma autora, exatamente o recurso do qual se valeu Aristófanes, naquele festival, contra o demagogo Cléon, por vias da figura do Paflagônio: “À caricatura que fizera de *Babilônios*, uma peça assaz polémica, o dramaturgo pode acrescentar agora dados novos e completar o seu retrato do político bem sucedido da Atenas da segunda metade do século V. E Aristófanes fá-lo com uma incisividade e um calor nunca ultrapassados nas peças que conservamos. Assim põe em prática um padrão – adivinhamo-lo – que devia seguir de perto a escola de Cratino, o poeta que havia consagrado a invectiva pessoal, ferosa e arrasadora, como um ingrediente estrutural do género cómico” (Introdução aos *Cavaleiros*, 2006, p. 169-170). Em outra obra conjunta: “O ataque pessoal que, com carácter pontual, estivera presente nas mais embrionárias formas dramáticas, entra agora, pela mão de Cratino, numa nova fase. Depois que a política de Péricles estabilizou e revigorou a democracia ateniense, o ataque pessoal reforçou-se e ganhou um desassombro inaudito. Sátira nominal encarava-a o velho poeta com o vigor de poderosa corrente, que diante de si derrubasse mesmo as árvores de maior porte.

Com Cratino, o ataque pessoal, que havia feito as delícias dos Gregos desde tempos imemoriais, revigorou-se e proporcionou o apogeu da sátira nominal: a invectiva pessoal deixou de ser episódica e destacada do contexto, como por certo teria sido até então (cf. *Rãs*, 416 e segs.), para se integrar na textura da intriga, de modo a permitir à comédia a abordagem de questões políticas e sociais, e conferir às suas vítimas um papel na acção.

Não obstante, após reavivar na audiência o sucesso pregresso de Cratino, é na sequência do discurso que se encontra o ensejo de Aristófanes, precisamente quando o Coro explicita a suposta degenerescência – física e poética – sofrida pelo nonagenário poeta, seguido de seu esquecimento por parte do público. Para Aristófanes, a prova de que os atenienses não prestavam o devido reconhecimento ao sucesso pregresso de seu rival verifica-se no fato de não lhe ter sido outorgado um lugar de honra no teatro – a chamada *proedria* –, nem a primazia de frequentar o Pritaneu. Justamente neste último ponto, pode-se encontrar o *leitmotiv* que inspirará Cratino na composição da comédia do ano subsequente, *A Garrafa*.

Ora, o direito de alimentar-se no edifício público do Pritaneu, pelo resto da existência, constituía uma honra concedida a cidadãos beneméritos para com a cidade, em virtude de seus feitos heroicos, fosse em vitórias olímpicas ou pugnas guerreiras. Inclusive, coincidentemente, é esse o benefício que Sócrates – ironicamente?! –, reivindica para si próprio quando da estipulação de uma contra pena (ἀντιτίμησις) para a sentença de morte solicitada por Meleto (PLATÃO, *Apologia*, 36d): οὐκ ἔσθ' ὅτι μᾶλλον, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, πρέτει οὕτως ὡς τὸν τοιοῦτον ἄνδρα ἐν πρυτανείῳ σιτεῖσθαι, πολλύ γε μᾶλλον ἢ εἴ τις ὑμῶν ἵππων ἢ συνωρίδι ἢ ζεύγει νενίκηκεν Ὀλυμπιάσιν (...). Não obstante, a alusão de Aristófanes é irônica na medida em que, no lugar de σίτησις πρυτανείῳ – como atesta Platão –, ou do equivalente δειπνεῖν τῷ πρυτανείῳ – como atesta o próprio poeta (Paz, 1084) –, na presente passagem, Aristófanes vale-se do verbo “beber” (πίνω) para explicitar um suposto vício adquirido por Cratino durante sua velhice: ὃν χρῆν διὰ τὰς προτέρας νίκας πίνειν ἐν τῷ πρυτανείῳ (...).

O ataque pessoal não se faz mais por pequenas gotas destiladas ao acaso: os gracejos dilatam-se, estruturam-se numa intriga coerente, onde, pela primeira vez, questões políticas e sociais se instalam num plano cimeiro e, com elas, as próprias vítimas da sátira. Vagos ecos do ataque político em Cratino nos chegam através dos poucos fragmentos conservados. É Péricles, sobretudo, o alvo principal dos seus ataques. (...) Na pessoa de Péricles, portanto, Cratino dera início ao ataque a uma longa dinastia de estadistas, em que haviam de encadear-se Cléon e Hipérbolo; a todos eles, ao longo do século, a comédia joeirou no seu crivo, para lhes atribuir a culpa dos males que cavaram a ruína de Atenas” (OLIVEIRA & SILVA, 1991, p. 55-56).

Crítica reforçada por outra passagem em que o Coro dos *Cavaleiros* alude a Cratino (401-403): “Se não é ódio o que sinto por ti, seja eu cobertor em casa de Cratino, ou tenha de aprender um canto numa tragédia de Mórsmo⁸”. Como explica o Escoliasta, no fragmento acima citado, Aristófanes ataca Crátino alegando que ele bebia e urinava – possivelmente – no leito, enquanto dormia: ὡς ἐνουρητὴν καὶ μέθυσον διαβάλλει τὸν Κρατῖνον.

Motivado por tais ataques, Cratino apresentou, no festival subsequente (423 a.C.), a comédia que obteria o primeiro prêmio, *A Garrafa*, em concorrência direta com as *Nuven*s, relegada ao terceiro e último lugar⁹. Os fragmentos da peça em conjunto com um registro do Escoliasta¹⁰ permitem recompor, em certa medida, seu enredo¹¹. Sabe-se, em primeiro lugar, que Cratino encena a si mesmo, como protagonista, em um processo de autossátira. A representação faz face a um triângulo amoroso: Cratino, casado com a Comédia, envolve-se com a senhora Embriaguez. Em face de tal relação, a Comédia, na qualidade de esposa legítima, intenta obter o divórcio. Alguns amigos de Cratino, à procura de recursos para evitar tal desfecho, encontram-se com a Comédia, ansiosos por escutar suas alegações quanto ao rompimento; vindo, então, a saber que Cratino, após a velhice, gasta todo seu tempo com a senhora Embriaguez em detrimento de sua legítima, a Comédia. Em reunião com Cratino, os amigos lhe exortam a não mais se valer do vinho e a limitar-se apenas à água. Conselho que Cratino parece rejeitar prontamente, alegando que: *O vinho, de*

⁸ Mórsmo, por sua vez, foi um sobrinho de Ésquilo que, embora herdeiro da atividade do tio, não obteve êxito no mister. Frequentemente era eliminado na seleção prévia dos festivais. De certa feita, ao obter um coro, sua composição musical era tão inarmônica – πονηρὸς καὶ ἄμετρος, diz o Escoliasta – que lhe granjeou o horror do coreutas (Cf. *Paz*, 801 *et seq.*).

⁹ Constantemente reitera-se que o resultado funcionou como uma espécie de contraposição empírica da atribuição, por parte de Aristófanes, do declínio de Cratino. De fato, nos anos de 425 e 424 a.C., o novato Aristófanes ganhara os primeiros prêmios com os *Acarnenses* e os *Cavaleiros*, relegando ao afamado Cratino as segundas posições. Não obstante, a resposta de Cratino lhe valera o primeiro prêmio no *agôn* de 423 a.C., seguido por Ameipsias e, somente então, Aristófanes. Demonstrando que o vigor poético não lhe abandonara com o avançar da idade.

¹⁰ Trata-se, mais um vez, do escólio referente ao verso 398 dos *Cavaleiros*, segundo o qual: “Cratino imagina a comédia como sua mulher, a qual, desejando desquitar-se, impetrou um processo de abuso contra ele; alguns amigos de Cratino, tendo se reunido, pedem que ele não faça nada precipitadamente e que investigue o motivo da irritação dela. Ela o censura por passar o tempo com a bebida e não com a comédia”. (τὴν κωμωδίαν ὁ Κρατῖνος ἐπλάσαστο αὐτοῦ εἶναι γυναῖκα, καὶ ἀφίστασθαι τοῦ συνοικεσίου τοῦ σὺν αὐτῷ θέλειν, καὶ κακώσεως αὐτῷ δίκην λαγχάνειν, φίλους δὲ περितυχόντας τοῦ Κρατῖνου δεῖσθαι μηδὲν προπετὲς ποιῆσαι καὶ τῆς ἔχθρας ἀνερωτᾶν τὴν αἰτίαν. τὴν δὲ μέμφεσθαι αὐτῷ ὅτι μὴ κομῳδοῖ ἢ μηκέτι σχολάζοι τῇ μέθῃ).

¹¹ Seguir-se-á neste ponto a reconstrução proposta por Rogers na Introdução de sua edição das *Nuven*s (1916, p. xxxi-xxxv).

fato, revela-se célere cavalo para o aedo ensejador do agrado; / Quanto ao bebedor d'água, nada pode gerar de inteligente (οἶνος τοι χαρίεντι πέλει ταχὺς ἵππος ἀοιδῶν / ὕδωρ δὲ πίνων οὐδὲν ἄν τέκοι σοφόν). Em face da recusa, os amigos reúnem-se, novamente, em conselho, à procura de um plano para livrá-lo do vício. A deliberação de um deles – ou, talvez, da própria esposa – envolve quebrar todos os utensílios utilizados para a relação espúria: barris, jarras, taças, etc. Plano executado, Cratino é forçado a ficar sóbrio; momento em que passa em revista sua carreira, reconhece ter andando por errônea via e afirma nada mais ter com a Embriaguez. Assim, o velho, agora bebedor de água, retorna para seu primeiro amor, a Comédia. E, ao contrário do que acreditava, longe de nada poder dizer de inteligente, encontra-se de tal modo inspirado que, acaso não lhe impeçam, “inundará o mundo todo com jorros de poesia”.

Quanto ao *Konos* de Ameipsias, segunda colocada no concurso, não se sabe muito. Não obstante, o *Eutidemo* (272c; 295d) e o *Menexeno* (235e) de Platão revelam a existência de um professor de música de nome Konos, filho de Metróbio, o qual fora, inclusive, professor de cítara de Sócrates. Como se sabe, ainda pelo *Eutidemo* (272c), Sócrates já era velho quando frequentou Konos, de modo que a relação se fez motivo de gracejos, resultando, inclusive, em um apelido para Konos: γεροντοδιδάσκαλος. Além disso, há relatos que vinculam ao enredo da peça a presença de renomados “intelectuais”, como atesta uma passagem no *Banquete dos Sábios* (V, 218c) em que Ateneu toma a representação do *Konos* como *terminus post quem* para a estipulação da data de estadia de Protágoras em Atenas, nessa passagem ele informa que Ateneu não enumerou o sofista no seu coro de pensadores: οὐ καταριθμεῖ αὐτὸν ἐν τῷ φροντιστῶν χορῶ. Por fim, Diôgenes Laércio (II, 28) apresenta um fragmento de Ameipsias (fr. 9 de Edmonds) em que Sócrates encontra-se em cena:

Ameipsias também, apresentando-o envolto num manto longo, diz o seguinte:

A. Vem juntar-te a nós, Sócrates, o melhor dos homens entre poucos e o mais tolo entre muitos! És um tipo robusto. Onde poderemos obter um manto adequado¹² a ti?

¹² Faz-se interessante observar que as *Nuvens* em três ocasiões vinculam a figura de Sócrates à posse de um manto: em 179, quando Sócrates haveria surrupiado um manto da palestra; em 856, quando Fidípedes admoesta o pai por ter tido o manto roubado por Sócrates no matutatório; e em 1498, quando Estrepsíades adiciona o roubo de seu manto como um dos motivos para a destruição da escola de Sócrates.

- B. Essa dificuldade é um insulto aos remendões.
 A. Este homem, embora faminto, nunca se animou a adular¹³.

Embora seja controverso se o fragmento pertence ou não ao *Konos*¹⁴, o conjunto dos fatos parece sugerir que a figura de Sócrates, de algum modo, pode ter estado ligada à representação desta peça. Seja como for, não há fragmentos que ilustrem o enredo propriamente dito da segunda colocada nas Grandes Dionísias de 423 a.C..

1.2. Reação ao resultado do concurso

No que tange ao resultado do concurso: *A Garrafa* em primeiro, *Konos* em segundo e *As Nuvens* em último, a julgar pelo desabafo apresentado na parábase das *Vespas* – representada no ano seguinte (422 a.C.) –, Aristófanes parece ter ficado sobremaneira decepcionado.

Entremeio a uma cronologia de sua carreira dramática, lamenta o poeta:

Pois vocês, apesar de terem encontrado um tal libertador e purificador dos males desta terra, no ano passado deixaram-no ficar mal quando ele tinha semeado uma série de ideias novas: por as não terem compreendido, impediram-nas de germinar. Mesmo assim, com todas as libações e mais algumas, ele jura a pés juntos, por Diónisos, que jamais alguém ouviu versos cômicos melhores do que esses. É uma vergonha que vocês não lhe tenham dado o devido valor. Mas não é por isso que o nosso poeta deixa de ser apreciado pela malta inteligente se, levando a melhor sobre os seus rivais, for por diante com o seu propósito (*Vespas*, 1042-1046)¹⁵.

¹³ Tradução de Mário da Gama Kury.

¹⁴ Rogers (1916, p. xxxvii), por exemplo, considera que não se pode atribuir este fragmento ao *Konos*, visto que não passaria despercebido aos escólios o fato de Sócrates ter sido representado duas vezes no mesmo festival. Assim sendo, sugere ele que se trate de uma comédia posterior, na qual Ameipsias inspirou-se em Aristófanes. Particularmente, o argumento de Rogers não parece necessário por dois motivos: i) de uma perspectiva lógica, nada permite inferir que se X passou despercebido aos escoliastas, logo X não ocorreu; ii) de uma perspectiva contextual, por que haveria Ameipsias de se inspirar em uma comédia que fora a última colocada no concurso em que participou? Posição contrária é sustentada por Konstan (2011), o qual, ao admitir a representação da figura de Sócrates em dois festivais no mesmo ano, sugere que, historicamente, o filósofo, por razão ignorada, esteve em evidência na Atenas de então. Alega ainda Konstan (2011, p. 76 *et seq.*), como reforço de sua hipótese, que Êupolis e Frínico também estabeleceram menções a Sócrates por volta do mesmo período, o primeiro em menção direta (frag. 352-353 de Kassel-Austin, *Poetae Comici Graeci*) e o segundo encenando um coro de Pensadores.

¹⁵ Tradução de Carlos Marins de Jesus (coleção Comédias, vol. II).

A passagem é ilustrativa em vários sentidos: exhibe o juízo de valor do autor em face da obra, de seu mister e do veredicto público. Após reiterar seu compromisso didático¹⁶, na qualidade de “libertador e purificador dos males” (ἀλεξίκακον τῆς χώρας τῆσδε καθαρτήν), Aristófanes fundamenta a reprimenda dirigida à audiência pela alegação de que a indevida valorização concedida à peça decorreu da incompreensão do público em face do caráter vanguardista assumido pelas *Nuvens*; ao mesmo tempo, por outro lado, deixa transparecer que sua própria incompreensão quanto ao resultado do concurso deve-se à dissimetria entre sua colocação e a primazia composicional da peça, já que ninguém – conforme jura – jamais escutou versos cômicos melhores.

Embora, na parábase das *Vespas*, o poeta não desenvolva justificativas para tais argumentos, ele as apresenta, posteriormente, na composição de outra parábase:

Espectadores, pelo sempiterno Dioniso, sem tergiversar, explanar-vos-ei a verdade (τάληθῇ). Que eu vença e seja reputado (νομιζοίμην σοφός)! Por vos julgar letrados (δεξιούς), estreei, junto a vós, a mais inventiva (σοφώστατα) e trabalhosa de minhas comédias. Arrependi-me (!) – é fato –, após injuriosa derrota para homens brancos (ἀνδρῶν φορικῶν). Embora vos repreenda por isso, distinto público, alvo de meu labor, jamais virei a menosprezar os dentre vós judiciosos (σοφοῖς) (...) Agora, símil a Electra, busca esta comédia encontrar espectadores igualmente letrados (δεξιούς). E reconhecerá (!) – num golpe de vista – as madeixas do irmão. Vede como sua essência é moderada: não balangou nenhum chumaço de couro remendado, com ponta vermelha, pra diversão da criançada; não gozou carecas, nem bailou o córdax; nenhum velho tagarela bengaleia o comparsa, disfarçando o déficit humorístico dos versos; ninguém adentra com uma tocha gritando “Ai-ai-Ai!”. Longe disso, veio confiante nos próprios versos. Quanto a mim, poeta distinto que sou: não me descabelo, nem vos ludibrio, encenando – duas, três vezes – a mesma coisa. Sempre engendro e apresento novidades – distintas entre si e integralmente industriais (*Nuvens*, 519-555).

¹⁶ Aristófanes sublinha, com certa frequência, o entendimento de que seu mister desempenha uma função didática e política frente à cidade: “Como voz de uma consciência colectiva, a comédia orientou a sua interferência por um objetivo superior, o desempenhar juntos dos cidadãos uma função *didáctica*.” (...) Desde o início da sua carreira que o poeta define o modo de exercer o papel didáctico que lhe cabe e enquadra, dentro do mesmo projecto, o que de desagradável possa haver nas críticas que faz (cf. *Acarnenses*, 500 e segs.): ‘O que é justo também é do conhecimento da comédia. Ora o que eu vou dizer pode ser cáustico, mas justo é’. O ataque direto que, desde sempre, se associara à comédia como seu suporte natural assumia assim uma dimensão digna e útil, de fonte de ensinamento e de veículo de conselhos” (SILVA, 2006, p.9).

Como se pode notar, nessa segunda parábase encontram-se desenvolvidos os tópicos da precedente. Em relação ao seu mister, reitera Aristófanes o caráter vanguardista de suas composições, alegando não repetir expedientes que tenham logrado sucesso e reafirmando seu compromisso de apresentar inovações, de própria lavra, para os espectadores: “nem vos ludibrio, encenando – duas, três vezes – a mesma coisa. Sempre engendro e apresento novidades – distintas entre si e integralmente industriosas”¹⁷. Reitera também o juízo a respeito das *Nuven*s, alegando ser sua melhor comédia e, por conseguinte, a que lhe custara mais trabalho, uma vez que não se valera dos expedientes vulgares para suscitar o riso: o falo na vestimenta dos atores, os deboches aos carecas, a dança do córdax e as figuras típicas do velho com bastão e do lamentador com archote. Pelo contrário, completa Aristófanes, longe de tais expedientes, a peça “veio confiante nos próprios versos”. Quanto à audiência, Aristófanes pretende cindi-la entre: espectadores letrados (δῆξιοι) e judiciosos (σοφοί); daqueles que não o são (φορτικός). Sua censura e seu apelo dirigem-se diretamente aos primeiros: censura pelo injusto resultado do concurso de 423 a.C. – “Arrependi-me (!) – é fato –, após injuriosa derrota para homens brancos” –, e apelo para que, doravante, reconhecido o valor, o trabalho e as qualidades da peça, os juízos sejam mais condizentes: “Agora, símil a Electra, busca esta comédia encontrar espectadores igualmente letrados. E reconhecerá (!) – num golpe de vista – as madeixas do irmão”. Mais à frente, em tom premonitório, complementa o poeta: “Mas, se admirais a mim e às minhas invenções, para os vindouros parecereis sensatos”.

O discurso de Aristófanes, no contexto das duas parábases, deixa patente o grau de descontentamento do poeta perante a última colocação no concurso de 423 a.C., sobretudo após ter alcançado, nos dois anos precedentes, posição diametralmente oposta. Ademais, deixa manifesto o caráter vanguardista de sua obra e sua pretensão em atingir, ainda que não tenhamos outros autores para comparação, um nível de composição superior àquele que se dispunha na ordem do dia.

Certamente, quanto ao último ponto, há de se notar o caráter retórico que permeia sua argumentação, seja na estruturação, seja no conteúdo. Para vias de comparação, pense-se na estruturação que Platão confere, mais de um quarto de

¹⁷ Na sequência do texto (555-563), Aristófanes exemplificará sua queixa elencando o reaproveitamento de *tópoi* de diversas ordens por parte de seus concorrentes.

século depois da representação das *Nuvens*, ao discurso de defesa de Sócrates – que, em sua estrutura, também faz uso de uma instrumentação retórica. Após o resultado da votação que, definitivamente, o condenou à cicutu, dirige o filósofo um terceiro discurso ao corpo de jurados, desta vez, porém, cindindo-o em duas classes: por um lado, aqueles que o condenaram à morte – λέγω δὲ τοῦτο οὐ πρὸς πᾶν τὰς ὑμᾶς, ἄλλα πρὸς τοὺς ἐμοῦ καταψηφισαμένους θάνατον (38c) –; por outro, aqueles que o absolveram – τοῖς δὲ ἀποψηφισαμένοις –, os quais reputa como os verdadeiros juízes – ὑμᾶς γὰρ δικαστὰς καλῶν ὀρθῶς ἂν καλοῖην (39e).

É interessante notar como Aristófanes também procede a um cisão da audiência e mais ainda perceber que ambos o fazem após um veredicto desfavorável. Certamente, selado o voto dos juízes, o Sócrates de Platão não pretende a absolvição, assim como o Coro de Aristófanes não pretende a obtenção do prêmio. Embora nos escape a ou as motivações específicas de Aristófanes e Platão nesse sentido, talvez um lampejo de resposta possa ter sido apresentado pelo primeiro, ao lembrar a sua audiência – pelo menos à parcela que reputa benevolente – que, caso se agradem de seu *lógos*, “no futuro sereis considerados sensatos”.

Seja como for, o caráter retórico dessa segunda parábase, assim como seu paralelismo com a *Apologia*, não se limita à cisão da audiência. Outro expediente também se apresenta comum em ambas obras, trata-se da tentativa de edificação do próprio *lógos* a partir de um processo de distanciamento e crítica do seu contexto originário. Por exemplo, ainda no exórdio de seu discurso de defesa, após ajuizar como falso o teor da sustentação acusatória feita por Meleto e Ânito, continua Sócrates:

(...) a partir de mim escutareis a verdade completa – não, por certo, Atenienses, discursos elegantes como os deles, com verbos e nomes ornamentados, mas alegações estruturadas com palavras casuais –, afinal reputo ser justo o que digo (...) e se acaso escutardes, em minha defesa, as mesmas palavras que também estou habituado a usar entremeio às bancas na ágora – onde muitos de vós me escutaram – e em outro lugares, não vos admireis nem protesteis por causa disso (17b-d)¹⁸.

¹⁸ Tradução nossa. (...) ὑμεῖς δὲ μου ἀκούσεσθε πάσαν τὴν ἀλήθειαν – οὐ μέντοι μὰ Δία, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, κεκαλλιεπημένους γε λόγους, ὥσπερ οἱ τούτων, ῥήμασί τε καὶ ὀνόμασιν οὐδὲ κεκοσμημένους, ἀλλ' ἀκούσεσθε εἰκῇ λεγόμενα τοῖς ἐπιτυχοῦσιν ὀνόμασιν – πιστεύω γὰρ δίκαια εἶναι ἃ λέγω (...) ἐὰν διὰ τῶν αὐτῶν λόγων ἀκούητέ μου ἀπολογουμένου δι' ὧν περ εἴωθα λέγειν καὶ ἐν ἀγορᾷ ἐπὶ τῶν τραπεζῶν, ἵνα ὑμῶν πολλοὶ ἀκηκόασι, καὶ ἄλλοθι, μήτε θαυμάζειν μήτε θορυβεῖν τούτου ἕνεκα.

O contexto do discurso de Sócrates é essencialmente jurídico, ele se encontra em pleno exercício de defesa contra as acusações que lhe foram imputadas por Meleto. Por suposto, o sistema judiciário grego – mais do que muitos outros – comportava regras e normas para o estabelecimento do ganho de causa que se vinculavam, sobretudo, à persuasão discursiva. Sócrates, não obstante, pretende abdicar de um discurso retórico em ambiente que o exige. Além disso, somado às posteriores críticas que tecerá a esse modelo discursivo, desde já, vincula o filósofo ao seu *lógos* notas de edificação como: verdade (τὴν ἀλήθειαν) e justiça (δίκαια). Do mesmo modo, Aristófanes pretende dissociar as *Nuvens* dos expedientes comuns à composição cômica, na tentativa de erigir um discurso de excelência que se atrele a outro patamar, onde a primazia e o ineditismo composicional conferem um grau superlativo ao versos.

No mais, a prova definitiva do caráter retórico do referido discurso encontra-se na dissonância que promove em relação a uma conjugação muito cara para os gregos, aquela que aproxima *érgon* e *lógos*. São diversos os momentos em que Aristófanes não se coloca em sinonímia com os parâmetros que erige na sua segunda parábase. Nas *Vespas* (1516 *et seq.*), por exemplo, é bem possível que a dança incitada pelo Coro para o término da comédia seja nada mais nada menos do que um *córdax*¹⁹:

Vamos! Toca a dar à perna por um bocadinho, todos nós, para ajudar à festa e para que estes possam rodopiar, à vontade, à nossa frente. (...) Dançai na areia e na praia do mar não vindimado (...). Façam girar com rapidez os vosso pés (...). Toca a girar, dança em círculo e bate na barriga. Manda uma perna ao ar, perde-te em piruetas! (...) E agora, se vos agrada, deixai-nos sair a dançar, e depressa!

Se for o caso da dança executada por Filocleão ser, de fato, um *córdax*, estaríamos, então, em face do uso de um recurso do qual o poeta se vangloriava, nas *Nuvens*, de não fazer uso. Em outra passagem (*Paz*, 766-774), menos polêmica, o poeta fere-se

¹⁹ Tradução de Carlos Martins de Jesus. Assim, pelo menos, parece ter interpretado o escoliasta. Não obstante, observa o tradutor em nota: “O que o escoliasta interpreta como uma execução do *córdax*, tende actualmente a ser visto como uma dança complexa de ritmos trágicos, ainda não identificada inequivocamente (n. 296, p. 178)”. Variante que enfraqueceria o argumento em exposição no texto.

em autocrítica a partir do conhecido e, de acordo com a parábase das *Nuvens*, interdito recurso da crítica aos carecas²⁰:

E mesmo os carecas, ficam avisados de que devem cooperar na minha vitória. Porque se saio vencedor, toda a gente, à mesa ou nos banquetes, há-de dizer: “Vá lá, uma lambarice para o careca! Passa aí esse docinho ao careca! Não recuses o que é devido a um homem de testa pelada, como o mais talentoso dos nossos poetas”.

Também o uso do falo na vestimenta dos atores parece ter despontado em diversas passagens:

Diceópolis: Isso não, Lâmaco! A força não é para aqui chamada. E se és assim tão forte, porque é que já não me arreganhaste o coiso? (*Acarnenses*, 91-93)²¹.

Filócleon (para a flautista): Sobe lá para aqui, meu pequenino escaravelho dourado, agarra esta cordinha com a mão. Segura nela, isso! Mas tem cautela, que a cordinha já começa a ficar gasta. Mesmo assim, não lhe sabe nada mal ser agarrada. Vês como em boa hora te raptei, quando estavas prestes a mamar os convivas? Como recompensa, faz-me cá agora um jeito a esta verga (πέος) (*Vespas*, 1341-1347)²².

Cinésias: Então o que é aquilo que tens ali? Arauto: É uma moça de Esparta. Cinésias (a apontar para o próprio falo): Está bem, está. Só se isto aqui também for uma moça de Esparta (*Lisístrata*, 991-994).

Delegado de Esparta: Como nós temos pachado, podem vochês ver muito bem. (Afastam as túnicas e mostram os falos) Corifeu: Ena pá! Que a doença tomou proporções avantajadas, e a infecção parece ir de mal a pior (*Lisístrata*, 1076-1079)²³.

Até mesmo no próprio texto das *Nuvens* pode-se encontrar referência ao expediente do falo: Sócr.: *o que tens?*/ Estr.: *Nada, por Zeus.*/ Sócr.: *Nada mesmo?*/ Estr.: *Tirando*

²⁰ Aristófanes refere-se à própria calvície também nos *Cavaleiros* (550) e nas *Nuvens* (545). Tradução de Maria de Fátima Souza e Silva.

²¹ O verbo é ἀποψύλλω: *découvrir le prépuce*. Tradução de Maria de Fátima Souza e Silva.

²² Tradução de Carlos A. Martins de Jesus.

²³ Tradução de Maria de Fátima Souza e Silva.

a rola na mão direita, nada mesmo²⁴. Ademais, como já foi lembrado, o próprio texto das *Nuven*s inicia-se com “ais” e finda-se entremeio a ais e tochas.

Não obstante, a despeito do caráter retórico que, porventura, possa estar contido no conteúdo exposto na parábase, o que, certamente, queda evidente é a insatisfação do poeta frente a sua colocação no concurso. Na verdade, o que torna tal insatisfação mais explícita não é tanto o que ele expõe, mas, sim, onde o expõe, a saber: na parábase reformulada da peça derrotada.

1.3. As duas versões das *Nuven*s

Embora não se saiba precisamente quando Aristófanes reescreveu as *Nuven*s, certamente ele não a terminou antes de 421 a.C., em virtude da menção que faz ao *Maricas* de Eupolis, representada naquele ano. Ademais, como especifica Dover (1986, p. lxxx-lxxxi), Aristófanes confere ao autor de *Maricas* o princípio da crítica a Hipérbolo (*Nuven*s, v.553), a qual foi seguida por Hermipo (557), até o ponto de se tornar um lugar comum. Ora, como Hermipo não competiu nas Dionísias de 421 a.C., pode-se postergar o *terminus post quem* da redação da segunda versão das *Nuven*s para a primavera de 420 a.C.. Ademais, como Hermipo foi ostracizado em 416, é legítimo pressupor não haver sentido para que ele continuasse alvo de ataques desde então; logo, pode-se especificar como *terminus ante quem* o inverno de 417 a.C.. Konstan (2011) sugere a data de 418-417 a.C., mas, obviamente, não existe consenso.

Tampouco os motivos que levaram Aristófanes a reescrever a peça são conhecidos. Teria o poeta em mente reencená-la? Rogers (1916, p. xii), a despeito de juízo contrário por parte do Escoliasta²⁵, sustém a tese de que Aristófanes jamais

²⁴ Σω. ἔχεις τι; Στ. μὰ Δι' οὐ δῆτ' ἔγωγ'. Σω. οὐδὲν πάνυ; Στ. οὐδὲν γε πλὴ ἢ τὸ πέος ἐν τῇ δεξιᾷ.

²⁵ Adicione-se o juízo do autor da *Hipótese II*, segundo o qual Aristófanes haveria reapresentado a peça em concurso – αἱ δὲ δεύτεραι Νεφέλαι ἐπὶ Ἀμεινίου ἄρχοντος – e obtido pior resultado do que da primeira vez, decidindo, então, nunca mais representá-la. Diferentemente de Rogers, van Daele (*Notice*, 154) acredita na plausibilidade da tentativa de uma segunda representação. Embora assente para a impossibilidade de que isso tenha ocorrido durante o arcontado de Ameinos (422.a. C.), conforme sustenta o gramático, visto que Cléon – cuja morte é anunciada na peça – haveria de perecer somente no decorrer deste ano. Quanto ao pior resultado da segunda representação, avança a hipótese de que o arconte sequer teria admitido a peça uma segunda vez no concurso, tendo, portanto, sido rejeitada em etapa primária, o que explicaria também a ausência de qualquer notícia sobre essa segunda representação: “Il est étonnant que les fastes scéniques ne mentionnent nulle part cette seconde

pretendeu sua reapresentação, sendo a reformulação destinada exclusivamente à leitura. De fato, não se tem notícia de que uma mesma peça pudesse, por qualquer motivo, ser admitida e reencenada em concurso. Como informa o mesmo comentador, comédias como *Paz*, *Tesmoforiantes* e *Pluto*²⁶, supostamente reencenadas, tratavam-se, na verdade, de peças independentes, coincidindo apenas em título com as edições preservadas. Por outro lado, as *Rãs*, obra prima de Aristófanes, embora tenha sido reencenada, não o foi em um contexto de concurso em festival, não concorrendo, portanto, a qualquer prêmio. Entretanto, o indício mais cabal, de que Aristófanes não pretendia uma reavaliação das *Nuvens*, Rogers pretende retirar da própria parábase reformulada: οὐδ' ὑμᾶς ζητῶ 'ξappaτᾶν δις καὶ τρις ταῦτ' εἰσάγων (546). Todavia, conforme vimos no supracapítulo precedente, não se pode creditar um grau de indubitabilidade às afirmações da parábase da peça. Seja como for, a despeito da correção da hipótese do Escoliasta ou daquela sustentada por Rogers, o fato é que o motivo pelo qual Aristófanes reescreveu as *Nuvens* queda obscuro. Que o resultado do concurso tenha exercido alguma influência nesse processo, é bem plausível.

No que tange ao grau das alterações aplicadas, o único testemunho antigo é dado pelo autor²⁷ dos *ΥΠΟΘΕΣΕΙΣ* ²⁸:

représentation des *Nuées*. (...) une explication plausible, mais non certaine, de ce silence, c'est que l'archonte n'admit pas cette fois la pièce sur concours". Já Leeuwen (Edition des *Nuées*, prolégomènes VII, *apud* van Daele, *Notice*, p. 154-155), sustenta que a intenção de reapresentar a peça em concurso não passou de um estratagema, um pretexto de Aristófanes para publicá-la novamente. Van Daele discorda, alegando que as reprimendas dirigidas ao público, na segunda versão, somente poderiam ter tido lugar em um concurso real, sem o que os versos 520 *et seq.* não teriam sentido, visto endereçarem-se aos espectadores – ὦ θεώμενοι (518), ὑμᾶς... θεατὰς (521), θεαταῖς (535) – não aos leitores. A refutação de van Daele, não obstante, não parece conclusiva. Afinal, mesmo que Aristófanes tivesse o intuito exclusivo de reescrever a peça, o que o impediria de se valer do contexto cênico para preservá-la?

²⁶ Em relação à *Tesmoforiantes*, sabe-se que foi a primeira comédia que se preservou; já em relação ao *Pluto*, a segunda.

²⁷ Hilaire van Daele, na *Notice* de sua tradução da edição Coulon (2008, p. 155), sustenta que a presente *Hipótese* tenha sido redigida por dois gramáticos distintos. Do primeiro adviria a informação de que o segundo texto das *Nuvens* consiste em uma reprodução do original com remodelações parciais. Ao passo que, de acordo com o segundo gramático, Aristófanes haveria corrigido quase em sua totalidade a redação primitiva.

²⁸ Há uma discrepância entre os editores: Dover (1968) enumera a presente *Hipótese* como a primeira, ao passo que Coulon (2008), cuja edição remonta a 1923, como a sétima. Como a presente tradução pauta-se pela edição de Dover, mantemos a numeração por ele proposta.

Essa [a segunda versão] é semelhante à anterior, mas teve algumas partes revisadas. Como se fosse ser reencenada por desejo do poeta, não tendo ele feito isso por alguma causa. De modo geral, a retificação ocorreu em quase toda parte: algumas foram excluídas; outras adicionadas; e ocorreram alterações na ordem e na sucessão dos personagens. Algumas outras sofreram alteração completa, por exemplo: A *Parábase* do Coro foi substituída; o ponto em que o Discurso Justo fala com o Injusto; e, por fim, o ponto em que a escola de Sócrates foi incendiada²⁹.

A despeito da inespecificidade do testemunho quanto às passagens que sofreram exclusão, adição ou alteração, as passagens que sofreram completa modificação encontram-se especificadas: a parábase; o discurso do Raciocínio Justo; e o incêndio da escola de Sócrates.

Em relação à parábase, as mudanças fazem-se imediatamente perceptíveis, já que Aristófanes retoma o tema de seu fracasso no concurso. Há ainda indícios, conforme argumenta Rogers (1916, p. xiv), de que o Coro, na primeira versão da peça, não falasse em nome do poeta, mas em nome próprio, na condição de personagem, tal como ocorre em 1115-1130:

Eis os benefícios que lograrão os juízes que auxiliarem este coro: no tempo de arar a terra, choveremos por vós em primeiro lugar e protegeremos os cachos de uva da seca e do excesso de chuva. Já ao mortal que violar nossa sacralidade, eis a sanção disciplinar: nem vinho nem nada lhe frutificará – com chuva e granizos devastaremos toda videira e oliveira que germinar, varreremos o telhado de qualquer edificação que encetar. E caso ele, parente ou amigo venha a se casar, choveremos a noite toda; de sorte que preferirá o Egito a incorrer em errôneo julgamento.

Ademais, conforme informa o Escoliasta, Aristófanes teria procedido a uma mudança métrica na composição da nova parábase – οὐκ ἡ αὐτή ἐστίν, οὐδὲ τοῦ αὐτοῦ μέτρον τῇ ἐν ταῖς Νεφέλαις πρώταις –, valendo-se de uma metrificação que não encontrava precedentes nas comédias anteriormente representadas. Rogers (1916, p. xv) supõe que a parábase da primeira versão fosse escrita em anapéstico tetrâmico

²⁹ Tradução nossa. τοῦτο ταύτόν ἐστι τῷ προτέρῳ· διεσκεύασται δὲ ἐπὶ μέρους, ὥς ἂν δὴ ἀναδιδάξαι μὲν αὐτὸ τοῦ ποιητοῦ προθυμηθέντος, οὐκέτι δὲ τοῦτο δι' ἣν ποτε αἰτίαν ποιήσαντος. καθόλου μὲν οὖν σχεδὸν παρὰ πᾶν μέρος γεγεννημένη διόρθωσις· τὰ μὲν γὰρ περιήρηται, τὰ δὲ παραπέπλεκται, καὶ ἐν τῇ τάξει καὶ ἐν τῇ τῶν προσώπων διαλλαγῇ μετεσχημάτισται. τὰ δὲ ὅλοσχερῇ τῆς διασκευῆς τοιαῦτα ὄντα τετύχηκεν· αὐτίκα ἡ Παράβασις τοῦ Χοροῦ ἡμειπται, καὶ ὅπου ὁ Δίκαιος λόγος πρὸς τὸν Ἄδικον λαλεῖ, καὶ τελευταῖον ὅπου καίεται ἡ διατριβὴ Σωκράτους.

catalético – o chamado “metro aristofânico” –, seguido por um *pnigos* em dímetro anapéstico – o qual fora cortado na segunda edição.

Em relação ao discurso do Raciocínio Justo, sustenta Rogers (1916, p. xv) que, originalmente, ele deveria ter sido escrito no mesmo metro utilizado para o discurso do Raciocínio Injusto, a saber: o tetrâmico iâmbico. O argumento de Rogers, nesse sentido, é hipotético. Ele parte do pressuposto de que Aristófanes, com exceção das *Nuvens* e do diálogo entre Eurípides e Ésquilo nas *Rãs* – supostamente inspirado no embate entre os Raciocínios Justo e Injusto –, sempre apresentou os oponentes do *agôn* a dialogarem em um mesmo metro. E como o testemunho dos *ΥΠΟΘΕΣΕΙΣ* indica que o discurso do *Raciocínio Justo* foi inteiramente modificado, conclui Rogers pela equivalência métrica na primeira versão da peça com a métrica do discurso do Raciocínio Injusto preservada. Em relação ao motivo para tal alteração métrica, sugere o comentador que Aristófanes, no afã de incorporar a visão da antiga educação no domínio da linguagem, valeu-se da métrica mais esplendorosa de que dispunha³⁰.

Em relação ao final da peça, sustenta Rogers (1916, p. xvi-xvii) que ela sempre culminou com a queima da escola de Sócrates. Todavia, na medida em que os expedientes da subida ao telhado, da descrição das chamas e do corte das vigas – referidos nos versos 1482-1507 – dificilmente poderiam ser representados, sugere o comentador que tais elementos tenham sido incorporados na nova versão – de acordo com seu posicionamento, destinada à leitura e não à representação. Além disso, avança o comentador ao supor que, na versão original, seria o próprio deus Hermes quem responderia a Estrepsíades e, por meio de seus poderes, incendiaria a escola de Sócrates, sem qualquer necessidade de incursão ao telhado³¹. Rogers fundamenta sua hipótese no fato de que diversos manuscritos parecem indicar a presença de um segundo falante a dialogar com Estrepsíades, sendo que um deles inclui o nome de Hermes entre os *dramatis personae*³².

³⁰ Expediente que, de fato, não se faria inédito. Por exemplo, no *anapesto* da parábase das *Nuvens*, Aristófanes se vale do metro *eupolídio* unicamente para coadunar o conteúdo à forma dos versos. “É extremamente irônico que, ao acusar Êupolis de plagio (sic), Aristófanes tenha composto essa seção parabática no metro *eupolídio*, na única vez em que não usa os tradicionais anapestos”. Como informa a mesma autora, o metro recebe tal nome em função de sua maior recorrência na obra de Êupolis.

³¹ Na nossa tradução, incorporamos a presente sugestão de Rogers, atribuindo os versos 1508-1510 ao deus Hermes e não a Estrepsíades, tal qual figura na edição de Dover (1968).

³² Rogers apresenta sua argumentação em detalhe nas páginas xvi-xviii do segundo volume de sua tradução das obras completas de Aristófanes.

A despeito da escassez de fontes para a delimitação das convergências e divergências entre ambas versões das *Nuvens*, há de se notar que, embora as alterações perpassem por toda a peça – comportando modificações, introduções, rearranjo de personagens e exclusões –, o autor dos *ΥΠΟΘΕΣΕΙΣ* é categórico ao afirmar a identidade unitária de ambas: τοῦτο ταὐτόν ἐστι τῷ προτέρῳ. Como se sabe, Sócrates se refere, em seu discurso de 399 a.C., a uma das versões das *Nuvens*, dizendo ser possível comprá-la por três dracmas na orquestra e assomar outras tantas acusações que se queira contra ele (*Apologia*, 26d-e). E mesmo que não se possa ter certeza sobre a versão a que o filósofo se referia – dado as evidências de que a primeira versão tenha sobrevivido até o período helenístico³³ (Dover, 1968, p. xxxv) –, é certo que foi à segunda versão que a posteridade rendeu seu reconhecimento. Valendo-se da ilustração de Starkie (1911, p. v), trata-se da peça mais bem acabada, que conseguiu reunir, em juízo unívoco, homens tão diferentes como Santo Agostinho, Julian, Lessing, Hegel, Milton, Moliere, Bentley, Porson e Dobree. A peça que mais de setenta gerações de grandes mentes consideraram ser o mais sútil trabalho de Aristófanes.

1.4. Roteiro da peça e análise dos personagens principais

1.4.1 Roteiro³⁴

Todo o roteiro da peça se dá em função da execução e das consequências de um plano arquitetado pelo velho camponês Estrepsíades, o qual, arruinado pelos dispendiosos gastos de seu filho único com a equitação, anseia por uma estratégia que lhe permita não saldar as dívidas para com seus credores. Para tanto, pretende o velho que Fidípedes, seu filho, frequente o Matutatório – isto é, a escola de sofistas dirigida por Sócrates – e aprenda as técnicas discursivas do raciocínio fraco (v. 105;

³³ Van Daele (*Notice* p. 155) sustenta que Calimaco e Eratóstenes – bibliotecários de Alexandria – conheceram somente a segunda versão, a qual, acreditavam, haveria recebido apenas uma nova parábase: “cela est hors de doute, car s’ils avaient eu la moindre connaissance d’une autre rédactions, ils n’auraient pas manqué de le dire”.

³⁴ O conteúdo deste subcapítulo – *Roteiro* –, com exceção da atualização no nome da escola socrática, de ligeiras correções gramaticais e da supressão de notas, foi extraído *ipsis litteris* de texto já publicado (MATOS JUNIOR, 2013, p. 85-87).

115); as quais, uma vez dominadas, lhe permitirão angariar a vitória tanto nas causas justas como também nas injustas, podendo, portanto, obter ganho nos processos de quitação de dívidas que lhe serão imprecados pelos credores (v. 115). Em outros termos, o velho Estrepsíades pretende livrar-se de suas dívidas por vias do domínio da argumentação retórica. Não obstante, com a recusa inicial do filho em participar de semelhante intento (v. 120), o próprio Estrepsíades propõe-se como executor de seu plano (v. 125): submeter-se como discípulo à escola de Sócrates, aprender os dois argumentos – o justo e o injusto – e, posteriormente, dirimir suas dívidas por meio do raciocínio fraco.

Nesse afã, Estrepsíades dirige-se ao Matutatório e, uma vez aceito como discípulo (v. 435; 455), chega a receber instruções particulares de Sócrates (v. 510). Todavia, por conta de sua parca memória (v. 625) e de sua natureza bronca (v. 630), as quais o incapacitam para o aprendizado, seu *privatissimum* termina com a rejeição de Sócrates em tê-lo como discípulo (v. 785). Assim, a última esperança de realização dos desígnios de Estrepsíades recai, novamente, sob a figura de seu filho Fidípedes; o qual, mesmo a contragosto, desta vez, dispõe-se a encaminhar-se ao Matutatório e a tomar lições com o sofista Sócrates (v. 865). Isso feito, diferentemente do obtido pelo pai, os resultados do aprendizado privado de Fidípedes são satisfatórios e o jovem obtém êxito no domínio dos dois discursos retóricos (v. 1145-1150).

A princípio, Estrepsíades vangloria-se e deposita total confiança nos conhecimentos adquiridos pelo filho, como prova o modo insolente pelo qual passa a tratar seus credores quando os mesmos surgem para lhe citar pelas dívidas (v. 1210-1300). Contudo, não tardará para que uma reviravolta opere-se na peça e a anterior satisfação de Estrepsíades veja-se substituída por um profundo arrependimento: seja por ter submetido o filho à influência de tais ensinamentos (v. 1405), seja por tê-los assimilado (v. 1470-1480) e, até mesmo, por ter ansiado injuriar suas dívidas por meio de um recurso ilícito (v. 1405; 1460; 1475). O motivo de todo esse arrependimento é resultado direto da constatação de que o fruto do aprendizado de Fidípedes revelou-se pernicioso no mais alto patamar, a ponto de colocar em risco os mais antigos e sagrados preceitos e costumes religiosos gregos. Tal constatação ocorre em um ordinário jantar, no qual, após haverem se desentendido sobre o valor educativo de poetas como Ésquilo e Eurípedes (v. 1360; 1375), Fidípedes acaba por estrangular e bater no próprio pai (v. 1375; 1385-1390). Não bastasse o fato, Estrepsíades ainda se vê obrigado a presenciar o filho – em pleno uso de suas novas habilidades –

demonstrar que sua ação não fere os ideais gregos de justiça (v. 1375; 1395; 1405). Nesse sentido, argumenta Fidípedes que do mesmo modo que, quando ele era criança, Estrepsíades, movido por cuidados e boas intenções, lhe batia, também é justo que ele, Fidípedes, na medida em que nutre cuidados e boas intenções para com o pai, também agora lhe bata (v. 1405; 1415); principalmente, acrescenta o jovem sofista, quando considerada a máxima que assegura que, em sua avançada idade, os velhos tornam-se duas vezes crianças. Ademais, propõe o jovem que tal prática edifique-se como uma lei a ser observada, doravante, por todos os filhos (v. 1420) – tal como já acontece, por exemplo, entre os galos e os outros animais, no meio dos quais os filhos não hesitam em vingar-se dos pais (v. 1425).

Depois da hábil argumentação do filho, Estrepsíades não encontra outro recurso senão concordar com o argumento de que é justo os filhos baterem nos próprios pais (v. 1435); concordância que encontrará seus limites tão logo o filho manifeste a intenção de, pela mesma razão, bater também em sua própria mãe (v. 1440). Assim, aterrorizado com a possibilidade de um crime (religioso) ainda maior (v. 1440), Estrepsíades convoca o filho para sua vingança contra os do Matutatório (v. 1465). Todavia, não havendo a mínima intenção de Fidípedes em prejudicar seus mestres (v. 1465), Estrepsíades ordena que seus escravos o ajudem a executar o desígnio que ele próprio recebera do deus Hermes (v. 1480): queimar o Matutatório dos sofistas. Nesse ínterim, a peça termina com a escola sofística de Sócrates em chamas.

1.4.2. Estrepsíades

Estrepsíades, filho de Feidôn (v. 134), originário do demo de Cicina (v. 137), desempenha a função de protagonista³⁵ da peça e é em razão de seu dilema pessoal que todo enredo se desdobra. Aristófanes o apresenta como um velho camponês (v.

³⁵ Em nossa contagem, Estrepsíades é responsável por cerca de quarenta e cinco por cento dos versos da peça. Seguido pelo Coro com dezenove, Sócrates com treze, os Discursos Fraco e Forte com doze, Fidípedes com sete, o discípulo do matutatório com três e os personagens menores (Credores, Querefonte e Hermes) com menos de um por cento. Embora os valores de nossa contagem sejam aproximados, podendo haver variações no cálculo, ainda assim, duas coisas nos revelaram a mensuração dos números: i) o protagonismo incontestado de Estrepsíades na peça; i) e a confirmação do alto grau de participação conferido ao Coro no primeiro período das obras de Aristófanes.

129; 137), inconformado com as transformações sociais de seu tempo (v. 4-7), frustrado por um casamento incompatível (v. 40-51; 60-72)³⁶, financeiramente arruinado (v. 30-36) e, sobretudo, engajado em um contestável projeto de resolução de suas dívidas (v. 73-75).

Todos os eventos geradores da angústia existencial de Estrepsíades, embora pregressos à unidade de tempo da peça, confluem para um mesmo elemento central que funciona como gatilho para sua unidade de ação: a aproximação do dia da lua nova e velha, isto é, do dia vinte, quando os juros dos empréstimos deveriam ser quitados. Como o próprio personagem nos faz saber, já em seu solilóquio de abertura (v. 12-23), ele se encontra financeiramente arruinado por causa de empréstimos contraídos em razão do vício do filho em cavalos. E é, justamente, a partir da tentativa de invalidação dos empréstimos junto aos credores, dado a aproximação do vencimento das dívidas, que decorre toda a ação da peça.

A resolução encontrada pelo personagem para a quitação das dívidas está longe do que se poderia esperar de uma ação moralmente correta³⁷, pelo contrário, ele pretende aprender a técnica retórica a fim de poder, por meio de discursos falaciosos, mas ao mesmo tempo persuasivos, rebater seus credores em tribunal (v. 112-118, 244-245, 738-739). Para a execução da primeira parte de seu plano, isto é, para a aquisição dos conhecimentos necessários para sua realização, Estrepsíades dirige-se ao matutatório, uma escola sofístico-filosófica dirigida por Sócrates e especializada, entre outras coisas, na investigação de diversos domínios da linguagem, dentre os quais a erística. Estrepsíades, de fato, não conhece bem ao certo os fundamentos e procedimentos da escola, como revela, por exemplo, sua ignorância a respeito de seus principais integrantes (v. 99-101). Todavia, ele escutou

³⁶ Sobre a incompatibilidade cultural entre Estrepsíades e a esposa, Oliveira & Silva (1991, p. 222) esclarecem que: “O casamento de Estrepsíades tornou-se paradigmático de um novo padrão de alianças: o rústico endinheirado e a herdeira de uma aristocracia falida (*Nuvens*, 41-48). Recolhidos, por força da constante ameaça de incursões inimigas, à proteção das muralhas da cidade, os camponeses viram-se chamados a participar na vida urbana. Naturais então estes consórcios de equilíbrio periclitante, com meninas de cidade, de gostos caros e costumes dissolutos, mas pelo próprio nível social a assumirem um ascendente firme sobre os maridos. A ‘desgraça’ a pairar sobre Estrepsíades estampou-se no retrato do seu casamento (*Nuvens*, 49-52)”. Ainda acrescem os autores: “Também Eurípedes se refere ao perigo dos casamentos desiguais: cf. *Andrômaca* 619 sqq., 1279 sqq., *Electra* 1097 sq.; e Aristófanes, de uma forma grosseira, exprime-se em *As mulheres que celebram as Tesmofórias* 289-291 pelas vantagens que a mulher pode ter numa aliança assim que lhe permite impor-se ao marido”.

³⁷ A julgar pela crítica estabelecida ao longo da peça ao novo modelo de educação sofístico, Aristófanes tinha plena consciência do fato.

dizer (φασίς, v. 112) que ali se pode aprender o discurso fraco, o qual dissociando a linguagem da verdade das próprias coisas é capaz, justamente, de vencer o discurso forte ou, caso se prefira, o discurso justo – o que para seus propósitos já se faz o suficiente.

Imbuído de tal projeto, Estrepsíades se lança integralmente no cumprimento da primeira parte de seu plano: tornar-se discípulo do Matutatório a fim de aprender o discurso erístico. Para tanto, ele demonstra estar disposto aos maiores sacrifícios, mesmo aqueles que lhe impinjam consequências degradantes (v. 439-456). Aristófanes, diga-se de passagem, permite que sua audiência tenha uma boa compreensão da disposição do espírito de Estrepsíades ao maximizar a angústia existencial da personagem imprimindo a avareza como a principal nota de seu caráter: ele repreende seu escravo pelo dispêndio no uso do pavio da lamparina (v. 56-60), sua esposa pelo dispêndio no uso da lã (53-55), pretende economizar na oferta de oferendas aos deuses quando a oportunidade se lhe apresenta (v. 425-426), entusiasma-se com a economia resultante da falta de higiene pessoal dos integrantes do Matutatório (v. 833-837) e se faz até mesmo propenso a considerar que a própria mutilação corporal constituiria alternativa preferível ao endividamento (v. 24).

Todavia, a despeito da disposição com a qual se entrega a seu plano, outra nota constituinte de sua natureza atuará como empecilho para a consecução de seu projeto, qual seja: sua debilidade intelectual. Aristófanes o caracteriza como um homem bronco, falho de memória (v. 129, 784-788), de entendimento lento (v. 129) e limitado por ações utilitaristas guiadas por uma concepção da realidade completamente pragmática (v. 167-168, 236-237, 639-640). Sua debilidade chega ao ponto de não lhe permitir distinguir a realidade concreta da abstrata – ele não acredita na representação cartográfica de Atenas, por não visualizar os juízes entronados, e não consegue entender a noção de escala geográfica na representação do mapa (v. 207-217) –, assim como não lhe permite distinguir a linguagem figurada da concreta (v. 491).

A conjugação de ambas características, disposição para o aprendizado e debilidade intelectual, será responsável por parte significativa da produção do teor cômico presente na obra: quiproquós resultantes da mal compreensão das teorias científicas – ele confunde a investigação *physiológica* com a procura por cebolas (v. 188-190) –, falas ingênuas e ideias tresloucadas – sugere, por exemplo, alugar uma feiticeira para aprisionar a lua (v. 749-756) ou o próprio enforcamento como medida

para se livrar de um processo (v.778-779). Como atesta Delaunois: “N'empêche que c'est surtout la bonne volonté naïve, les étonnements enfantins, les réactions et réflexions, les quiproquos et les méprises de Strepsiade qui créent ce qui nous appellerions volontiers un comique du signifié” (1986, p. 93).

Já no intercurso da ação, a boa disposição manifesta pelo personagem não se faz suficiente para suplantar as consequências oriundas de sua debilidade intelectual. Tanto é que sua condição de discípulo do Matutatório é precocemente revogada pelo próprio mestre, o qual lhe expulsa da escola em função de sua incapacidade para o aprendizado (v. 782).

Não obstante, a despeito de sua obtusidade, Estrepsíades apresenta-se como uma personagem de caracterização complexa³⁸. Se é verdade que ele não possui a mínima noção de teoria musical e métrica, por outro lado, ele não deixa de conhecer as obras poéticas (v. 335-338) e de manifestar preferência por Simônides e Ésquilo em detrimento de Eurípedes (1362-1373). Se é verdade que sua capacidade cognitiva é reduzida, por outro lado, ele domina a técnica da leitura (v. 19-22). Se é grosseiro e bronco (v. 420-421), ao mesmo tempo é curioso (v. 138-180, 187 *et seq.*) e predisposto para a assimilação do aprendizado – mesmo para assuntos que, manifestamente, alega não possuir interesse (v. 655 *et seq.*).

Por fim, é por via dele que se opera a principal crítica contida na peça, aquela que se volta contra o novo modelo de educação surgido na segunda metade do século V a.C.. Estrepsíades personifica dois polos dessa relação: por um lado, aparece como entusiasta da nova educação, se insere no círculo de iniciados e chega a lograr sucesso na realização de seus propósitos³⁹ (v. 1214-1314); por outro lado,

³⁸ “(...) Estrepsíades, o velho camponês, de uma geração próxima ou anterior àquela de Sócrates, o qual é apresentado como um personagem que divide notas díspares quanto às qualidades e vicissitudes do espírito: por um lado, aparece como promotor do trabalho (v. 70), como portador de hábitos simplórios (v. 40-55) e como partidário da religião tradicional (v. 1; v. 150; v. 330); por outro, aparece como um pai que não considera qualquer limite na satisfação dos caprichos do filho (v. 15-25; 30-25), do mesmo modo que não observa limites na tentativa de lograr seus credores. Apesar das últimas desmedidas, Estrepsíades representará, em certa medida, uma das idealizações preferidas de Aristófanes, a saber: aquela do homem do campo, o qual conduz a vida de maneira simplória, que se faz guardião dos antigos costumes e, por conseguinte, demonstra-se avesso às inovações em relação à educação tradicional. A confirmação de semelhante *status* pode ser verificada não apenas no papel de protagonista a ele concedido, como também na constatação de que – como veremos adiante – caberá a Estrepsíades, no final da peça, expor toda a censura impressa às vicissitudes do personagem Sócrates” (MATOS JUNIOR, 2013, p. 90-91).

³⁹ É interessante notar que o próprio Estrepsíades é quem refuta seus credores e não seu filho, tal qual se esperaria a partir de sua iniciação e dos versos 882-888, 1141-1162, 1210-1213, por exemplo.

sofre os efeitos nocivos de sua realização (v. 1321-1359), revolta-se contra o novo modelo de educação (v. 1464-1468) e protagoniza sua expurgação da *pólis* (v. 1482-1511).

1.4.3. Sócrates⁴⁰

Como nos lembra Strauss (1993, p.67), não apenas as *Nuvens* constituem-se como a comédia mais intelectualizada de Aristófanes, como, de uma perspectiva da elaboração, da expressividade e da influência desempenhada no conjunto da obra, nenhuma de suas personagens compara-se àquela de Sócrates⁴¹. De fato, é bem possível que o fascínio de Strauss encontre ecos, não necessariamente pelos mesmos motivos, tanto entre os antigos quanto entre nós modernos. Em relação aos primeiros, por ser tratar de uma figura histórica, pública e viva quando da representação da peça, a caracterização de Sócrates, possivelmente, fez-se condicionada a um certo conhecimento prévio por parte da audiência, a qual poderia não apenas complementá-la, como também operar correlações entre a figura histórica e a caracterização cômica que lhe fora impressa no curso da representação. Já para nós, modernos, o fascínio da descrição do Sócrates das *Nuvens* resulta da nossa debilidade em delinear o personagem histórico, visto que Sócrates constitui para nós um grande enigma composto por diferentes e contraditórios testemunhos, de modo que nos resta difícil delimitar o fictício do real a partir de qualquer uma das representações dessa personagem.

O juízo de Strauss também se verifica de uma perspectiva da construção da personagem. De fato, a caracterização de Sócrates na peça somente pode ser extraída a partir de um constructo compósito, o qual, para além das notas que são

⁴⁰ O presente subtópico também já foi anteriormente publicado (MATOS JUNIOR, 2013, p. 93-119). Todavia, vale observar que o texto original sofreu modificações não apenas na forma, mas, sobretudo quanto ao conteúdo: acréscimos, supressões e reformulação de passagens. Ademais, o texto original comporta toda uma análise sobre a relação da caracterização socrática de Aristófanes em relação ao chamado “Problema de Sócrates”, a qual não teve lugar no presente trabalho.

⁴¹ Ainda segundo o mesmo comentador, todas as demais comédias do *corpus* do autor retomam, em alguma medida, os motes religiosos associados a Sócrates nas *Nuvens*: “D’un autre cote, toutes ses autres comédies reprennent au moins quelques-uns des sujets qui, dans les *Nuées* sont manifestement liés à la question des dieux, à savoir la famille et la cite, le plaisir et la justice, la nature et la convencion, l’ancien et le nouveau, les Muses, et le fait de battre son père”.

diretamente atribuídas à personagem, deve também considerar o que é disposto sobre os discípulos do Matutatório, assim como, em maior ou menor medida, os juízos internos, advindos das demais personagens. Ademais, acresce-se que muitos dos elementos que compõem a figura do Sócrates nas *Nuven*s, pontualmente aqueles emitidos pelos demais personagens, somente se fazem legíveis à luz de juízos generalizantes sobre determinados grupos ou classes, como, por exemplo, aquela dos intelectuais da segunda metade do século V a.C..

No âmbito da peça, a caracterização externa⁴² de Sócrates deve-se a quatro personagens pontualmente delimitados, a saber: o Coro composto pelas *Nuven*s, os Discípulos do Matutatório, o velho Estrepsíades e o jovem Fidípedes.

Em um primeiro momento, tentaremos delimitar – a partir da catalogação dos juízos que não se prendem a uma relação direta com Sócrates – qual seria o ὄνομα (*Apologia*, 20 d), isto é, a fama, a reputação gozada pela personagem Sócrates no interior das *Nuven*s. Para tanto, contaremos com duas personagens de uma mesma família, o velho Estrepsíades e o jovem Fidípedes⁴³.

O primeiro Estrepsíades, isto é, o campesino sovina e bronco que ainda não transpôs a soleira do Matutatório, a despeito do distanciamento que separa seu domínio da realidade do de Sócrates, exibe um conhecimento prévio sobre as atividades da escola que, embora superficial e genérico, permite delimitar duas notas da fama conferida a Sócrates, a saber: a de que sua escola e, por conseguinte, a própria personagem se presta ao ensinamento do discurso erístico; e a de que tais estudos requerem uma capacidade intelectual elevada. Tais notas podem ser verificadas implicitamente nas ações que movem o velho camponês. Em um primeiro momento, ao decidir por em prática uma atitude desonrosa – como deveria ser a quebra do juramento feito aos credores quando da contração dos empréstimos–,

⁴² Isto é, a caracterização oriunda dos juízos das demais personagens, em contraposição àquela oriunda da própria expressão da personagem Sócrates, a qual, por contraposição, poderíamos denominar por caracterização interna.

⁴³ Antes, porém, é preciso notar que ambas personagens apresentam-se flutuantes na caracterização apresentada em relação a Sócrates no decorrer das *Nuven*s. Uma vez que, embora, no início da peça, nem pai nem filho mantenham qualquer relação direta com Sócrates, tal situação se inverterá e, consequentemente, implicará em uma modificação nos juízos emitidos por eles. Por tal razão, o juízo de ambas personagens será dividido, entre os dois grupos acima referidos, de acordo com o momento de sua alocação na obra.

Estrepsíades sabe não somente o que fazer, como, também, a que “instituição” recorrer para dar cabo de seu plano. Ademais, a tentativa inicial de conduzir o próprio filho ao Matutatório, embora frustrada, revela a consciência de que a execução dos meios requeridos para seu fim ultrapassa a esfera de sua capacidade e requer habilidades externas à sua própria realidade.

A despeito dos conhecimentos prévios que as ações de Estrepsíades revelam sobre a escola de Sócrates e, indiretamente, sobre seu diretor; explicitamente, o discurso do velho ao mesmo tempo que evidencia a falta de autoridade de seu juízo – ele desconhece quem são os habitantes pontuais do Matutatório (v. 100) –, reverbera, todavia, um juízo de valor associado às atividades da escola – haja vista que ele caracteriza seus integrantes como “homens de almas sábias”⁴⁴ (v.95). Os demais conhecimentos prévios revelados pela personagem também serão marcados ou pela superficialidade do juízo ou pela inadequação interpretativa: sabe ele que tais homens ensinam à custa de remuneração (v. 95; v. 245); que pensam ser o céu um abafador e os homens carvões (v. 95); e, por fim, que conhecem tanto o raciocínio forte como o fraco, sendo capazes de ensinar a como obter o ganho nas causas injustas por meio do prevalecimento do raciocínio fraco (v. 95; v. 110).

Não obstante, a despeito de sua superficialidade, os atributos vinculados aos discursos de Estrepsíades nos permitem perceber a extensão alcançada pela fama de Sócrates e de seus comensais, principalmente quando nos lembramos da distância que separa as realidades vivenciadas por cada uma das personagens. Ademais, é preciso notar que, no decorrer da peça, todas as imputações do velho camponês – o comércio do saber, as investigações cosmológicas e as manipulações

⁴⁴ O adjetivo σοφός é associado à personagem Sócrates em, pelo menos, duas ocasiões distintas no curso da *Apologia*. Em 21a, Sócrates é declarado com o mais sábio dos homens pela Pítia, sabedoria que, conforme ele constata (23b), deve-se a sua predisposição para reconhecer os limites de seu próprio saber. Em 23a, o personagem Sócrates admite que sua reputação de sábio deve-se ao exercício de seu método filosófico; segundo ele, a causa para tanto está no fato de que, toda vez que alguém revela sua ignorância frente a um saber que pressupunha possuir, isto é, toda vez que alguém se vê refutado por Sócrates, os circunstantes pressupõem que o refutador seja sábio na matéria examinada. Como se percebe, na *Apologia*, o reconhecimento da sabedoria socrática revela-se tanto na esfera humana, quanto na esfera divina.

erísticas – far-se-ão pontualmente confirmadas na figura de Sócrates e de seus discípulos⁴⁵.

A segunda personagem que nos reverbera a reputação de Sócrates por Atenas é o primeiro Fidípedes. Embora ele demonstre um conhecimento mais preciso que o do pai⁴⁶ quanto ao Matutatório – é ele quem nomeia seus principais integrantes: Sócrates e Querefonte (v.830) –, nenhuma informação ulterior sobre as atividades internas da escola é acrescentada. Por outro lado, compete a ele a emissão do primeiro juízo pejorativo a respeito de Sócrates e seus discípulos. Nesse sentido, Fidípedes informa-nos sobre a compleição física dos habitantes do Matutatório – pálidos⁴⁷ e descalços⁴⁸ (v. 100) –, assim como expressa sobre eles um juízo de valor antagônico àquele emitido pelo pai – Fidípedes caracteriza-os como charlatães (ἀλαζόνας) (v. 100) e homens de mau gênio (ἀνδράσιν χολῶσιν) (v. 830).

A partir da catalogação dos atributos predcados por esses dois personagens, é possível esboçar a reputação gozada por Sócrates nas *Nuven*s: um grande charlatão, habitante do Matutatório, de compleição pálida, que sempre andava descalço, comercializava seus ensinamentos e discursava sobre assuntos relativos à *physiologia* e à erística.

Já entre o grupo dos testemunhos, isto é, entre o grupo das personagens que pressupõem um contato direto com Sócrates, as informações far-se-ão mais precisas.

⁴⁵ Além disso, como se sabe, todos os três tópicos serão largamente combatidos nos diálogos de Platão, sendo que dois deles corresponderão, precisamente, a duas das quatro acusações apontadas na *Apologia de Sócrates*.

⁴⁶ O *Laques* (180d-181a) apresenta uma passagem que guarda considerável semelhança com essa ocorrência das *Nuven*s, na qual os filhos detêm um conhecimento que escapa aos pais a respeito de Sócrates. Fora isso, a contraposição notável se verifica no fato de que no diálogo a referência dos jovens a Sócrates é feita em termos bastante elogiosos, diferentemente do que ocorre com Fidípedes.

⁴⁷ O aspecto pálido de Querefonte é reafirmado em outras peças de Aristófanes: *As Vespas*, 1405-1410; *As Aves* 1295, 1564. Ademais, vale notar que a proximidade, expressa nas *Nuven*s, entre a referida personagem e a figura de Sócrates, será retomada, por Platão, no curso da *Apologia*, ao ser Querefonte indicado como o autor da famosa consulta ao Oráculo de Delfos (20d *et seq.*).

⁴⁸ Característica que será, a nosso ver, comicamente tratada por Platão no *Banquete*: seja pela “comoção” causada pelo fato de Sócrates apresentar-se calçado para a festa, seja pelo retrato cômico impresso ao discípulo que o acompanha – Aristodemo –, fiel a seu mestre em tudo, inclusive no seguiu descalço pelas ruas de Atenas (*Banquete*, 173b).

A começar pelo Discípulo do Pensatório⁴⁹, o qual, de imediato, já nos aponta uma nova diretriz a respeito dos ensinamentos de Sócrates: seu caráter esotérico. Tal caracterização aparece em três passagens da peça: a primeira quando ele informa a Estrepsíades que somente aos discípulos é dado conhecer os pensamentos encontrados na escola (v. 140); e as duas outras quando ele se refere a Sócrates pelos adjetivos ἐκείνος (v. 195) e αὐτός (v. 219). Evidentemente, ambas passagens fazem clara alusão aos círculos pitagóricos: seja por sua organização em uma escola fechada – note-se, nesse sentido, que o Matutatório caracteriza-se como um local de vida em comum, no qual os discípulos executam pesquisas que se contrapõem às atividades ordinárias dos homens; seja pela necessidade de um ritual de iniciação como condição para o aprendizado; seja pelo modo solene de evocação dirigido ao mestre – “Ele” em pessoa (lit. “O próprio”). Embora o tema não possa ser maiormente desenvolvido a partir da atuação do Discípulo, vale notar que a expressão de um caráter esotérico aos ensinamentos socráticos parece imprimir um teor de ordem religiosa aos mesmos; expediente que andava muito em voga na Atenas do último quarto do século V. a.C., sobretudo pela presença, cada vez mais maciça, das seitas de mistérios.

Além disso, o testemunho do Discípulo do Matutatório nos permite confirmar o afamado envolvimento de Sócrates com a *physiologia*, como se percebe através do relato de três experiências atribuídas ao mestre: a mensuração física do salto da pulga (v. 140); a investigação acústica sobre a origem do zumbido do mosquito (v. 155); e a investigação astronômica sobre os caminhos e as evoluções da lua (v.170).

Assim sendo, a partir de sua experiência direta com o personagem Sócrates, o juízo do Discípulo nos permite confirmar e estabelecer o teor do aludido envolvimento de Sócrates com a *physiologia*, assim como nos apresenta o caráter esotérico que circunscrevia tais investigações.

Uma segunda personagem, do grupo dos testemunhos de Sócrates, é aquela constituída pelo Coro de Nuvens. Como nos informa a própria comédia, as

⁴⁹ Trata-se do discípulo que recebe Estrepsíades quando o mesmo se apresenta como candidato a aluno do Matutatório. Faz-se de bom grado notar que existe, nas *Nuvens*, três personagens nomeados unicamente por sua ocupação de discípulo; não obstante, dois deles somente aparecerão ao término da peça (v. 1490-1510) – quando o Matutatório já se encontrar em chamas – e não expressarão absolutamente nada de relevante para a reconstrução da imagem aristofânica de Sócrates.

Nuvens são caracterizadas na peça como deidades (v. 265; 365; 420), mais especificamente como as divindades protetoras dos homens ociosos (v. 315; 330) e, por conseguinte, dos habitantes do Matutatório (v.250). Em razão disso, como era de se esperar, os juízos expostos pelo Coro das Nuvens fazem-se mais profícuos, para a caracterização da figura de Sócrates, do que aquele apresentado pelo Discípulo do Matutatório; situação que se verifica tanto pelas propriedades divinas atribuídas à personagem, quanto por sua isenção em face da influência exercida por Sócrates.

Na realidade, as Nuvens e Sócrates apresentam-se em relação de cordialidade mútua no interior da peça: por um lado, Sócrates figura como venerador das referidas deusas (v. 355); por outro, as Nuvens afirmam o considerar em condições de privilégio (v. 355). De fato, em duas passagens da peça o Coro atesta sua deferência para com Sócrates: uma vez intitulado-o, juntamente com seus discípulos, como “nossos ministros” (τοῖς ἡμετέροις προπόλοισιν) (v. 436); e, de outra feita, declarando-se dispostas a atenderem somente às solicitações de Sócrates e de Pródico dentre todos os “sofistas de coisas celestes”⁵⁰ (μετεωροσοφιστῶν) (v.360).

De imediato, para além de confirmar o envolvimento de Sócrates com a *physiologia* – note-se que, na mesma passagem, as Nuvens evocam-no como “sacerdote de tolices sutilíssimas” (λεπτοτάτων λήρων ἱερεῦ) (v. 359) –, podemos também, desde já, constatar uma associação implícita nos testemunhos antecedentes, a qual inclui Sócrates no rol dos malfadados sofistas. Atribuição que se confirma em outra passagem (v. 331-334), na qual o próprio Sócrates enumera aqueles que se encontram sob a jurisdição protetiva das Nuvens:

Certamente por ignorares que elas inspiram toda grei de sofistas (σοφιστάς), charlatões, curandeiros, metrossexuais, poetas cíclicos, astrólogos (ἄνδρας μετεωροφένακας) e demais desocupados que as cantem em verso⁵¹.

Como se percebe, a correspondência entre a alcunha atribuída a Sócrates (μετεωροσοφιστῶν) e aquela atribuída a um dos grupos que se encontram sobre proteção das Nuvens (ἄνδρας μετεωροφένακας) posiciona, explicitamente, a

⁵⁰ Eis a tradução sugerida por Gilda Reale para o termo.

⁵¹ Juntamente com Gilda Reale (*Nuvens*, 1972, p. 191), somos da opinião de que todos os grupos acima enumerados constituem subgrupos de um conjunto mais geral, aquele dos sofistas.

personagem de Sócrates no grupo circunscrito pelos sofistas. Neste ponto, há de se notar que, embora a utilização do termo “σοφιστής” não comporte um sentido preciso em Aristófanes, o desenvolvimento da peça, sobretudo a partir da representação da personagem Sócrates, imprimirá, pela vez primeira, uma conotação pejorativa ao termo⁵².

Todavia, apesar da acepção genérica assumida pelo termo, as próprias *Nuven*s apontam para algumas aptidões precisas que, por sua vez, constituem exigências para aqueles que desejam se imiscuir no exercício da sofística, ou melhor, para aqueles que desejam, junto às *Nuven*s, adquirirem a “grande sabedoria” (μεγάλης σοφίας) (v. 411), são elas: a boa memória⁵³ e a correção do pensamento; a resistência aos sofrimentos, mais precisamente a resistência no caminhar e no permanecer em pé, a tolerância ao frio e à fome, a abstenção ao vinho⁵⁴ e aos

⁵² A qual, diga-se de passagem, a tradição posterior – sobretudo platônica – conservará intacta; com a notável exceção de que seu principal expoente – isto é, a personagem Sócrates – será destituído do cargo e posicionado em contraposição ao amplo grupo de pensadores designados por “sofistas”. Protágoras, por exemplo, no diálogo platônico homônimo (316 d-e), também enquadra toda uma gama de grupos sob a designação de “sofistas”: os poetas, dentre os quais se incluem Hesíodo, Homero e Simônides; os profetas, como se dá com Ico de Tarento e Heródico de Selímbría; os músicos, como exemplifica Agatocles e Pitoclides de Ceos. Além desses, o próprio Protágoras, na qualidade de professor, inclui-se sob a mesma denominação (317 b).

⁵³ A mesma faculdade é apontada como exigência para os filósofos no livro VI (486d) da *República*.

⁵⁴ A repercussão da presente passagem na futura redação dos diálogos, sobretudo naquela do *Banquete*, parece-nos confirmar que tal sobreposição também se evidenciava no entendimento de Platão. Principalmente se considerarmos que Platão apresenta um discurso que caracteriza a figura de Sócrates a partir das principais atribuições vinculadas, pelas *Nuven*s, à figura dos sofistas. Com a notável diferença, bem entendido, de que, desta feita, longe de adquirirem uma conotação pejorativa, tais atributos apresentar-se-ão como expoentes da moderação socrática. No aludido discurso (v. 219d-220d), Alcibíades elogia Sócrates por sua conduta na batalha de Potideia, descrevendo-o como alguém que se destaca tanto pela sabedoria quanto pela fortaleza do espírito: seja por sua invulnerabilidade ao dinheiro, por sua resistência às fadigas – era capaz de jejuar sem esforços ou de se alimentar em abundância; era capaz de permanecer em pé, durante mais de um dia, concentrado em suas reflexões – ou por sua resistência física à bebida e às intempéries – bebia mais do que todos, mas não se embriagava; caminhava sobre o gelo descalço e com um simples manto, enquanto outros mais protegidos demonstravam-se menos confortáveis. Que tal discurso aponta para a existência de uma contenda, entre as duas obras, no que tange à caracterização de Sócrates, é o que nos evidencia não somente a própria coincidência temática das passagens, como também a contextualização dramática do *Banquete* – principalmente se nos recordarmos de que o próprio Aristófanes constitui um dos personagens de Platão no diálogo e, enquanto tal, aparece como espectador direto do discurso de Alcibíades. Por fim, para não deixar dúvidas sobre a correspondência entre as aludidas passagens, a encenação do diálogo comporta uma referência direta à redação das *Nuven*s. Como se pode verificar, em 221 b, Alcibíades dirige-se ao comediógrafo nos seguintes termos:

Na verdade – recordo uma expressão tua, Aristófanes –, ele se locomovia lá como aqui, nas ruas de Atenas, “majestosamente, laçando para os lados olhares observadores” (βρενθυόμενος καὶ τώφθαλμῷ παραβάλλων). (Tradução de Donald Schüller).

exercícios físicos; e, por fim, a identificação da vitória, por vias da língua (τῇ γλώττῃ), como o bem supremo (v. 412-419). Embora tais características sejam mencionadas em um discurso genérico – dirigido a Estrepsíades em razão de seu alistamento no Matutatório –, evidentemente, as mesmas podem, com facilidade, ser sobrepostas à figura da personagem Sócrates. De fato, algumas delas, inclusive, já foram aludidas, como a abstenção dos exercícios físicos que, sem dúvidas, figurava na ojeriza de Fidípedes pelo aspecto pálido de Sócrates e Querefonte. Outras serão confirmadas no desenvolver da comédia, como acontecerá no momento em que Sócrates dirigir um juramento a três divindades estranhas ao panteão helênico, dentre as quais uma identifica-se com a Língua (τὴν Γλῶτταν) (v. 424) – remetendo, portanto, à supremacia conferida ao discurso retórico. Por fim, um último argumento, que ratifica tal sobreposição, pode ser encontrado em outro discurso das referidas divindades, trata-se de uma passagem (v. 361-363) em que elas enumeram os motivos pelos quais concedem privilégio em sua relação com Sócrates, a saber: sua resistência frente aos males, inclusive sua idiossincrasia de somente andar descalço; e a sobrançeria com a qual ele se pavoneia e anda pelas estradas lançando olhares oblíquos (v. 360). Como se pode perceber, pelo menos a primeira dessas qualidades apresenta identificação explícita entre a caracterização dos sofistas e a caracterização do personagem Sócrates.

Assim sendo, a partir de sua experiência direta com Sócrates, o juízo do Coro, composto pelas Nuvens, nos permite estabelecer as seguintes disposições a respeito da personagem Sócrates: sua vinculação com divindades estranhas ao panteão helênico, expressa por sua relação de veneração e de cumplicidade para com as Nuvens e de sua jura para com a Língua; sua disposição de espírito, expressa por sua resistência física e pelo completo domínio dos apetites; sua inserção no rol de pensadores caracterizados como sofistas; e, por fim, sua predileção pelos embates erísticos.

Em clara alusão à passagem em que o Coro das *Nuvens* explicita os motivos de sua deferência para com a personagem Sócrates:

(...) tu (Sócrates), pelo andar sobranceiro, pelo olhar em soslaio, pelos pés nus resistentes às adversidades e pelo ar solene (τῷ φθαλμῷ παραβάλλεις) a nós dispensado (v. 362).

Dois outros testemunhos de Sócrates podem ser obtidos a partir da “segunda expressão” assumida pelas personagens de Estrepsíades e Fidípedes no interior das *Nuven*s. Na realidade, na segunda etapa de suas representações, isto é, após a passagem de ambos pelo Matutatório, somente o discurso de Estrepsíades nos dá a conhecer um predicado novo a respeito de Sócrates. Informa-nos ele sobre quais seriam os supostos benefícios oriundos do aprendizado com o sofista Sócrates: a posse da sabedoria humana (ἄνθρωποις σοφά), o conhecimento de si mesmo (γνώσει σαυτὸν), o reconhecimento da ignorância (ἀμαθὴς εἶ)⁵⁵ e da grossidão (παχύς) (v. 841-842). Quanto ao discurso de Fidípedes, ele se limita à confirmação do caráter esotérico que envolve os ensinamentos de Sócrates (v. 1400), tal qual já havia sido preconizado pelo Discípulo do Matutatório⁵⁶.

Não obstante a escassez de notas em seus discursos diretos, o papel dramático conferido a ambas as personagens nos permite alçar importantes predicações a respeito da personagem Sócrates; principalmente no que diz respeito à vinculação entre seus ensinamentos com as acusações de impiedade e corrupção. De fato, embora não possamos explicitar o conteúdo das lições ministradas por Sócrates a cada um dos dois personagens – visto as mesmas terem sido realizadas às ocultas dos espectadores –, podemos, no entanto, identificar algumas constantes na transformação da conduta esboçada pelas duas personagens após a realização de tais lições; expediente que, indiretamente, nos permitirá conhecer possíveis matérias do ensino privado de Sócrates.

Um primeiro ponto, nesse sentido, inscreve-se na esfera da religião grega, mais especificamente no que diz respeito à veneração e ao culto dos deuses tradicionalmente evocados pela cidade. Em sua primeira apresentação, como era de se esperar, pai e filho aparecem em consonância com os preceitos da religião tradicional; como comprovam as frequentes juras que eles dirigem aos deuses

⁵⁵ Mais uma vez, é preciso notar a repercussão assumida pela presente passagem na futura redação dos diálogos de Platão. A atribuição do reconhecimento da ignorância, como resultado da investigação filosófica, à personagem Sócrates é por demais atestada nos diálogos do autor; quanto à atribuição da “sabedoria humana” como um dos corolários do ensino socrático, veja-se a *Apologia* (20d; 23a), na qual a personagem Sócrates explicita que o único conhecimento que lhe pode ser realmente atribuído é aquele da ἀνθρωπίνῃ σοφία.

⁵⁶ Vale notar que a denotação de um caráter esotérico a tais ensinamentos é confirmada pela própria manifestação dos mesmos no decorrer da peça, como nota Strauss (1993, *passim*), tanto as lições de Estrepsíades quanto aquelas de Fidípedes se efetivarão fora de cena, em um *privatissimum* concedido a cada um dos personagens.

reconhecidos pela *pólis*: seja a Zeus soberano e olímpico, evocado tanto por Estrepsíades (v. 1; 150; 330; 365) quanto por Fidípedes (v. 815; 1330); seja a Poseidon (v. 83) e a Dionísio (v. 90; 105), evocados por Fidípedes. Não obstante, tal disposição ver-se-á modificada tão logo eles, cada um a seu turno, submetam-se à iniciação no Matutatório. A partir de então, dois movimentos uníssonos advirão por meio da transformação das personagens: em um primeiro momento eles renegarão a existência dos deuses tradicionais; e, posteriormente, manifestarão culto às novas divindades, estranhas tanto à *pólis* quanto ao panteão helênico.

Estrepsíades será o primeiro a trilhar o caminho da impiedade. A partir do momento em que reconhece a autenticidade das Nuvens enquanto divindades (v. 335), rapidamente assimila os ensinamentos de Sócrates, recusando a existência de Zeus e entronando, em seu lugar, o Turbilhão (δῖνος) (v. 380). Embora, a princípio, Estrepsíades não demonstre convicção absoluta sobre a matéria – ele ainda expressa crença em Zeus (v. 365) e na eficácia de seus atributos (v. 395) –, as subseqüentes argumentações apresentadas por Sócrates (v. 400) far-se-ão suficientes para sua conversão definitiva (v. 400). De modo que Estrepsíades não apenas recusará os deuses tradicionais e seus cultos, como admitirá o culto à divindades estranhas aos tradicionais deuses helênicos (v. 423-426). A partir de então, Estrepsíades demonstra estar plenamente convicto de sua nova orientação religiosa: ele jura por novas divindades – por exemplo, o Vapor (v. 815); despreza os juramentos tradicionais – por exemplo, os referentes a Zeus, Hermes e Poseidon (v. 1230); recusa a existência de Zeus Olímpico, ironizando o próprio filho por acreditar na existência dessa divindade (v. 815); e, ainda na tentativa de persuadir Fidípedes, repete os ensinamentos de Sócrates sobre a expulsão de Zeus e o reinado do Turbilhão (v. 825).

Faz-se interessante notar a verossimilhança observada, ao longo da peça, na construção do movimento que culmina com a conversão de Estrepsíades. Longe de se efetivar de maneira brusca, a corrupção religiosa do personagem realiza-se de modo gradual, comportando momentos de dúvidas – em que os ecos do aprendizado da religião tradicional ainda se fazem ouvir –, e exigindo maiores argumentações antes de que a transformação efetive-se de maneira definitiva. Expediente que, como verificaremos a partir de Fidípedes, circunscreverá a questão da impiedade religiosa em outra esfera das acusações dirigidas contra Sócrates: a da influência corruptiva de seus ensinamentos.

O caminho traçado pela personagem de Fídípedes rumo à impiedade, exatamente como aquele de seu pai, também comportará um movimento gradual em sua execução. Embora, a princípio, seja a malograda tentativa de Estrepsíades, em convencer o filho sobre a inexistência dos deuses tradicionais, que nos aparece em primeiro plano; será somente após sua iniciação com Sócrates (v. 1110-1145) que assistiremos a transformação de espírito do jovem. De fato, a partir de então, Fídípedes reiterará exatamente os mesmos conhecimentos expressos por Sócrates e, outrora, assimilados por Estrepsíades: a recusa às juras em nome de Zeus (v. 1465); e o destronamento de Zeus por parte do Turbilhão (v. 1470).

Assim sendo, como se verifica ao longo da peça, as duas personagens exibem um movimento homogêneo no que tange as suas disposições religiosas: em um primeiro momento, aparecem como adeptos da religião tradicional; todavia, em um segundo momento, após manterem contato com Sócrates, ambos expressam a descrença pelos deuses tradicionais e, desde então, passam a prestar culto à divindades estranhas ao panteão helênico. Entretanto, apesar da consonância teórica assumida pelas personagens, as implicações decorrentes de tal disposição no domínio das ações posicionam cada uma delas em patamares distintos. Se em Estrepsíades – talvez dado a sua atestada debilidade para o aprendizado (por exemplo, v. 855) – as inovações em matéria religiosa encerrar-se-ão no domínio teórico, limitando-se a uma reprodução fragmentada de seu conteúdo, como aquela presente no episódio da fracassada tentativa de persuasão do filho (v. 815-865). Com Fídípedes, por sua vez, – talvez dado a sua boa assimilação para o aprendizado (v. 1145-1150) – os novos ensinamentos culminarão, no domínio das ações, na não observação de um *tópos* largamente fundamentado na religião grega, a saber: o respeito e a veneração para com os pais –, o qual é rompido no momento em que Fídípedes põe-se a bater no pai (v. 1322; 1332) e reiterado quando ele ameaça bater também na própria mãe (v. 1443).

Outro ponto que aparece como constante nas ações subsequentes à passagem de pai e filho pelo Matutatório figura na posse e domínio da retórica. Do mesmo modo, também neste quesito, a repercussão do aprendizado posicionará cada uma das duas personagens em patamares distintos: Estrepsíades, mais uma vez, demonstrará a obtusidade de seu espírito ao tentar reproduzir os ensinamentos retóricos de Sócrates – sobretudo os relativos à precisão nomenclatural – para o filho ainda não iniciado no Matutatório (v. 845-857); ao passo que Fídípedes, por sua vez,

dará mostras de toda nocividade de tal aprendizado ao apresentar uma argumentação que não somente justifica os maus tratos para com os pais (v. 1405), como preconiza a universalização de tal prática como um possível *nómos* a ser, doravante, adotado pelos filhos (v. 1420-1429).

Por fim, uma última nota a respeito das predicções sobre Sócrates assoma-se na peça, a saber: a influência que exerce sobre aqueles com os quais ele se relaciona. De fato, faz-se desde já patente o quanto as concepções mantidas por pai e filho sofreram alterações após as relações travadas com a personagem Sócrates, sobretudo no que tange às concepções religiosas. Ademais, na medida em que, frente à religião grega, tais alterações de caráter conduzem para um comportamento de impiedade religiosa, há de se notar a imputação de um juízo de valor pejorativo sobre a influência exercida por Sócrates: o da corruptibilidade de seus ensinamentos⁵⁷.

⁵⁷ Vale notar que o tema da corruptibilidade associado aos ensinamentos socráticos tornar-se-á mais claro tão logo o personagem Estrepsíades opere sua segunda transformação no interior da peça, a qual, desta feita, o posicionará como opositor da influência socrática. Todo o passo ocorre após o episódio (v. 1320 *et seq.*) da violação ao respeito paterno e da subsequente argumentação retórica – por parte de Fidípedes – que a sustenta (v. 1405 *et seq.*). Nesse momento, ao tomar ciência da extensão da ameaça do tão almejado domínio do discurso fraco (v. 1446-1452), o personagem de Estrepsíades assumirá um terceiro posicionamento no interior das *Nuven*s. Tal postura – que, na realidade, identifica-se com a retomada de suas primeiras crenças religiosas – posicionará o referido personagem em franca oposição aos ensinamentos de Sócrates: “Que doidura! Onde eu tava com a cabeça ao me arredar dos deuses por conta do Sócrates” (v. 1476-1477). Desde então, a personagem de Estrepsíades expressará sua crença na religião tradicional, seja por meio dos repetidos juramentos a Zeus (v. 1405; 1467;), seja pela recusa direta da supressão do mesmo pelo Turbilhão (v. 1472-1475), seja por sua suposta interlocução com o deus Hermes (v. 1480).

Os diálogos de Platão, em diversas ocasiões, apresentarão juízos contrários à lição das *Nuven*s. Em suma, pode-se dizer que, na perspectiva dos diálogos, o convívio com Sócrates – independentemente da disposição do último para assumir a posição de mestre frente a eventuais discípulos (*Apologia*, 33a) – propiciava o aprimoramento e o avanço individual, os quais poderiam retroagir caso os supostos aprendizes afastassem-se do mestre. Como exemplo, poderíamos citar o personagem de Aristides, um dos dois jovens que motivam toda a discussão do *Laques*. Embora, ao final do diálogo, Sócrates recuse-se a proceder à instrução dos jovens, dois outros diálogos, atribuídos a Platão, mencionam uma disposição contrastante. No *Teeteto* (150c-151a), por exemplo, o próprio Sócrates menciona que os jovens que frequentam sua companhia, embora não aprendam nada diretamente dele, realizam admiráveis progressos, advindos deles mesmos. Todavia, uma vez que se afastam, ou mesmo quando se ligam a más companhias, perdem o que haviam conquistado, por fazerem “mais caso do falso e do imaginário do que da verdade” (*Teeteto*, 151a); citando, a título de comprovação, o nome do jovem Aristides. Um segundo exemplo pode ser retirado do *Teágenes* (134a-e), desta feita, Aristides é novamente mencionado como alguém que estando a progredir na companhia de Sócrates, em razão de seu afastamento – por conta de uma expedição militar –, perdera tudo o que havia, outrora, alcançado.

Como se pode perceber, a mensagem presente nos referidos diálogos contrapõe-se, diretamente, àquela apresentada pelas *Nuven*s: enquanto uma aponta para os benefícios oriundos da companhia de Sócrates, a outra elenca os malefícios inerentes a essa mesma companhia.

Assim sendo, a partir da reincidência de um comportamento impiedoso, manifesto pelas personagens Estrepsíades e Fidípedes após a intrusão de cada qual com Sócrates, podemos identificar duas acusações pontuais, contra o sofista, no interior das *Nuven*s: a acusação de impiedade religiosa, a qual, bem entendido, não equivaleria a uma acusação de ateísmo, mas sim à acusação de introdução de novas divindades (por exemplo, a Língua, o Vapor e as Nuven)s; e a acusação de corrupção, a qual, embora a princípio apresente-se mais ampla, com a dissidência do velho camponês, pode ser entendida como uma acusação de corrupção da juventude – pensando-se, evidentemente, na corrupção operada no espírito do jovem Fidípedes. Ademais, tal como expresso pela reincidente transformação das personagens, podemos ainda acrescentar a essas acusações uma terceira, a saber: o manejo dos argumentos, isto é, o ensino retórico⁵⁸.

Por fim, resta-nos catalogar as atividades impressas na personagem Sócrates para que, assim, possamos elencar o rol de predicados a ele atribuídos nas *Nuven*s. Em primeira instância, cabe notar que os elementos presentes nas alocações e atividades do sofista Sócrates não acrescentam em nada a lista de predicados já obtida a partir das demais personagens da peça. No máximo, para além da confirmação de algumas tributações, a análise da referida personagem nos permite obter maiores detalhes sobre alguns pontos das predicações. Vejamos!

No que tange à natureza dos ensinamentos preconizados pelo Sócrates das *Nuven*s, se já não restavam dúvidas de que eles se realizavam no âmbito da esfera privada, as ações do referido personagem referendam e destacam o elemento esotérico que se lhe faz impresso. De fato, por um lado, já era de nosso conhecimento que tanto o ensino de Estrepsíades como o de Fidípedes realizara-se fora de cena; por outro lado, também nos era dado conhecer o modo cerimonioso por meio do qual o Discípulo do Matutatório e também o segundo Fidípedes referiam-se à pessoa de Sócrates. Não obstante, a análise da personagem permite conhecer o modo preciso pelo qual o sofista Sócrates aplicava os rituais de iniciação a seus discípulos. Na cena que antecede a iniciação de Estrepsíades, por exemplo, Sócrates submete o velho camponês a um ritual de iniciação (v. 250-267). Após certificar-se do interesse do velho em aprender as coisas divinas, Sócrates executa uma série de ações que

⁵⁸ Como se faz patente, são essas as três principais acusações presentes contra Sócrates na *Apologia*.

parodiam algumas práticas dos rituais de iniciação⁵⁹: ordena que Estrepsíades se sente no leito sagrado (v. 250); realiza seu coroamento (v. 255); fricciona-lhe as costas (v. 260); esparge-lhe farinha pela cabeça (v. 261); e, por fim, realiza uma prece solene, invocando as Nuvens a apresentarem-se ao iniciado (v. 263-267). Além disso, o próprio Sócrates verbaliza que as referidas ações constituem-se como um ritual de iniciação (v. 255). Por fim, outra referência de que o ensino do Matutatório insere-se na esfera das iniciações religiosas pode ser verificado na exigência de Sócrates para que Estrepsíades dispa-se do próprio manto (v. 495) antes de adentrar a escola e receber sua instrução privada.

No que tange ao conteúdo dos ensinamentos de Sócrates, a análise da personagem nos reafirma três matérias anteriormente determinadas: a retórica, a *physiologia* e a teologia. O primeiro tópico – a retórica – ramifica-se, no encenar da peça, em uma gama de objetos pontuais, os quais compreendem: o estudo dos versos (v. 635); dos ritmos (v. 645); e da ortoépia (v. 660). Tais matérias, como se sabe, estavam bastante em voga no século V a.C., sobretudo por conta dos ensinamentos dos chamados sofistas (por exemplo: Aristóteles, *Retórica*, III, 5). Tais ensinamentos, somados àqueles que foram ministrados internamente – e que, por conseguinte, somente nos são dados a conhecer a partir de seus efeitos –, culminarão, no encerrar da peça, com o trágico desfecho do desrespeito de Fidípedes à lei sagrada de respeito aos progenitores.

Quanto as duas matérias restantes que compõem os ensinamentos de Sócrates, desde já vale observar que, no desenvolver da peça, ambas apresentam-se intrinsecamente correlacionadas. Em outros termos, o estudo da natureza – particularmente na vertente dos fenômenos celestes – conduzirá, naturalmente, a uma investigação sobre a religião tradicional – sobretudo no que tange às explicações divinas para os fenômenos celestes. O argumento subjacente de Aristófanes, neste sentido, é bem claro: a proposição de explicações naturais para os fenômenos celestes contrapõe-se às anteriores explicações religiosas para os mesmos fenômenos; acarretando, por conseguinte, em uma atitude de impiedade, a qual se

⁵⁹ Como atesta Bonnechere (1998, *passim*), há um ávido debate sobre qual seria a inspiração de Aristófanes para suas descrições dos mistérios. Nesse sentido, já foi apontado traços de identificação entre eleusianos, pitagóricos, órficos, xamânicos, dionisíacos, sabaziacos, além de seitas filosóficas e sofísticas. Em função da querela, tendemos a concordar com a opinião do autor, segundo a qual todas iniciações antigas apresentam um molde análogo, de modo que Aristófanes haveria recolhido traços genéricos para sua caracterização – tal como o fez com a imagem de Sócrates.

verifica na deposição e na substituição das crenças largamente aceitas e difundidas pela religião tradicional. É interessante notar a precisão de Aristófanes na identificação dos perigos que o movimento filosófico, iniciado com Tales, ainda representava para o seu tempo; de fato, o desenvolvimento da *physiologia*, na medida em que suas explicações subtraíam as antigas funções atribuídas às divindades, contribuía para o descrédito não somente na atuação e influência dos deuses como, em casos extremos, na própria descrença em torno da existência de tais divindades⁶⁰.

No curso da peça, a ilustração de tal argumento é habilmente impressa nos ensinamentos de Sócrates a partir das explicações naturais apresentadas para três fenômenos físicos intrinsecamente correlacionados: a chuva, o raio e o trovão. Segundo a teoria apresentada pelo sofista, todos os três fenômenos devem sua ocorrência a uma causa fisicamente identificável: a existência das nuvens⁶¹. Conforme explana Sócrates, a dependência que a chuva possui das nuvens pode ser facilmente verificada pela constatação empírica de que não há chuva sem a presença de nuvens (v. 369-373); quanto ao trovão, sua causa deve-se ao excesso de água incorporado nas nuvens, a qual força a locomoção e o entrecchoque das mesmas, ocasionando o estrondo por conta de seus arrebetamentos (v. 374-383); por fim, o raio é explicado como um vento que, após ser aprisionado no interior das nuvens, faz com que elas inchem e arrebetem-se, de modo que ele se precipite para fora e, em razão do ímpeto, incendeie-se (v. 404-407)⁶². Ora, como se sabe, no âmbito da religião grega, todos os três fenômenos aludidos fazem-se diretamente associados às ocupações de Zeus soberano; de modo que, a destituição de tais encargos implica, naturalmente, em um abalo nas concepções que envolvem a existência do referido deus. Exatamente isso é o que se verificará na peça, um Sócrates que, explicitamente,

⁶⁰ Nesse sentido, veja-se a correlação realizada por Meleto entre as investigações naturais e o ateísmo de Sócrates (*Apologia*, 26d).

⁶¹ Na verdade, trata-se de uma causa física que, ao mesmo tempo, assume os atributos de uma divindade, tal qual o desenvolvimento da chamada “primeira geração divina”, no âmbito da religião helênica, e tal qual os princípios elencados pelos primeiros pensadores jônios, no âmbito da *physiologia*.

⁶² A explanação sobre a origem do raio inclui até mesmo uma refutação, por *epagagé*, da hipótese tradicional, a qual entende o raio como uma punição de Zeus aos perjuros. Sócrates refuta semelhante hipótese a partir dos seguintes exemplos: se os raios constituíssem, de fato, uma punição divina contra os perjuros, Cleônimo e Teoro – dois reconhecidos perjuros – já teriam sido fulminados; por outro lado, os templos dos deuses e os carvalhos não haveriam de ser atingidos por tais fenômenos (v. 397-402).

recusa não somente a existência de Zeus (v. 365), como também a dos deuses tradicionais (v. 247).

Não obstante, a recusa dos deuses tradicionais não implica em um posicionamento ateu por parte de Sócrates, pelo contrário, o sofista suplanta os antigos deuses por um considerável rol de potestades: as *Nuven*s (*passim*), o Ar (v. 260), o Éter (v. 261) o Caos (v. 420), a Língua (v. 421), as Graças (v. 770). Como se pode perceber, as divindades evocadas por Sócrates, ao longo das *Nuven*s, ou constituem-se como deuses de menor relevo no culto da religião tradicional – o Caos e as Graças –, ou constituem-se como inovações religiosas associadas a alguma explicação física – com exceção da Língua, associada à atividade retórica. Evidentemente, porém, a soberania divina do panteão Socrático é ocupada pela presença das veneráveis e augustíssimas *Nuven*s (v. 265)⁶³.

Em suma, para além de sua descrição física – compleição pálida, andar descalço e olhar sobranceiro –, Sócrates é caracterizado, nas *Nuven*s, ora como um homem sábio, ora como um grande charlatão, cuja fama é largamente atestada na cidade. Diretor de uma escola de sofistas – denominada Matutatório –, no exercício da profissão, à custa de pagamentos, Sócrates comercializa um saber de cunho esotérico, o qual possui como objeto três principais matérias: a erística, a cosmologia e a teologia. Tais ensinamentos, que se pretendem como corolários da sabedoria humana, parecem estar diretamente correlacionados a uma gnose individual, expressa pelo conhecimento de si mesmo e pelo reconhecimento da ignorância. Vale notar que, no âmbito da peça, as três matérias aludidas apresentam-se em intrínseca correlação: por um lado, os estudos da *physiologia* conduzem a uma recusa da religião tradicional, a qual, por sua vez, encontra sua ratificação na argumentação retórica; por outro lado, sugere-se que a recusa à religião tradicional acarreta também o

⁶³ Embora o tom paródico e a natureza cômica do texto de Aristófanes não nos permitam estruturar uma concepção unívoca a ser concebida como a “religião socrática”, ainda assim, eles nos permitem identificar um movimento de recusa das divindades tradicionais e de introdução de novas divindades – estranhas tanto a Atenas quanto ao mundo helênico. Que tal movimento, na medida em que figura o sofista Sócrates como seu promotor, reflete a constante tensão que, na segunda metade do século V a.C., opôs duas concepções de Paidéia – a antiga educação, de Ésquilo e dos guerreiros de Maratona, e a nova educação, de Eurípedes e dos contemporâneos de Aristófanes –, é o que o contexto da peça não nos permite recusar. Em outras palavras, o Sócrates das *Nuven*s, longe de ser um ateu, revela-se como um deturpador da religião tradicional; trata-se, aos olhares de Aristófanes, da expressão citadina de todo o perigo que a nova educação, embasada nas investigações celestes e na retórica, representa para os costumes sagrados e, por conseguinte, para a formação da juventude ateniense.

declínio dos padrões morais, os quais, por sua vez, efetivam a corrupção da conduta individual e o desrespeito das leis estabelecidas.

Efetivamente, no plano desse quadro – em que Sócrates aparece como o principal responsável –, a atribuição de impiedade religiosa parece se destacar em primeiro plano. Se notarmos bem, logo perceberemos que, de fato, ela constitui o núcleo dos ensinamentos corruptivos atribuídos a Sócrates: é por causa das consequências nocivas à religião que os estudos cosmológicos veem-se condenados na peça, assim como são as alterações nas normativas religiosas que levam à corrupção moral das personagens.

Nesse íterim, vale notar que, diferentemente do ateísmo de Hipão ou do agnosticismo de Protágoras, a impiedade socrática circunscreve-se no domínio das inovações religiosas, em outros termos, não resta dúvidas de que Sócrates sustém uma crença religiosa no decorrer das *Nuvens*. De fato, sua fé se nos patenteia por diversas notas: pelas invocações, pelos juramentos, pelas preces, pela crença na influência divina sobre os eventos mundanos, pela interlocução direta e pelo exercício na função de ministro religioso. Embora todos esses fatores sejam, *a priori*, aceitos e reconhecidos na esfera da religião tradicional, uma vez que as divindades a que eles se destinam não se identificam com as deidades do panteão helênico, o culto e a profissão de fé de Sócrates assume as notas de uma impiedade religiosa.

1.4.4. Fidípedes

Fidípedes, filho do campesino Estrepsíades e de uma inominada dama de origem aristocrática, ocupa a posição de tritagonista na peça. Embora suas ações, tanto as pregressas quanto as presentes, sejam determinantes para o desenvolvimento do enredo, sua construção psicológica não se apresenta complexa ao longo da peça. Mesmo sendo verdade que ela sofre evolução ao longo da obra, ainda assim sua caracterização se prende mais à construção de uma personagem-tipo, representativa de determinado comportamento social, do que à elaboração do que se poderia denominar por “personagem redonda”, cuja caracterização se apresenta multiforme e completa.

No início da peça, anteriormente a sua iniciação no Matutatório, Fidípedes representa os típicos ideais de uma juventude aristocrática. Ele aparece como um aficionado por toda espécie de práticas desportivas, em especial aquelas relativas à equitação (v. 124-125) – sonha com cavalos (v. 25-32), tem em Posêidon o expoente de suas juras (v.83) e não se preocupa com a dívida que contraiu em nome do pai em função de seu vício–, demonstra-se sobremaneira preocupado com sua aparência física – porta cabelos longos, teme adquirir a complexão pálida e cadavérica dos discípulos de Sócrates (v. 102-104; 108-109; 112; 119-120) – e não aparenta qualquer inclinação para as atividades laborais, como ocorre com o pai, nem para as atividades intelectuais, como exemplificado pelos discípulos de Sócrates.

Posteriormente, todavia, após sua introdução no Matutatório, Fidípedes aparece como um representante típico daquela parcela da juventude voltada para os assuntos do *logos* (v. 1178 *et seq.*), ele muda sua aparência física, sua disposição de caráter (v. 1328-1333), recusa seu interesse anterior pela equitação (v. 1400-1404), nega a existência dos deuses do panteão tradicional (v. 1468-1471), exibe um refinamento literário de vanguarda (v. 1377), e, por fim, desenvolve um raciocínio arguto e violento (v. 1179-1184; 1359-1360; 1410-1414), voltado, sobretudo, para o questionamento das leis (v. 1421-1429; 1785-1786) e dos costumes (v. 1331-1343; 1441-1446).

Pode-se dizer que, através deste personagem, Aristófanes abarca os dois principais arquétipos da juventude ateniense vigente, como bem expresso por Delaunois (1986, p. 96-97):

No fundo, ele se liga a uma das duas categorias de jovens esnobes que pareciam se manifestar no tempo, a dos “filhinhos de papai”, que partilhava com os pais apenas de determinados valores inerentes a uma classe, incluso uma certa ostentação, sem possuir a seriedade e o senso de responsabilidade. Paralelamente, pode-se divisar uma outra casta, indubitavelmente pouco apreciada pela primeira, que se deixava seduzir pelos atrativos da vida intelectual, ou pseudointelectual, prometida pela sofística, que pagava grandes somas, custeadas pelos pais, e visava conquistar, a partir do múltiplo pensar e do múltiplo falar, os postos de comando da vida política⁶⁴.

⁶⁴ “Au fond, il se rattache à l'une des deux catégories de jeunes gens snobs qui semblaient se manifester à l'époque, celles des «fils à papa», ne gardant de la valeur des parents que le souci d'un certain rang et d'un certain faste, sans en avoir le sérieux et le sens des responsabilités. À côté, on peut deviner une autre caste, sans nul doute peu appréciée de la première, celle qui se laissait séduire par les attraits de la vie intellectuelle ou pseudo-intellectuelle promise par la sophistique, et payée aussi à grands frais par les parents, et qui visait à conquérir, par l'omni-penser et le multi-parler, les postes de commande de la vie politique”.

Apesar da pouca expressividade psicológica de sua caracterização, a flutuação na construção da personagem ocupa papel fulcral na argumentação da peça. A partir de uma técnica fundamentada no “contraste”⁶⁵, Aristófanes consegue imprimir no texto duas críticas severas: em primeiro lugar, ao contrastar o comportamento e as predileções do primeiro Fidípides com os caracteres de um Estrepsíades, consegue o poeta expressar um contraste geracional que resulta, em última instância, em um juízo pejorativo para com a futilidade de uma juventude de origem aristocrática muito dedicada aos gastos e pouco afeita ao trabalho; por outro lado, ao contrastar o segundo Fidípides com o primeiro, Aristófanes evidencia o processo de transformação resultante de uma juventude absorvida por um novo modelo educacional e corrompida por charlatões e pseudosábios. Nesse sentido, embora as atitudes finais de um filho que espanca o pai e planeja o mesmo para a mãe sejam, de fato, reveladoras de um total desalento para com a juventude, tal fato não minimiza a crítica antecedente, que visualiza na languidez e na futilidade uma situação não menos nociva para o futuro da *pólis*.

1.4.5. Coro

Em consonância com o título da peça, os integrantes do Coro⁶⁶, sob a forma de mulheres narigudas (341-345), representam as próprias Nuvens. As quais ora são apontadas como divindades únicas (v. 365), ora são associadas às divindades já existentes ou, ainda, às novas divindades. Seja como for, enquanto deidades, elas são caracterizadas como substitutas de Zeus: senhoras da chuva, do raio e do trovão. Guardam residência no cume do Olimpo, nos jardins de Oceano, nas cabeceiras do Nilo, no lago Meótis ou no rochedo de Mimante (v. 268-273). E, por sua atuação no domínio do pensamento, da argumentação, do entendimento, das narrativas

⁶⁵ Deulanois (1986, *passim*) entende que o “contraste” constitui recurso característico na criação do cômico, por exemplo: “(...) le contraste fut toujours une loi du comique, et l'action débute par là, introduisant ainsi une incompatibilité de mentalité entre le père et le fils” (p. 90); e “Le contraste qui éclate dans les conflits entre Strepsiade et Phidippide contribue largement à renforcer le comique des situations” (p. 97).

⁶⁶ Nos tempos de Aristófanes o coro cômico era constituído por vinte e quatro integrantes, número que foi paulatinamente reduzido, juntamente com a diminuição de sua participação no enredo das peças.

mirabolantes, dos circunlóquios e da arte de impressionar (v. 316-319), são tidas como protetoras do Matutatório (v. 250), dos sofistas, dos adivinhos, dos curandeiros, dos vadios, dos torneadores de coros cíclicos, dos astrólogos (v. 331-334) e de todos os homens ociosos (v. 365). Ademais, apresentam-se passíveis de interlocução direta (v. 250) e são suscetíveis aos sacrifícios e às preces como meio para a obtenção dos favores sagrados (v. 273-275).

Sua caracterização ao longo da comédia é extremamente complexa, muito possivelmente, conforme sugere Duarte (2000, p. 130), em função de sua atuação perpassar em muito o âmbito da parábase, constituindo um verdadeiro fio condutor do enredo que se desenrola. O que pode ser verificado através da simples observação da disposição de caráter manifesta pelo Coro nos momentos que antecedem e sucedem a parábase.

Anteriormente à parábase, em sua primeira aparição, o Coro se revela estreitamente próximo do círculo sofístico de Sócrates e de Pródico, pelos quais afirma ter predileção. Como protetor dos raciocínios subtis, encontra-se, inclusive, comprometido com a realização do projeto de Estrepsíades: faz-lhe promessas, tece-lhe elogios e lhe apresenta conselhos para sua consecução. Por fim, quando o malogro do aprendizado de Estrepsíades se revela, é o Coro quem, em jogo duplo, se encarrega de providenciar os meios para a continuidade do projeto: aconselhando ao velho dispor o filho e a Sócrates a explorar a credulidade e a ingenuidade do velho.

Tal disposição de caráter, todavia, não se verifica durante a parábase. Já durante o anapesto o Coro despe-se da máscara cênica e fala, na primeira pessoa do singular, em nome do poeta. Ele se dirige diretamente aos espectadores, admoestando-os pelo fracasso pregresso da peça, elogia as qualidades da obra, do poeta e, como era de se esperar, não deixa de tecer críticas a seus rivais. Quando recupera sua identidade própria, durante a *sizígia epirremática*, envolto por forte apelo religioso, a disposição do Coro já se apresenta outra: ele invoca as divindades que lhe são compatíveis durante a ode; conclama os deuses que são caros aos atenienses durante a antode; e expõe a degradação política e social dos atenienses durante o *epirrema* e o *antepirrema*.

Posteriormente à parábase, paulatinamente, o Coro de nuvens revela uma disposição de caráter em tudo antagônica à precedente. Ao anunciar a reviravolta da ruína que recairá sobre Estrepsíades, ele já se apresenta como o vingador das

divindades, encarregado de punir todo aquele que almeje, em alguma medida, irreverenciar os deuses tradicionais.

Esse movimento de aproximação e afastamento do Coro em relação ao herói cômico, ao círculo sofístico e às próprias divindades – diferentemente do que ocorre com Fidípedes, cuja transformações reverbera tipos específicos determinados – confere ao Coro as características do que poderíamos denominar por uma “personagem redonda”, cuja natureza multiforme e cuja complexidade psicológica não se faz passível de simplificação. Já foi dito (SEGAL, “Aristophanes’ Cloud-Chorus” *apud* Duarte, 2000, p. 149) que o Coro das *Nuvens* possui uma natureza mimética, que reflete aquilo que nele se espelha: desde as sutilezas conceituais de uma sabedoria abstrata, junto a Sócrates, até a personificação das benfazejas forças da natureza, junto a Estrepsíades. De fato, uma leitura bem engenhosa, que nos permite ao menos tornar coerente a ambiguidade própria desta personagem: “A resposta que permite reconciliar as Nuvens de Sócrates às figuras piedosas da parábase está na ambiguidade inerente a elas” (DUARTE, 2000, p. 149).

1.4.6. Os Discursos Fraco e Forte

O *agôn* da peça é realizado a partir da introdução de dois personagens abstratos, o Discurso Fraco e o Discurso Forte – em clara alusão à técnica argumentativa dos *dissoi lógoi*. Nas *Nuvens*, em especial, o *agôn* encontra-se deslocado, realizando-se após a parábase. A disputa em xeque visa antepor dois modelos de educação que entraram em concorrência em Atenas na última metade do século V a.C..

O Discurso Forte personifica os ideais de uma antiga geração, associada àquela dos reputados vencedores de Maratona. Trata-se de um ideal educativo fundamentado no conceito de Justiça e amparado, sobretudo, nos dogmas da religião tradicional. O próprio discurso se apresenta envolto em uma certa nostalgia, em que a probidade, a moderação, a disciplina, o recato e a castidade constituíam a regra do dia. Seu projeto consiste em resgatar tais valores e imprimi-los na geração atual, a fim de que a juventude volte a cultivar a ginástica em detrimento do discurso, a repudiar as saunas, a ser pundonoroso e respeitosos para com os progenitores.

Já o Discurso Fraco personifica os ideais da geração atual, florescente entre uma nova classe intelectual. Trata-se de um ideal educativo fundamentado na retórica e no questionamento dos valores religiosos e sociais. O próprio discurso se apresenta como modelo da atualidade, em que a verborragia e o manejo do *lógos* constituem recurso para toda sorte de expediente: para a aquisição de riqueza, para a vitória nos tribunais e para a justificação das atitudes imorais. Ele se apresenta como sustentáculo da inversão de valores e se orgulha tanto de sua capacidade em formular juízos antitéticos às leis e aos costumes, sobretudo na medida em que lhe rendam remuneração excessiva, quanto de sua depravação e deboche. Seu projeto consiste em imprimir na juventude um ideal de liberdade extremado, em que o gozo dos prazeres do sexo, da comida, da bebida e dos jogos constituem a finalidade da existência.

Em última instância, a disputa entre os dois discursos personifica a ocorrência de um choque geracional, uma oposição entre tradição e novos costumes, entre a educação antiga, fundamentada nos poetas, e a educação atual, fundamentada na sofística e na prática discursiva.

1.5. Edições do texto e traduções em português

A *editio princeps* do texto das *Nuven*s foi realizada pela editora Aldina em 1498, apenas três anos após sua fundação. Desde então, diversas edições modernas foram propostas, seja para o *corpus* como um todo, seja para a peça em isolado. Dentre as edições propostas para as *Nuven*s no último século, destacam-se: a edição de William Joseph Myles Starkie, publicada em Londres, pela Macmillan, em 1911; a edição de Benjamin Bickley Rogers, publicada em Londres, pela George Bell & Sons, em 1916, quando do lançamento do segundo volume da *The Comedies of Aristophanes*⁶⁷; a edição estabelecida por Victor Coulon, publicada em 1923, no primeiro volume das *Comédies*, pela “Société d’édition Les Belles Lettres”; a edição de Kenneth James Dover, publicada em Oxford, pela Clarendon Press, em 1968; e, por fim, a edição de Alan Sommerstein, que aparece no terceiro volume da *The Comedies of Aristophanes*, publicada em Warminster, pela Aris & Phillips, em 1982.

⁶⁷ A primeira tradução das *Nuven*s feita por Rogers remonta ao ano de 1852.

Quanto às traduções das *Nuven*s para a língua portuguesa, pelo menos cinco fazem-se diretamente da língua grega⁶⁸. Como a mais antiga remonta a aproximado meio século, pode-se dizer que, estatisticamente, a peça recebeu uma tradução a cada década – uma média notável! A mais antiga foi realizada pela professora Gilda Maria Reale Starzinsky e publicada, primeiramente, no ano de 1967, pela editora Difel. Posteriormente, em face de sua inclusão no volume II da Coleção *Os Pensadores*⁶⁹, publicada pela editora Abril a partir de 1973, certamente foi essa a tradução do texto mais veiculada em língua portuguesa. Apenas nove anos após a primeira tradução da peça e três após sua republicação na referida coleção, em 1976, surge a tradução do professor Junito de Souza Brandão, publicada pela editora Grifo⁷⁰; essa tradução seguiu a edição textual de Victor Coulon, publicada pela “Les Belles Lettres” em 1930. Menos de uma década depois, em 1984, surge a primeira versão da tradução de Custódio Magueijo para o português de Portugal; adaptada para a representação televisiva da peça, essa primeira versão foi publicada pela editora Inquérito e também seguiu a edição de Coulon. Em meados da década de noventa, 1995, tem-se a publicação, pela editora Jorge Zahar, da tradução de Mário da Gama Kury. A década de dois mil é a única que, de fato, apresenta um hiato no surgimento de uma nova tradução da peça para o português. Não obstante, ainda assim, em 2006, a Casa da Moeda publica, na coleção *Biblioteca de Autores Clássicos*, sob organização de Maria de Fátima Souza e Silva, o primeiro volume – Comédias I – do projeto de tradução das obras completas de Aristófanes⁷¹. Nesse volume, a tradução de Custódio Magueijo, revisada, encontra-se inclusa; ressalta

⁶⁸ Durante a defesa da presente dissertação, tivemos notícia de outra tradução das *Nuven*s, realizada por Carlota de Oliveira e Silva e publicada no ano de 1930, pela editora Ariel, no Rio de Janeiro. Caso tenha sido realizada a partir do grego, então a primeira tradução brasileira da peça retroagiria por quase quatro décadas! O que nos evidencia ainda mais a repercussão das *Nuven*s na tradição literária do país. Todavia, ainda não conseguimos analisar a peça e a edição que obtivemos – oriunda de uma republicação comercial em formato digital – não comporta maiores informações sobre a realização da tradução. De qualquer modo, esteja o leitor atento à possível necessidade de atualização nas informações que se seguem.

⁶⁹ Volume dedicado ao filósofo Sócrates, inclui, além das *Nuven*s, as duas *Apologias de Sócrates*, a de Platão e a de Xenofonte, assim como *Os ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, do último autor.

⁷⁰ Conforme esclarece o tradutor na *Apresentação* da obra, a tradução já estava pronta bastante tempo antes da publicação: “Há muito que está pronta a presente tradução da famosa comédia de Aristófanes, *As Nuven*s, mas as dificuldades são quase intransponíveis, quando se trata de publicar essas coisas de um passado longínquo, que, aos poucos, vai se metamorfoseando apenas em nostalgia ou numa espécie de *póthos*, um como que desejo da presença de uma ausência” (p. 9).

⁷¹ O segundo volume foi publicado em 2010, já o terceiro e último foi lançado no ano de 2019.

Magueijo que, para a revisão, foi utilizada a edição do texto mais recente de Sommerstein (1982). Por fim, na presente década, em 2013, surge, nos *Cadernos de Tradução* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma tradução a muitas mãos, organizada pelo professor José Carlos Baracat Júnior, essa tradução valeu-se da edição de Dover (1968).

1.6. Propósitos e parâmetros da presente tradução

Para a presente tradução, adotar-se-á a edição de Dover (1968), a qual, realizada a partir do cotejamento de quarenta e um manuscritos⁷², continua sendo a edição padrão para o texto das *Nuvens*⁷³. Não se realizará qualquer tipo de cotejamento entre diferentes edições, visto que o propósito do presente estudo restringe-se: i) à leitura do texto – acompanhando a assertiva de Calvino, para quem “traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto”; ii) à apresentação de uma tradução – realizada a partir de critérios de tradução distintos daqueles adotados pelas traduções já existentes; e iii) à elaboração de um aparato crítico para melhor compreensão da peça – a partir de um estudo introdutório e de notas explicativas.

Dado o caráter efêmero de qualquer tradução, em contraposição à peremptoriedade que abarca o texto original, circunscrito à noção de clássico, qualquer proposta de tradução justifica-se por si mesma, seja por fins de atualização, seja pela abordagem a partir de um viés de execução diverso daquelas disponíveis na língua vernácula. Nesse sentido, pretendemos apresentar um texto que se destaque das demais traduções em pelo menos dois pontos: i) em relação à fluência textual; e ii) em relação à caracterização específica de cada personagem.

1.6.1. Fluência textual

⁷² A título de comparação, a edição de Rogers (1916) foi compilada a partir do cotejamento de quarenta e três manuscritos.

⁷³ Segundo Rogers (1916, p. 183 *et. seq.*), dos cento e setenta manuscritos que registram as peças de Aristófanes, o texto das *Nuvens* aparece em cento e vinte e sete deles – somente o *Pluto* possui maior recorrência (cento e quarenta e oito), seguido pelas *Rãs* (setenta e oito), as demais peças não superam a marca de vinte e oito manuscritos, sendo que a *Temoforiantes* aparece em apenas dois.

No que diz respeito à fluência textual, sempre que possível, nos nortearmos pelo princípio da concisão. Dentre as estratégias adotadas para tal expediente figuram: α) a recusa às paráfrases; β) a elisão de pronomes pessoais, possessivos e, por vezes, de evocações; γ) as adaptações e atualizações terminológicas; e δ) o acompanhamento da versificação original. Eis alguns exemplos ilustrativos dos referidos parâmetros.

1.6.1.1. Fluência textual: (α) recusa às paráfrases

Em uma passagem na qual Sócrates expõe a Estrepsíades o caráter e o campo de atuação das novas divindades a serem adoradas, versos 331-334, Aristófanes elabora um extenso neologismo: σφραγιδονυχαργοκομήται. Cujas traduções são registradas pelo *Le Grand Bailly* tal como se segue: “Paresseux qui ne s’occupent que de leurs bagues et de leurs ongles”. As traduções em língua portuguesa, por sua vez, seguem a estratégia de uma paráfrase descritiva como solução para o vocábulo, ao passo que a tradução ora proposta busca encontrar uma solução mais econômica para equivaler à criação de Aristófanes.

O extenso neologismo – vinte e duas letras! – forjado por Aristófanes se realiza a partir da aglutinação de cinco vocábulos (σφραγιδ-ονυχ-αργο-κομήτ-ας): i) σφραγίς, -ῖδος, que designa o selo, a marca identificatória, frequentemente impressa em anéis, utilizada para selar ou para vedar; por extensão, o anel propriamente dito, assim como o receptáculo a ser marcado (por exemplo, a pedra, de onde, por extensão, a pedra preciosa); ii) ὄνυξ, -υχος, que tem por sentido básico a unha, a garra, o casco; e que, por analogia, pode também designar a pedra preciosa ônix; iii) ἄργος, -ή -όν (enquanto contração de ἄεργος), referindo-se aos seres humanos, qualificante daquele que nada faz, do que não trabalha a terra, do que é ocioso ou preguiçoso; iv) κομήτης, -ου, que, referente aos seres humanos, designa aquele que porta longos cabelos (cabeludo) ou que se faz coberto por pelos (peludo). De onde o significado apresentado pelo *Bailly*: *paresseux qui ne s’occupent que de leurs bagues et de leurs ongles*. Dover (1968, p. 145), no mesmo espírito, sugere: *fashionable idlers who wear valuable rings*. Enquanto Rogers (1916, p. 49), em sentido ligeiramente diferente, sugere: *long-haired fops with white onyx rings*.

Os tradutores de língua portuguesa, por sua vez, também têm optado por verter o neologismo aristofânico por uma paráfrase descritiva ancorada, sobretudo, na sugestão apontada pelo *Bailly*:

Gilda Reale	“vadios de longos cabelos que só tratam de anéis e unhas”
Junito Brandão	“ociosos cabeludos ocupados com suas unhas e anéis”
Gama Kury	“cabeludos, bichas ocupadas apenas com seus anéis e suas unhas”
Magueijo	“calões guedelhudos que só cuidam de anéis e unhas”
Baracat (org.)	“caipiras cabeludos preguiçosos preocupados com seus anéis de ônix e suas unhas”

Como se pode verificar, os sentidos adotados pelos tradutores são aproximados: “cabeludos, preguiçosos, preocupados com anéis e unhas”. Todavia, para além da literalidade, acreditamos ser preciso perguntar: i) qual seria o sentido pretendido por Aristófanes com semelhante adjetivação?; e ii) a tradução literal dos termos é suficiente e eficaz para expressar, no texto de chegada, o sentido pretendido pelo original?

A resposta para a primeira questão nos parece imediata, Aristófanes pretende, com tal neologismo, predicar a qualidade de superfluidade a indivíduos que se dedicam excessivamente à preocupação e ao cuidado com a aparência física. Bem, se estivermos certos quanto a essa interpretação, certamente, a somatória dos adjetivos cabeludos-preguiçosos-preocupados-com-anéis-e-unhas não nos parece captar o sentido pretendido no texto original.

Razão pela qual, fiel ao princípio de economia, buscamos encontrar uma solução que, mais do que parafrasear o neologismo, conseguisse captar com eficiência o sentido expresso por ele. Assim sendo, optamos por verter o neologismo aristofânico por uma gíria composta nos anos noventa, a qual – por meio da aglutinação entre os vocábulos “metropolitano” e “sexual” – designa, justamente, o extrato de “homens urbanos extremamente preocupados com sua aparência”:

Nossa tradução	“metrossexual”
----------------	----------------

Inclusive, vale destacar que o vocábulo “metrossexual” é amplamente utilizado para designar homens que frequentam salões de beleza para o tratamento de unhas, sobrancelhas, cabelos e afins, o que nos remete, diretamente, ao cerne do sentido do termo em tradução.

Cabe ainda ressaltar que o adjetivo ἄργος, “preguiçoso”, presente no composto, mas não explicitado na solução encontrada, reaparece dois versos abaixo no mesmo rol de predicação em que ocorre o neologismo; complementando, portanto, parte da terminológica perdida na solução tradutória adotada para o neologismo⁷⁴.

1.6.1.2. Fluência textual: (β) elisão e (γ) adaptações terminológicas

Analisemos o extrato completo no qual se insere o neologismo, a fim de pontuarmos dois outros recursos utilizados para a obtenção de concisão e fluência textual (v. 331-334).

Σω. οὐ γὰρ μὰ Δί' οἶσθ' ὅτιῃ πλείστους αὖται βόσκουσι σοφιστάς,
Θουριομάνεις, ἰατροτέχνας, σφραγιδονυχαργοκομήτας·
κυκλίων τε χορῶν ἄσματοκάμπτας, ἄνδρας μετεωροφένακας,
οὐδὲν δρῶντας βόσκουσ' ἄργούς, ὅτι ταύτας μουσοποοῦσιν.

O período, como se pode verificar, possui estrutura relativamente simples. Uma cláusula invocativa (μὰ Δί᾽), seguida por uma oração subordinada substantiva predicativa introduzida por οὐ οἶσθ' ὅτιῃ na principal e regida pelo verbo βόσκω na subordinada. O sentido verbal da oração subordinada é complementado por seis objetos diretos (πλείστους σοφιστάς, Θουριομάνεις, ἰατροτέχνας, σφραγιδονυχαργοκομήτας· κυκλίων τε χορῶν ἄσματοκάμπτας, ἄνδρας μετεωροφένακας), após os quais ocorre a retomada enfática do verbo da subordinada (βόσκουσι) complementado por uma locução adjetiva participial (οὐδὲν δρῶντας ἄργούς). Por fim, uma última oração subordinada adverbial causal, introduzida por ὅτι, encerra o período (ὅτι ταύτας μουσοποοῦσιν).

⁷⁴ Esse procedimento de compensação demonstrou-se útil em diversas passagens da tradução textual. Partimos do pressuposto de que a tradução de um texto grego é composta por um mosaico de perdas e ganhos, sendo da competência do tradutor, sempre que possível, restituir as perdas de tradução ao texto original, mesmo que de modo deslocado quanto a sua aparição e mesmo que isso implique em inserções de elementos não constantes em determinada passagem mas presente na obra como um todo.

Eis como vertem os tradutores:

Tradução de Gilda Reale:

Por Zeus, nada disso! É que você não sabia que elas sustentam a maior parte dos sofistas, adivinhos de Túrio, artistas da medicina, "vadios de longos cabelos que só tratam de anéis e unhas", torneadores de coros cíclicos, homens charlatães de coisas celestes. Sustentam esses vadios que não fazem nada, porque eles costumam cantá-las em suas obras.

Tradução de Junito de Souza:

É porque ignoras, por Zeus, que elas alimentam um monte de Sofistas, adivinhos de Túrio, medicastros, ociosos cabeludos ocupados com suas unhas e anéis, torneadores de estrofes dos coros cíclicos, mistificadores nefelibatas, vadios que elas sustentam na malandragem, porque eles as celebram em seus versos.

Tradução de Mário da Gama Kury:

Mas você não sabe que elas sustentam um bando de sofistas, de adivinhos, médicos charlatães, cabeludos, bichas ocupadas apenas com seus anéis e suas unhas, fabricantes de versos para os coros cíclicos, mistificadores aéreos, malandros nutridos por elas para nada fazerem, apenas para cantá-las em seus versos.

Tradução de Magueijo:

Claro que não, por Zeus!... É que tu não sabes que são elas que sustentam a maior parte dos sofistas, adivinhos de Túrios, artistas da medicina, calões guedelhudos que só cuidam de anéis e unhas, torneadores de cânticos para os coros cíclicos, enfim, todos esses vigaristas dos astros, que não fazem nenhum, são elas que lhes dão de comer, só porque lhe dedicam versos.

Tradução organizada por Baracat⁷⁵:

Pois não sabes, por Zeus, que elas alimentam a muitos sofistas, aos adivinhos de Túrios, aos mestres da medicina, aos caipiras cabeludos preguiçosos preocupados com seus anéis de ônix e suas unhas, aos cantores de música torta para coros cíclicos e aos astrônomos charlatães; a todos esses que não trabalham a terra, alimentam porque as celebram em seus cantos.

Nossa tradução:

Certamente por ignorares que elas inspiram toda espécie de sofistas, charlatões, curandeiros, metrossexuais, poetas cíclicos, astrólogos e demais desocupados que as cantem em verso.

⁷⁵ A tradução organizada por Baracat é mais difícil de ser comparada pois resulta do labor de vários tradutores, assim sendo, não se pode delimitar um gesto tradutório unívoco para o texto.

No que diz respeito ao recurso da elisão, voltemo-nos para a primeira parte do verso 331:

οὐ γὰρ μὰ Δι' οἶσθ' ὅτιῃ (...) αὗται βόσκουσι (...)	
Gilda Reale	Por Zeus, nada disso! É que você não sabia que elas sustentam ...
Junito Brandão	É porque ignoras, por Zeus, que elas alimentam...
Gama Kury	Mas você não sabe que elas sustentam...
Magueijo	Claro que não, por Zeus!... É que tu não sabes que são elas que sustentam ...
Baracat (org.)	Pois não sabes, por Zeus, que elas alimentam...
Nossa	Certamente por ignorares que elas inspiram...

Como se pode notar, a concisão alcançada na primeira parte do período resulta de duas estratégias tradutórias específicas: a supressão da clausula invocatória; e a tradução não literal da oração principal (οὐ οἶσθ' ὅτιῃ). Concentremo-nos na primeira delas.

Como se sabe, tanto na língua grega, quanto em outras línguas antigas e modernas, a invocação às divindades, além de seu uso próprio, constitui recurso ordinário para a expressão das mais variadas sensações e estados de espírito do agente da elocução, muitas vezes atuando como substitutas das interjeições. Ademais, na língua grega, onde a frequência de tal recurso é mais atestada do que em uma língua moderna como o português contemporâneo, parece-nos que, algumas vezes, o uso das invocações encontra-se destituído de qualquer valor mais específico, resultando como mero recurso de expressão da elocução na qual se encontra inserido.

As propostas das traduções portuguesas para o presente período ilustram exatamente as duas últimas situações mencionadas: a invocação como locução interjetiva, tal como expresso por Gilda Reale (“Por Zeus, nada disso!”) e por Magueijo (“Claro que não, por Zeus!”); e a invocação como mero recurso de expressão desprovido de significado próprio, tal como expresso na solução encontrada por Brandão, Baracat, Gama Kury e por nós mesmos – com a distinção de que a locução invocatória se faz explícita nos dois primeiros e elíptica nos dois últimos.

Quanto a nossa opção tradutória, ela se deve ao contexto textual imediato em que o período aparece. Ora, a passagem objetiva definir para os espectadores as qualidades constituintes dos membros do coro, isto é, sua condição de divindades, além de explicitar a heterodoxia religiosa dos pensadores do matutatório, na medida em que apresenta as nuvens como divindades substitutas para os deuses do panteão tradicional. Eis os dois versos que antecedem o período:

Σω. ταύτας μέντοι σὺ θεὰς οὐσας οὐκ ᾔδεις οὐδ' ἐνόμιζες; (v. 329)

Στ. μὰ Δί', ἀλλ' ὁμίχλην καὶ δρόσον αὐτὰς ἡγούμην καὶ καπνὸν εἶναι. (v. 330)

Σω. οὐ γὰρ μὰ Δί' οἶσθ' ὅτι πλείστους αὗται βόσκουσι σοφιστάς (...)

Como se pode verificar, no verso 329, Sócrates inquirir a Estrepsíades se acaso, por desconhecimento, ele desconsiderava as Nuvens na sua condição de divindades. Estrepsíades, de pronto, responde que não, que as considerava como simples fenômenos meteorológicos. Ora, neste passo (v. 330) há de se notar a presença da mesma locução invocatória (μὰ Δία) que aparecerá na explicação de Sócrates no verso 331, todavia, desta vez a locução desempenha claramente uma função interjetiva – oriunda do espanto de Estrepsíades com a heterodoxia religiosa apresentada por Sócrates:

Sócr. Decerto, por insipiência, não as reverenciavas enquanto deusas. (?)⁷⁶

Estr. *Por Zeus que não*⁷⁷, julgava que eram nevoeiro, orvalho ou vapor-barato.

Sócr. Certamente [por Zeus] por ignorares que elas inspiram (...) (v. 331)

A partir do que se pode inferir do contexto, Sócrates, no verso 331, não possui motivo aparente para ser tomado de espanto pela resposta de Estrepsíades – tal como entendem Gilda Reale (“Por Zeus, nada disso!”) e Magueijo (“Claro que não, por Zeus!”) –, pelo contrário, ele, inclusive, já antevia tal possibilidade em seu questionamento no verso 329 (οὐκ ᾔδεις). Razão pela qual, juntamente com Brandão, Barakat e Gama Kury, entendemos que o valor da locução invocatória μὰ Δία em οὐ γὰρ μὰ Δί' οἶσθ' ὅτι não é mais do que um recurso de expressão desprovido de qualquer significação própria. Não obstante, justamente por essa ausência de

⁷⁶ No original a oração é interrogativa.

⁷⁷ Grifo nosso.

significação, diferentemente de Brandão (“É porque ignoras, por Zeus, que...”) e Baracat (“Pois não sabes, por Zeus, que...”), optamos por omitir a cláusula, acompanhando, por sua vez, a solução apontada por Gama Kury (“Mas⁷⁸ você não sabe que...”), em nossa formulação: “Certamente por ignorares que...”.

Assim, fiel ao princípio de que o texto final deve se pautar mais pela intenção disposta na elocução do que pela literalidade manifesta em sua expressão, utilizamos o recurso da elipse tanto para evitar redundâncias textuais quanto para alcançar um texto mais fluido e conciso, sem que tal expediente acarrete perdas significativas em relação ao original.

Avancemos no período a fim de verificar o segundo recurso listado para a obtenção da fluidez, a saber: a adaptação textual. A oração subordinada que se segue apresenta o pronome demonstrativo αὗται – em referência ao coro de nuvens explicitado no verso 316 (οὐράνιαι Νεφέλαι) – como sujeito do verbo βόσκω – cujo significado primeiro é “fazer pastar”, “nutrir”, de onde “alimentar”, “sustentar” –, ao qual se apõe um complemento composto por seis objetos diretos.

Eis como os tradutores vertem os complementos:

	[οὐ γὰρ (...) οἶσθ' ὅτιῃ (...) αὗται βόσκουσι...] πλείστους (...) σοφιστάς, Θουριομάντεις, ιατροτέχνας, σφραγιδονυχαργοκομήτας· κυκλίων τε χορῶν ἄσματοκάμπτας, ἄνδρας μετεωροφένακας (...)
Gilda Reale	[É que você não sabia que elas sustentam...] a maior parte dos sofistas, adivinhos de Túrio, artistas da medicina, "vadios de longos cabelos que só tratam de anéis e unhas", torneadores de coros cíclicos, homens charlatões de coisas celestes.
Junito Brandão	[É porque ignoras (...) que elas alimentam...] um monte de Sofistas, adivinhos de Túrio, medicastro,

⁷⁸ Faz-se necessário observar, não obstante, que Gama Kury equivoca-se na atribuição de valor adversativo ao período (“Mas você não sabe...”), o qual, na realidade, possui valor explicativo, devidamente expresso pela conjunção pospositiva γάρ.

	ociosos cabeludos ocupados com suas unhas e anéis, torneadores de estrofes dos coros cíclicos, mistificadores nefelibatas...
Gama Kury	[Mas você não sabe que elas sustentam...] um bando de sofistas, de adivinhos, médicos charlatães, cabeludos, bichas ocupadas apenas com seus anéis e suas unhas, fabricantes de versos para os coros cíclicos, mistificadores aéreos...
Magueijo	[É que tu não sabes que são elas que sustentam...] a maior parte dos sofistas, adivinhos de Túrios, artistas da medicina, calões guedelhudos que só cuidam de anéis e unhas, torneadores de cânticos para os coros cíclicos, enfim, todos esses vigaristas dos astros...
Baracat (org.)	[Pois não sabes, por Zeus, que elas alimentam...] a muitos sofistas, aos adivinhos de Túrios, aos mestres da medicina, aos caipiras cabeludos preguiçosos preocupados com seus anéis de ônix e suas unhas, aos cantores de música torta para coros cíclicos e aos astrônomos charlatães...
Nossa tradução	[Certamente por ignorares que elas inspiram] toda grei de sofistas ⁷⁹ , charlatões, curandeiros, metrossexuais, versejadores, astrólogos...

Para a obtenção da fluidez textual nesse período, utilizamo-nos, principalmente, do recurso da adaptação contextual. Certamente, tal expediente não se faz isento de críticas, sobretudo em face do suposto afastamento que promove entre o original e o texto de chegada. Todavia, há de se notar que, em determinadas circunstâncias, o resultado se demonstra bem satisfatório.

⁷⁹ “Grei” tenta repor a carga semântica perdida na tradução de βόσκω por “inspirar”.

Uma particularidade da comédia grega, em contraposição à poesia épica, ao drama satírico e à poesia trágica, figura na contemporanização entre enredo e presente histórico. Como atesta Sommerstein (2002, p. 27) a “*comedy exist in presente time*”. Isto é, enquanto a ação da tragédia e do drama satírico situa-se em um cenário fictício na idade heroica, os personagens da comedia, mesmo quando encenam enredos míticos, não se esquecem de sua condição de atenienses, de partícipes de uma performance juntamente a uma audiência que logo retornará ao mundo real. Tal compreensão do afazer cênico permite que atores cômicos dirijam-se diretamente à sua audiência e mencionem pessoas e eventos conhecidos pelo público, sem que haja qualquer necessidade de verossimilhança entre o mundo real e o fictício. Na formulação de Adriana Duarte (2000, p. 25), essa relação entre enredo e presente histórico confere à comédia um caráter efêmero: “Extremamente associada à cidade e ao momento de composição é, por isso mesmo, vista como efêmera”. E esse caráter de efemeridade, ao mesmo tempo em que confere à comedia uma vinculação intrínseca com as contingências históricas e as particularidades individuais, acarreta uma dificuldade suplementar para o tradutor, dado que as referências extradramáticas potencializam as passagens “intraduzíveis” do texto.

De fato, como verter vocábulos e locuções cujo significado se vincula fortemente a valores locais e temporais, tais como Θουριομάντεις e κυκλίων τε χορῶν ᾄσματοκάμπτας, por exemplo? O que significaria para um leitor menos avisado expressões como “adivinhos de Túrios” ou “torneadores de coros, de estrofes ou de cânticos para coros cíclicos”? O recurso ordinário, como se pode verificar nas traduções acima e em tantas outras, consiste na paráfrase do texto acompanhada de nota explicativa. Todavia, suspeitamos que a necessidade de nota explicativa para o entendimento de uma passagem constitua o signo exato do intraduzível, da morte da tradução. Nesse sentido, consoante à tônica da passagem, que visa conferir um certo caráter pejorativo⁸⁰ aos inspirados pelas Nuvens, optamos por verter Θουριομάντεις por “charlatões”⁸¹ e κυκλίων τε χορῶν ᾄσματοκάμπτας por “versejadores” – que também guarda o sentido de mau poeta.

⁸⁰ Como nota Dover (1968, p. 144), esta pode ser uma das primeiras aplicações de sentido pejorativo ao termo σοφιστής.

⁸¹ A opção de Gama Kury por “advinhos”, em lugar de “advinhos de Túrios” também constitui uma boa solução. Todavia, não expressa a conotação pejorativa que acreditamos haver na passagem.

No mesmo sentido, vertemos *ιατροτέχνας* e *ἄνδρας μετεωροφένακας* por “curandeiros”⁸² e “astrólogos”, respectivamente, ao invés dos redundantes “artistas da medicina”, “mestres da medicina” e “astrônomos charlatães”, por um lado, e dos ininteligíveis “mistificadores aéreos”, “vigaristas dos astros” e “mistificadores nefelibatas”, por outro. Os quais, ora não denotam o sentido pejorativo que acreditamos estar vinculado a todos estes “terríveis e admiráveis”, ora não resguardam o princípio da economia em sua resolução.

Não que tal expediente dispense, em definitivo, as notas de rodapé. Mas, mesmo que se façam necessárias, o sentido imediato, em alguma medida, já foi captado pelo leitor durante a leitura textual. Caso em que as notas assumem seu valor próprio de notas explicativas, seja para provisão de maiores informações sobre a passagem, seja para a localização de nomes e localidades, seja para a análise e remissão textual, seja para a exposição da opção tradutória adotada.

Por todas essas razões, para situações em que as referências extradramáticas inviabilizam a tradução literal do texto, a adaptação textual – a despeito do pressuposto distanciamento que acarreta em relação ao texto original –, nos pareceu a opção mais viável para tentar alcançar o efeito almejado pelo autor. Nesse sentido, mais uma vez fiel ao pressuposto de que a tradução, mais do que a literalidade textual, deve expressar, sobretudo, a intenção disposta pelo autor na elocução dos personagens, optamos pela adaptação do texto nesta e em diversas outras passagens da obra (*vide* v. 204, 381 e 710). Expediente que, conforme demonstrado, nos permitiu, por diversas vezes, prover um ritmo fluido e conciso para a tradução.

1.6.1.3. Fluência textual: (δ) versificação

Por fim, vejamos um exemplo que ilustra o último recurso utilizado para a obtenção da fluência e coesão textual. Tome-se uma passagem da antístrofe, em que o Coro de Nuvens, incitado pela evocação de Sócrates, enseja a realização do párodo (298-307):

⁸² A opção de Junito por “medicastro” nos parece uma ótima alternativa.

Χο. παρθένοι ὄμβροφόροι,
 ἔλθωμεν λιπαρὰν χθόνα Παλλάδος, εὖανδρον γὰν
 κέκροπος ὀψόμεναι πολυήρατον·
 οὐ̐ σέβας ἀρρήτων ἱερῶν, ἵνα
 μυστοδόκος δόμος
 ἐν τελεταῖς ἀγίαις ἀναδείκνυται·
 οὐρανίοις τε θεοῖς δωρήματα,
 ναοὶ θ' ὑφερεφεῖς καὶ ἀγάλματα,
 καὶ πρόσσοδοι μακάρων ἱερῶταται
 εὐστέφανοί τε θεῶν θυσίαι θαλῖαι τε
 παντοδαπαῖσιν ὥραις,
 ἥρι τ' ἐπερχομένῳ Βρομία χάρις
 εὐκελάδων τε χορῶν ἐρεθίσματα
 καὶ μοῦσα βαρύβρομος αὐλῶν.

Tradução de Gilda Reale:

Virgens portadoras da chuva, vamos ver a brilhante cidade de Palas, terra de heróis, de Cécropo, amável país! É lá que existe a veneração de inefáveis mistérios, e, nas cerimônias sagradas, um santuário aberto aos iniciados, com dádivas aos deuses do céu; altivos templos, estátuas, sacratíssimas procissões aos bem-aventurados, sacrifícios cheios de coroas, festins em todas as estações, e, ao chegar a primavera, a festa de Brorno (*sic*), a exaltação melodiosa dos coros e o canto das flautas de surdos ressonos.

Tradução de Junito de Souza:

Virgens portadoras da chuva, dirijamo-nos ao esplêndido país de Palas, a pátria dos heróis, a terra querida de Cécrops, onde se celebram sagrados mistérios; um santuário se abre com santas cerimônias, para receber os iniciados e aos deuses celestiais se oferecem presentes. Ali se erguem templos de tetos elevados, com estátuas e sacratíssimas procissões dos bem-aventurados; sacrifica-se aos deuses com lindas coroas; banquetes se realizam em todas as estações; na primavera celebra-se a festa de Brômio com provocantes e maviosos coros e com o frêmito grave das flautas.

Tradução de Mário da Gama Kury:

Nós, virgens portadoras da chuva, voamos para a terra esplêndida de Palas, pátria de heróis, terra amável de Cécrops, onde celebram-se ritos sagrados. Lá, para receber os iniciados, um santuário se abre em sacrossantas cerimônias, enquanto se fazem oferendas aos deuses do céu. Lá se erguem templos de altas cumeeiras cheios de estátuas; lá realizam-se sacratíssimas procissões aos deuses bem-aventurados, e com belas coroas realizam-se em todas as estações do ano sacrifícios e festas em honra das divindades; a primavera traz a festa de Brômio, a consagração dos coros melodiosos e o som penetrante das flautas.

Tradução de Magueijo⁸³:

Virgens portadoras da chuva,
 demandemos a luzente terra de Palas, visitemos

⁸³ Note-se que a tradução portuguesa de Magueijo acompanha a versificação do grego nas falas do Coro.

a pátria heróica e mui amável de Cécrope.
 É lá que se celebram os cultos inefáveis; é lá
 que em santas solenidades
 se abre o santuário que acolhe os iniciados;
 é lá também que aos deuses celestes se consagram oferendas;
 aí se erguem templos imponentes e estátuas,
 e se realizam santíssimas procissões em honra dos bem-aventurados;
 aí se oferecem engrinaldados sacrifícios aos deuses,
 com festins em todas as estações;
 aí, à entrada da Primavera, celebra-se a festa de Bromo,
 com o frenesim de melodiosos coros
 e a grave harmonia das flautas.

Tradução organizada por Baracat:

Ó virgens trazedoras da chuva, vamos ao reluzente solo de Palas, para ver a muito amada terra de Cécrope, geradora de bons homens, onde há reverência aos ritos ocultos e onde está a casa que recebe os iniciados nos sacros mistérios; onde há para os deuses celestes oferendas, e templos de altas abóbodas e estátuas, e procissões abençoadas e bem-coroadas festas com sacrifícios aos sacros deuses em todas as estações; e, na primavera, há a festa para Bromo, com provocações de coros afinados acompanhados pelo som grave dos aulos.

Nossa tradução⁸⁴:

Donzelas, senhoras da chuva,
 Rumemos para o untuoso país de Palas,
 contemplemos a terra varonil e mui amada
 de Cécrops. Nela se propala:
 culto e templo para iniciados
 nos mistérios; oferendas
 aos olímpicos; santuários
 com estátuas e abóbadas
 alterosas; hieráticos motetos
 em honra dos bem-aventurados;
 ininterruptos sacrifícios e guirlandas
 aos deuses; e, ao advir da primavera,
 a condecoração de Brômio: excitantes
 melodias corais sobre o surdo sonoro som dos aulos.

Como se pode verificar, com exceção dos cantos do Coro na tradução de Magueijo, todas as traduções em língua portuguesa vertem o texto em prosa. A presente tradução, por sua vez, dispõe-se a seguir, tanto quanto possível, o movimento de versificação do texto grego. Cabe salientar, não obstante, que não se está propondo uma equivalência métrica para os versos gregos – o que, no presente,

⁸⁴ Note-se que, no presente caso, foi a presente tradução quem abandonou a versificação do original, encurtando o número de versos.

foge de nossa possibilidade –, no máximo o que se propõe é uma tradução em versos livres. Seja como for, o ponto principal é que o acompanhamento da versificação tem permitido obter um texto mais fluído do que, acredita-se, se a opção de tradução fosse realizada em prosa. Na medida em que a presença dos versos nos parece reduzir a propensão para paráfrases explicativas ao longo da tradução.

1.6.2. Caracterização das personagens

O segundo ponto distintivo almejado pela presente tradução consiste na realização de uma caracterização sociolinguística para as falas dos personagens, os quais se inserem em distintos estratos sociais e níveis intelectuais. O fato é que Aristófanes não parece se importar muito com o reflexo de tais distinções no âmbito da redação textual. Em algumas comédias ele assim o fez, sobretudo para caracterizar diferenças dialetais ou distorções fonéticas de falante estrangeiros.

Por exemplo, nos *Acarnenses*, as elocuições de Pseudartabas, o embaixador do rei, variam de “barbaramente” ininteligíveis – ἰαρταμὰν ἐξάρξαν ἀπισσόνα σάτρα (v. 100) – até um grego deformado – οὐ λῆψι χρῦσο χαυνόπρωκτ ἴοναῦ (v. 104). Já nas *Tesmoforiantes*, o Arqueiro Cita também apresenta deformações quanto ao grego⁸⁵ – ἐνταῦτά νυν οἰμῶξι πρὸς αἰτρίαν (v. 1000), ἀλλὰ ταῦτα δρᾶς ἐγὼ (1002). A lição tradutória para essas passagens tem sido a de recriação das deformações sintáticas, ortográficas ou verbais. Veja-se, por exemplo, como Maria de Fátima Souza e Silva traduz as passagens mencionadas do *Acarnenses*: “Iartaman exarxas apisona satra” (v. 100) e “Tu não receber oura, não, cu-mole de Ione!” (v. 104). Por sua vez, referente às *Tesmoforiantes*, eis a tradução de Trajano Vieira: “Vóismichê lacrimígia nechti instântiu” (v. 1000) e “É isso o que eu já fácio” (v. 1002).

Não obstante, conforme mencionado, exceto em pequenas passagens, o mesmo não acontece no que tange às distinções sociais e intelectuais. Aristófanes, de uma perspectiva redacional, apresenta-se insensível quanto à caracterização do

⁸⁵ Em nota de tradução referente ao presente verso, Trajano Vieira (2011) explicita alguns elementos utilizados por Aristófanes para deturpar a linguagem do personagem: “Personagem bufão, caricatura do bárbaro (não falante do grego), o arqueiro comete todo tipo de deformação verbal, simplificando a sintaxe, anulando as aspirações, confundido as pessoas verbais etc”.

grego falado por um Estrepsíades – homem do campo, desprovido de memória, inapto para a intelectualidade –, daquele falado por um Sócrates – cidadão, diretor de uma escola sofística, intelectual perspicaz, afeito às investigações etéreas. Não que tal distinção inexista no autor, muito pelo contrário, todavia, ela não se imprime em distinções linguísticas, mas parece ficar a cargo do conteúdo das elocuções dos personagens⁸⁶: seja no interesse simplório, na confusão lógica e interpretativa de Estrepsíades; seja na presença de um vocabulário técnico na boca de Sócrates. Frente a tal contexto, diferentemente das traduções existentes da peça, pretende-se determinar linguisticamente as elocuções de cada personagem, buscando caracterizá-las a partir das notas que lhes são impressas extralinguisticamente, pelo próprio Aristófanes, no decorrer da obra.

A título de comparação, tome-se duas falas aleatórias, uma atribuída a Estrepsíades (v. 60-67) e outra a Sócrates (v. 227-234):

μετὰ ταῦθ', ὅπως νῶν ἐγένεθ' υἱὸς οὐτοσί, ἐμοί τε δὴ καὶ τῇ γυναικί τὰγαθῇ, περὶ τοῦνόματος δὴ 'ντεῦθεν ἐλοιδορούμεθα. ἡ μὲν γὰρ ἵππον προσετίθει πρὸς τοῦνομα, Ξάνθιππον ἢ Χάριππον ἢ Καλλιππίδην, ἐγὼ δὲ τοῦ πάππου 'τιθέμην Φειδωνίδην. τέως μὲν οὖν ἐκρινόμεθ'· εἴτα τῷ χρόνῳ κοινῇ ξυνέβημεν κάθεμεθα Φειδιππίδην.	οὐ γὰρ ἄν ποτε ἐξηῦρον ὀρθῶς τὰ μετέωρα πράγματα εἰ μὴ κρεμάσας τὸ νόημα καὶ τὴν φροντίδα λεπτήν καταμείζας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα. εἰ δ' ὦν χαμαὶ τᾶν κατὰ κῆρυκα ἐσκόπουσιν. οὐκ ἄν ποθ' ἡὔρον· οὐ γὰρ ἀλλ' ἡ γῆ βίᾳ ἔλκει πρὸς αὐτὴν τὴν ἰκμάδα τῆς φροντίδος. πᾶσχει δὲ ταῦτ' οὗτ' οὐ καὶ τὰ κάρδαμα.
Tradução de Gilda Reale: Depois disso, quando nós dois tivemos esse filho aí (<i>aponta o filho</i>), eu e minha boa mulher, desde logo brigávamos por causa do nome... Ela lhe juntava um "hipo": Xantipo, Caripo, ou Calípides. Eu escolhia o nome do avô, Fidônides. E discutíamos sem cessar! Depois, com o tempo, fizemos as pazes e, de comum acordo, escolhemos Fidípides.	Pois nunca teria encontrado, de modo exato, as coisas celestes se não tivesse suspenso a inteligência e não tivesse misturado o pensamento sutil com o ar, o seu semelhante... Se, estando no chão, observasse de baixo o que está em cima, jamais o encontraria. Pois de fato a terra, com violência atrai para si a seiva do pensamento. Padece desse mesmo mal até o agrião...

⁸⁶ Apesar do que, algumas vezes, Aristófanes ignora também este limite. Como acontece na passagem (335 et seq.) em que ele atribui a Estrepsíades a recitação de diversos extratos de versos líricos, completamente destoantes de sua figura: “fúria fulminante das líquidas Nuvens de raios serpeantes, tranças do centicéfalo Tifão, hálito voraz das borrascas, etérea fluidez, aduncas aves aeroflutuantes trombas d’água das nimbosas nuvens”. Como nota Rogers, não deve causar estranhamento a familiaridade de Estrepsíades com a poesia lírica: “Aristophanes frequently puts his criticisms into the mouths of characters who in real life would be quite unqualified to make them” (1916, p. 50).

Tradução de Junito de Souza: Depois quando nos nasceu, a mim e à minha esposa, este filho, começamos de imediato a brigar por causa do nome: ela propôs um nome com <i>hipo</i>: Xantipo, Caripo ou Calípdēs; eu propus o nome do avô, Fidônides. Discutimos por longo tempo; enfim chegamos a um acordo e o chamamos Fidípides.	Na realidade, jamais poderia eu penetrar com exatidão os assuntos celestes, se não erguesse a inteligência e não fundisse o pensamento sutil com o ar, seu congênere. Permanecendo no chão e observando cá de baixo as regiões celestes, nada descobriria, pois a terra atrai violentamente para si a seiva do pensamento. É exatamente isto que acontece com o agrião.
Tradução de Mário da Gama Kury: Logo depois do nascimento deste filho meu e de minha muito boa esposa, eu e ela discutimos sobre o nome a dar a ele. Ela queria que o nome tivesse alguma coisa que lembrasse “cavalo”: Xântipo, Cáripo ou Calípides. Eu, pensando no avô dele, queria que fosse Fidônides. A discussão durou muito tempo, mas finalmente a gente concordou com Fidípides.	De fato, nunca eu poderia distinguir as coisas celestes se não tivesse elevado meu espírito e misturado meu pensamento sutil com o ar igualmente sutil. Se eu tivesse ficado na terra para observar de baixo as regiões superiores, jamais teria descoberto coisa alguma, pois a terra atrai inevitavelmente para si mesma a seiva do pensamento. É exatamente isto que acontece com o agrião.
Tradução de Magueijo: Ora bem: depois nasceu-nos este filho meu e da minha rica mulher. Aí sim, tínhamos alterações por causa do nome a pôr ao menino: ela queria por força um nome em <i>hipo</i>... <i>Xantipo, Caripo, Calípides</i>... Eu cá por mim punha-lhe Fidônides, do nome do avô paterno. Discussões e mais discussões... até que por fim chegámos a um acordo e pusemos-lhe Fidípedes.	Claro... Nem de outro modo seria jamais possível interpretar correctamente os fenómenos celestes, se não suspendesse o espírito e misturasse o pensamento, que é subtil, com o ar que lhe é afim. Ora, se eu ficasse aí na terra, a observar aí de baixo as coisas cá de cima, nunca mais descobriria nada... o que é óbvio, porquanto a terra arrasta para si, à força, a seiva do pensamento... exactamente como sucede com os agriões...
Tradução organizada por Baracat: Depois disso, quando nos nasceu este filho meu e de minha boa mulher, logo brigávamos sobre o nome. Ela adicionava “hipo” ao nome: “Xantipo”, “Caripo” ou “Calípides”, já eu botava o nome do avô, “Fidônides”. Assim, por um tempo, portanto, divergimos. Então, finalmente, chegamos a um acordo e botamos “Fidípides”.	Eu não teria corretamente descoberto as coisas celestes se não tivesse suspenso o intelecto e o pensamento, e misturado o pensamento, que é sutil, com o ar, que lhe é afim. Se, estando no chão, eu especulasse de baixo sobre as coisas de cima, nunca as teria descoberto. Porque a terra forçosamente atrai para ela mesma a seiva do pensamento. Agriões sofrem a mesma coisa.

Nossa tradução Depois, quando o caburé ali nasceu, eu e minha briosa entestamos por conta dum nome pra ele. Ela intencionava um nome de grã-fino, do tipo <i>Philippe</i> ou <i>Chevalier</i>; eu punha o Fí-do-Nascimento do meu pai Foi longo o bate-testa, até acordarmos botar <i>Fi-d-ípe-des</i>.	Não houvesse sobrelevado o discernimento e consubstanciado a etérea reflexão com o congênere éter, jamais teria desvelado, com acribia, os fenômenos celestiais. E se ainda estivesse a explorar as coisas alterosas a partir da rasa superfície, nada teria desvendado outrora. Pois a força da terra atrai a seiva da reflexão, tal como sucede aos agriões.
---	---

Como se pode notar, os recursos utilizados para a realização de tal distinção não figuram nos índices de deturpação textual. O mais das vezes, tal expediente é realizado a partir da simples seleção vocabular: uma terminologia de registro mais regional – “caburé”, “minha briosa”, “entestamos”, “ela intencionava”, “eu punha”, “bate-testa”, “acordarmos botar” – para expressar o linguajar simplório de Estrepsíades; e uma terminologia de registro mais conceitual, com expressões de uso menos corrente – “sobrelevado”, “discernimento”, “consubstanciado”, “etérea reflexão”, “congênere éter”, “desvelado”, “com acribia”, “coisas alterosas”, “outrora” – para expressar o linguajar intelectualizado e soberbo de Sócrates. No mais, poucos são os outros elementos que figurariam em destaque: o uso de contrações, próprias da linguagem falada, para Estrepsíades – “dum”, “pra”, etc –; e, contrariamente ao princípio geral de economia textual, uma linguagem mais prolixa destinada para a expressão de Sócrates.

Nesse sentido, procurou-se reconstruir, no domínio da linguagem, as características sociolinguísticas de cada um dos personagens. Uma linguagem mais jurídica para os Discursos Justo e Injusto, uma linguagem mais formal para a Esposa⁸⁷, mais coloquial para o Escravo e os credores e, por fim, mais sentencial para o Coro e o Corifeu⁸⁸. Ademais, personagens que sofrem metamorfose em seu caráter, ao longo da peça, também tiveram seus discursos transformados, como é o caso de

⁸⁷ A Esposa somente aparece como personagem em discurso indireto, mas suficiente para explicitar a contradição explícita entre a rusticidade de Estrepsíades e a aspiração aristocrática de sua cônjuge: “Nisso ela agarrava o menino e ninava: / ‘Quando cresceres, conduzirás um carro / rumo à acrópole, envolto em longa túnica, / tal qual teus antepassados’. Eu destoava: / ‘É certo que vais carrear ... cabras ... / pra além do trecho pedrento, que nem teu pai, / entrajado num gibão-de-couro’” (v. 68-74).

⁸⁸ Para tanto, operamos, sempre que possível, um retardamento verbal nas elocuições.

Estrepsíades⁸⁹ e, sobretudo de Fidípedes, um protótipo de jovem aristocrata – dir-se-ia hoje de um *playboy* – no início da peça e, após seu *privatissimum* com Sócrates, um pseudointelectual semelhante aos demais discípulos do filósofo-sofista.

Com os referidos parâmetros – economia de linguagem e caracterização das personagens –, espera-se obter um texto mais fluido, resultante da concisão textual, e que, ao menos em algumas passagens, consiga evocar no público moderno as intenções pretendidas por Aristófanes para como sua audiência. Nesse sentido, ficaríamos por demais satisfeitos se conseguíssemos, mesmo que em momentos bem pontuais, suscitar em nosso leitor o *télós* último de toda produção cômica, a saber: a evocação do riso. Caso assim ocorra, tais passagens constituirão a prova de que a tradução, por fim, de fato se realizou.

⁸⁹ Tome-se como exemplo a passagem (v. 319-322) em que Estrepsíades, inspirado pela aproximação das *Nuvens*, emula na linguagem, dentro dos seus limites, uma suposta transformação intelectual: “Então é isso: foi escutar o hino delas e meu juízo revoou; / já principio a parolar, a argueirar fumaça e a desdizer uma fala / com outra falinha de locução mais espevitada. / Se for lícito, quero as contemplar *tête-à-tête*”.

2. TRADUÇÃO DAS *NUVENS* (ΝΕΦΕΛΑΙ)

ΤΑ ΤΟΥ ΔΡΑΜΑΤΟΣ ΠΡΟΣΩΠΑ⁹⁰

ΣΤΡΕΨΙΑΔΗΣ

ΦΕΙΔΙΠΠΙΔΗΣ

ΞΑΝΘΙΑ (ΟΙΚΕΤΗΣ ΣΤΡΕΨΙΑΔΟΥ)

ΜΑΘΗΘΗΣ ΣΩΚΡΑΤΟΥΣ

ΣΩΚΡΑΤΗΣ

ΧΟΡΟΣ ΝΕΦΕΛΩΝ

Ο ΚΡΕΙΤΤΩΝ ΛΟΓΟΣ

Ο ΗΤΤΩΝ ΛΟΓΟΣ

ΠΑΣΙΑΣ (ΧΡΗΣΤΗΣ Α)

ΑΜΥΝΙΑΣ (ΧΡΗΣΤΗΣ Β)

ΧΑΙΡΕΦΩΝ

ΕΡΜΗΣ

ΜΑΡΤΥΣ κωφὸν πρόσωπον

⁹⁰ Ο quadro de personagens ora apresentado constitui uma adaptação daquele disposto na edição de Dover (1968, p. 6). As alterações foram realizadas com o intuito de: i) aumentar o grau de precisão na identificação dos personagens (e.g. ΠΑΣΙΑΣ (ΧΡΗΣΤΗΣ Α), em lugar de apenas ΧΡΗΣΤΗΣ Α, como em Dover); ii) adequar as divergências de opção da presente tradução em face do texto editado por Dover (e.g. ΧΑΙΡΕΦΩΝ ao invés de ΜΑΘΗΘΗΣ ΣΩΚΡΑΤΟΥΣ Β) e a inserção de ΕΡΜΗΣ. As razões para o segundo motivo serão apresentadas em notas ao longo da tradução.

PERSONAGENS

ESTREPSIADES: um velho campônes ateniense;

FIDIPEDES: filho de Estrepsíades;

XANTIAS: Escravo de Estrepsíades;

SOCRATES: sofista diretor do Matutatório;

DISCÍPULO DE SOCRATES

CORO DE NUVENS;

DISCURSO FORTE: um velho homem;

DISCURSO FRACO: um homem jovem;

PASIAS: primeiro credor de Estrepsíades;

AMNIAS: segundo credor de Estrepsíades;

QUEREFONTE: amigo de Sócrates, também diretor do Matutatório;

HERMES: deus do logro e das trapaças;

TESTEMUNHO (personagem mudo): amigo de Pásias

ΣΤΡΕΨΙΑΔΗΣ⁹¹

ἰοῦ ἰοῦ.

[v. 1-11]

ὦ Ζεῦ Βασιλεῦ, τὸ χρῆμα τῶν νυκτῶν ὅσον.

ἀπέραντον. οὐδέποθ' ἡμέρα γενήσεται.

καὶ μὴν πάλαι γ' ἀλεκτρυόνης ἤκουσ' ἐγώ.

οἱ δ' οἰκέται ρέγκουσιν. ἀλλ' οὐκ ἂν πρὸ τοῦ.

ἀπόλοιο δῆτ', ὦ πόλεμε, πολλῶν οὔνεκα,

ὅτ' οὐδὲ κολάσ' ἔξεστί μοι τοὺς οἰκέτας.

ἀλλ' οὐδ' ὁ χρηστὸς οὔτοσὶ νεανίας

ἐγείρεται τῆς νυκτός, ἀλλὰ πέρδεται

ἐν πέντε σισύραις ἐγκεκορδυλημένος.

ἀλλ' εἰ δοκεῖ, ρέγκωμεν ἐγκεκαλυμμένοι.

⁹¹ O texto grego, que segue a edição de Dover (1968), foi manualmente digitado. Eventuais equívocos devem nos ser, primeiramente, tributados e, posteriormente, cotejados com o original.

Duas casas figuram em cena: a maior delas é a residência de um velho avaro, a menor e mais modesta é o Matutatório dos sofistas. Ainda está escuro, mas a aurora já se encontra prestes a despontar. A porta da casa maior se abre. O “ekkyklema” arrasta seu interior e o expõe aos olhares da audiência: nele, dois homens estão deitados, cada qual em seu leito, o mais jovem dorme profundamente, o mais velho, insone, remexe-se e tosse. Enfim, o velho ergue-se em lamento.

(*Em solilóquio*)⁹²

Estrepsíades. Ai-ai,

[v. 1-11]

senhor Zeus, as noites não

acabam! E o dia que nunca nasce...

Já faz tempo que escutei o galo, só

que, diverso de antes, os criados roncam.

Que tu te danes, guerra! Pois, pra além

de tudo⁹³, não posso nem sovar os criados⁹⁴.

O jovem granfino⁹⁵ ali também não

é de madrugar; fica só peidando,

encaracolado nas cobertas⁹⁶.

(*Contrariado*).

Arre! Se não dá jeito, melhor a gente roncar abafado!

⁹² As didascálias apresentadas na presente tradução não constam no texto grego. Sua composição resulta ou de indicações presentes nas traduções consultadas, ou de nossa própria interpretação textual. O mesmo se aplica às notas de tradução. Cabe ainda observar que, por diversas vezes, as notas apresentarão propostas de tradução alternativa, frequentemente marcadas como “mais literais” ou “literalmente”, isto é, traduções que se aproximam mais da estruturação do texto grego em detrimento dos parâmetros adotados na presente tradução.

⁹³ Em prol do ritmo textual, sacrificamos a aliteração do verso grego: ἀπόλοιο δῆτ', ὦ πόλεμε, πολλῶν οὔνεκα. Uma tradução alternativa, que não recuperaria a aliteração fonética, mas que poderia, ao menos, mimetizar uma marcação gráfica entre diferentes fonemas, seria: “Que tu não te **ag**uentes, **gu**erra! Por tudo em **ge**ral e mais por eu não poder açoit**ar** os criados”.

⁹⁴ Neste ponto de seu lamento (v. 5-7), Estrepsíades alude diretamente a duas transformações operadas na relação entre senhores e escravos durante a guerra do Peloponeso. A primeira delas resultou de um movimento estratégico empreendido por Péricles, o qual, perante o avanço terrestre dos Lacedemônios, ordenara que os cidadãos camponeses abandonassem suas terras e se refugassem na cidade. De modo que, longe do campo, desprovidos de seus afazeres habituais, os escravos tornaram-se ociosos. A segunda transformação refere-se ao receio de que os escravos, caso maltratados, viessem a fugir e exilar-se junto ao exército inimigo.

⁹⁵ “Granfino” capta o tom sarcástico, segundo Dover (1968), raro na comédia ática.

⁹⁶ Literalmente: “peidando embaixo de cinco mantos”, geralmente confeccionados, de forma grosseira, com couro de cabra ou lã de ovelha, usados diuturnamente, ora como veste, ora como manto.

[v. 12-23]

ἀλλ' οὐ δύναμαι δείλαιος εὖδιν δάκνόμενος
 ὑπο τῆς δαπάνης καὶ τῆς φάτνης καὶ τῶν χρεῶν
 διὰ τουτονὶ τὸν υἱόν. ὁ δὲ κόμην ἔχων
 ἱππάζεται τε καὶ ξυνωρικεύεται
 ὄνειροπολεῖ θ' ἵππους. ἐγὼ δ' ἀπόλλυμαι
 ὀρῶν ἄγουσαν τὴν σελήνην εἰκάδας·
 οἱ γὰρ τόκοι χωροῦσιν. ἄπτε παῖ λύχνον
 κᾶκφερε τὸ γραμματεῖον, ἵν' ἀναγνῶ λαβὼν
 ὀπόσοις ὀφείλω καὶ λογίσωμαι τοὺς τόκους.
 φέρ' ἴδω, τί ὀφείλω; δώδεκα μνᾶς Πασίᾳ.
 τοῦ δώδεκα μνᾶς Πασίᾳ; τί ἐχρησάμην;
 ὅτ' ἐπριάμην τὸν κοππατίαν. οἴμοι τάλας,

(*Tenta sem sucesso pegar no sono, não conseguindo, dirige-se à audiência*).

Diacho, não consigo dormir! O gasto [v. 12-23]
com a estrebaria e as dívidas do
filho aí me carcomem⁹⁷. Ele, com
essa crina⁹⁸, galopeia, bigueia e
sonha com cavalos.

Já eu me descabelo,
vendo a lua galopar pro dia vinte:
que é quando os juros vencem⁹⁹

(*Dirige-se ao escravo*)

Ascende a lamparina, moleque,
traz cá a caderneta; preciso saber
a quem devo pra calcular os juros.
Deixa ver... o que devo...? Doze minas pro Pásias...
Donde¹⁰⁰ doze minas pro Pásias?!
Ah! Foi no arremate do puro-sangue¹⁰¹. Eta desgraça!

⁹⁷ “Não consigo dormir em desgraça, devorado” também se apresentaria como proposta para captar a aliteração da dental ἄλλ' οὐ δύναμαι δέιλαιος εὔδειν δάκνόμενος.

⁹⁸ No contexto da peça, literalmente: “o que tem cabelos longos”. No tempo de Aristófanes, o cabelo longo constituía marca característica dos condutores de cavalos e, por conseguinte, dos homens ricos. Note-se o efeito obtido pela tradução francesa de Marc-Jean Alfonsi: “Lui, portant longue *chevelure*, fait du *cheval*, conduit attelage à deux *chevaux* et rêve *chevaux*” (grifo nosso).

⁹⁹ As negociações de mercado de balcão eram realizadas em Atenas com vencimentos anuais ou mensais. O mês grego, por sua vez, era calculado a partir da movimentação da lua e possuía vinte e nove dias. Logo, o temor de Estrepsíades se dá em face da aproximação do vencimento dos empréstimos por ele contraídos.

¹⁰⁰ No verso τοῦ δώδεκα μνᾶς Πασίᾳ, τοῦ subtemde ἔνεκα, “por causa de que”. Utilizamos a contração “donde” como forma de marcar a elipse do original.

¹⁰¹ Literalmente: “Quando eu comprei o κοππατίαν”, isto é, o “cavalo marcado com a letra copa”. Cavalos de raça eram marcados com as letras dóricas san (M) ou copa (Q) e designados por: σαρφόρας e κοππατίαν (*Cavaleiros*, 604; *Nuven*, 122, 438 e 1298). Supõe-se que cavalos com a marca κόππα seriam oriundos de Corinto e remontariam à linhagem do lendário Pégasos. O sentido geral, não obstante, é claro, trata-se de um cavalo de raça de alto custo. A expressão “puro-sangue” subtemde esse sentido e, na versão para publicação, dispensará o uso de nota explicativa. “Cavalo puro-sangue” é também a lição da tradução organizada por Baracat (2013).

εἴθ' ἐξεκόπην πρότερον τὸν ὀφθαλμὸν λίθῳ.

[v. 24-29]

ΦΕΙΔΙΠΠΙΔΗΣ

Φίλων, ἀδικεῖς. ἔλαυνε τὸν σαυτοῦ δρόμον.

Στ. τοῦτ' ἐστὶ τοῦτὶ τὸ κακὸν ὃ μ' ἀπολώλεκεν·
ὄνειροπολεῖ γὰρ καὶ καθεύδων ἵππικὴν.

Φε. πόσους δρόμους ἔλᾱ τὰ πολεμιστήρια;

Στ. ἐμὲ μὲν σὺ πολλοὺς τὸν πατέρ' ἐλαύνεις δρόμους.

Antes uma pedra me varasse o olho¹⁰².

[v. 24-29]

(*Em sonilóquio*)

Fidípedes. Filão, trapaceiro, te até a tua raia!

Estr. Tal o mal que me desnorteia.

Até dormindo ele galopeia¹⁰³.

Fidi. Quantas voltas vão dar as bigas?

Estr. O entravo é que montas no teu pai pras tais tantas voltas¹⁰⁴.

¹⁰² Literalmente “Eu preferiria muito mais ter perdido o olho por uma pedra ou ter o olho arrancado por uma pedra” – jamais a lição de Gama-Kury “Por que não acertei uma pedrada no olho dele”. Note-se a alusão ao *tópos* dos episódios de reconhecimento do destino, tão característico nos personagens trágicos. Em relação ao último ponto, basta notar que a expressão οἱμοι τάλας presente no verso anterior, era de uso comum nas tragédias e guardava, justamente, a referida função. Aristófanes refere-se, ainda no verso anterior, ao cavalo κοππατίαν e, no verso presente, utiliza o verbo ἐκκόπτω. O jogo é claro: κοπ- (causa de sua ruína) e o ἐκ-κοπ- (opção de sua preferência). Uma boa solução para o referido trocadilho, mais conforme ao original, foi a encontrada por Gilda Reale: “Foi quando comprei o cavalo de raça”(…); Ai de mim, antes tivesse roçado o olho com uma pedra” – sobretudo pelo “roçar”, muito bem aplicado à concepção contemporânea do labutar do homem do campo. Outra opção de nossa lavra, mais próxima do texto, seria: “Ah! Foi na compra do varão de raça. Ai que desgraça!/ Antes ter tido a vista avariada por uma pedra”. Não obstante, preferimos a mais inventiva.

¹⁰³ Literalmente: “Pois mesmo dormindo ele sonha com equitação”. Outra opção para o verso seria: “Tal o mal que me danifica, até dormindo ele sonha com hípica”.

¹⁰⁴ Literalmente: “É a mim, teu pai, que tu obrigas dar muitas voltas”. Na nossa tradução, “essas tantas voltas” visa demarcar o sentido figurado assumido pelo verbo ἐλαύνω na boca de Estrepsíades, em contrapartida ao sentido completo do verso anterior. Note-se como o recurso utilizado por Aristófanes, de retomar a terminologia utilizada por Fidípides sob nova conotação – no presente caso metafórica –, ainda se faz de uso corrente na composição do gênero cômico. Por outro lado, “entravo” visa dar conta de ἐμὲ μὲν, conforme lição de Dover: “With a personal or demonstrative pronoun μὲν often means “at any rate...””.

ἀτὰρ τί χρέος ἔβα με μετὰ τὸν Πασίαν;
 τρεῖς μναῖ διφρίσκου καὶ τροχοῖν Ἀμεινία .

[v.30-36]

Φε. ἄπαγε τὸν ἵππον ἐξαλίσσας οἴκαδε.

Στ. ἀλλ' ὦ μέλ' ἐξήλικας ἐμέ γ' ἐκ τῶν ἐμῶν,
 ὅτε καὶ δίκας ὤφληκα χᾶτεροι τόκου
 ἐνεχυράσεσθαί φασιν.

Φε. ἐτεόν, ὦ πάτερ,
 τί δυσκολαίνεις καὶ στρέφει τὴν νύχθ' ὅλην;

(Retomando a caderneta)

Pois bem, qual gasto me atingiu após o Pásias?¹⁰⁵

[v.30-36]

Três minas pro Amínias, por um assento e um par de rodas.

Fidi. Vai! Espoja o cavalo¹⁰⁶ e leva ele embora.

Estr. Desnaturado! Quem tu despojas sou eu,
daquilo que é meu; mal findo um processo
e outros já acenam juro em juízo.

(Fidípedes acorda momentaneamente)

Fidi. Fala sério, pai.
Qualé a parada? Por que sacolejas a noite toda?

¹⁰⁵ De acordo com Dover (1968, p.96), o presente verso constrói-se como parodia de uma tragédia perdida de Eurípedes, conforme se verifica no fragmento preservado: τί χρέος ἔβα δῶμα (frag. 1001).

¹⁰⁶ Após as corridas, era hábito fazer os cavalos rolarem no chão, a fim de retirar-lhes o suor.

Στ. δάκνει μέ τις δήμαρχος ἐκ τῶν στρωμάτων.

[v. 37-44]

Φε. ἔασον ὦ δαιμόνιε καταδαρθεῖν τί με.

Στ. σὺ δ' οὔν κάθευδε. τὰ δὲ χρέα ταῦτ' ἴσθ' ὅτι
εἰς τὴν κεφαλὴν ἅπαντα τὴν σὴν τρέψεται.
φεῦ.

εἴθ' ὥφελ' ἢ προμνήστρι' ἀπολέσθαι κακῶς
ἥτις με γῆμ' ἐπῆρε τὴν σὴν μητέρα.
ἐμοὶ γὰρ ἦν ἄγροικος ἥδιστος βίος,
εὐρωτιῶν, ἀκόρητος, εἰκῇ κείμενος,

Estr. Estou sendo carcomido, dentro do baixeiro, por um procurador¹⁰⁷. [v. 37-44]

Fidi. Me deixa cochilar um pouco, Exu.

(*Fidípedes recai no sono*)

Estr. Então vai, dorme! Mas toma tento:

as dívidas vão cair em cima da tua cabeça.

Diacho!

Que morra à míngua a cupideira

que me fez enrabichar com tua mãe¹⁰⁸!

Minha vida, na roça, era das mais prazenteiras:

quieta, sem bagunça, só pata-ao-léu¹⁰⁹,

¹⁰⁷ No original lê-se a voz ativa: “Um demarco morde-me debaixo do cobertor”. A tradução pela voz passiva visa captar um efeito corriqueiro para as línguas declinadas, a saber: o retardamento da enunciação do sujeito da ação. Recurso que, no presente caso, permite um jogo de sentidos entre o esperado e o inusitado. De fato, na ordem da redação, o texto grego aparece como se segue: “morde-me um certo demarco de dentro do cobertor”. Ora, dado o contexto da cena, o verbo δάκνω poderia suscitar na audiência a expectativa de que o sujeito da mordida fosse algum inseto, τις ψύλλα, τις κόρις... O qual, ao se revelar como τις δήμαρχος, almejaria provocar um efeito cômico. Sobre tudo se, no momento da pronúncia, o ator realizasse uma pausa entre δάκνει μέ τις... δήμαρχος – infelizmente, contudo, isso não nos é dado saber. Assim sendo, para captar o efeito de retardamento do sujeito, optamos pelo uso da voz passiva: “eu estou sendo mordido... por um procurador de justiça”. Por fim, στρῶμα significa a “colcha”, “a coberta” e, também, “a manta do cavalo”. Concretamente, Estrepsíades enrola-se em um manto, mas, dado às alusões de que o filho o monta, o despoja, etc, preferimos dar um sentido figurado ao adjetivo, entendendo que ele esteja enrolado na manta de um cavalo, daí “baixeiro”. Por “procurador” entende-se o *demarco*, magistrado anualmente eleito pelos *demoi*, a quem competia, entre outras coisas, citar judicialmente os devedores de seu distrito, assim como confiscar os bens daqueles que, deliberadamente, ignorassem as decisões proferidas contra eles – como informa o Escoliasta: ἐνεχυράζειν τοὺς ἀγνώμονας τῶν χρεωστῶν.

¹⁰⁸ A προμνήστρια desempenhava a função de casamenteira no mundo grego (μνύομαι é o verbo que explicita o desejo manifesto por um homem em tomar uma mulher como esposa, daí, “aspirar a casar”, “cortejar”, como na expressão μνᾶσθαι γάμον “procurar ou propor casamento”). Tarefa de suma relevância em uma sociedade que excluía as mulheres do convívio social. A ponto de, na maior parte das vezes, o único conhecimento dado a um homem sobre sua futura esposa ser aquele obtido via os elogios da προμνήστρια. Em face disso, preferimos confeccionar o neologismo “cupideira” a adotar a lição corrente: “proxeneta” ou “alcoviteira” – todos dois com um teor libidinoso ausente na referida prática. A opção de Gama-Kury por “fofoqueira” é equivocada. Na presente passagem, Estrepsíades queixa-se de uma suposta propaganda enganosa, por parte da “cupideira”, em prol da esposa.

¹⁰⁹ Literalmente: “era ficar deitado à toa”. “Pata-ao-léu” parece-nos um achado.

βρύων μελίτταις καὶ προβάτοις καὶ στεμφύλοις.

[v. 45-50]

ἔπειτ' ἔγημα Μεγακλέους τοῦ Μεγακλέους

ἀδελφιδῆν ἄγροικος ὦν ἐξ ἄστεως,

σεμνήν, τρυφῶσαν, ἐγκεκοισυρωμένην.

ταύτην ὅτ' ἐγάμουν, συγκατεκλινόμην ἐγὼ

ὄζων τρυγός, τρασιᾶς, ἐρίων, περιουσίας,

farta de abelhas, ovelhas e azeitonas.

[v. 45-50]

Até que eu, homem do mato, casei com

uma cocota da cidade¹¹⁰, uma Mégacles de Mégacles¹¹¹,

cheia de não-me-toques¹¹², pura patricinha¹¹³.

Quando casamos, eu deitava exalando a

vinho barato, figo seco, lã e abastança¹¹⁴;

¹¹⁰ O adjetivo σεμνός designa, por um lado, “venerável, augusto, sagrado, nobre, majestoso, imponente, respeitoso...”, por outro, “arrogante, altivo, orgulhoso”; ademais, também denota o sentido de “enfático e pomposo”. Justamente nessa última acepção encontramos a gíria “cocota”, que não apenas cumpre a lição de Dover (1968, p. 99-100) – “a relação de σεμνός com σέβειν é proeminente (...), mas, aplicado ao gênero feminino, aproxima-se em sentido de ‘elegante’, implica um tipo de *sex-appeal*” e ainda abarca o sentido pejorativo implícito na caracterização de Estrepsíades.

¹¹¹ Literalmente: “a sobrinha de um Mégacles, filho de Mégacles”. Consoante a lição de Dover (1968, p. 99), Aristófanes desejava fazer referência a um nome grandiloquente, um nome adotado por diversos homens ricos e distintos da tribo dos Alcmeônidas.

¹¹² A expressão “cheia de não-me-toques” visa equivaler ao particípio τρυφῶσαν, tentamos, com esse expediente, concatenar dois sentidos subjacentes ao verbo τρυφᾶω, a saber: “ser delicado, efeminado” e “dar-se ares; ser arrogante; presunçoso”.

¹¹³ Literalmente: “semelhante a uma Césira”. O nome próprio Κοισύρας fez-se proverbial na antiguidade como designação de um tipo de vida aristocrático e pretensioso, próprio de uma “grande dama”. Aristófanes o menciona, pela primeira vez, nos *Acarnenses* (614), em uma passagem em que critica o excesso de privilégios e requinte na atuação diplomática de Lâmaco: “Isso está bem para o filho de uma Césira e aqui para o Lâmaco, que, ainda não há muito tempo, nem as contribuições nem as dívidas pagavam” (Trad. Maria de Fátima Sousa e Silva). Nova menção aparece nas *Nuvens* (800-801), em uma passagem em que Estrepsíades vincula o caráter autárquico do filho com a descendência materna: “É um tipo bem constituído, com sangue na gueira, da raça de mulheres empenachadas, como Césira” (Tradução de Magueijo). Em nossa versão, preferimos realizar uma adaptação extemporânea à peça, através do nome *Patrícia*, o qual, *mutatis mutandis*, comporta semelhante sentido e permite ao leitor uma compreensão imediata do intento de Aristófanes. Evidentemente, tal lição não é adotada pela grande maioria dos tradutores – exceto Gama Kury “metida a grande dama” –, mesmo quando eles explicitamente anteveem como vantagem a pronta compreensão do leitor. Custódio Magueijo, por exemplo, após traduzir ἑγκεκοισυρωμένην por “uma bonequinha mais elegante que Césira”, acresce a seguinte nota: “para dizer tudo isto, Aristófanes criou uma palavra, algo como ‘encesarada’ (...), i. e., ‘semelhante a Césira’. Esta senhora era, pelos vistos, um símbolo de elegância, além de bem conhecida do público, pois só assim se justifica a criação duma palavra destinada a fazer rir *imediatamente*. Embora a palavra não tenha tido vida longa, o processo faz lembrar o português *espampanante*, que deriva do nome duma artista italiana, *Spampani*, de aspecto e arreios muito... *espampanante*. Neste passo poderíamos mesmo traduzir por ‘toda espampanante’, que o leitor perceberia perfeitamente, mas não sei se seria legítimo eliminar o sentido dado pelo *contexto da situação*, que era o do tempo de Aristófanes”. Pois bem, nós consideramos legítimo.

¹¹⁴ Embora seja possível o entendimento de que ἐπίων περιουσίας constitui um sintagma, adotamos a lição de Dover (1968, p. 100), com a justificativa de que a enumeração de Estrepsíades comporta diversos outros elementos não olfativos.

ἢ δ' αὖ μύρου, κρόκου, καταγλωττισμάτων,
δαπάνης, λαφυγμοῦ, Κωλιάδος, Γενετυλλίδος.
οὐ μὲν ἔρῳ γ' ὥς ἀργὸς ἦν, ἀλλ' ἐσπάθα,
ἐγὼ δ' ἂν αὐτῇ θοῖμάτιον δεικνὺς τοδὶ
πρόφασιν ἔφασκον· ὦ γύναι, λίαν σπαθᾶς.

[v. 51-55]

já ela catingava¹¹⁵ perfume¹¹⁶, tintura, gastaça,
esganação, beijo de língua, luxúria e prenhez¹¹⁷. [v. 51- 55]

Não digo que era sem valia, pois bulia com a agulha.

A ponto de, direto e reto, eu lhe mostrar meu trajo e
dizer: mulher, teu fio é apertado demais¹¹⁸.

(A luz da lamparina começa a se apagar).

¹¹⁵ A introdução do verbo “catingar” visa explicitar o contraste entre: ἐγὼ ὄζων ... ἢ δ' αὔ.

¹¹⁶ Literalmente: “mirra”.

¹¹⁷ Nos dois últimos elementos de sua enumeração, Estrepsíades introduz dois epítetos de Afrodite: Cólías e Genétilis. O primeiro refere-se a um promontório ático que comportava um templo da Deusa ligado à geração, o segundo denota a faculdade própria de uma deusa do parto. Nos valem de “luxúria e prenhez” para captar o sentido expresso pela atividade da deusa, sem o recurso de ulteriores notas explicativas. Muitos tradutores introduzem, na passagem, o nome da deusa do amor, no intuito de caracterizar os seus epítetos, expediente que, não obstante, não os exime da introdução de nota explicativa quanto aos seus significados, por exemplo: “a Afrodite Cólías e Genétilis”, Brandão; “a Afrodite ... Colíade e Genétílida”, Magueijo; e “Aphrodite Cólías et Génétillis”, Alfonsi. A tradução de Bickley Rogers, por sua vez, traz uma perífrase “lordly modes of loving”, também seguida de nota explicativa; mesmo expediente adotado por Gilda Reale, “e outras luxúrias de Afrodite”, seguida de nota explicativa. Gama Kury, mais imaginativamente: “devota de Afrodite, padroeira do peru e das atividades dele”, também seguido de nota explicativa.

¹¹⁸ A passagem joga com duplo sentido. Literalmente, diz Estrepsíades que a mulher ocupava-se com os afazeres femininos – a tecelagem, como se sabe, incluía-se entre as principais atividades de uma mulher de boa educação desde o período homérico, como exemplifica Penélope, Helena, etc; o que ratifica a origem nobre de sua esposa –, não obstante, ela o fazia de modo extravagante e dispendioso. A extravagância, no presente caso, referia-se à confecção de pontos de bordado extremamente apertados, o que, para o sovina Estrepsíades, implicava, sobretudo, no desperdício de lã. O sentido outro possui conotação sexual, obtida a partir de um suposto uso de σπαθᾶω como gíria de baixo calão, denotativa da atividade sexual. Em nossa tradução, buscamos manter o sentido erótico a partir dos seguintes recursos: i) tradução de ἐσπᾶθα por “bulia com a agulha”; ii) tradução de ἱμῆτιον por um substantivo masculino, no caso “trajo”, na intenção de causar ambiguidade sobre o que era, de fato, mostrado por Estrepsíades à mulher – principalmente levando em conta que, durante a representação, seria possível que o ator apontasse para um ponto específico de sua vestimenta, sobretudo, aquele da religião da virilha; iii) tradução de λίαν σπατᾶω (lit. “tu apertas o fio excessivamente”) por “seu fio tá apertado demais”, no intuito de denotar uma conotação sexual entre “fio” e “fiofó”... Eis algumas traduções para o português à guisa de comparação: em Brandão, “Não direi que ela fosse preguiçosa, ao contrário, tecia. Eu mostrando-lhe este manto, escusava-me, dizendo: ‘Mulher, teces em demasia’”, seguido de nota explicativa; Magueijo, “Bem... não direi que ela fosse mandriona, pois... até tecia. Então eu, apontando-lhe aqui para o manto (*aponta a zona das virilhas*), aproveitava a ocasião para comentar: ‘Ó mulher, muito ‘teces’ tu!’...”, acompanhado de nota explicativa; Gama Kury, “Não quero dizer que ela era preguiçosa; ao contrário, as mãos dela estavam sempre ocupadas, e eu mostrava a ela o meu manto com alguma coisa dura por baixo, aproveitando para dizer: ‘Você sabe mexer muito bem com as mãos, mulher!’”, sem nota explicativa; Gilda Reale, “Por certo não direi que era preguiçosa, mas esbanjava. . . (*Com a mão debaixo do manto faz um gesto obsceno.*) E eu, mostrava-lhe este manto aqui, e, a propósito, costumava dizer-lhe: ‘Mulher, você desperdiça muita lã. . .’”, sem nota explicativa.

ΟΙΚΕΤΗΣ

[v. 56-65]

ἔλαιον ἡμῖν οὐκ ἔνεστ' ἐν τῷ λύχνῳ.

Στ. οἶμοι. τί γάρ μοι τὸν πότην ἥπτες λύχνον;
δεῦρ' ἔλθ' ἵνα κλάης.

Οἱ. διὰ τί δῆτα κλαύσομαι;

Στ. ὅτι τῶν παχειῶν ἐνετίθεις θρυαλλίδων.

μετὰ ταῦθ', ὅπως νῶν ἐγένεθ' υἱὸς οὐτοσί,
ἐμοί τε δὴ καὶ τῇ γυναικὶ τάγαθῇ,
περὶ τοῦνόματος δὴ 'ντεῦθεν ἐλοιδορούμεθα.
ἢ μὲν γὰρ ἵππον προσετίθει πρὸς τοῦνομα,
Ξάνθιππον ἢ Χάριππον ἢ Καλλιππίδην,
ἐγὼ δὲ τοῦ πάππου 'τιθέμην Φειδωνίδην.

Criado. Acabou o óleo da lamparina.

[v. 56-65]

Estr. Diacho! Pra que ligastes a beberona?

Vem cá, deixa te ensinar umas “lamúrias” ¹¹⁹.

Cria.

Por que devo lamuriar?

Estr. Por enfiar os pavios grossos pra dentro¹²⁰.

(Retoma a exposição interrompida pelo escravo)

Depois, quando o caburé ali nasceu,

eu e minha briosa¹²¹ entestamos

por conta dum nome pra ele. Ela

intencionava um nome de grã-fino,

do tipo *Philippe* ou *Chevalier*. Eu

punha o Fí-do-Nascimento do meu pai¹²².

¹¹⁹ Literalmente: “vem aqui, a fim de que tu chores”.

¹²⁰ Dado à inflação no preço do azeite, oriunda da escassez da oliva durante a guerra do Peloponeso, os atenienses passaram a economizar o óleo combustível, evitando utilizar pavios grossos nas lamparinas. Ao que tudo indica, não há nenhuma contação sexual implícita no verso, não obstante, como o texto grego suprime o termo “lamparina” em (lit.) “porque tu colocavas os pavios grossos ... [nas lamparinas]”, a manutenção da supressão acabou por promover um duplo sentido na tradução, o qual mantemos de bom grado em face da larga presença de tal manifestação no curso da obra e de nossa utilização do recurso da compensação tradutória.

¹²¹ “Briosa” visa captar a segunda ocorrência de uma adjetivação sarcástica, tal qual aquela do verso oito.

¹²² Eis uma passagem difícilíssima para o tradutor. Literalmente, diz Estrepsíades: “Pois, enquanto ela propunha um “hipo” no nome – Xantipos, Caripos ou Calípides –, eu colocava o “Fidônides” do meu pai”. Logo, na ótica grega, o nome “Fidípedes” resultaria de uma mistura consensual entre “Fid-” e “Hippo”. Radicais que, por meios diversos, explicitavam a radical oposição entre o casal: sendo os nomes próprios compostos com *hippo-* marca das castas mais nobres da sociedade, enquanto o radical *Fid-* ligava-se ao verbo *φείδομαι* – entre outros sentidos: “poupar”. Acresce-se o fato de que todos esses nomes, como de praxe entre os gregos, possuíam uma significação própria, sendo que “Fidípedes” equivaleria a algo como “o Poupa-cavalos” – irônico e cômico frente ao argumento da peça. Evidentemente, encontrar nomes que equivalham em sentido aos enumerados no texto grego e que, ainda por cima, por vias da manutenção do radical, resultem na composição do nome próprio do personagem seria impossível. Em razão do que, optamos por uma adaptação da passagem, a qual: i) evita a transliteração dos nomes próprios enumerados por Estrepsíades – Xantipos, Caripos, e Calípides (literalmente algo como: “cavalo rubro”, “cavalo gracioso” e “cavalo belo”, respectivamente) – e os substitui por dois nomes franceses – Phillipe e Chevalier –, no intuito de, por um lado, dar uma conotação “grã-fina”, como a pretendida pela esposa e, por outro lado, no intuito de manter nos nomes em xequê dois radicais que denotam “cavalos” – “Hippo-” e “Cheval –”; ii) substitui o nome próprio enumerado como a opção de Estrepsíades – Fidônides – por “fí-do-nascimento”, no intuito de preservar,

[v. 66-80]

τέως μὲν οὖν ἐκρινόμεθ'· εἴτα τῷ χρόνῳ
 κοινῇ ξυνέβημεν κάθεμεθα Φειδιππίδην.
 τοῦτον τὸν υἱὸν λαμβάνουσ' ἐκορίζετο·
 “ὅταν σὺ μέγας ὦν ἄρμ' ἐλαύνῃς πρὸς πόλιν,
 ὥσπερ Μεγακλῆς, ξυστίδ' ἔχων –” ἐγὼ δ' ἔφην·
 “ὅταν μὲν οὖν τὰς αἴγας ἐκ τοῦ φελλέως,
 ὥσπερ ὁ πατήρ σου, διφθέραν ἐνημμένος –”.
 ἀλλ' οὐκ ἐπείθετο τοῖς ἐμοῖς οὐδὲν λόγοις,
 ἀλλ' ἵππερόν μου κατέχεεν τῶν χρημάτων.
 νῦν οὖν ὅλλην τὴν νύκτα φροντίζων ὁδοῦ
 μίαν ἡῦρον ἀτραπὸν δαιμονίως ὑπερφυᾶ,
 ἦν ἦν ἀναπείσω τουτονί, σωθήσομαι.
 ἀλλ' ἐξεγεῖραι πρῶτον αὐτὸν βούλομαι.
 πῶς δῆτ' ἂν ἤδιστ' αὐτὸν ἐπεγείραιμι; πῶς;
 Φειδιππίδην, Φειδιππίδιον.

Φε.

τί, ὦ πάτερ;

em alguma medida, o sentido patronímico pretendido pelo personagem – graças ao “Nascimento” –, assim como equivaler foneticamente “fi-do...” com “fid”, permitindo, portanto, que o nome do personagem “Fidípedes” possa se dar via a composição de “Fí- de -Hippo”. Obviamente nos foi impossível, frente a tal expediente, manter a consonância semântica impressa nos vocábulos. Apresentaremos a seguir, à guisa de comparação, algumas traduções da presente passagem: Junito Brandão, “ela propôs um nome com *hipo*, Xantipo, Caripo ou Calípides; eu propus o nome do avô, Fidônides”, seguido de nota explicativa; Custódio Magueijo, “ela queria por força um nome em *-hipo*... Xantipo, Caripo, Calípides... Eu cá por mim punha-lhe Fidónides, do nome do avô paterno”, seguido de diversas notas explicativas; Baracat, “Ela adicionava *hipo* ao nome: Xantipo, Caripo ou Calípides, já eu botava o nome do avô, *Fidônides*”, seguido por nota explicativa; Gilda Reale, “Ela lhe juntava um *hipo*: Xantipo, Caripo, ou Calípides. Eu escolhia o nome do avô, Fidônides..., acompanhado de nota explicativa; e, por fim, Gama Kury, “Ela queria que o nome tivesse alguma coisa que lembrasse *cavalo*: Xântipo, Cáripo ou Calípides. Eu, pensando no avô dele, queria que fosse Fidônides, seguido de notas explicativas. Como se vê, a preferência de todos os tradutores mencionados foi: manter a transliteração dos nomes gregos e completar o sentido da passagem a partir de notas explicativas. Nós, no intuito de suprimir as notas explicativas e, ainda assim, dar a perceber algo do sentido grego ao leitor moderno, nos afastamos do texto grego.

Στ. κύσον με καὶ τὴν χεῖρα δὸς τὴν δεξιάν.

[v. 81-91]

Φε. ἰδοῦ. τί ἐστίν;

Στ. εἰπέ μοι, φιλεῖς ἐμέ;

Φε. νῆ τὸν Ποσειδῶ τουτονὶ τὸν ἵππιον·

Στ. μή μοι γε τοῦτον μηδαμῶς τὸν ἵππιον·
οὗτος γὰρ ὁ θεὸς αἰτιός μοι τῶν κακῶν.
ἀλλ' εἴπερ ἐκ τῆς καρδίας μ' ὄντως φιλεῖς,
ὦ παῖ, πιτοῦ.

Φε. τί οὖν πίθωμαι δῆτά σοι;

Στ. ἔκτρεψον ὡς τάχιστα τοὺς σαυτοῦ τρόπους
καὶ μάθθ' ἐλθὼν ἂν ἐγὼ παραινέσω.

Φε. λέγε δῆ, τί κελεύεις;

Στ. καί τι πείσει;

Φε. πείσομαι,
νῆ τὸν Διόνυσον.

Estr. Estica a mão e toma a bênção!¹²⁷

[v. 81-91]

(Bocejando)

Fidi. Tua benção. O que ocorre?¹²⁸

Estr. Gostas de mim?

Fidi. Claro! Por Poseidôn!

Estr. Não me jures pelo protege-cavalo!

Toda minha desgraça galopa junto dele.

Agora, se me estimas, do fundo do
peito, presta obediência.

Fidi. Em quê?

Estr. Larga dessa vida e
atina com meus conselhos¹²⁹.

Fidi. Que mandas?

Estr. Vais obedecer?

Fidi. Na boa!

Juro por Dioniso.

¹²⁷ Literalmente: “Beija-me e dá a mão direita”.

¹²⁸ “Tua benção” traduz a interjeição *ĩdōú*, na sua acepção de “oferta e recebimento”. A tradução de *τί ἐστίν* por “o que ocorre”, por sua vez, tenta religar foneticamente as palavras de Fidípedes com sua obsessão característica: “o-corre”, “corre”, “corrida de cavalos”.

¹²⁹ Literalmente algo como: “Abandona, imediatamente, os seus hábitos e aprende o que eu vier a te aconselhar”.

Στ. δεῦρό νυν ἀπόβλεπε.

[v. 92-101]

ὀρᾷς τὸ θύριον τοῦτο καὶ τοῖκίδιον;

Φε. ὀρῶ. τί οὖν τοῦτ' ἐστὶν ἐτεόν, ὦ πατερ;

Στ. ψυχῶν σοφῶν τοῦτ' ἐστὶ φροντιστήριον.

ἐνταῦθ' ἐνοικοῦσ' ἄνδρες οἱ τὸν οὐρανὸν
λέγοντες ἀναπείθουσιν ὥς ἔστιν πνιγεύς,
κᾷστιν περὶ ἡμᾶς οὗτος, ἡμεῖς δ' ἄνθρακες.
οὗτοι διδάσκουσ', ἀργύριον ἦν τις διδῶ,
λέγοντα νικᾶν καὶ δίκαια κᾷδικα.

Φε. εἰσὶν δὲ τίνες;

Στ. οὐκ οἶδ' ἀκριβῶς τοῦνομα.

μεριμνοφροντισταὶ καλοὶ τε κάγαθοί.

Estr. Olha ali! [v. 92-101]
Vês o barraco com a portinhola?

Fidi. O que é aquilo?

Estr. O matutatório dos espíritos sabidos.
Os cabras dali, a poder da lábia¹³⁰,
provam que o espaço ao redor é
uma churrasqueira e nós os carvões¹³¹.
Já pra quem chucha bufunfa, ensinam o
ganho de causa, com ou sem justiça.

Fidi. Quem são?

Estr. Os nomes me fogem:
hão de ser maturadores, gente
garbosa e aperfeiçoada¹³².

¹³⁰ “Só com a lábia” tenta traduzir o participio durativo de λέγω, justamente sob a conotação do “falar erístico”, que, a partir do verso noventa e oito, será amplamente associado aos “sábios” da “escola socrática”. Faz-se de bom grado destacar que, quando da representação da peça, a distinção entre “filosofia” e “sofística” ainda não se fazia consistente na audiência. Ademais, tal atribuição consta como um dos tópicos presentes na acusação contra Sócrates e, a confiar em Platão, um dos principais objetos de contraposição durante sua defesa.

¹³¹ A associação entre Sócrates e uma investigação de cunho *physiológico* constitui outro dos pontos capitais presentes e combatidos na *Apologia de Sócrates*. A despeito do tom propositadamente jocoso da passagem, segundo Dover (1968, p. 106), a teoria em representação passa por ser de autoria ou do ateniense Méton, ou do pitagórico Hípon.

¹³² “Hão de ser matutadores” traduz μεριμνοφροντισταί, um composto de μέριμνα (que, segundo Dover, constituía terminologia filosófica nos escritos de Empédocles) – e de φροντιστής. Como já traduzimos o equivalente locativo do último elemento de composição do referido termo por “Matutatório”, optamos por enfatizar o sentido do último radical do composto. Já “gente garbosa e aperfeiçoada” pretende, no linguajar de Estrepsíades, designar a famosa fórmula discricionária dos homens de valor: καλοί τε κάγαθοί.

[v. 102-118]

Φε. αἰβοῖ, πονηροί γ', οἷδα. τοὺς ἀλαζόνας,
τοὺς ὠχριῶντας, τοὺς ἀνυποδήτους λέγεις,
ᾧν ὁ κακοδαίμων Σωκράτης καὶ Χαιρεφῶν.

Στ. ἦ ἦ, σιώπα. μηδὲν εἶπης νήπιον.
ἀλλ' εἴ τι κήδει τῶν πατρῶων ἀλφίτων,
τούτων γενοῦ μοι, σχασάμενος τὴν ἵππικὴν.

Φε. οὐκ ἂν μὰ τὸν Διόνυσον εἰ δοίης γέ μοι
τοὺς Φασιανοὺς οὓς τρέφει Λεωγόρας.

Στ. ἴθ', ἀντιβολῶ σ', ᾧ φίλτατ' ἀνθρώπων ἐμοί,
ἐλθὼν διδάσκου.

Φε. καὶ τί σοι μαθήσομαι;

Στ. εἶναι παρ' αὐτοῖς φασὶν ἄμφω τῷ λόγῳ,
τὸν κρείττον', ὅστις ἐστί, καὶ τὸν ἥττονα.
τούτοιον τὸν ἕτερον τοῖν λόγοιν, τὸν ἥττονα,
νικᾶν λέγοντά φασι τᾷδικώτερα.
ἦν οὖν μάθης μοι τὸν ἄδικον τοῦτον λόγον,
ἃ νῦν ὀφείλω διὰ σέ, τούτων τῶν χρεῶν
οὐκ ἂν ἀποδοίην οὐδ' ἂν ὀβολὸν οὐδενί.

Fidi. Putz-grilo! Conheço os fodidos!

[v. 102-118]

Charlatões hepáticos e de pés-sujos¹³³:
tipos sinistros como Sócrates e Querefonte¹³⁴.

Estr. Xiii! Fecha a matraca! Deixa de baboseira!

(Em tom ameno e conciliador)

Se tens algum apreço pelo pão paterno,
dá ré nesse trem de cavalo e vira um deles.

Fidi. Por Baco, nem se me desses
as águias de estimação do Leógoras¹³⁵.

Estr. *Ô coisinha tão bonitinha do pai,*
eu imploro, vai e granjeia instrução!

Fidi. Aprender o quê?

Estr. É fala do povo terem duplo palavrório:
o taludo – que é o que é – e o franzino.
Dizem que o franzino vence, à custa
da lábia, as causas imerecidas.
Se me aprendes o palavrório injusto,
não vou pagar nenhum tostão
do que devo por tua culpa.

¹³³ Literalmente: “descalços”; logo: “pés-sujos”.

¹³⁴ Reconhecido amigo de Sócrates, segundo Platão (*Apologia*, 20-e), foi ele o consulente do oráculo que motivou a atividade filosófica de Sócrates. Aristófanes menciona-o por diversas vezes: ora como um sujeito amarelento (*As Vespas*, 1407-1410), ora como discípulo do Matutatório (*Nuvens*, 104; 144-164; 830; 1465-1467), ora como parecido a um morcego (*As Aves*, 1564).

¹³⁵ Leógoras, jovem nobre, extremamente rico, ligado por matrimônio à família de Péricles, importava faisões da Ásia. Atividade dispendiosa e extravagante.

Φε. οὐκ ἂν πιθοίμην· οὐ γὰρ ἂν τλαίην ἰδεῖν
τοὺς ἵππείας τὸ χρῶμα διακεκναισμένος.

[v. 119-132]

Στ. οὐκ ἄρα μὰ τὴν Δήμητρα τῶν γ' ἐμῶν ἔδει
οὔτ' αὐτὸς οὔθ' ὁ ζύγιος οὔθ' ὁ σαμφόρας,
ἀλλ' ἐξελῶ σ' εἰς κόρακας ἐκ τῆς οἰκίας.

φε. ἀλλ' οὐ περιόψεται μ' ὁ θεῖος Μεγακλῆς
ἄνιππον. ἀλλ' εἴσειμι, σοῦ δ' οὐ φροντιῶ.

Στ. ἀλλ' οὐδ' ἐγὼ μέντοι πεσῶν γε κείσομαι,
ἀλλ' εὐξάμενος τοῖσιν θεοῖς διδάξομαι
αὐτὸς βαδίζων εἰς τὸ φροντιστήριον.
πῶς οὔν γέρων ὦν κάπιλήσιμων καὶ βραδὺς
λόγων ἀκριβῶν σκινδαλάμους μαθήσομαι;
ἰητέον. τί ταῦτ' ἔχων στραγγεύομαι
ἀλλ' οὐχὶ κόπτω τὴν θύραν; παῖ, παιδίον.

Fidi. Tô fora! Se perco o bronzado não tenho moral nem de olhar pra rapaziada do Jóquei¹³⁶.

[v. 119-132]

Estr. Pois então nem tu nem tua cavalaria¹³⁷ vão comer do meu pão; juro por Deméter que te mando pra rua... pro meio do quincumbim!

Fidi. De boa! Meu tio Mégacles não vai me deixar desprovido de... cavalos. Fui!
(*Entra para a casa*)

Estr. Caí do cavalo, mas não vou espojar no chão¹³⁸: depois da reza, vou rumar pro Matutatório e tomar, eu mesmo, as lições.

(*Meditativo e hesitante, depois resoluto*)
Como um velho deslembado e lerdo das ideias vai poder aprender, em detido, aquelas agudezas¹³⁹?
Bão... já embromei demais. Melhor bater na porta.
Criado, criadinho!

¹³⁶ “Perder o bronzado” pretende traduzir a locução τὸ χρῶμα διακεκναισμένος, conforme indicação explícita do Bailly [verb. Διακναιώ]: “qui a perdu ses couleurs (litt. à qui l’on a gratté ses couleurs comme avec les ongles)”. “Rapaziada do Jóquei”, por sua vez, pretende traduzir τὸ ἵππεύς.

¹³⁷ Literalmente: “nem tu próprio, nem o ajujo, nem o marchador” (οὔτ' αὐτὸς οὔθ' ὁ ζύγιος οὔθ' ὁ σμφόρας).

¹³⁸ Literalmente: “Mas, certamente, não ficarei estendido por ter caído”. Trata-se de uma expressão de linguagem que, dado o contexto da peça, pode muito bem ser traduzida pela locução “cair do cavalo”.

¹³⁹ Platão (*República*, VI, 486 c-d), ao tratar sobre a natureza do filósofo, justifica o receio de Estrepsíades ao elencar a facilidade de aprendizado e a memória como requisitos para o reconhecimento da alma filosófica: [dialogam Sócrates e Gláucon] “— Decerto não descurarás este outro ponto, segundo julgo. — Qual? — Se aprende bem ou com dificuldade. Ou não pensas que jamais se dedicará suficientemente a um trabalho aquele que o executa penosamente e a custo consegue alguma coisa? — Jamais. — E se não fosse capaz de reter nada do que aprendesse, por ser muito esquecido (λήθης ὢν πλέως)? Acaso poderia deixar de ser vazio de ciência? — Como poderia? — Se o seu esforço for vão, não te parece que será forçado, por último, a detestar-se a si e a essa sua actividade? — Como não? — Por conseguinte, jamais admitiremos uma alma sem memória (ἐπιλήσμονα ψυχὴν) entre as que são suficientemente filosóficas, mas antes procuraremos que ela seja necessariamente (sic) dotada de memória (μνημονικήν). — Absolutamente” (Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira). Tanto Aristófanes quanto Platão valem-se do mesmo adjetivo (ἐπιλήσμων, ov), derivado de ἐπιλήθω (v.a.) e ἐπιλανθάνομαι (v.m.) para caracterizar a referida “ausência de memória”.

Μα. βάλλ' εἰς κόρακας. τίς ἐσθ' ὁ κόψας τὴν θύραν;

[v. 133-140]

Στ. Φεῖδωνος υἱὸς Στρεψιάδης Κικυννόθεν.

Μα. ἀμαθὴς γε νῆ Δί', ὅστις οὕτωςι σφόδρα
ἀπεριμερίμνως τὴν θύραν λελάκτικας
καὶ φροντίδ' ἐξήμβλωκας ἐξηυρημένην.

Στ. σύγγνωθί μοι· τηλοῦ γὰρ οἰκῶ τῶν ἀγρῶν.
ἀλλ' εἶπέ μοι τὸ πρᾶγμα τοῦξημβλωμένον.

Μα. ἀλλ' οὐ θέμις πλὴν τοῖς μαθηταῖσιν λέγειν.

(*Gritando do interior da casa*)

[v. 133-140]

Discípulo Vá para o bátrato¹⁴⁰! Quem violentou a porta?

(*Com deferência*)

Estr. Estrepsíades, filho do Feidôn,
nascido-e-criado na Cochinchina¹⁴¹.

(*O discípulo entreabre a porta do pensatório*)

Disc. Por Zeus, somente um quadrúpede¹⁴²
acalcanharia a porta com tal brutalidade,
a ponto de abortar¹⁴³ a reflexão em eclosão.

Estr. Perdão. É que vivo na lonjura da
roça. Conta: o que teve abortamento?

Disc. Interdito é mencionar¹⁴⁴, exceto aos iniciados.

¹⁴⁰ Literalmente: “vai para os corvos”. Em versos anteriores, na boca de Estrepsíades, traduzimos a expressão por “quincumbim”, agora, na boca do discípulo, por “bátrato”, a fim de demarcar as características sócio-linguísticas dos personagens e denotar a sofisticação linguística e prepotente dos discípulos do pensatório.

¹⁴¹ Somente agora é dado saber o nome próprio de Estrepsíades, embora já soubéssemos seu patronímico. O demo de Cicina não nos é geograficamente conhecido, embora Aristófanes ateste seu afastamento, daí: “cochinchina”. Por sua vez, a inserção da locução “nascido e criado” visa denotar o sentido geopatronímico impresso na intenção do personagem.

¹⁴² O adjetivo ἀμαθής designa “alguém sem conhecimento, insciente, logo, ignorante”, pejorativamente “tolo, imbecil”; outra acepção é aquela aplicada aos animais “selvagem, grosseiro, incivilizado”. Dado à associação feita na língua portuguesa entre a carga semântica do verbo com alguns animais quadrúpedes – burro, jumento e mula –, optamos traduzir por essa atribuição geral a fim de: denotar um certo caráter técnico no linguajar do discípulo; e, também, a fim de correlacionar o sentido do adjetivo com aquele do verbo λακτίζω – “bater com o pé, escoicear” – que, na sequência, determinará a ação de Estrepsíades.

¹⁴³ Platão retomará (*Teeteto*, 149 *et seq.*), sob uma ótica mais favorável do que a implícita na caricatura de Aristófanes, tanto o tema do método filosófico, enquanto procedimento “maiêutico”, como a noção de que o conhecimento provém de um partear de ideias.

¹⁴⁴ A fórmula οὐ θέμις ἐστι, “não é lei”, é comumente utilizada para expressar a negação de uma permissão. Com “Interdito é mencionar”, pretendemos enfatizar o caráter de iniciação esotérica presente em toda a passagem e, no curso da peça, associado às atividades do Matutatório. No mesmo intuito, traduzimos o substantivo μαθητής presente neste e no próximo verso por “iniciado”.

Στ. λέγε νυν ἐμοὶ θαρρῶν· ἐγὼ γὰρ οὐτοσὶ
ἦκω μαθητὴς εἰς τὸ φροντιστήριον.

[v. 141-147]

Μα. λέξω, νομίσαι δὲ ταῦτα χρή μυστήρια.
ἀνήρετ' ἄρτι Χαιρεφῶντα Σωκράτης
ψύλλαν ὁπόσους ἄλλοιτο τοὺς αὐτῆς πόδας.
δακοῦσα γὰρ τοῦ Χαιρεφῶντος τὴν ὀφρῦν
ἐπὶ τὴν κεφαλὴν τὴν Σωκράτους ἀφήλατο.

Estr. Então seja destemido no falar.

[v. 141-147]

Venho pra ser introduzido no Matutatório.

Disc. Revelarei. Entrementes, é mister...

reverenciar tais tópicos como se-cre-tos¹⁴⁵.

Recentemente, indefinida pulga aguilhoou o supercílio
de Querefonte e se transpôs para o crânio de Sócrates¹⁴⁶.

Ao que o último inquiriu: “qual distância uma pulga
consegue saltar em relação à medida dos próprios pés?”¹⁴⁷

¹⁴⁵ Literalmente: “Eu falarei (λέξω), mas (δὲ) é preciso considerar (χρή νομίσαι) tais assuntos como mistérios (ταῦτα μυστήρια)”. Ao que nos parece, esse verso marca o cume da associação pretendida por Aristófanes entre o caráter iniciático e esotérico com a instrução ministrada na escola de Sócrates. Após um crescendo sobre as atividades iniciáticas e intelectuais da escola – φροντίδ' ἐξήμβλωκας ἐξηυρημένην (137); ἀλλ' οὐ θέμις πλὴν τοῖς μαθηταῖσιν λέγειν (140); ἐγὼ ... ἦκω μαθητῆς εἰς τὸ φροντιστήριον (142-43) –, o presente verso (143) fixa o caráter esotérico das mencionadas atividades a partir da explicitação do substantivo μυστήριον. Assim sendo, na tentativa de maximizarmos a ênfase do caráter esotérico da iniciação no pensatório, adotamos as seguintes estratégias de tradução: i) traduzimos λέξω e νομίσαι, respectivamente, por “revelar” e “reverenciar”, a fim de denotar o caráter de revelação explícito na fala do discípulo; ii) traduzimos χρή ... μυστήρια por “é mister... secretos”, no intuito de dobrar o sentido esotérico explícito no verso, haja vista que “mister” guarda relação gráfica com “mistério”, ao passo que “secreto” retoma, aproximadamente, a nuance gráfica de χρή (se-χρή-to); iii) por fim, no intuito de enfatizar a inversão referida em ii, quebramos o verso em duas linhas, a fim de isolar o “mister” – ocasionando ambiguidade incidental com “Eu revelarei, não obstante é mister...io” –, como também separamos as sílabas de “se-cre-tos” – o que tanto poderia revelar certa hesitação na fala do discípulo, *tópos* da revelação, quanto destacar o gesto tradutório para o leitor mais atento ao texto grego. A seguir, destacaremos algumas traduções do presente verso à guisa de comparação: Brandão, “Direi então, mas é preciso guardar estas coisas em segredo”; Magueijo, “Então vai lá... Mas toma sentido que é segredo”; Gilda Reale, “Vou dizê-lo. Mas deve-se considerá-lo um mistério...”; Baracat, “Falarei, mas é necessário tomar essas coisas como mistérios”; e, enfim, Gama Kury, “Então vou dizer, mas é necessário manter estas coisas em segredo, como se fossem mistérios”.

¹⁴⁶ Se acreditarmos na tradição que tributa a Querefonte uma avantajada sobranceira e a Sócrates a calvície, então conseguimos imaginar o móbil do chiste pretendido por Aristófanes.

¹⁴⁷ Literalmente: “quantas vezes uma pulga conseguiria saltar os próprios pés?”, a tradução por “qual distância... em relação à medida...” visa aproximar a questão de uma formulação matemática. A título de curiosidade, uma pulga consegue saltar até duzentas vezes o próprio tamanho. Sob igual proporção, um homem seria capaz de saltar através de um campo de futebol!

Στ. πῶς δῆτα διεμέτρησε;

[v. 148-160]

Μα. δεξιῶτατα.
κηρὸν διατήξας, εἴτα τὴν ψύλλαν λαβὼν
ἐνέβαψεν εἰς τὸν κηρὸν αὐτῆς τῷ πόδε,
κᾶτα ψυχεῖσιν περιέφυσαν Περσικαί.
ταύτας ὑπολύσας ἀνεμέτρει τὸ χωρίον.

Στ. ὦ Ζεῦ βασιλεῦ, τῆς λεπτότητος τῶν φρενῶν.

Μα. τί δῆτ' ἄν, ἕτερον εἰ πύθοιο Σωκράτους
φρόντισμα;

Στ. ποῖον; ἀντιβολῶ, κάτειπέ μοι.

Μα. ἀνήρετ' αὐτὸν Χαιρεφῶν ὁ Σφήττιος
ὁπότερα τὴν γνώμην ἔχοι, τὰς ἐμπίδας
κατὰ τὸ στόμ' ἄδειν ἢ κατὰ τοῦρροπύγιον.

Στ. τί δῆτ' ἐκεῖνος εἶπε περὶ τῆς ἐμπίδος;

Μα. ἔφασκεν εἶναι τοῦντερον τῆς ἐμπίδος

Estr. Como ele aferiu?

[v. 148-160]

Disc. Com *expertise*!

Amolentou uma lasca de cerume e imergiu
os pés da pulga. Resfriados, circunvolveu-lhes
um par de sapatilhas *à la* moda Persa. Ele as
descalçou e mensurou a distância.

Estr. Meu Zeus, quanta manha¹⁴⁸ na matutação!

Disc. Ficarias, deveras, admirado, com outra
arquirreflexão socrática.

Estr. Qual? Eu imploro, discrimina!

Disc. Indagou-lhe o Efésio Querefonte
se os pernilongos¹⁴⁹ zunzunem
pela boca ou pela bunda¹⁵⁰?

Estr. Como ele opinou em função das muriçocas?

Disc. Exordiou que o intestino do pernilongo

¹⁴⁸ A utilização do substantivo λεπτότης marca a primeira ocorrência da predicação de “subtileza” (de espírito) à figura de Sócrates.

¹⁴⁹ Literalmente “mosquitos”. A opção por especificar o *culex quinquefasciatus* na tradução deve-se à dupla nomenclatura popular atribuída à espécie: “pernilongo” e “muriçoca”. O que nos permitiu preservar a variação sociolinguística existente entre as falas do discípulos e aquela do protagonista.

¹⁵⁰ Aristófanes utiliza o composto ὄππο-πύγιος, duplamente de baixo calão. Na tradução, preferimos adotar um tom mais ameno para a passagem – diferentemente de um certo gesto tradutório contemporâneo, o qual, por sua vez, opõe-se a uma tradição tradutória mais pudica. Ademais, nossa opção por “pela boca e pela bunda” faz-se consoante a dois recursos largamente utilizados nas comédias de Aristófanes: o antropomorfismo e a prosopopeia. Na presente passagem, além da atribuição de órgão humanos aos mosquitos – boca e bunda –, pretendemos aproximar o “zunzunir” dos mosquitos ao “arengar” humano, consoante a expressão popular “zunzunzum” aplicada ao ato de cochichar pelos cantos, assim como às locuções de não menos baixo calão: “falar boca afora” e “falar pela bunda”.

στενόν, διὰ λεπτοῦ δ' ὄντος αὐτοῦ τὴν πνοὴν
 βία βαδίζειν εὐθὺ τούρροπυγίου·
 ἔπειτα κοῖλον πρὸς στενῷ προσκείμενον
 τὸν πρωκτὸν ἡχεῖν ὑπὸ βίας τοῦ πνεύματος.

[v. 161-174]

Στ. σάλπιγξ ὁ πρωκτός ἐστιν ἄρα τῶν ἐμπίδων.
 ὦ τρισμακάριος τοῦ διεντερεύματος.
 ἢ ῥαδίως φεύγων ἂν ἀποφύγοι δίκην
 ὅστις δίοιδε τοῦντερον τῆς ἐμπίδος.

Μα. πρῶην δέ γε γνώμην μεγάλην ἀφηρέθη
 ὑπ' ἀσκαλαβώτου.

Στ. τίνα τρόπον; κάτειπέ μοι.

Μα. ζητοῦντος αὐτοῦ τῆς σελήνης τὰς ὁδοὺς
 καὶ τὰς περιφοράς, εἴτ' ἄνω κεχηνότος
 ἀπὸ τῆς ὀροφῆς νύκτωρ γαλεώτης κατέχεσεν.

Στ. ἥσθην γαλεώτη καταχέσαντι Σωκράτους.

é estreito e que o ar transita com ímpeto, ao longo [v. 161-174]
do afilamento intestinal, em direção ao ânus.
Destarte, ao alcançar a cavidade ligada ao estreito,
o reto retine em face do ímpeto do sopro¹⁵¹.

Estr. Ulalá, o fiofó é a corneta das muriçocas!

Três vezes upa ao espiador de tripa¹⁵²!

Quem espreitou dentro da muriçoca, se
acusado, escapole fácil dum processo.

Disc. Outro dia, megarreflexão
foi-lhe subtraída por um réptil.

Estr. De que jeito?

Disc. Ao investigar o curso e as revoluções da lua,
olhava boquiaberto para cima quando, em pleno
breu, uma lagartixa¹⁵³ estercou do telhado

(*Entremeio a mil gargalhadas*)

Estr. Adorei a cagada suja goela¹⁵⁴!

¹⁵¹ Nos tempos de Aristófanes, segundo Dover (1968, p. 115-116), Alcmeão já sustinha a teoria de que a audição seria possível graças à entrada do ar através de uma passagem estreita para uma cavidade interna. O propósito de Aristófanes é claro: ridicularizar todo projeto de investigação *physiológica*. Nesse ínterim, para além do ridículo da explicação *per se*, o poeta alterna o tom sério e demonstrativo com termos de baixo calão – aos quais, diga-se de passagem, os gregos parecem ter sido bem receptivos no que diz respeito à encenação cômica.

¹⁵² Aristófanes vale-se do neologismo διεντρέπυμα, composto por έντερον (intestino) e, possivelmente, por διερευνάω (examinar a fundo), a fim de dar um tom jocoso à exclamação de Estrepsíades. Brandão optou pela criação de um novo neologismo: “éntero-pesquisa”. Mas nenhuma solução nos parece mais feliz do que a adotada por Gilda Reale e por Magueijo: “intestigaçã”; onde a substituição do termo esperado pelo neologismo cômico se verifica a partir da alteração de uma única consoante.

¹⁵³ Seguimos as conclusões de Dover (1968, p. 116-117) a respeito da gradação específica existente entre άσκαλαβώτης e γαλεώτης, em face disso, utilizamos, respectivamente: “réptil” e “lagartixa”.

¹⁵⁴ Literalmente: “Deliciou-me o Sócrates sendo sujado pela lagartixa (γαλεώτη)”.

Μα. ἐχθὲς δέ γ' ἡμῖν δεῖπνον οὐκ ἦν ἐσπέρας.

[v. 175-180]

Στ. εἶέν. τί οὖν πρὸς τάλφιτ' ἐπαλαμήσατο;

Μα. κατὰ τῆς τραπέζης καταπάσας λεπτήν τέφραν,
κάμψας ὀβελίσκον, εἷτα διαβήτην λαβών
ἐκ τῆς παλαίστρας θοῖμάτιον ὑφείλετο.

Στ. τί δῆτ' ἐκεῖνον τὸν Θαλῆν θαυμάζομεν;

(Ignorando a reação de *Estrepsíades*¹⁵⁵)

[v. 175-180]

Disc. Já ontem, nem esse repasto noturno nos havia¹⁵⁶.

Estr. Vixi! Como ele tramoiou pra conseguir o alpiste¹⁵⁷?

Disc. Salpicou cinza em pó sobre a mesa,
dobrou um espeto até obter um compasso e
vupt... surruiou¹⁵⁸ um roupão de dentro da sauna^{159 160}.

Estr. Por que o tal do Tales ainda nos entalsiasma¹⁶¹!?

¹⁵⁵ A descrição da reação do discípulo é expressa, segundo Dover (1968, p. 117), pela combinação das partículas δέ e γέ no verso seguinte; optamos por reter o seu sentido na inserção da didascália.

¹⁵⁶ Em muitas traduções a presente afirmação do discípulo resta deslocada no curso do diálogo com *Estrepsíades*; talvez em função do uso das partículas δέ e γέ, tal como indicado na nota anterior. Assim, no intuito de preservarmos a linearidade do presente verso com o diálogo, inserimos o pronome demonstrativo no intuito de sugerir que, ao contrário de Sócrates, que no dia precedente tivera como repasto as fezes da lagartixa, aos discípulos nem mesmo esse repasto fora dado saborear. A pobreza associada a Sócrates é atributo comum nos relatos dos testemunhos, não obstante, o juízo de valor impresso na atribuição é distinto: Aristófanes utiliza a pobreza de Sócrates como uma espécie de signo de seu fracasso privado; Platão e Xenofonte, por sua vez, para explicitar a nobreza e fortaleza de seu caráter. Um fragmento preservado de Êupolis indica-nos que esse pode ter sido um *tópoi* da caracterização cômica de Sócrates: μισῶ δὲ κἀγὼ Σωκράτη, τὸν πτωχὸν ἀδολέσχην,/ ὅς τ᾽ ἄλλα μὲν πεφρόντικεν/ πόθεν δὲ καταφαγεῖν ἔχοι, τοῦτου κατημέληκε.

¹⁵⁷ O termo é ἄλφιτον – “farinha, pão de cada dia” –, não obstante, por semelhança gráfica optamos por “alpiste”.

¹⁵⁸ Novamente um fragmento de Êupolis parece atestar a topicidade do ponto na caracterização de Sócrates: Δεξιόμενος δὲ Σωκράτης τὴν ἐπιδείξιν,/ Στησιχόρου πρὸς τὴν λύραν, οἶνοχόην ἔκλεπεν.

¹⁵⁹ Literalmente: “roubou o manto de uma palestra”, isto é, de dentro de uma casa de lutas. Nossa adaptação por sauna deve-se à tentativa de captar o sentido imediato intentado por Aristófanes, dado não ser hábito dos lutadores, hodiernamente, despirem-se para os combates. Em contrapartida, ainda conservamos o hábito de nos despirmos para os banhos públicos. Ademais, ter a roupa roubada enquanto se está tomando banho (em rio, lago, sauna, cisterna, poça de chuva, etc) constitui *tópos* comum do gênero cômico.

¹⁶⁰ A passagem é de difícil compreensão. Não obstante, dois pontos podem ser determinados: i) trata-se de algum expediente realizado em prol da obtenção de comida; ii) certamente o relato gozava de um tom jocoso, em face de algum pressuposto inerente aos espectadores, mas perdido para nós. As explicações sugeridas pelos comentadores são: i) Sócrates desejaria “abstrair” a fome dos discípulos por meio de abstrações geométricas; ii) Sócrates utilizaria de suas habilidades geométricas como um expediente para a prática do furto e posterior venda ou troca por comida. Nesse sentido, penso que poderia haver também uma tentativa de denotar, em tom jocoso, um caráter utilitarista para as abstrações do pensatório.

¹⁶¹ Menção explícita a Tales como membro do proverbial grupo dos sete (!?) sábios. Uma menção implícita ao filósofo, possivelmente, já se encontrava presente no episódio escatológico entre a lagartixa e o Sócrates astrônomo, sobretudo em face do episódio, salvaguardado por Platão, em que Tales, ao observar os astros, caiu dentro de um poço: [Sócrates] “Foi o caso de Tales, Teodoro, quando olhava

ἄνοιγ' ἄνοιγ' ἀνύσας τὸ φροντιστήριον
καὶ δεῖξον ὥς τάχιστα μοι τὸν Σωκράτη.
μαθητιῶ γάρ. ἀλλ' ἄνοιγε τὴν θύραν.

[v. 181-189]

ὦ Ἡράκλεις, ταυτὶ ποδαπὰ τὰ θηρία;

Μα. τί ἐθαύμασας; τῷ σοι δοκοῦσιν εἰκέναι;

Στ. τοῖς ἐκ Πύλου ληφθεῖσι, τοῖς Λακωνικοῖς
ἀτὰρ τί ποτ' εἰς τὴν γῆν βλέπουσιν οὕτοί;

Μα. ζητοῦσιν οὗτοι τὰ κατὰ γῆς.

Στ. βολβοὺς ἄρα
ζητοῦσι.

os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que se passava no céu mas não via o que estava junto dos próprios pés. Essa pilhéria se aplica a todos os que vivem para a filosofia” (*Teeteto*, 174 a-b).

Bora, arreganha ligeiro o Matutatório e [v. 181-189]
aponta o Sócrates, que eu quero discipular¹⁶².
Bora, arreganha a porteira!

(Escancara-se a porta; dentro: discípulos, apetrechos investigativos e um leito vazio).

(Espantado com o aspecto e as atitudes dos discípulos)

Hércules! Quem são estes catrumanos¹⁶³?

Disc. Por que o espanto? Recordam-te algo?

Estr. Sim! Os espartanos engaiolados em Pilos¹⁶⁴.

(Delimitando um grupo específico de discípulos)

Por que aqueles ali espiam pra dentro da terra?

Disc. Exploram o subterrâneo¹⁶⁵.

Estr. Ah tá, caçam¹⁶⁶ cebolas né?!

¹⁶² “Que eu quero discipular” traduz μαθητιῶ. Aproveitando o mesmo compasso de Sócrates, surrupiamos a nota explicativa da tradução de Magueijo: “estou-danado-por-ser-seu-discípulo”: tradução fiel... mas o grego diz tudo numa simples forma verbal: *mathetiō*” (p. 342).

¹⁶³ τὰ θηρία aplicado a seres humanos tem o sentido de “bestas, feras, monstros...”; “catrumanos” constitui parte de nossa dívida para com Guimarães Rosa.

¹⁶⁴ Eis uma das raras alusões à guerra em curso, temática que Aristófanes, momentaneamente, parece ter abandonado juntamente com a crítica a Cléon. A passagem refere-se aos duzentos e noventa e dois espartanos capturados pelas tropas atenienses de Cléon e Demóstenes, na Ilha de Esfactéria, próxima à cidade de Pilos no ano de 425 a. C.. Quando da encenação da peça, eles já se faziam cativos há dois anos – daí o presumível aspecto pálido e cansado – e ainda permaneceriam até a celebração da paz de Nícias no ano de 421.

¹⁶⁵ Eis outro tópico central das acusações contra Sócrates (*Apologia*, 18b): (...) τὰ τε μετέωρα φροντιστῆς καὶ τὰ ὑπὸ γῆς πάντα ἀνεζητηκῶς (...).

¹⁶⁶ Nesse e no verso precedente Aristófanes vale-se do mesmo verbo, conjugado no mesmo tempo, pessoa, número e modo: ζητοῦσι(v). A alternância entre “exploram” e “caçam” visa suscitar o elemento cômico a partir do jogo de palavras, uma vez que Estrepsíades não capta a conotação técnica do verbo, pelo contrário, o entende e o usa a partir de seu sentido ordinário. Ademais, preferimos verter βολβοὺς ἄρα ζητοῦσι (lit.: “eles procuram bulbos”) por “eles caçam cebolas”, conforme uso regional, devidamente dicionarizado pelo Houaiss, do verbo “caçar”: “procurar insistentemente, catar, buscar (objeto, palavra, emprego, solução, etc)”.

μή νυν τοῦτό γ' ἔτι φροντίζετε·
 ἐγὼ γὰρ οἶδ' ἵν' εἰσὶ μεγάλοι καὶ καλοί.
 τί γὰρ οἶδε δρῶσιν οἱ σφόδρ' ἐγκεκυφότες;

[v. 189-200]

Μα. οὗτοι δ' ἐρεβοδιφῶσιν ὑπὸ τὸν Τάρταρον.

Στ. τί δῆθ' ὁ πρωκτὸς εἰς τὸν οὐρανὸν βλέπει;

Μα. αὐτὸς καθ' αὐτὸν ἀστρονομεῖν διδάσκεται.
 ἀλλ' εἴσιθ', ἵνα μὴ 'κεῖνος ὑμῖν ἐπιτύχη.

Στ. μήπω γε μήπω γ', ἀλλ' ἐπιμεινάντων, ἵνα
 αὐτοῖσι κοινώσω τι πραγμάτιον ἐμόν.

Μα. ἀλλ' οὐχ οἷόν τ' αὐτοῖσι πρὸς τὸν ἀέρα
 ἔξω διατρίβειν πολὺν ἄγαν ἐστὶν χρόνον.

Στ. πρὸς τῶν θεῶν τί γὰρ τάδ' ἐστίν; εἰπέ μοι.

(*Gritando em direção aos discípulos*)

[v. 189-200]

Não se agastem mais com isso!

Eu sei onde tem das graúdas e garbosas.

(*Apontando para outro grupo de discípulos*)

E aqueles, caídos de gatão¹⁶⁷, que especulam?

Disc. Perscrutam as profundezas do Tártaro¹⁶⁸.

Estr. A modo de que o *anelzinho* focaliza pra riba¹⁶⁹?

Disc. *Per se*, ele se introduz¹⁷⁰ ... na astronomia.

(*Dirige-se a um grupo de discípulos*)

Entrai! Que Ele¹⁷¹ não vos encontreis assim!

Estr. Não, não! Estaca aqui pra eu tratar com eles dum meu particular.

Disc. A eles vetado é o pervagar em demasia pelo ar puro.

(*Notando os apetrechos de pesquisa*)

Estr. Que troço é esse?

¹⁶⁷ Literalmente: “os que estão demasiadamente inclinados”.

¹⁶⁸ Outro ponto da acusação contra Sócrates: τὰ τε μετέωρα φροντιστῆς καὶ τὰ ὑπὸ γῆς ἅπαντα ἀνεζητηκῶς (*Apol.* 18a).

¹⁶⁹ Literalmente: “Por que, então, o ânus olha para o céu”. Como nota Dover (1968, p. 121), a correlação entre ânus e olho torna βλέπει mais vívido.

¹⁷⁰ Literalmente: “Ele se instrui” (διδάσκεται), valemo-nos de “ele se introduz” para provocar uma ambiguidade sexual, consoante a tônica da peça.

¹⁷¹ É evidente o caráter iniciático da passagem, amparado na imagem de Pitágoras.

Disc. Isto concerne à astronomia.

[201-208]

Estr. E isto?

Disc. Um instrumento geométrico.

Estr. Que tem a serventia de... ?

Disc. ...mensurar a terra.

Estr. A loteada no “minha terra, minha vida”?¹⁷²

Disc. Não, a terra em sua circuncompletude.

Estr. Falas com primor.

Taí uma ensinância valiosa pro povo^{173 174}.

(Pegando um mapa)

Disc. Já isto é um mapa-mundi.

Olha aqui Atenas!

Estr. Não agarro fé!

Não vejo juízes entronados.¹⁷⁵

¹⁷² Estrepsíades refere-se ao procedimento de loteamento de terras por meio de sorteio, processo de distribuição que ocorria quando da fundação de colônias, a chamada κληρουχία. Nossa adaptação, apesar de anacrônica para Aristófanes, capta bem o sentido posto na peça.

¹⁷³ Literalmente: “uma invenção (σόφισμα) democrática e útil”. Vale notar que o termo “sofisma” não comporta um sentido pejorativo nesta passagem, o qual o próprio Aristófanes, seguido por Platão e Aristóteles, trabalhará por forjar.

¹⁷⁴ A passagem ganha sentido à luz de uma ação do governo de Péricles, que mediu e distribuiu aos mais pobres as terras dos vencidos. Por isso Estrepsíades entende que o instrumento atende ao projeto de se lotear e distribuir toda a terra do mundo aos mais necessitados.

¹⁷⁵ Alusão à mania jurídica ateniense. Aristófanes, diga-se de passagem, é um crítico ferrenho da liturgia jurídica, tome-se por exemplo *As Vespas* (*passim*). Na presente passagem, não obstante, Aristófanes pode estar se referindo a um fenômeno pontual, decorrente da estratégia de Péricles de deslocar os cidadãos do campo para o interior da *urbs*, quando do início da guerra do Peloponeso. Visto que, desprovidos de suas atividades remuneradas, muitos camponeses voltaram-se para a função de jurados-juízes (δικασταί), em razão do pagamento diário de três óbulos.

Μα. ὥς τοῦτ' ἀληθῶς Ἀπτικὸν τὸ χωρίον.

[v. 209-218]

Στ. καὶ ποῦ Κικυννῆς εἰσίν, οὐμοὶ δημόται;

Μα. ἐνταῦθ' ἔνεισιν. ἡ δέ γ' Εὖβοι', ὥς ὀρᾷς,
ἡδὶ παρατέταται μακρὰ πόρρω πάνυ.

Στ. οἶδ'· ὑπὸ γὰρ ἡμῶν παρετάθη καὶ Περικλέους.
ἀλλ' ἡ Λακεδαίμων ποῦ 'στίν;

Μα. ὅπου 'στίν; αὐτήι.

Στ. ὥς ἐγγὺς ἡμῶν. τοῦτο μεταφροντίζετε,
ταύτην ἀφ' ἡμῶν ἀπαγαγεῖν πόρρω πάνυ.

Μα. ἀλλ' οὐχ οἶόν τε.

Στ. νῆ Δί' οἰμώξεσθ' ἄρα.
φέρε τίς γὰρ οὗτος οὐπὶ τῆς κρεμάθρας ἀνὴρ;

Disc. Eis a prova: aqui a Ática!

[v. 209-218]

Estr. Cadê meu arraial¹⁷⁶?

Disc. Bem aqui! Já a Eubéia – veja! –
alonga-se por toda esta região.

Estr. Pois é! Nós e o Péricles a *espichamos*¹⁷⁷.
Cadê Esparta?

Disc. Precisamente aqui!

Estr. Abeirando a gente?! Ajeita
ela pra bem longe daqui!

Disc. Isso é quimérico!¹⁷⁸

Estr. Ainda gemes por isso!¹⁷⁹

(*Percebe um homem suspenso no cesto*)
Quem é o cabra dependurado no balaio?

¹⁷⁶ Literalmente: “E onde está Cicina, o meu demo?”

¹⁷⁷ Nesse e no verso precedente, onde utilizamos “alongar” e “espichar”, Aristófanes utiliza-se do verbo παρατείνω; o qual, em um primeiro sentido, significa “estender para o lado”, “desenrolar”, “alongar”, “esticar”, etc; mas que também comporta o valor de “molestar”, “atormentar” e, por conseguinte, “torturar”. O sentido concreto do verbo está presente na fala do discípulo, não obstante o uso de Estrepsíades ocasiona ambiguidade com o outro sentido. Isso porque ele faz alusão ao modo violento pelo qual Péricles conteve a revolta dos habitantes de Eubéia, em 446 a. C., quando os mesmos intentavam abandonar a Liga de Delos. Gama Kury traduz: “Eles estão ali, e como você pode ver a Eubeia é aqui, estendendo-se ao longo da costa, muito comprida, indo bem longe. Eu sei; nós e Péricles demos um puxão de orelha na Eubeia”, captando melhor a distinção implícita nos usos do verbo.

¹⁷⁸ Literalmente: “Mas não é possível”.

¹⁷⁹ Como bem observa Delaunois (1986, p. 91), os últimos versos comportam uma das raras alusões da peça à guerra em curso. Ademais, contraposta ao curso histórico da derrota e dos subsequentes eventos que decorreram a partir do rompimento dos muros de Atenas em 404 a.C., a sentença de Estrepsíades – “ainda gemes por isso” – acabou por se revelar profética.

Μα. αὐτός.

[v. 219-227]

Στ. τίς αὐτός;

Μα. Σωκράτης.

Στ. ὦ Σωκράτης.

ἴθ' οὗτος, ἀναβόησον αὐτόν μοι μέγα.

Μα. αὐτὸς μὲν οὖν σὺ κάλεσον· οὐ γάρ μοι σκολή.

Στ. ὦ Σώκρατες.

ὦ Σωκρατίδιον.

ΣΩΚΡΑΤΗΣ

τί με καλεῖς, ὦ 'φήμερε;

Στ. πρῶτον μὲν ὅτι δρᾷς, ἀντιβολῶ, κάτειπέ μοι.

Σω. ἀεροβατῶ καὶ περιφρονῶ τὸν ἥλιον.

Στ. ἔπειτ' ἀπὸ ταρροῦ τοὺς θεοὺς ὑπερφρονεῖς,

Disc. *E-L-E*¹⁸⁰.

[v. 219-227]

Estr. *E-l-e* quem?

Disc. Só-cra-tes.

Estr. Sócrates!

Vamos, dá um berro nele aí pra mim.

Disc. Já não gozo de ócio, evoca-o tu. (*Sai*)

Estr. Só-cra-tes...,
psiu, Socrate-zi...nho.

(*Dentro de um cesto suspenso*)

Sócr. Por que me invocas, efêmero¹⁸¹?

Estr. Antes me conta: que fazes?

Sócr. Jornadeio pelo ar e perquiro o sol.

Estr. Por que desaprecias¹⁸² o divo héliο aninhando

¹⁸⁰ No presente e nos subsequentes versos, αὐτός, no caso nominativo, significa, literalmente, “o próprio”. Não obstante, violentamos a gramática a fim de denotar o sentido esotérico associado a Sócrates e a seus ensinamentos na peça, em paralelismo com o “Ele disse” vinculado a Pitágoras.

¹⁸¹ Note-se que o modo de tratamento de Sócrates para com Estrepsíades (ὦ 'φήμερε), somado a sua localização em cena, não deixa margem para dúvidas quanto à intenção de atribuir a Sócrates uma pretensiosidade sobre-humana, assim como um tom altaneiro.

¹⁸² Há um jogo de palavras de difícil tradução nos dois últimos versos. Sócrates dissera estar examinando o sol (περιφρονῶ τὸν ἥλιον), Estrepsíades, o que tudo inverte, subverte o sentido para “tu olhas de cima – isto é, menospreza – os deuses” (ὕπερφρονεῖς τοὺς θεοὺς). A mudança de sentido é expressa pela alteração do prefixo verbal (περί-ὑπέρ) e também pela mudança do objeto direto (τὸν ἥλιον- τοὺς θεοὺς), haja vista que muito provavelmente Sócrates refere-se ao astro sol – como era próprio da investigação *physiológica* e como lhe foi imputado por Meleto na *Apologia* –, ao passo que Estrepsíades entende tratar-se do deus Sol. Para a primeira inversão, nos valemos de verbos distintos (perquirir-desapreciar), para a segunda, traduzimos τὸν ἥλιον por “sol” e τοὺς θεοὺς por “o divo Héliο”, adequando o sentido e recuperando a perda do radical precedente no verso seguinte.

ἀλλ' οὐκ ἀπὸ τῆς γῆς, εἶπερ;

[v. 227-229]

Σω. οὐ γὰρ ἂν ποτε
ἐξηῦρον ὀρθῶς τὰ μετέωρα πράγματα
εἰ μὴ κρεμάσας τὸ νόημα καὶ τὴν φροντίδα [.]¹⁸³

¹⁸³ Devido às diversas opções de tradução da presente passagem, faz-se útil apresentar uma exposição detalhada de sua construção sintática, a fim de expor nossa opção tradutória e, por conseguinte, indicar o motivo pelo qual não adotamos a lição de Dover em face da pontuação do presente período. Em primeiro lugar, trata-se de uma oração condicional na sua forma característica: uma πρότασις, introduzida pela conjunção condicional εἰ, e uma ἀπόδοσις introduzida pela partícula modal ἂν.

πρότασις – εἰ μὴ κρεμάσας τὸ νόημα καὶ τὴν φροντίδα,
λεπτὴν καταμείξας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα.
ἀπόδοσις – οὐ γὰρ ἂν ποτε
ἐξηῦρον ὀρθῶς τὰ μετέωρα πράγματα

Ademais, como atesta o aoristo indicativo (ἐξηῦρον) na ἀπόδοσις e os dois participios aoristos (κρεμάσας, καταμείξας) na πρότασις, trata-se de uma oração condicional designativa do “irreal do passado”, cuja correspondência na língua portuguesa equivale à fórmula “se x tivesse ocorrido, teria resultado y”. A ἀπόδοσις não apresenta maiores complexidades na sua tradução:

οὐ γὰρ ἂν ποτε ἐξηῦρον ὀρθῶς τὰ μετέωρα πράγματα
eu jamais teria desvelado, com precisão, os fenômenos celestiais

Não obstante, o mesmo não pode ser dito da πρότασις. Uma primeira possibilidade seria dividir as duas orações, cada qual coordenada pelo seu participio aoristo, da seguinte forma:

Primeira oração – εἰ μὴ κρεμάσας τὸ νόημα καὶ τὴν φροντίδα,
Segunda oração – λεπτὴν καταμείξας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα.

De modo que τὸ νόημα καὶ τὴν φροντίδα assumiria a função de um objeto composto de εἰ μὴ κρεμάσας, na primeira oração. Enquanto καταμείξας regeria λεπτὴν (acusativo) e εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα (εἰς seguido por acusativo), no sentido de “fazer uma mistura de x com y. Essa, inclusive, parece ser a opção de Dover, a julgar pela vírgula atuando como delimitadora das orações e καί como conjunção aditiva do objeto. O que resultaria na seguinte tradução aproximada:

Primeira oração – se eu não houvesse sobrelevado o discernimento e a reflexão
Segunda oração – e consubstanciado o sutil com o congênere éter

Nessa estruturação, a segunda oração ainda comportaria uma variante, a partir da associação entre λεπτὴν e ἀέρα, uma vez que o substantivo ἄηρ também pode assumir o gênero feminino, principalmente na poesia. Sob essa perspectiva teríamos:

λεπτὴν καταμείξας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα.
e consubstanciado o sutil éter com o seu congênere

Uma segunda possibilidade seria entender καί como conjunção aditiva verbal, tornando o objeto da primeira oração simples (τὸ νόημα) e entendendo τὴν φροντίδα λεπτὴν como objeto da segunda. Nesse caso teríamos:

Primeira oração – εἰ μὴ κρεμάσας τὸ νόημα καὶ
Segunda oração – τὴν φροντίδα λεπτὴν καταμείξας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα.

*se eu não houvesse sobrelevado o discernimento e
consubstanciado a sutil reflexão com o congênere éter*

daí e não daqui do chão?

[v. 227-229]

Sócr. Não houvesse sobrelevado
o discernimento e consubstanciado a etérea reflexão
com o congênere éter¹⁸⁴, jamais teria desvelado, com
acribia, os fenômenos celestiais¹⁸⁵.

Em face do sentido, essa é nossa opção para a estruturação do período, pois se a elevação cênica de Sócrates imprime no personagem um tom altaneiro e uma superioridade existencial relativa para com as demais personagens, nada mais natural do que transpormos essa implicação para sua acepção concreta: a elevação da reflexão implica na superioridade investigativa. Nesse sentido, cabe notar que, na medida em que καί atua como conjunção aditiva verbal e, por conseguinte, executa a função de elemento delimitador das orações, a presença da vírgula entre *τὴν φροντίδα, λεπτήν* faz-se dispensável. Razão pela qual, nesse pequeno ponto da pontuação, não seguimos a edição de Dover.

¹⁸⁴ Com exceção da tradução organizada por Baracat, todas as demais traduções da língua portuguesa seguem a lição que adotamos. Eis os resultados: Baracat, “Eu não teria corretamente descoberto as coisas celestes se não tivesse suspenso o intelecto e o pensamento, e misturado o pensamento, que é sutil, com o ar, que lhe é afim”; Magueijo, “Claro... Nem de outro modo seria jamais possível interpretar correctamente os fenómenos celestes, se não suspendesse o espírito e misturasse o pensamento, que é subtil, com o ar que lhe é afim”; Brandão, “Na realidade, jamais poderia eu penetrar com exatidão os assuntos celestes, se não erguesse a inteligência e não fundisse o pensamento sutil com o ar, seu congênere”; Gilda Reale, “Pois nunca teria encontrado, de modo exato, as coisas celestes se não tivesse suspenso a inteligência e não tivesse misturado o pensamento sutil com o ar, o seu semelhante...”; Gama Kury, “De fato, nunca eu poderia distinguir as coisas celestes se não tivesse elevado meu espírito e misturado meu pensamento sutil com o ar igualmente sutil”.

¹⁸⁵ A investigação a respeito dos τὰ μετέωρα πράγματα corresponde a um importante ponto da acusação contra Sócrates e, por conseguinte, um dos tópicos de sua defesa na *Apologia*. Aliás, nos diálogos aporéticos como um todo, Platão esforça-se, sobremaneira, por afastar o objeto investigativo de Sócrates desse tipo de fenômeno e circunscrevê-lo naquele relativo à ética antropológica. Como bem nos lembra Dover (1968, p. 127), a terminologia de toda essa passagem (περιφερόμενον, ἀεροβατεῖν, φροντίδα) será retomada por Platão na *Apologia*, quando o filósofo vier a caracterizar a origem das acusações que incidem sobre ele. Por outro lado, também atentam os comentadores que a terminologia da passagem parece remeter ao pensamento de Diôgenes de Apolônia, conforme registrado no *De Sensu* VIII de Teofrasto.

λεπτήν καταμείξας εἰς τὸν ὅμοιον ἀέρα.
 εἰ δ' ὦν χαμαὶ τᾶνω κάτωθεν ἐσκόπουν,
 οὐκ ἄν ποθ' ἡῦρον· οὐ γὰρ ἀλλ' ἡ γῆ βία
 ἔλκει πρὸς αὐτὴν τὴν ἰκμάδα τῆς φροντίδος.
 πάσχει δὲ ταῦτὸ τοῦτὸ καὶ τὰ κάρδαμα.

[v. 230-246]

Στ. πῶς φήεις;
 ἡ φροντίς ἔλκει τὴν ἰκμάδ' εἰς τὰ κάρδαμα;
 ἴθι νυν κατάβηθ', ὦ Σωκρατίδιον, ὥς ἐμέ,
 ἵνα με διδάξης ὥνπερ ἔνεκ' ἐλήλυθα.

Σω. ἦλθες δὲ κατὰ τί;

Στ. βουλόμενος μαθεῖν λέγειν·
 ὑπὸ γὰρ τόκων χρηστών τε δυσκολωτάτων
 ἄγομαι, φέρομαι, τὰ χρήματ' ἐνεχυράζομαι.

Σω. πόθεν δ' ὑπόχρεως σαυτὸν ἔλαθες γενόμενος;

Στ. νόσος μ' ἐπέτριψεν ἵππικῇ, δεινὴ φαγεῖν.
 ἀλλὰ με δίδαξον τὸν ἕτερον τοῖν σοῖν λόγοιν,
 τὸν μηδὲν ἀποδιδόντα. μισθὸν δ' ὄντιν' ἂν
 πράττη μ', ὁμοῦμαί σοι καταθήσειν τοὺς θεούς.

E se ainda¹⁸⁶ estivesse a explorar as coisas [v. 230-246]
 alterosas a partir da rasa superfície, nada teria
 desvendado outrora. Pois a força da terra atrai
 a seiva da reflexão, tal como sucede aos agriões¹⁸⁷.

Estr. Como é que é?

A matutação incute a seiva nos agriões?

Vamos Sócrates, desce aqui e
 me ensina aquilo pelo que vim.

Sócr. Viestes pelo quê?

Estr. Pelo que-rer saber falar!

Pois estou pilhado, devastado, com os bens na
 força, por obra duns agiotas desgraçados¹⁸⁸.

Sócr. Como te endividastes?

Estr. A praga cavalar, atroz roedora,
 me pisoteou. Ensina pra mim aquela
 tua prosa que desfaz as dívidas. Juro
 pelos deuses, te dou qualquer coisa¹⁸⁹.

¹⁸⁶ A introdução do advérbio “ainda” visa captar o sentido do irreal do presente na oração condicional: “se eu agora estivesse...”.

¹⁸⁷ A aproximação com elementos da vida cotidiana é cara ao método dialético do Sócrates dos diálogos aporéticos de Platão e dos textos de Xenofonte. Tal procedimento, inclusive, por diversas vezes se fez objeto do desagrado dos interlocutores, como, por exemplo, ilustra Meleto na *Apologia* ou o sofista Hípias no *Hípias Maior*. Não obstante, analisado sob a luz do ἔλεγχος, fica patente que as queixas devem-se à ignorância dos interlocutores no que diz respeito aos procedimentos lógicos do método dialético. Com bastante probabilidade, tal peculiaridade deveria ser do conhecimento dos espectadores.

¹⁸⁸ Literalmente: “Porque estou sendo limpo, surrupiado e com todos os bens na penhora, por obra dos juros e de uns agiotas desgraçados”. Conforme notam os comentadores (DOVER, 1968, p. 129), o assíndeto ἄγομαι, φέρομαι frequentemente é utilizado para descrever os resultados da hostilidade de um exército sobre uma cidade. Imagem que deixaremos explícita nos próximos versos, “a praga cavalar... me pisoteou”.

¹⁸⁹ Literalmente: “pago o que me pedires”.

Σω. ποίους θεοὺς ὁμεῖ σύ; πρῶτον γὰρ θεοὶ
 ἡμῖν νόμισμ' οὐκ ἔστι.

[v. 247-257]

Στ. τῷ γὰρ ὄμνυτε;
 [ῆ] σιδαρέοισιν, ὥσπερ ἐν Βυζαντίῳ;

Σω. βούλει τὰ θεῖα πράγματ' εἰδέναι σαφῶς
 ἅττ' ἐστὶν ὀρθῶς;

Στ. νῆ Δί', εἵπερ ἐστί γε.

Σω. καὶ συγγενέσθαι ταῖς Νεφέλαισιν εἰς λόγους,
 ταῖς ἡμετέραισι δαίμοσιν;

Στ. μάλιστά γε.

Σω. κάθιζε τοίνυν ἐπὶ τὸν ἱερὸν σκίμποδα.

Στ. ἰδοῦ, κάθημαι.

Σω. τουτονὶ τοίνυν λαβὲ
 τὸν στέφανον.

Στ. ἐπὶ τί στέφανον; οἵμοι, Σώκρατες,
 ὥσπερ με τὸν 'Αθάμανθ' ὅπως μὴ θύσετε.

Sócr. Jurarás pelos deuses? Eles não são
moeda de troca entre nós¹⁹⁰!

[v. 247-257]

Estr. Por quem jurais?
Pelo vil metal, tal qual em Bizâncio?

Sócr. Almejas conhecer com nitidez os tópicos
divinos tais como deveras são?

Estr. Sim, se for de jeito.

Sócr. E frequentar¹⁹¹ as Nuvens, nossas potestades,
em prol da elocução?

Estr. Quero toda-vida!

Sócr. Destarte, tomai assento no leito sagrado¹⁹².

Estr. Já sentei.

Sócr. Agora, pega esta guirlanda.

(*Apreensivo*)

Estr. Uma guirlanda, Sócrates!? Pra quê?
Vais me sacrificar que nem um Atamante¹⁹³?

¹⁹⁰ Eis mais um dos pontos de acusação contra Sócrates: οἱ γὰρ ἀκούοντες ἡγοῦνται τοὺς ταῦτα ζητοῦντας οὐδὲ θεοὺς νομίζειν (PLATÃO, *Apologia*, 18c).

¹⁹¹ O vocábulo συγγενέσθαι comporta também uma dimensão sexual, logo, uma relação muito íntima está sendo proposta. Ademais, o presente verso é tido como alusão paródica à iniciação nos mistérios de Eleusis – cf., por exemplo, Simon Byl (1987, *passim*).

¹⁹² Começa aqui o processo iniciático de Estrepsíades, o qual, como nota Dover (1968, p. 130), compõe-se de três partes: entronamento, coroação e batismo.

¹⁹³ Atamante, filho de Éolo, esposo de Nefele, deu-se como vítima sacrificial portando uma guirlanda. Sófocles escreveu duas tragédias com seu nome, possivelmente alguma delas deveria ainda figurar na memória coletiva dos espectadores. Aristófanes se vale de um duplo mote para o chiste, além da presença da guirlanda, em versos anteriores, Estrepsíades concordara em “frequentar as Nuvens”

Σω. οὐκ, ἀλλὰ ταῦτα πάντα τοὺς τελουμένους
ἡμεῖς ποοῦμεν.

[258-265]

Στ. εἴτα δὴ τί κερδανῶ;

Σω. λέγειν γενήσῃ τρίμμα, κρόταλον, παιπάλη.
ἀλλ' ἔχ' ἀτρεμεῖ.

Στ. μὰ τὸν Δί' οὐ ψεύσει γέ με·
καταπαττόμενος γὰρ παιπάλη γενήσομαι.

Σω. εὐφημεῖν χρὴ τὸν πρεσβύτερον καὶ τῆς εὐχῆς ἐπακούειν.
ὦ δέσποτ' ἄναξ, ἀμέτρητ' Ἀήρ, ὃς ἔχεις τὴν γῆν μετέωρον,
λαμπρός τ' Αἰθήρ, σεμναί τε θεαὶ Νεφέλαι βροντησικέραυνοι,

(συγγενέσθαι ταῖς Νεφέλαισιν); como o verbo συγγίνομαι também pode significar “ter relações sexuais”, Aristófanes se vale do trocadilho “frequentar as Nuvens” por “ter relações sexuais com Nefele”. Estrepsíades vale-se da segunda pessoa do plural, diferentemente do registrado na tradução.

Sócr. Trata-se de procedimento padrão
a todos neófitos.

[258-265]

Estr. E qual vai ser meu proveito?

Sócr. Tornar-te-ás o ás: a fina-flor do replicar¹⁹⁴.

Agora, quieto!

*(Sócrates esparge farinha sobre as costas do velho)*¹⁹⁵.

Estr. Por Zeus, não vais me engrupir.

Polvilhado assim, vou mesmo virar flor de farinha¹⁹⁶.

Sócr. Urge ao velho: silenciar e atentar-se à precação.

(Ergue as mãos, soleniza a voz e suplica)

Ar soberano, senhor incomensurável, baluarte da terra¹⁹⁷,

Éter lucilante e augustas Nuvens, matrizes do raio e do trovão,

¹⁹⁴ λέγειν γενήσῃ τῆριμα, κρόταλον, παιπάλη, verso de fácil compreensão, mas de difícil tradução. Sua dificuldade reside na ambiguidade e idiomatidade dos adjetivos qualificativos: τῆριμα, -ατος denota “alguém experiente em algo”, por conseguinte, “astuto”; κρόταλον, -ου, por sua vez, designa “a flor da castanhola ou do Narciso”, figuradamente “aquele que repete, o tagarela”; já παιπάλη, ης corresponde à “farinha fina, flor de farinha”, por extensão, “alguém sagaz, que não se deixa apanhar, finório”. Como nota Magueijo: “expressões idiomáticas que significam que Estrepsíades ficará um orador consumado”. Eis como os tradutores vertem a passagem: Gilda Reale, “Tornar-se-á escovado na fala, charlatão, uma flor de farinha!”; Baracat, “Darás nó em pingo d’água, te tornarás uma matraca, biscoito fino”; Gama Kury, “Você passará por um moinho de palavras e sairá dele espertíssimo, fino como a flor da farinha de trigo”; Magueijo, “Ficarás um barra na arte de falar, um parlapião de... estalo, um pimpão todo emproado”; Junito, “Tornar-te-ás um orador manhoso, uma castanhola, uma flor de farinha”.

¹⁹⁵ Procedimento comum em rituais de iniciação ou de sacrifício.

¹⁹⁶ Aristófanes joga com o duplo sentido do vocábulo παιπάλη. No verso anterior, Sócrates o utiliza dando a entender que, após sua instrução, Estrepsíades tornar-se-á alguém sagaz, que não se deixa apanhar no embate discursivo, na nossa tradução “a fina flor... do replicar”. O velho, por sua vez, vale-se do vocábulo em seu sentido concreto, no sentido de que será esfarinhado. Ademais, “flor de farinha” é expressão bíblica, utilizada em contextos de sacrifícios e oferendas; o que se presta, justamente, à desconfiança de Estrepsíades, que suspeita estar sendo servido como oferenda aos deuses.

¹⁹⁷ Literalmente: “que mantém a terra suspensa”.

ἄρθητε^(a), φάνητ', ὧ δέσποιναι, τῷ φροντιστῇ μετέωροι.

[266-274]

Στ. μήπω, μήπω γε, πρὶν ἂν τουτὶ πτύξωμαι, μὴ καταβρεχθῶ.

τὸ δὲ μηδὲ κυνῆν οἴκοθεν ἐλθεῖν ἐμὲ τὸν κακοδαίμον' ἔχοντα.

Σω. ἔλθετε^(b) δῆτ', ὧ πολυτίμητοι Νεφέλαι, τῷδ' εἰς ἐπίδειξιν·

εἴτ' ἐπ' Ὀλύμπου κορυφαῖς ἱεραῖς χιονοβλήτοισι κάθησθε,

εἴτ' Ὀκεανοῦ πατρὸς ἐν κήποις ἱερὸν χορὸν ἴστατε Νύμφαις,

εἴτ' ἄρα Νείλου προχοαῖς ὑδάτων χρυσέαις ἀρύτεσθε πρόχοισιν,

ἢ Μαιῶτιν λίμνην ἔχετ' ἢ σκόπελον νιφόεντα Μίμαντος·

ὑπακούσατε δεξιάμεναι θυσίαν καὶ τοῖς ἱεροῖσι χαρεῖσαι.

ΧΟΡΟΣ¹⁹⁸

Correspondência vocabular entre a prece de Sócrates e o Coro			
a	ἄρθητε (266)	ἄρθωμεν (276)	a'
b	ἔλθετε (269)	ἔλθωμεν (299)	b'
Correspondência fonética entre a Estrófe e a Antístrofe			
c	εὐάγητον (277)	εὐανδρον γᾶν (300)	c'
d	κελαδήματα (283)	καὶ ἀγάλματα (306)	d'
e	μαρμαρέαισιν αὐγαῖς (286)	παντοδαπαῖσιν ὥραις (310)	e'

¹⁹⁸ Como indica Dover (1968, p. 134), além da natural correspondência métrica entre os versos da Estrófe e da Antístrofe, Aristófanes utiliza outros elementos linguísticos para enfatizar o caráter de pergunta e resposta na entrada do Coro, conforme tabela acima. Tomamos a liberdade de indicar as referidas correspondências no texto grego.

soerguei-vos (!), revelai-vos (!) a este neo pensador.

[266-274]

(*Aponta para Estrepsíades*)

Estr. Ôpa! Peraí! Deixa eu me cobrir, senão acabo ensopado.

(*Cobre-se com o manto*)

Eita azar! Deixei meu chapéu em casa.

Sócr. Vinde, pluriveneradas Nuvens, desvelai-vos diante deste-um¹⁹⁹.

Quer repouseis no sacro enevado cume do Olimpo,

quer insuffleis, junto às Ninfas²⁰⁰, sacros coros nos jardins do Pater-Oceano,

quer sorveis, com áureos cântaros, das águas da foz do Nilo,

quer²⁰¹ vagueis pelo lago Meótis²⁰² ou pelo promontório nevado do Mimante²⁰³:

anuí ao sacrifício²⁰⁴! regozijai-vos com as oferendas! sede benevolentes!

Coro das Nuvens²⁰⁵ (*cantando ao longe*)

¹⁹⁹ A tradução de τῷδ' por "este-um", em lugar do habitual "este homem", visa captar o tom altaneiro assumido por Sócrates em relação ao velho e efêmero camponês.

²⁰⁰ A opção por "insuflar" para ἰστῆμι visa estender o sentido transitivo de "impelir para a frente, impelir para o alto, fazer surgir" contextualizando-o com atributo específico do sujeito da ação a partir de um sentido figurado; neste caso, na medida em que os sujeitos são nuvens, nada mais natural do que supor que a ação de impelir, de uma perspectiva concreta, se dê por vias do ar, do vento ou de outra forma etérea. Quanto ao dativo Νύμφαις, os tradutores parecem se dividir entre o entender como dativo instrumental (as nuvens realizariam sacros coros com as Ninfas) ou como dativo de interesse (as nuvens realizariam sacros coros para as Ninfas). Embora nem o texto nem a regência verbal dirimam a dúvida, optamos pelo primeiro sentido em face do contexto histórico, visto que as Ninfas são as divindades, desde Hesíodo, responsáveis pelas danças corais. Assim sendo, pouco sentido haveria em dizer que as nuvens erigem coros para as Ninfas, sem a participação das últimas. No mesmo sentido assevera Dover (1968, p. 136): "We are meant to think of the clouds as taking the initiative in the singing and dancing in which both they and the nymphs participate".

²⁰¹ Seguindo a lição tradutória de Junito Brandão.

²⁰² Os helenos denominavam por lago Meótis aquele que hoje é compreendido como o mar de Azov, o mar mais raso do mundo, com profundidade variável de um a quatorze metros.

²⁰³ Situado na região da ilha de Quios.

²⁰⁴ A ausência de uma vítima sacrificial deve corroborar para com o temor expresso por Estrepsíades no verso 257.

²⁰⁵ Como indica Dover (1968, p. 137), a Estrofe (275-290) e a Antístrofe (299-313) são cantadas pelo Coro durante o trajeto que o separa da Orquestra, antes, portanto, de adentrá-la – o que ocorrerá no verso 326.

[275-295]

ἀέναοι Νεφέλαι,
 ἀρθῶμεν^(a) φανεραὶ δροσερὰν φύσιν εὐάγητον^(c)
 πατρὸς ἀπ' Ὠκεανοῦ βαρυαχέος
 ὑψηλῶν ὀρέων κορυφὰς ἔτι
 δενδροκόμους, ἵνα
 τηλεφανεῖς σκοπιάς ἀφορώμεθα
 καρπούς τ' ἀρδομέναν ἱερὰν χθόνα
 καὶ ποταμῶν ζαθέων κελαδήματα^(d)
 καὶ πόντον κελάδοντα βαρύβρομον·
 ὄμμα γὰρ αἰθέρος ἀκάματον σελαγεῖται
 μαρμαρέαισιν αὐγαῖς^(e).
 ἀλλ' ἀποσεισάμεναι νέφος ὄμβριον
 ἀθανάτας ἰδέας ἐπιδῶμεθα
 τηλεσκόπῳ ὄμματι γαῖαν.

Σω. ὦ μέγα σεμναὶ Νεφέλαι, φανερώς ἠκούσατέ μου καλέσαντος.
 ἦσθου φωνῆς ἅμα καὶ βροντῆς μυκησαμένης θεοσέπτου;

Στ. καὶ σέβομαί γ', ὦ πολυτίμητοι, καὶ βούλομαι ἀνταπποπαρδεῖν
 πρὸς τὰς βροντάς· οὕτως αὐτὰς τετραμαίνω καὶ πεφόβημαι.
 κεῖ θέμις ἐστίν, νυνὶ γ' ἤδη, κεῖ μὴ θέμις ἐστί, χεσεῖω.

Sempifluídas²⁰⁶ Nuvens,

[275-295]

egrégias por reluzente e aquoso aspecto,
do sonoro-profundo Pater-Oceano para os
plenifrondosos vértices de protuberantes montanhas,
sobrelevemo-nos, a fim de divisar,
até no extremo do longínquo visível,
a terra fértil que vivifica os frutos,
o sibilar dos rios venerados e
o mar de grave e retumbante bramido.
Vamos! O sol, olho do céu, já (d)ardeja,
infatigável, em raios fúlgidos.
Despojemos deste contorno imorredoiro
a névoa nebulosa e contemplemos,
com olhar telescópico, a gaia-terra.

Socr. Hiper-magnânimas Nuvens, é notório o terdes me atendido o pleito.

(Dirigindo-se a Estrepsíades).

Discernistes o sussurro contíguo ao honorífico ribombar do trovão?

(Ignorando a questão de Sócrates)

Estr. Também sou devoto, pluriveneradas²⁰⁷. Tremilicando
de medo, já retribuo com peidos o vosso ribombar. E com
ou sem autorização de vosmecê²⁰⁸, vou cagar aqui, agora.

²⁰⁶ Optamos pelo neologismos “sempifluída” para abarcar os dois elementos constitutivos do adjetivo ἄενσος, a saber: αἰί, νάω. A despeito do juízo de Dover (1968, p. 138), segundo o qual, no século de Aristófanes, o valor semântico de νάω já não era sentido no vocábulo; de modo que, sob tal viés, a melhor tradução, de uma perspectiva da proximidade textual, seria: “Sempiternas Nuvens”.

²⁰⁷ O uso de πολυτίμητοι sugere que Estrepsíades emula Sócrates (v. 269), o que, por sua vez, já anuncia a transformação pela qual passará o personagem.

²⁰⁸ “E com ou sem autorização de vosmecê” visa capitar o registro solene e respeitoso expresso por κεί θέμις ἐστί, (...), κεί μὴ θέμις ἐστί, assim como respeitar o contraste da referida forma com o registro vulgar expresso pelo verbo χεσείω.

Σω. οὐ μὴ σκώψει μηδὲ ποήσεις ἅπερ οἱ τρυγοδαίμονες οὔτοι,
ἀλλ' εὐφήμει· μέγα γάρ τι θεῶν κινεῖται σμῆνος ἀοιδαῖς.

[296-318]

Χο. παρθένοι ὀμβροφόροι,
ἔλθωμεν λιπαρὰν χθόνα Παλλάδος, εὖανδρον γᾶν
Κέκροπος ὀψόμεναι πολυήρατον·
οὐ σέβας ἀρρήτων ἱερῶν, ἵνα
μυστοδόκος δόμος
ἐν τελεταῖς ἀγίαις ἀναδείκνυται·
οὐρανίοις τε θεοῖς δωρήματα,
ναοὶ θ' ὑφερεφεῖς καὶ ἀγάλματα,
καὶ πρόσσοδοι μακάρων ἱερῶταται
εὐστέφανοί τε θεῶν θυσίαι θαλῖαι τε
παντοδαπαῖσιν ὥραις,
ἧρί τ' ἐπερχομένῳ Βρομία χάρις
εὐκελάδων τε χορῶν ἐρεθίσματα
καὶ μοῦσα βαρύβρομος αὐλῶν.

Στ. πρὸς τοῦ Διός, ἀντιβολῶ σε, φράσον, τίνες εἴς', ὦ Σώκρατες, αὐται
αἱ φθεγξάμεναι τοῦτο τὸ σεμνόν; μῶν ἡρῶναί τινές εἰσιν;

Σω. ἥκιστ', ἀλλ' οὐράνιαι Νεφέλαι, μεγάλαί θεαὶ ἀνδράσιν ἀργοῖς,
αἵπερ γνῶμην καὶ διάλεξιν καὶ νοῦν ἡμῖν παρέχουσιν
καὶ τερατείαν καὶ περίλεξιν καὶ κροῦσιν καὶ κατάληψιν.

Sócrates: Cessa o escárnio! Seja pundonoroso! Não emules os comedígrafos bocas-sujas²⁰⁹. O enxame divino aproxima-se com seus cânticos²¹⁰. [296-318]

Coro: Donzelas, senhoras da chuva, rumemos para o suntuoso país de Palas²¹¹, contemplemos a terra varonil e mui amada de Cécrops²¹², por onde se propala: culto e templo para os iniciados²¹³; oferendas aos olímpicos; santuários com estátuas e abóbadas alterosas; hieráticos motetos em honra dos bem-aventurados; ininterruptos sacrifícios e guirlandas aos deuses; e, ao advir da primavera, a condecoração de Brômio²¹⁴: excitantes melodias corais sobre o surdo sonoro som dos aulos.

(Ainda não avistando o Coro)

Estr. Por Zeus, Sócrates, quem entoas o hino? Assombrações?

Sócr. Não. São as Nuvens celestes, deidades supremas, que outorgam aos ociosos²¹⁵: intelecção, dialética e entendimento; especulação, circunlocução, engodo e persuasão.

²⁰⁹ “Boca-suja” tenta captar a ideia implícita na crítica de Sócrates, a qual pode ser percebida pela introdução da cláusula adversativa no original: “e nem faças como estes poetas cômicos, mas ‘evite palavras de mau agouro’” μηδὲ ποιήσεις ὅπερ οἱ τρυγοδαίμονες οὔτοι, ἀλλ’ εὐφρήμει.

²¹⁰ Como indica Dover (1968, p. 141), se na Estrofe o coro havia cantado sua ida rumo à terra, agora, na Antístrofe, ele canta sua chegada à Ática. Seria esse o motivo do retardamento do “Párodo” na peça?

²¹¹ Epíteto da deusa Atena.

²¹² Rei mítico, fundador de Atenas, meio homem, meio serpente.

²¹³ Trata-se dos mistérios de Elêusis.

²¹⁴ Epíteto do deus Dioniso.

²¹⁵ Isto é: poetas, sofistas, filósofos, etc. Note-se como o discurso assumido por Sócrates identifica-se com o discurso de Platão (*passim*) a respeito da atividade sofística.

Στ. ταῦτ' ἄρ' ἀκοῦσας' αὐτῶν τὸ φθέγγμ' ἡ ψυχὴ μου πεπότηται [319-329]
καὶ λεπτολογεῖν ἤδη ζητεῖ καὶ περὶ καπνοῦ στενολεσχεῖν
καὶ γνωμιδίῳ γνώμην νύξας' ἐτέρῳ λόγῳ ἀντιλογῆσαι·
ὥστ' εἴ πως ἐστίν, ἰδεῖν αὐτὰς ἤδη φανερώς ἐπιθυμῶ.

Σω. βλέπε νυν δευρὶ πρὸς τὴν Πάρνηθ'· ἤδη γὰρ ὁρῶ κατιούσας
ἡσυχῇ αὐτάς.

Στ. φέρε ποῦ; δεῖξον.

Σω. χωροῦσ' αὖται πάνυ πολλαὶ
διὰ τῶν κοίλων καὶ τῶν δασέων, αὖται πλάγιοι.

Στ. τί τὸ χρημα;
ὥς οὐ καθορῶ.

Σω. παρὰ τὴν εἴσοδον.

Στ. ἤδη νυνὶ μόλις οὕτως.

Σω. νῦν γέ τοι ἤδη καθορᾶς αὐτάς, εἰ μὴ λημᾶς κολοκύνταις.

Στ. νῆ Δί' ἔγωγ'. ὦ πολυτίμητοι· πάντα γὰρ ἤδη κατέχουσιν.

Σω. ταύτας μέντοι σὺ θεὰς οὔσας οὐκ ἤδεις οὐδ' ἐνόμιζες;

Estr. Então é isso: foi escutar o hino delas e meu juízo revoou; [319-329]
já principio a parolar, a argueirar fumaça e a desdizer uma fala
com outra falinha de locução mais espevitada²¹⁶.
Se for lícito, quero as contemplar *tête-à-tête*.

Sócr. Divisa o Parnes-rochoso²¹⁷! Já as vejo descer
vagarosamente.

Estr. Onde? Aponta!

Sócr. Avançam, em profusão,
ao longo de cavernas e bosques. Ei-las, daquele lado²¹⁸...

Estr. Cadê?
Num tô vendo.

Sócr. No caminho de entrada...

Estr. Agora sim, com dificuldade...

(O Coro, composto por mulheres narigudas, entra)

Sócr. Pois bem: ou já avistas, ou tens abóboras em lugar de remelas.

Estr. Por Zeus, já se alastram totalmente. Oh! Plurivenerandas!

Sócr. Decerto, por insipiência, não as reverenciavas enquanto deusas.

²¹⁶ O ritual de passagem e a epifania próxima das Nuvens inspiram no personagem as notas sofisticadas por ele almejadas.

²¹⁷ Trata-se de uma cadeia montanhosa entre a Ática e a Beócia. A introdução do adjetivo “rochoso” pretende, quando da publicação desta tradução, eximir o leitor não avisado da leitura da nota de rodapé.

²¹⁸ Sócrates, provavelmente, aponta para o caminho que conduz o Coro para a Orquestra. Cenicamente, neste passo, encerra-se o retardamento do párodo.

Στ. μὰ Δί', ἀλλ' ὁμίχλην καὶ δρόσον αὐτὰς ἡγούμην καὶ καπνὸν εἶναι.

[330-334]

Σω. οὐ γὰρ μὰ Δί' οἶσθ' ὅτιῃ πλείστους αὖται βόσκουσι σοφιστάς,
Θουριομάντεις, ἰατροτέχνας, σφραγιδονυχαργοκομήτας·
κυκλίων τε χορῶν ἄσματοκάμπτας, ἄνδρας μετεωροφένακας,
οὐδὲν δρῶντας βόσκουσ' ἀργούς, ὅτι ταύτας μουσοποοῦσιν.

[330-334]

Estr. Por Zeus que não, julgava que eram nevoeiro, orvalho ou vapor-barato²¹⁹.

Sócr. Certamente por ignorares que elas inspiram toda grei de sofistas²²⁰, charlatões²²¹, curandeiros²²², metrosssexuais²²³, poetas cíclicos, astrólogos e demais desocupados que as cantam em verso.

²¹⁹ O vocábulo καπνός, -oũ comporta dois sentidos básicos: i) vapor; fumaça; e ii) coisa vã; sem importância. Na presente passagem verifica-se uma oscilação entre o valor conferido ao Coro: Sócrates destaca sua condição divina (Nuvens), enquanto Estrepsíades o vê como mero fenômeno natural (nuvens). Em face disso, pudemos destacar a ordinariade da predicação proposta por Estrepsíades acoplando os dois valores do vocábulo na locução “vapor-barato”. Em passagens anteriores, traduzimos o vocábulo pelo simples correspondente “fumaça”.

²²⁰ Um dos primeiros registros de alusão ao termo com valor pejorativo.

²²¹ Literalmente: “adivinhos de Túrio”. Túrio foi uma colônia ateniense fundada em 444 a.C.. Segundo Rogers (1916, p. 49), é consenso entre os gramáticos antigos que, neste passo, Aristófanes está se referindo a um certo Lâmpion, famoso adivinho do tempo de Péricles, que haveria participado da fundação da colônia e, posteriormente, exercido por lá atividades religiosas referentes à profecia e à adivinhação. Aristófanes refere-se a Lâmpion por duas vezes nas *Aves* (v. 522 e v. 988). Todavia, Magueijo (2006, p. 356) aventa a hipótese de que haveria muito mais gente que se ocupava de tais práticas na cidade, razão pela qual ela deveria ser conhecida.

²²² Literalmente: “médicos práticos”.

²²³ Aristófanes forja um longo neologismo cômico σφραγιδονυχαργοκομήται – como crítica ou ao sofista Hípias de Élis, ou aos citaredos em geral –, cujo significado é registrado pelo *Le Grand Bailly* como: “Paresseux qui ne s’occupent que de leurs bagues et de leurs ongles”. Tal como o dicionário francês, os tradutores de língua portuguesa, em geral, tem preferido uma paráfrase descritiva para a tradução do termo:

Gilda Reale: “vadios de longos cabelos que só tratam de anéis e unhas”;

Gama Kury: “cabeludos, bichas ocupadas apenas com seus anéis e suas unhas”;

Junito Brandão: “ociosos cabeludos ocupados com suas unhas e anéis”;

Baracat (org.): “caipiras cabeludos preguiçosos preocupados com seus anéis de ônix e suas unhas”;

Magueijo: “calões guedelhudos que só cuidam de anéis e unhas”.

Preferimos uma solução mais sintética, vertendo o neologismo aristofânico por uma gíria dos anos noventa – composta pela aglutinação de “metropolitano” e “sexual” –, que designa “homens urbanos extremamente preocupados com a aparência”. Inclusive, o vocábulo é amplamente utilizado para designar homens que vão ao salão de beleza para o tratamento das unhas, o que nos remete diretamente ao sentido do termo em tradução.

Στ. ταῦτ' ἄρ' ἐποίουν “ὕγρᾱν Νεφελᾶν στρεπταίγλαν δαΐιον ὀρμάν”, [335-347]
 “πλοκάμους θ' ἑκατογκεφάλα Τυφῶ” “πρημαινούσας τε θυέλλας”,
 εἴτ' “ἀερίας διεράς” “γαμψούς τ' οἴωνους ἀερονηχεῖς”
 “ὄμβρους θ' ὑδάτων δροσερᾶν νεφελᾶν”· εἴτ' ἀντ' αὐτῶν κατέπινον
 κεστρᾶν τεμάχη μεγαλᾶν ἀγαθᾶν κρέα τ' ὀρνίθεια κιχηλᾶν.

Σω. διὰ μέντοι τάσδ'. οὐχὶ δικαίως;

Στ. λέξον δὴ μοι, τί παθοῦσαι,
 εἵπερ νεφέλαι γ' εἰσὶν ἀληθῶς, θνηταῖς εἴξασι γυναιξίν;
 οὐ γὰρ ἐκεῖναί γ' εἰσὶ τοιαῦται.

Σω. φέρε, ποῖαι γάρ τινές εἰσιν;

Στ. οὐκ οἶδα σαφῶς· εἴξασιν δ' οὔν ἐρίοισιν πεπταμένοισιν,
 κούχῃ γυναιξίν, μὰ Δί', οὐδ' ὅτιοῦν· αὗται δὲ ῥῖνας ἔχουσιν.

Σω. ἀπόκριναί νυν ἅττ' ἂν ἔρωμαι.

Στ. λέγε νυν ταχέως ὅτι βούλει.

Σω. ἤδη ποτ' ἀναβλέψας εἶδες νεφέλην κενταύρῳ ὁμοίαν
 ἢ παρδάλει ἢ λύκῳ ἢ ταύρῳ;

Estr. De fato, direto entoam: *fúria fulminante das líquidas Nuvens* [335-347]
*de raios serpeantes*²²⁴, *tranças do centicéfalo*²²⁵ *Tifão*²²⁶, *hálito*
voraz das borrascas, etérea fluidez, aduncas aves aeroflutuantes
trombas d'água das nimbosas nuvens... Em troca do que se empanturram
 de postas de tainha (grossas e succulentas!) e de frango a passarinho²²⁷.

Sócr. Um pagamento à altura!

Estr. (*Em referência ao Coro*) Esclarece um engastalho:
 por que aparentam mulheres comuns²²⁸, sendo, de fato, nuvens?
 (*Apontando para o céu*) Aquelas lá não são assim.

Sócr. Como são, então?

Estr. Não sei ao certo. Decerto aparentam algodão espargido;
 mas não mulheres! Zeus, aquelas ali têm até narizes!

Sócr. Vamos: eu pergunto, tu respondes²²⁹.

Estr. Diz ligeiro, que foi?

Sócr. Nunca viste uma nuvem idêntica a um centauro,
 um leopardo, um lobo ou um touro?

²²⁴ Seguem-se expressões extraídas de poemas ditirâmbicos, possivelmente reconhecíveis entre os espectadores. Como nota Rogers (1916, p. 50), não deve causar estranhamento a familiaridade de Estrepsíades com a poesia lírica: "Aristophanes frequently puts his criticisms into the mouths of characters who in real life would be quite unqualified to make them".

²²⁵ Devemos o neologismo à tradução de Magueijo: "a cabeleira do centicéfalo Tifão". "Tranças do cabelo de Tifão" constitui metáfora para nuvens negras retorcidas que antecedem as tempestades.

²²⁶ Hesíodo, *Teogonia*, 820 *et seq.*.

²²⁷ Alusão às dispendiosas iguarias que, por vezes, eram servidas pelos coreutas ao coro de ditirambos.

²²⁸ No original "mulheres mortais", outra opção seria: "mulheres em carne e osso".

²²⁹ Literalmente: "Vamos, responde ao que eu perguntar".

Στ.

νή Δί' ἔγωγ'. εἶπα τί τοῦτο;

[347-357]

Σω. γίνονται πάνθ' ὅτι βούλονται· κᾶτ' ἦν μὲν ἴδωσι κομήτην
 ἄγριόν τινα τῶν λασίων τούτων, οἷόνπερ τὸν Ξενοφάντου,
 σκώπτουσαι τὴν μανίαν αὐτοῦ κενταύροις ἤκασαν αὐτάς.

Στ. τί γὰρ ἦν ἄρπαγα τῶν δημοσίων κατίδωσι Σίμωνα, τί δρῶσιν;

Σω. ἀποφαίνουσαι τὴν φύσιν αὐτοῦ λύκοι ἐξαίφνης ἐγένοντο.

Στ. ταῦτ' ἄρα, ταῦτα Κλεώνυμον αὖται τὸν ρίψασπιν χθὲς ἰδοῦσαι,
 ὅτι δειλότατον τοῦτον ἐώρων, ἔλαφοι διὰ τοῦτ' ἐγένοντο.

Σω. καὶ νῦν γ' ὅτι Κλεισθένη εἶδον, ὀρᾷς, διὰ τοῦτ' ἐγένοντο γυναῖκες.

Στ. χαίρετε τοίνυν, ὧ δέσποιναι· καὶ νῦν, εἴπερ τινὶ κάλλω,
 οὐρανομήκη ῥήξατε κάμοι φωνήν, ὧ παμβασίλειαι.

Estr.

Já, e daí?

[347-357]

Sócr. Elas se transmudam como querem. Se avistam a crina de um maricas²³⁰ cabeludo, tipo o filho do Xenofanto²³¹, escarnecem da bizarrice metamorfoseando-se em centauro.

Estr. E se reparam num ladrão do cofre público, tipo o Simão²³²?

Sócr. Espelham sua índole metamorfoseando-se em lobo.

Estr. Ontem, então, viram Cleônimo²³³, o enjeita-escudo; foi só ver o frouxão e viraram veados.

Sócr. Vai ver agora viram Clístenes²³⁴ e se tornaram donzelas.

(Convencido da natureza divina do Coro)

Estr. Minhas reverências, madames. Soltei, de novo, aquele ribombo preenchedor dos céus, ó senhoras de tudo²³⁵.

²³⁰ A despeito de seu significado ordinário – “selvagem”, “agreste”, “rústico” –, ἄγριος, como indica Dover (1968, p. 147), era também utilizado para denominar um homem inclinado para a pederastia, daí “maricas”. A comparação com Centauros deve-se à notória libertinagem atribuída a tais seres. Reforçamos o sentido da equiparação traduzindo κομήτης por “crina” e não “cabeleira”.

²³¹ Tudo o que se sabe sobre Hierônimo, o filho de Xenofanto, é o registrado pelo escoliasta em uma passagem dos *Arcaenses* (389-390): Ἱερώνυμον λέγει τὸν διθυραμβοποιὸν, ὃς Ξενοφάντου μὲν ἦν παῖς, λάσιον δὲ εἶχε τὸ σῶμα.

²³² Desconhecido historicamente. O Escoliasta, em uma passagem do *Pólis* (218) de Êupolis, refere-se a ele como alguém que roubou o tesouro de Heracléia. Já o Suda registra o seguinte provérbio: Σίμωνος ἄρπακτικώτερον.

²³³ Vítima costumaz de Aristófanes (*Acarnenses* 844; *Vespas* 19; *Paz* 446, 1295). Na presente passagem, sugere o poeta que Cleônimo, em fuga, haveria abandonado o escudo a fim de salvar a própria pele. Já foi sugerido, embora hipoteticamente, que tal episódio haveria se dado na batalha de Délio (424 a.C.), que ocorrera entre a representação dos *Cavaleiros* e das *Nuvens*. Uma das três batalhas em que Sócrates combateu na condição de soldado hoplita.

²³⁴ Outra vítima costumaz de Aristófanes (*Acarnenses*, 118; *Lísistrata*, 122, 1092; *Aves*, 829; *Cavaleiros*, 1374; *Vespas*, 1187).

²³⁵ Pensamos que o uso de ὅ παμβασιλειαί sugere a incapacidade do personagem em distinguir o setor de atuação das neodivindades.

Χο. χαῖρ', ὦ πρεσβῦτα παλαιογενές, θηρατὰ λόγων φιλομούσων. [358-371]
 σύ τε, λεπτοτάτων λήρων ἱερεῦ, φράζε πρὸς ἡμᾶς ὅτι χρήζεις·
 οὐ γὰρ ἂν ἄλλω γ' ὑπακούσαιμεν τῶν νῦν μετεωροσοφιστῶν
 πλὴν ἢ Προδίκω, τῷ μὲν σοφίας καὶ γνώμης οὔνεκα, σοὶ δὲ
 ὅτι βρενθύει τ' ἐν ταῖσιν ὁδοῖς καὶ τῷ φθαλμῷ παραβάλλεις
 κἀνυπόδητος κακὰ πόλλ' ἀνέχει κάφ' ἡμῖν σεμνοπροσωπεῖς.

Στ. ὦ Γῆ, τοῦ φθέγματος, ὡς ἱερὸν καὶ σεμνὸν καὶ τερατῶδες.

Σω. αὗται γάρ τοι μόναι εἰσὶ θεαί, τᾶλλα δὲ πάντ' ἐστὶ φλύαρος.

Στ. ὁ Ζεὺς δ' ὑμῖν, φέρε, πρὸς τῆς Γῆς, Οὐλύμπιος οὐ θεός ἐστιν;

Σω. ποῖος Ζεὺς; οὐ μὴ ληρήσεις. οὐδ' ἐστὶ Ζεὺς.

Στ. τί λέγεις σύ;
 ἀλλὰ τίς ὕει; τουτὶ γὰρ ἔμοιγ' ἀπόφηναι πρῶτον ἀπάντων.

Σω. αὗται δῆπου· μεγάλοις δέ σ' ἐγὼ σημείοις αὐτὸ διδάξω.
 φέρε, ποῦ γὰρ πώποτ' ἄνευ νεφελῶν ὕοντ' ἤδη τεθέασαι;
 καίτοι χρῆν αἰθρίας ὕειν αὐτόν, ταύτας δ' ἀποδημεῖν.

Coro Salve, velho caquético, aspirante dos conselhos das Musas. [358-371]

(Dirigindo-se a Sócrates)

Salve, pastor de sutilíssimos disparates²³⁶, informa-nos o que necessitas.

Não aquiescemos a nenhum dos atuais astrólogosofistas²³⁷, exceto tu e Pródico²³⁸. Ele, pela erudição e sabedoria; tu, pelo andar sobranceiro, pelo olhar em soslaio, pelos pés nus resistentes às adversidades²³⁹ e pelo ar solene a nós dispensado.

Estr. Gaia-Terra! Que voz! Sacra! Solene! Magnânima!

Sócr. São elas as únicas deusas, tudo o mais é patavina.

Estr. E Zeus Olímpico, não é um deus?

Sócr. Qual Zeus? Não desatine! Zeus está morto!

Estr. Como assim?
Então quem chove? Clarifica isso aí pra mim.

Sócr. As próprias. Apresentar-te-ei um indício cabal.

Pondere: já viste Zeus fazer chover sem nuvens?

Entrementes, ele devia poder chover sem elas, em céu firme.

²³⁶ Como nos informa Rogers (1916, p. 53), o termo λήρων também aparece vinculado aos ensinamentos socráticos nas *Rês* (v. 1497) e, posteriormente, no *Cármides* de Platão: "and possibly it is in consequence of such passages as these that Plato makes Socrates occasionally apply it to himself".

²³⁷ Eis uma das principais acusações que pesarão contra Sócrates um quarto de século depois. Em face da qual tanto Platão quanto Xenofonte procurarão apresentar defesa para o mestre.

²³⁸ Pródico de Ceos foi um sofista contemporâneo de Sócrates, especialista nas distinções e sinônimos entre os vocábulos. No *Teeteto* (151b), na famosa passagem em que descreve o método maiêutico, Sócrates afirma enviar a Pródico aqueles jovens que não conseguem progredir na filosofia.

²³⁹ Platão interpretará essa passagem de modo favorável à figura de Sócrates (*Banquete*, 221b; *Fédon* 117-b).

Στ. νῆ τὸν Ἀπόλλω, τοῦτό γε τοι τῷ νυνὶ λόγῳ εὖ προσέφυσας.
καίτοι πρότερον τὸν Δί' ἀληθῶς ὥμην διὰ κοσκίνου οὐρεῖν.
ἀλλ' ὅστις ὁ βροντῶν ἐστὶ φράσον, τοῦθ' ὃ με ποιεῖ τετραμαίνειν.

[372-384]

Σω. αὐται βροντῶσι κυλινδόμεναι.

Στ. τῷ τρόπῳ, ὧ πάντα σὺ τολμῶν;

Σω. ὅταν ἐμπλησθῶς ὕδατος πολλοῦ κἀναγκασθῶσι φέρεσθαι
κατακριμνόμεναι πλήρεις ὄμβρου δι' ἀνάγκην, εἴτα βαρεῖται
εἰς ἀλλήλας ἐμπίπτουσιν ῥήγνυνται καὶ παταγοῦσιν.

Στ. ὁ δ' ἀναγκάζων ἐστὶ τίς αὐτάς – οὐχ ὁ Ζεὺς; – ὥστε φέρεσθαι;

Σω. ἥκιστ', ἀλλ' αἰθέριος δῖνος.

Στ. Δῖνος; τουτί μ' ἐλελήθει,
ὁ Ζεὺς οὐκ ὢν, ἀλλ' ἀντ' αὐτοῦ Δῖνος νυνὶ βασιλεύων.
ἀτὰρ οὐδέν πω περὶ τοῦ πατάγου καὶ τῆς βροντῆς μ' ἐδίδαξας.

Σω. οὐκ ἤκουσάς μου τὰς νεφέλας ὕδατος μεστὰς ὅτι φημὶ
ἐμπιπτούσας εἰς ἀλλήλας παταγεῖν διὰ τὴν πυκνότητα;

Estr. Por Apolo, cravastes um bom argumento.

[372-384]

Dantes eu achava que era Zeus mijando pela joeira.

Agora explana: quem é o trovejador que me faz tremelicar?

Sócr. Elas, perambulando, trovejam²⁴⁰.

Estr.

De que jeito, ó grande atrevido?

Sócr. Quando, repletas de chuva, saturam-se d'água, deslocam-se forçosamente para baixo; em função do peso, ao se entrechocarem, estouram e ribombam.

Estr. E não é Zeus quem as desloca?

Sócr. Ele não, o etéreo *torne-ar* sim.

Estr.

O *Torne-iro*²⁴¹? Nem sabia

que um Torneiro agora reina no lugar de Zeus²⁴².

Mas ainda não me destes prova do ribombar e do trovão.

Sócr. Não escutastes que as nuvens, saturadas d'água, entrechocam-se e estrondam em razão da densidade?

²⁴⁰ Tradução mais eficiente é a de Junito: “Elas trovejam, quando se entrechocam”.

²⁴¹ O termo δῖνος, como nos informa Cavaignac (1928, p 32), constitui, por excelência, uma palavra do vocabulário atomístico de Leucipo e Demócrito.

²⁴² O cômico da passagem figura na dúbia acepção conferida ao termo δῖνος – “torvelinho”, “redemoinho”; “rotação”; “vasilha torneada”. Sócrates está, claramente, a mencionar alguma teoria *physiológica* sobre o movimento. Vários pensadores, de fato, a expressaram na antiguidade: Empédocles, Anaxágoras, Diógenes, Leucipo, Demócrito e Antífonte. Demócrito e Empédocles, inclusive, chegaram a utilizar o próprio termo δῖνος para expressar sua teoria sobre o movimento. Não obstante, o Escoliasta vincula a presente menção à teoria de Anaxágoras: ταῦτα ἐκ τῶν Ἀναξαγορείων λαμβάνει. Se, de fato, foi essa a fonte do gracejo de Aristófanes, então, Sócrates refere-se ao movimento primordial de rotação que haveria sido a origem dos elementos do universo. É bem possível que a audiência de Aristófanes não delimitasse pontualmente a teoria e o seu autor, não obstante, é de se supor que o termo evocasse, mesmo em sentido vago, a ligação com teorias insurgentes sobre o cosmos. Estrepsíades, por sua vez, toma o termo por um nome próprio, entendendo que o mesmo ocuparia, no presente, o lugar de Zeus, como uma espécie de quarta geração divina. Na nossa tradução, vertemos as diferentes acepções pelos termos *tornear* e *Torneiro* – no intuito de denotar, em alguma medida, um gracejo imediato à passagem.

Στ. φέρε, τουτὶ τῷ χρή πιστεύειν;

[385-394]

Σω. ἀπὸ σαυτοῦ ἔγω σε διδάξω.

ἤδη ζωμοῦ Παναθηναίοις ἐμπλησθεῖς εἴτ' ἐταράχθης
τὴν γαστέρα καὶ κλόνος ἐξαίφνης αὐτὴν διεκορκορύγησεν;

Στ. νῆ τὸν Ἀπόλλω, καὶ δεινὰ ποιεῖ γ' εὐθύς μοι καὶ τετάρακται,
χῶσπερ βροντὴ τὸ ζωμίδιον παταγεῖ καὶ δεινὰ κέκραγεν,
ἀτρέμας πρῶτον, παππᾶξ παππᾶξ, κᾶπειτ' ἐπάγει παπαπαππᾶξ·
χῶταν χέζω, κομιδῇ βροντᾶ παπαπαππᾶξ, ὥσπερ ἐκεῖναι.

Σω. σκέψαι τοίνυν ἀπὸ γαστριδίου τυννουτουὶ οἷα πέπορδας·
τὸν δ' ἄερα τόνδ' ὄντ' ἀπέραντον πῶς οὐκ εἰκὸς μέγα βροντᾶν;
ταῦτ' ἄρα καὶ τώνόματ' ἀλλήλοιν, “βροντὴ” καὶ “πορδὴ”, ὁμοίω.

Estr. Por que devo botar fé nisso?

[385-394]

Sócr.

Provar-te-ei a partir de ti mesmo.

Já desarranjastes o intestino, por excesso de caldo nas Panatenéias²⁴³,
e o distúrbio²⁴⁴ fez-te o estômago²⁴⁵ roncar abruptamente?

Estr. Por Apolo: lógico! Ele resmunga e depois me mela. O caldinho,
que nem um trovão, ressoa e vocifera: de início tímido, *tra-que...tra-que*;
depois ressoante, *TRA-Tra-Tra-tac*. Agora, quando bato um cagão,
ele troveja por inteiro, que nem as nuvens: *TRA-TRA-TRA-TAC*.

Sócr. Sopesa então: se, com este ventrzinho, flatulastes assim;
não é factível o incomensurável firmamento gerar um estrondão?
Por isso a sinonímia nomenclatural: “peidão” e “trovão”²⁴⁶.

²⁴³ Trata-se do mais importante festival religioso de Atenas, em honra da própria deusa Atena. Embora sua realização fosse anual, a cada quatro anos celebrava-se uma edição especial: as Grandes Panateneias. As atividades do festival incluíam: procissões, jogos e sacrifícios – com a consequente repartição da carne sacrificial entre o público.

²⁴⁴ Informa-nos Dover (1968, p. 150-151) que o termo κλόνος figurava na poesia lírica e épica como o “tumulto” oriundo de uma batalha. Não obstante, na presente passagem, possivelmente, denotaria alguma terminologia médica.

²⁴⁵ Explicações de ordem cropológica parecem ter sido usuais e muito ao gosto da poesia cômica. Trata-se de um *tópos* muitas vezes elencado como elemento diferenciador da poesia cômica, por um lado, da épica, lírica e trágica, por outro.

²⁴⁶ Os editores e tradutores divergem quanto à alocação deste verso. A atribuição a Estrepsíades conta com o argumento linguístico de que Aristófanes, frequentemente, introduz a mudança de personagem pela locução ταῦτ' ἄρα. Os que atribuem-no a Sócrates, por sua vez, valem-se de um argumento contextual, na medida em que análises etimológicas sabidamente constituíam atividade de interesse da sofística – por exemplo, de Pródico, acima mencionado, de Crátilo, a acreditar em Platão, etc. Adotamos o último posicionamento, consoante à edição de Dover (1968). Não obstante, vale ressaltar que a atribuição de tal verso a Estrepsíades não o inviabilizaria em relação ao contexto da peça, apenas mudaria seu enfoque crítico: o qual deixaria de ser um sátira à atividade socrática para denotar a baixa incapacidade intelectual de Estrepsíades.

Στ. ἀλλ' ὁ κεραυνὸς πόθεν αὔφεται λάμπων πυρί, τοῦτο δίδαξον, [395-407]
καὶ καταφρύγει βάλλων ἡμᾶς, τοὺς δὲ ζῶντας περιφλεύει.
τοῦτον γὰρ δὴ φανερώς ὁ Ζεὺς ἴησ' ἐπὶ τοὺς ἐπιόρκους.

Σω. καὶ πῶς, ὦ μῶρε σὺ καὶ Κρονίων ὄζων καὶ βεκκεσέληνε,
εἴπερ βάλλει τοὺς ἐπιόρκους, δῆτ' οὐχὶ Σίμων' ἐνέπρησεν
οὐδὲ Κλεώνυμον οὐδὲ Θέωρον; καίτοι σφόδρα γ' εἶσ' ἐπίορκοι.
ἀλλὰ τὸν αὐτοῦ γε νεῶν βάλλει καὶ Σούνιον, ἄκρον Ἀθηνέων,
καὶ τὰς δρυὺς τὰς μεγάλας, τί μαθών; οὐ γὰρ δὴ δρυὺς γ' ἐπιорκεῖ.

Στ. οὐκ οἶδ'· ἀτὰρ εὖ σὺ λέγειν φαίνει. τί γάρ ἐστιν δῆθ' ὁ κεραυνός;

Σω. ὅταν εἰς ταύτας ἄνεμος ξηρὸς μετεωρισθεὶς κατακλεισθῇ,
ἔνδοθεν αὐτὰς ὥσπερ κύστιν φύσῃ, κᾶπταιθ' ὑπ' ἀνάγκης
ρήξας αὐτὰς ἔξω φέρεται σοβαρὸς διὰ τὴν πυκνότητα,
ὑπὸ τοῦ ροίβδου καὶ τῆς ρύμης αὐτὸς ἑαυτὸν κατακάων.

Estr. Aclara um ponto: donde provém o raio, com aquele alastro [395-407]
rebrilhante²⁴⁷ que frita ou chamusca sempre que acerta um vivente?
É certo que Zeus adereça ele em cima dos jura-em-vão.

Sócr. És um parvo, um lunático rescendente dos tempos de Cronos²⁴⁸! Se Zeus alvejasse perjuros²⁴⁹, não teria flamejado Simão²⁵⁰, Cleônimo²⁵¹ e Teoro²⁵²? Três pujantes perjuros²⁵³.
Conquanto alveja alterosos carvalhos²⁵⁴, o próprio santuário e o do cabo Súnion²⁵⁵. Objetivando o quê? Carvalhos não perjuram!

Estr. Sei lá, mas tua fala aparenta retidão. Que é o raio, então?

Sócr. Quando sobrelevado, o vento seco adentra no interior das nuvens e, símil a bolhas, as infla. Por serem densas, ao rompê-las, ele é energicamente propelido para fora. Em decorrência do estampido e da impulsão, ele se autoincinera²⁵⁶.

²⁴⁷ “Rebrilho” traduz λάμπων πυρί, vocábulos que, para nosso entendimento, são pleonásticos no contexto.

²⁴⁸ Cronos era filho de Uranos e pai de Zeus, pelo qual foi destronado. A adjetivação pretendida por Sócrates com a expressão “rescende a Cronos” equivale a “tu cheiras a tempos antigos”, ou melhor, “a uma antiga geração”.

²⁴⁹ Zeus era invocado em nome dos juramentos. Sócrates está subtraindo mais um atributo do deus.

²⁵⁰ Vide a nota referente ao verso 351.

²⁵¹ Vide a nota referente ao verso 353.

²⁵² Teoro foi o mão-direita de Cléon, ambos duramente criticados nas Vespas.

²⁵³ Literalmente: “Embora eles sejam veementes perjuros”.

²⁵⁴ O Carvalho era consagrado a Zeus, por meio deles o deus proferia seus oráculos em Dódona.

²⁵⁵ Promontório de Atenas, no sul da Ática, onde figuram ruínas de um templo jônico de Atena e do grandioso templo de Poseidon, ambos destruídos em 480 a.C., durante as guerras médicas, e, posteriormente, reconstruídos por Péricles. O verso evoca uma passagem da *Odisséia* (III, 278): ἄλλ' ὅτε Σούινιον ἰπὸν ἀφικόμεθ', ἄκρον Ἀθηνέων; “No mar o atrida e eu voltávamos de Troia,/ zelosos da amizade mútua, quando à beira-/Súnio, sagrado promontório ateniense,/ Apolo fulminou com dardos sobrevoantes/ o timoneiro do navio de Menelau... (Trad. Trajano Vieira).

²⁵⁶ Aristófanes parodia ou mesmo explicita uma teoria muito em voga entre os *physiólogos*. Sua inspiração pode ter sido tanto Anaxágoras quanto Anaximandro, ambos apresentaram explicações consoantes ao exposto para o presente fenômeno. A tradução doxográfica atribui a Anaxímando (Écio, III, 3, 1-2) a seguinte explicação sobre a origem de raios, relâmpagos e trovões: “Anaxímando diz que

Στ. νή Δί' ἐγὼ γοῦν ἀτεχνῶς ἔπαθον τουτί ποτε Διασίοισιν.
 ὀπτῶν γαστέρα τοῖς συγγένεσιν κᾶτ' οὐκ ἔσχων ἀμελήσας,
 ἢ δ' ἄρ' ἐφυσᾶτ', εἴτ' ἐξαίφνης διαλακήσασα πρὸς αὐτῷ
 τῷφθαλμῷ μου προσετίλησεν καὶ κατέκαυσεν τὸ πρόσωπον.

[408-421]

Χο. ὦ τῆς μεγάλης ἐπιθυμήσας σοφίας ἄνθρωπε παρ' ἡμῶν,
 ὡς εὐδαίμων ἐν Ἀθηναίοις καὶ τοῖς Ἑλλησι γενήσῃ
 εἰ μνήμων εἶ καὶ φροντιστὴς καὶ τὸ ταλαίπωρον ἔνεστιν
 ἐν τῇ ψυχῇ καὶ μὴ κάμνεις μήθ' ἐστὼς μήτε βαδίζων
 μήτε ῥιγῶν ἄχθει λίαν μήτ' ἀριστᾶν ἐπιθυμεῖς
 οἴνου τ' ἀπέχει καὶ γυμνασίων καὶ τῶν ἄλλων ἀνοήτων
 καὶ βέλτιστον τοῦτο νομίζεις, ὅπερ εἰκὸς δεξιὸν ἄνδρα,
 νικᾶν πράττων καὶ βουλευῶν καὶ τῇ γλώττῃ πολεμίζων.

Στ. ἀλλ' εἵνεκα γε ψυχῆς στερρᾶς δυσκολοκοίτου τε μερίμνης
 καὶ φειδωλοῦ καὶ τρυσιβίου γαστρὸς καὶ θυμβρεπιδείπνου,

todos estes fenómenos acontecem como resultado do vento: pois, sempre que este é encerrado numa nuvem densa e depois irrompe para fora dela à força, graças à sua subtileza e leveza, então o rebentamento produz o estrondo, ao passo que a fenda em contraste com o negrume da nuvem produz o clarão”, todos eles, pelas rajadas de vento. Quando este é encerrado numa nuvem densa e irrompe para fora dela com violência, o rompimento produz o barulho e essa fenda dá a impressão de um clarão, em contraste com o negrume da nuvem” (*in* KIRK, RAVEN, SCHOFIELD, 2008, fr. 130). A mesma fonte explicita sobre Anaxímenes: “Anaxímenes afirmou o mesmo que ele [Anaximandro], acrescentando o que acontece no caso do mar, que refulge quando fendido pelos remos. – Anaxímenes disse que as nuvens se produzem, quando o ar se torna mais espesso; quando a sua compressão aumenta, a chuva é espremida, e o granizo forma-se, quando a água solidifica ao cair, e a neve, quando uma porção de vento se junta à humidade” (Écio III, 3,2) (*in* KIRK, RAVEN, SCHOFIELD, 2008, fr. 158). De qualquer modo, para a crítica de Aristófanes o importante é perceber que tais teorias suplantam as explicações religiosas tradicionalmente aceitas e, por conseguinte, contribuem para o descrédito dos deuses e a consequente impiedade – cf. a vinculação realizada por Sócrates (PLATÃO, *Apologia*, 18c) entre a investigação *physiológica* e o ateísmo: οἱ γὰρ ἀκούοντες ἡγοῦνται τοὺς ταῦτα ζητοῦντας [isto é, τὰ τὲ μετέωρα φροντιστῆς καὶ τὰ ὑπὸ γῆς πάντα (18b)] οὐδὲ θεοὺς νομίζειν. Além disso, é plausível que a presente explicação fizesse-se reconhecível entre a audiência, dado a existência de uma vasta propagação de ideias correlatas. Dover (1968, p. 153) nota que Leucipo, Anaxágoras e Demócrito também sustentaram argumentação semelhante ou complementar em relação aos mesmos fenómenos meteorológicos.

Estr. Por Zeus, foi bem o que amarguei nas Diásias²⁵⁷.

[408-421]

Eu sapecava um bucho com a parentada²⁵⁸ e, por desmazelo, esqueci do furo. Aquilo avolumou e, de supetão, estourou na minha vista, embosteando e queimando minha cara.

(Dirigindo-se a Estrepsiades)

CORIFEU Ente,²⁵⁹ aspirante de nosso variegado saber, hiper-jucundo, entre atenienses e gregos, serás; acaso memória, reflexão e enfado na alma tenhas; incansável, no restar e no perambular, e insensível, ao frio cortante, sejas; de alimento, vinho, atletismo e cópula²⁶⁰ te abstenhas; e, qual varão distinto, reputes como bem-maior: o vencer em negócio, julgamento e querela com a língua.

(Dirigindo-se a Sócrates)

Estr. No respeitante à natureza bruta, preocupação mata-sono, pão-durice e bucho minguado tratado a capim²⁶¹, fica descansado;

²⁵⁷ Trata-se do mais importante festival ateniense em honra a Zeus.

²⁵⁸ Nas Diásias, todos os cidadãos oferendavam a Zeus. Estrepsiades e a família estavam a oferecer em sacrifício uma parte dos órgãos do animal, tal como disposto pelo logro originário de Prometeu.

²⁵⁹ O Coro assume um tom altaneiro frente a Estrepsiades, como revela o carácter pejorativo do vocativo ἄνθρωπε, quando atribuído a um particular: “indivíduo”, “elemento”, para nós “ente”. Ademais, como estratégia de caracterização sociolinguística, retardamos a forma verbal na tradução dos versos.

²⁶⁰ O texto grego diz: καὶ τῶν ἄλλων ἀνοήτων. Não obstante, esclarece Dover (1968, p. 154) que o termo assume aqui um carácter eufemístico em alusão à relação sexual. Todos os tradutores cotejados, em língua portuguesa, traduzem literalmente o texto; o que não nos parece uma boa escolha.

²⁶¹ Aristófanes exhibe, neste passo, um neologismo composto por θύμβρα e ἐπίδειπνον: θυμβρεπίδειπνος, *qui n’ a que de la sarriete pour manger*. “La sarriete”, referida por Bailly, designa uma erva da família das *Lamiaceae*, a “Satureia”. Família na qual se incluem outras ervas aromáticas, tais como: manjerição, manjerona, hortelã, alecrim, etc. A opção dos tradutores em língua portuguesa, em geral, é a de reinterpretar a passagem: “o estômago moderado, acostumado a privações, me contentando com uma salada no jantar” (Kury); “um estômago pouco exigente, habituado a privações e que se dá por jantado com uma saladinha” (Magueijo); “privações do estômago, que se contenta com salada” (Brandão); “acostumado às privações e que só janta manjerição” (Gilda Reale); “e um estômago desgastado por ervas amargas” (Baracat). Dentre as opções, apenas a última – “ervas amargas” – nos parece consoante o texto, sendo que as demais – “salada” e “manjerição” – chegam a deturpar o sentido pretendido. Ora, Estrepsiades acaba de escutar do Coro as características requeridas para o sucesso do aprendiz. Obviamente, ele retém o que lhe parece mais familiar e, ainda assim, reinterpreta as exigências a partir de características que lhe são inatas, como a rudeza e a avareza; logo, “salada” e

ἀμέλει, θαρρῶν εἵνεκα τούτων ἐπιχαλκεύειν παρέχοιμ' ἄν.

[422-434]

Σω. ἄλλο τι δῆτ' οὐ νομιεῖς ἤδη θεὸν οὐδένα πλὴν ἅπερ ἡμεῖς,
τὸ Χάος τουτὶ καὶ τὰς Νεφέλας καὶ τὴν Γλῶτταν, τρία ταυτί;

Στ. οὐδ' ἂν διαλεχθείην γ' ἀτεχνῶς τοῖς ἄλλοις οὐδ' ἂν ἀπαντῶν,
οὐδ' ἂν θύσαιμ' οὐδ' ἂν σπείσαιμ' οὐδ' ἐπιθείην λιβανωτόν.

Χο. λέγε νυν ἡμῖν ὅτι σοι δρῶμεν θαρρῶν, ὥς οὐκ ἀτυχήσεις
ἡμᾶς τιμῶν καὶ θαυμάζων καὶ ζητῶν δεξιὸς εἶναι.

Στ. ὦ δέσποιναι, δέομαι τοίνυν ὑμῶν τουτὶ πάνυ μικρόν,
τῶν Ἑλλήνων εἶναί με λέγειν ἑκατὸν σταδίοισιν ἄριστον.

Χο. ἀλλ' ἔσται σοι τοῦτο παρ' ἡμῶν, ὥστε τὸ λοιπὸν γ' ἀπὸ τουδὶ
ἐν τῷ δήμῳ γνώμας οὐδεὶς νικήσει πλείονας ἢ σύ.

Στ. μή μοι γε λέγειν γνώμας μεγάλας· οὐ γὰρ τούτων ἐπιθυμῶ,
ἀλλ' ὅς' ἐμαυτῷ στρεψοδικῆσαι καὶ τοὺς χρήστας διολισθεῖν.

“manjerição” soam-nos muito sofisticado para o velho. Em nossa tradução – “tratado a capim” – procuramos, além da rusticidade exigida, adicionar uma nota ressoante na peça e que se encontra consoante ao que fizemos, por exemplo, ao verter a cobertura de *Estrepsíades* por “baixeiro” (*vide* a nota relativa ao verso 37).

pra tais constâncias, manifesto uma dureza de ferro.

[422-434]

Sócr. Doravante, então, símil a nós, não venerarás
nenhum deus além da tríade: Caos, Nuvens e Língua²⁶²?

Estr. Não vou dar miúdos, vinho, incenso e
nem prosa pros outros, nem que me apareçam²⁶³.

Corf. Externa com fé: que podemos fazer por ti? Se tiveres
retidão, se nos honrar, venerar e frequentar, não te frustrarás.

Estr. Peço-vos uma coisinha minúscula, madames: ter,
com vantagem de sobra²⁶⁴, a melhor lábia dos gregos.

Corf. Obterás isso junto a nós! Doravante, nas resoluções
da assembleia, ninguém logrará mais do que tu²⁶⁵.

Estr. Nem me venha com “resoluções importantes”, nada quero
com isso. Quero é reverter a justiça e me safar dos agiotas.

²⁶² O Caos, consoante Hesíodo (*Teogonia*, v. 116-122), foi o primeiro dos deuses primordiais do cosmo, gerador do Érebo e da Noite. Já a Língua refere-se, explicitamente, à supremacia da atividade oratória e, por conseguinte, sofística. Nas *Rãs* (892), Eurípedes também considerou a Língua como uma deidade.

²⁶³ Mais literalmente: “Não vou imolar, libar, ofertar incenso e nem prostrar com outros, nem se me aparecerem”.

²⁶⁴ O texto diz ἑκατὸν σταδίοισιν, literalmente “cem estádios”. O “estádio” era uma medida de comprimento utilizada pelos gregos, que equivalia a aproximados cento e setenta e sete metros.

²⁶⁵ O Coro entende que Estrepsíades almeja obter uma distinção pública, de ordem política, por meio da oratória. Quando, na verdade, sua ambição se limita ao domínio privado, no não pagamento dos empréstimos.

Χο. τεύξει τοίνυν ὦν ἱμέρεις· οὐ γὰρ μεγάλων ἐπιθυμεῖς.
ἀλλὰ σεαυτὸν παράδος θαρρῶν τοῖς ἡμετέροις προπόλοισιν.

[435-457]

Στ. δράσω ταῦθ' ὑμῖν πιστεύσας· ἡ γὰρ ἀνάγκη με πιέζει
διὰ τοὺς ἵππους τοὺς κοππατίας καὶ τὸν γάμον ὃς μ' ἐπέτριψεν.
νῦν οὗν χρήσθων ἀτεχνῶς ὅτι βούλονται
τουτὶ τό γ' ἐμὸν σῶμ' αὐτοῖσιν
παρέχω τύπτειν, πεινῆν, διψῆν,
αὐχμεῖν, ῥιγῶν, ἀσκὸν δεῖρειν,
εἴπερ τὰ χρέα διαφευξοῦμαι
τοῖς τ' ἀνθρώποις εἶναι δόξω
θρασύς, εὐγλωττος, τολμηρός, ἴτης,
βδελυρός, ψευδῶν συγκολλητής,
εὐρησιεπής, περίτριμμα δικῶν,
κύρβις, κρόταλον, κίναδος, τρύμη,
μάσθλης, εἴρων, γλοιός, ἀλαζών,
κέντρων, μιαρός, στρόφισ, ἀργαλέος,
ματιολοιχός.
ταῦτ' εἴ με καλοῦσ' ἀπαντῶντες,
δρώντων ἀτεχνῶς ὅτι χρῆζουσιν·
κεῖ βούλονται,
νῆ τὴν Δήμητρ' ἔκ μου χορδὴν
τοῖς φροντισταῖς παραθέντων.

Χο. λῆμα μὲν πάρεστι τῷδ' ἐγώ γ'

Corf. Alçarás o desejado. Não aspiras excessivo.

[435-457]

Entrega-te, com ânimo, aos nossos ministros.

Estr. Vou com fé. A necessidade me obriga, em função dos cavalos de raça e dum casamento arruinador²⁶⁶.

Façam o que for do agrado²⁶⁷,
cedo este meu corpo
pra sova, fome, sede,
lambreca, frio e despelamento;
e, se for pra escapulir das dívidas,
que todos me julguem
topetudo, matraca, audaz, descarado,
asqueroso, mentiroso, palavroso,
almofadinha, embusteiro, repetitivo,
trapaceiro, atrofiado, manhoso,
dissimulado, repugnante, charlatão,
miserável, maculado, desleal, antipático e
parasita.

Tendo me xingado, se toparem comigo,
façam o que quiser;
se for do agrado,
por Deméter, sirvam
minhas tripas pros matutadores.

(*Liricamente*)

Corf. A disposição deste um

²⁶⁶ Inicia-se o πνίγος (sufocação), que consiste em um conjunto de versos recitados a um só fôlego.

²⁶⁷ Platão parece ter se lembrado desta passagem no *Eutidemo* (285 b-d): [Sócrates] (...) “concedamos-lhes então isso: que eles nos façam perecer o menino, e que o façam razoável, e também a todos nós outros. Mas, se vós, os jovens, temeis, seja sobre mim o perigo, como sobre um cário! Pois eu, já que sou velho afinal, estou pronto para enfrentar o perigo, e entrego-me a Dionisodoro aqui presente, como à Medeia de Cólquida. Que me faça perecer, e, se quiser, que me cozinhe, e se <quiser outra coisa>, que faça o que quiser. Apenas que me faça aparecer homem de bem. E disse Ctesipo: Mas eu, Sócrates, também eu, estou pronto a oferecer-me aos estrangeiros, mesmo que queiram esfolar-me ainda mais do que estão me esfolando agora, se meu esfolamento não resultar num odre, como de Mársias, mas em virtude” (Tradução de Adriana Nogueira).

οὐκ ἄτολμον ἀλλ' ἔτοιμον.

[458-480]

ἴσθι δ' ὥς

ταῦτα μαθὼν παρ' ἐμοῦ κλέος οὐρανόμηκες

ἐν βροτοῖσιν ἔξεις.

Στ. τί πείσομαι;

Χο. τὸν πάντα χρόνον μετ' ἐμοῦ

ζηλωτότατον βίον ἀν-

θρώπων διάξεις.

Στ. ἄρά γε τοῦτ' ἄρ' ἐγὼ ποτ'

ὄψομαι;

Χο. ὥστε γέ σου

πολλοὺς ἐπὶ ταῖσι θύραις

ἀεὶ καθῆσθαι,

βουλομένους ἀνακοινοῦ-

σθαί τε καὶ εἰς λόγον ἐλθεῖν

πράγματα κἀντιγραφὰς

πολλῶν ταλάντων,

ἄξια σῇ φρενὶ συμ-

βουλευσομένους μετὰ σοῦ.

ἀλλ' ἐγχείρει τὸν πρεσβύτην ὅτιπερ μέλλεις προδιδάσκειν

καὶ διακίνει τὸν νοῦν αὐτοῦ καὶ τῆς γνώμης ἀποπειρῶ.

Σω. ἄγε δῆ, κάτειπέ μοι σὺ τὸν σαυτοῦ τρόπον,

ἵν' αὐτὸν εἰδῶς ὅστις ἐστὶ μηχανὰς

ἥδη 'πὶ τούτοις πρὸς σὲ καινὰς προσφέρω.

não é vacilante: é valente²⁶⁸.

[458-480]

(*A Estrepsíades*) Tome ciência:
após comigo aprender, dentre
mortais, glória olímpica²⁶⁹ terás.

Estr. Que vai ser de mim?

Corf. Durante o entretempo comigo,
da mais invejável existência, dada
a humanos, desfrutarás.

Estr. Será que chego
a ver isso?

Corf. A ponto tal que
muitos prostrar-se-ão
sob tua porta,
na ânsia de consultá-lo,
por muitos talentos,
sobre litígio e
estratégia de defesa,
orientando-se contigo
em deferência a tua sapiência.

(*Dirigindo-se a Sócrates*)

Mãos à obra²⁷⁰, trate de ensinar o que intentas ao velho,
agita-lhe o pensamento e coloca-lhe o raciocínio à prova.

Sócr. Muito bem! Desvela-me tuas maneiras. Para
que, ciente, novas elucubrações possa te lançar.

²⁶⁸ “Vacilante” e “valente” tentam captar o jogo fonético entre ἄτολμον e ἔτοιμον.

²⁶⁹ Literalmente: uma glória que atinge os céus κλέος οὐρανόμηκες. Imagem, nitidamente, homérica.

²⁷⁰ Adotamos aqui a opção tradutória de Gilda Reale.

Στ. τί δέ; τειχομαχεῖν μοι διανοεῖ, πρὸς τῶν θεῶν;

[481-491]

Σω. οὐκ, ἀλλὰ βραχέα σου πυθέσθαι βούλομαι,
εἰ μνημονικὸς εἶ.

Στ. δύο τρόπω, νῆ τὸν Δία.
ἦν μὲν γ' ὀφείληταί τι μοι, μνήμων πάνυ,
ἐὰν δ' ὀφείλω σχέτλιος, ἐπιλήσμων πάνυ.

Σω. ἔνεστι δῆτά σοι λέγειν ἐν τῇ φύσει;

Στ. λέγειν μὲν οὐκ ἔνεστ', ἀποστερεῖν δ' ἔνι.

Σω. πῶς οὖν δυνήσκει μανθάνειν;

Στ. ἀμέλει, καλῶς.

Στ. ἄγε νυν ὅπως, ὅταν τι προβάλωμαι σοφὸν
περὶ τῶν μετεώρων, εὐθέως ὑφαρπάσει.

Στ. τί δαί; κυνηδὸν τὴν σοφίαν σιτήσομαι;

Estr. Pelos deuses, onde queres me jogar²⁷¹?

[481-491]

Sócr. Anseio apenas te pôr algumas breves questões²⁷²:
boa memória?

Estr. Tenho e não tenho²⁷³:
se alguém me deve, alembro ligeiro;
se eu devo – ai! –, deslembro ligeiro.

Sócr. Aptidão para o falar?

Estr. Pra falar não, pra fraudar sim.

Sócr. Destarte, como aprenderás?

Estr. Com primazia, fica sossegado...

Sócr. Façamos assim: eu lanço um saber
meteorológico; tu, presto, o apanhas.

Estr. Daí, que nem um cão, mordo na instrução?²⁷⁴

²⁷¹ O tom cômico da passagem deve-se à correlação com uma ambiguidade presente na fala anterior de Sócrates. Visto que προσφέρω μηχανάς comporta a acepção de “lançar-te a engenhoca”, o que, militarmente, equivaleria ao uso de aríetes para a tomada de fortalezas. Procedemos a uma pequena alteração, para preservar a graça imediata da passagem, a partir do uso concreto e metafórico do verbo “lançar”. Dentre as traduções cotejadas, somente a de Gama Kury consegue manter o imediatismo cômico na passagem: i) **Soc.** “... eu saiba como devo disparar meus projéteis em sua direção”, **Est.** “Que é isto? Você está pensando em me assaltar?” (Gama Kury).

²⁷² Por diversas vezes, nos diálogos de juventude de Platão, Sócrates insiste no caráter “braquiológico” do método dialético, em oposição aos longos discursos proferidos pelos sofistas (cf. *Górgias*, 449b-449c; 461d). No *Górgias* (462a *et seq.*), inclusive, Sócrates chega a assumir o papel de respondedor, a fim de demonstrar a seu interlocutor o modo adequado de se responder às questões; já no *Protágoras* (334d-335c), ele ameaça abandonar o diálogo caso seu interlocutor não se limite a responder com curtas respostas.

²⁷³ Literalmente: δύο τρόπω.

²⁷⁴ Estrepsíades, mais uma vez, entende concretamente o vocabulário metafórico de Sócrates.

Σω. ἄνθρωπος ἀμαθὴς οὕτοσὶ καὶ βάρβαρος.
 δέδοικά σ', ὥ πρεσβύτα, μὴ πληγῶν δέει.
 φέρ' ἴδω, τί δρᾷς ἦν τις σε τύπτῃ;

[492-504]

Στ. τύπτομαι,
 κᾶπειτ' ἐπισχῶν ὀλίγον ἐπιμαρτύρομαι·
 εἴτ' αὖθις ἀκαρῇ διαλιπὼν δικάζομαι.

Σω. ἴθι νυν κατάθου θοίμάτιον.

Στ. ἡδίκηκά τι;

Σω. οὐκ, ἀλλὰ γυμνοὺς εἰσιέναι νομίζεται.

Στ. ἀλλ' οὐχὶ φωράσων ἔγωγ' εἰσέρχομαι.

Σω. κατάθου. τί ληρεῖς;

Στ. εἶπε δὴ νυν μοι τοδί·
 ἦν ἐπιμελὴς ὥ καὶ προθύμως μανθάνω,
 τῷ τῶν μαθητῶν ἐμφορῆς γενήσομαι;

Σω. οὐδὲν διοίσεις Χαιρεφώντος τὴν φύσιν.

Στ. οἴμοι κακοδαίμων, ἡμιθνής γενήσομαι.

Sócr. Criatura ignara! Bárbara!

[492-504]

Receio, velho, que faças jus à palmatória.

A propósito²⁷⁵, que fazes se lhe batem?

Estr. Apanho;

espero um tanto e arranjo testemunho;

espero outro tanto e abro processo.

Sócr. Vai, despe-te!

Estr. Procedi algum desaforo²⁷⁶?

(Indicando a porta da escola)

Sócr. Não, mas é hábito adentrar sem hábito.

Estr. Num vou dar nenhum flagrante...²⁷⁷

Sócr. Despe! Por que disparatinas?

Estr. Aclara uma coisa:

Se eu for atento e aplicado na aprendizagem,

com qual aluno vou pegar parecença?

Sócr. Em nada distinguir-se-á do Querefonte²⁷⁸.

Estr. Curuis! Vou virar um zumbi?!

²⁷⁵ Literalmente: “Vamos ver”.

²⁷⁶ Dada a última resposta, Estrepsíades pensa que irá apanhar.

²⁷⁷ Alude Estrepsíades a um procedimento jurídico que permitia ao autor de uma acusação de roubo fiscalizar a casa do acusado, não obstante, para tanto, deveria entrar nu, a fim de evitar que pudesse introduzir o objeto supostamente roubado e materializar uma falsa acusação.

²⁷⁸ A aparência física e os hábitos deste famoso amigo de Sócrates – sobrelhas grossas, extremamente magro e de hábitos noctívagos – é alvo frequente dos chistes de Aristófanes. Além da adjetivação de “morto-vivo” (ἡμιθνής) na presente passagem, Aristófanes compara-lhe a um “morcego” nas Aves 1296; 1564.

Σω. οὐ μὴ λαλήσεις, ἀλλ' ἀκολουθήσεις ἐμοὶ
ἀνύσας τι δευρὶ θᾶπτον.

[505-517]

Στ. εἰς τῷ χεῖρέ νυν
δός μοι μελιτοῦτταν πρότερον, ὥς δέδοικ' ἐγὼ
εἴσω καταβαίνων ὥσπερ εἰς Τροφωνίου.

Σω. χώρει. τί κυπτάζεις ἔχων περὶ τὴν θύραν;

Χο. ἀλλ' ἴθι χαίρων
τῆς ἀνδρείας εἵνεκα ταύτης.

εὐτυχία γένοιτο τάν-
θρώπῳ ὅτι προήκων
εἰς βαθὺ τῆς ἡλικίας
νεωτέροις τὴν φύσιν αὐ-
τοῦ πράγμασιν χρωτίζεται
καὶ σοφίαν ἐπασκεῖ.

Sócr. Cessa o despautério e acompanha-me!

[505-517]

Célere, por aqui...

Estr. Antes põe um bolo de
mel aqui na mão; meu receio de entrar aí
é que nem o de descer no antro do Trofónio²⁷⁹.

Sócr. Apressa-te. Por que quedas de quatro²⁸⁰ rente à porta?

(Entram para a escola. Estrepsiades, com medo, caminha na ponta dos pés; Sócrates, vigilante, segue-o de perto)

PARÁBASE²⁸¹

Coro (*Dirigindo-se a Estrepsiades*)²⁸²

Vá, jubilante
por tal coragem!

Ventura advenha
ao homem que no
crepúsculo dos an-
os cultiva o saber
e matiza o ser com
púberes matérias.

(Dirigindo-se, em nome do poeta, aos espectadores)

²⁷⁹ Trofónio foi um antigo arquiteto, projetista, dentre outras obras, do oráculo de Delfos. Após sua morte, a caverna onde foi enterrado, em Lebadéia na Beócia, se transformou ela própria em um local de consulta oracular. Aqueles que entravam na caverna, como consulentes, ficavam melancólicos pelo resto da existência. Ademais, era costume os consulentes portarem bolinhos de mel para aplacar a fúria das serpentes que habitavam o antro. A comparação que Estrepsiades estabelece entre o Matutatório e o Antro de Trofónio visa ressaltar o caráter secreto e de mistério que envolvia ambos recintos.

²⁸⁰ Mais do que “abaixar-se”, a passagem comporta uma conotação sexual, “inclinando-se para a frente”, na expectativa de se ser penetrado (*Tesmoforiantes*, 488; *Lisístrata*, 161).

²⁸¹ Inicia-se aqui um longo trecho coral que compreende a primeira parábase das *Nuvens* (510-626), a qual apresenta a seguinte estrutura: saudação – κομμάτων – (510-517); *parabasis proper* (518-562); ode (563-574); *epirrema* (575-594); antiode (595-606); e *antepirrema* (607-626).

²⁸² Os oito primeiros versos (510-517) da parábase formam o κομμάτων, breves versos que: i) anunciam a despedida dos personagens que deixarão a cena; e ii) efetivam a transição para a *parabasis proper*.

[518-528]

ὦ θεώμενοι, κατερῶ πρὸς ὑμᾶς ἐλευθέρως
 τάληθῃ, νῆ τὸν Διόνυσον τὸν ἐκθρέψαντά με.
 οὔτῳ νικήσαιμί τ' ἐγὼ καὶ νομιζοίμην σοφὸς
 ὥς ὑμᾶς ἡγούμενος εἶναι θεατὰς δεξιούς
 καὶ ταύτην σοφώτατ' ἔχειν τῶν ἐμῶν κωμῳδιῶν
 πρώτους ἠξίωσ' ἀναγεῦσ' ὑμᾶς, ἥ παρέσχε μοι
 ἔργον πλεῖστον· εἴτ' ἀνεχώρουν ὑπ' ἀνδρῶν φορτικῶν
 ἡττηθεὶς οὐκ ἄξιος ὢν. ταῦτ' οὖν ὑμῖν μέμφομαι
 τοῖς σοφοῖς, ὧν οὔνεκ' ἐγὼ ταῦτ' ἐπραγματευόμην.
 ἀλλ' οὐδ' ὥς ὑμῶν ποθ' ἐκὼν προδώσω τοὺς δεξιούς.
 ἐξ ὅτου γὰρ ἐνθάδ' ὑπ' ἀνδρῶν, οὓς ἡδὺ καὶ λέγειν,

Espectadores²⁸³, pelo sempiterno Dioniso²⁸⁴, [518-528]
sem tergiversar, explanar-vos-ei a verdade.
Que eu vença e seja reputado!
Por vos julgar letrados, estreei²⁸⁵,
junto a vós²⁸⁶, a mais inventiva e trabalhosa
de minhas comédias. Arrependi-me (!) – é fato –,
após injuriosa derrota para homens brancos²⁸⁷.
Embora vos repreenda por tal, distinto público,
alvo de meu labor²⁸⁸, jamais virei a menosprezar
os dentre vós judiciosos. Já que meu Casto e meu
Fodido²⁸⁹ foram – aqui! – mega-aclamados²⁹⁰,

²⁸³ Inicia-se aqui (518-562) a parábase propriamente dita (*parabasis proper*), em que o Coro, em primeira pessoa, dirige-se, em nome do poeta, aos espectadores.

²⁸⁴ Literalmente: “juro por Dioniso, que me nutriu”.

²⁸⁵ ἀναγεῦσ’ constitui um *hâpax legómenon*; embora γεῦω (fazer *alguém* experimentar *algo*) fosse de uso corrente. Como informa Dover (1968, p. 165-166), não se sabe se o poeta forjou a prefixação ou se ela era de uso corrente, assim como não se tem certeza quanto ao seu significado preciso. Optamos por traduzir o termo pela expressão “estrear”, em detrimento da variante que denota ao prefixo -ἀνά o valor de repetição (fazer *alguém* experimentar *algo* novamente) – como traduz, por exemplo, Junito Brandão: “eu quis que vós fosseis os primeiros a provar novamente a obra que mais trabalho me dera”. Entendemos que πρώτους constitui parte integrante de um duplo acusativo, regido por ἀναγεῦω: ἀναγεῦσ’ ὑμᾶς πρώτους, “conceder-vos a primeira prova”, de onde, “estrear junto a vós”.

²⁸⁶ Informa Rogers (1916, p. 73) que era costume apresentar uma prévia das comédias para o público limitado das Leneanas; ademais, era natural que os manuscritos circulassem entre amigos. A alegação do poeta, todavia, parece recusar o recurso a tais expedientes, como se a peça estivesse, pela vez primeira, sendo dada a conhecer para o grande público das Dionísias Urbanas – embora, como se sabe, a presente parábase tenha sido completamente reformulada durante a recomposição da peça.

²⁸⁷ Referência a Cratino e Ameipsias, os dois primeiros colocados no concurso de 423 a.C das Dionísias Urbanas. Φορτικός constitui adjetivação comum aplicada pelos poetas aos seus rivais.

²⁸⁸ Literalmente: “pelo qual mui me esforcei”.

²⁸⁹ Referência à primeira comédia de Aristófanes, os *Convivas* (Δαιταλεῖς), representada em 427 a.C.. Nessa peça, Aristófanes já apresenta temas que reaparecerão nas *Nuvens*: a velha e a nova educação; poesia *versus* retórica; e o conflito entre gerações. O enredo parece contrapor os efeitos da educação dada a dois irmãos: um dos quais, o Fodido (ὁ καταπύγων), ao ser educado em Atenas, foi corrompido pela retórica dos sofistas; enquanto o outro, o Casto (ὁ σώφρων), permanecendo ao lado do pai, recebeu educação simples, mas honesta (ROGERS, 1916, p. 73-74; DOVER, 1968, p. 166-167).

²⁹⁰ ἀκουεῖν ἄριστα, tal como informado pelo Bailly, pode ser traduzido por “recevoir les plus grands éloges”; e. g. Heródoto, 8, 93. Rogers (1916, p. 74) informa advir do Escoliasta a informação de que a peça granjeou a segunda colocação no concurso, não obstante a referida expressão pareça indicar que ela tenha alcançado a primeira.

[529-539]

ὁ σώφρων τε χῶ καταπύγων ἄριστ' ἤκουσάτην,
 κἀγώ, παρθένος γὰρ ἔτ' ἦν κοῦκ ἐξῆν πῶ μοι τεκεῖν,
 ἐξέθηκα, παῖς δ' ἐτέρα τις λαβοῦσ' ἀνείλετο,
 ὑμεῖς δ' ἐξεθρέψατε γενναίως κάπαιδεύσατε,
 ἐκ τούτου μοι πιστὰ παρ' ὑμῶν γνώμης ἔσθ' ὄρκια.
 νῦν οὖν Ἥλέκτραν κατ' ἐκείνην ἥδ' ἡ κωμῳδία
 ζητοῦσ' ἦλθ', ἦν που 'πιτύχη θεαταῖς οὕτω σοφοῖς.
 γινώσεται γάρ, ἦνπερ ἴδῃ, τὰδελφοῦ τὸν βόστρυχον.
 ὥς δὲ σώφρων ἐστὶ φύσει σκέψασθ', ἥτις πρῶτα μὲν
 οὐδὲν ἦλθε ῥαψαμένη σκύτινον καθειμένον
 ἐρυθρὸν ἐξ ἄρκου, παχύ, τοῖς παιδίοις ἴν' ἢ γέλως·

por homens que me apraz até mencionar²⁹¹.

[529-539]

Apesar de solteiro²⁹² e interdito pra maternidade,
eu trouxe à luz aquele rebento; adotado por outrem²⁹³,
mas alimentado e carinhosamente educado por vós.

Desde então, estou certo de vossa lealdade.

Agora, símil a Electra, busca esta comédia
encontrar espectadores igualmente letrados²⁹⁴.

E reconhecerá (!) – num golpe de vista – as madeixas do irmão.

Vede como sua essência é moderada:

não balangou nenhum chumaço de couro remendado, com
cabeça vermelha e grossa²⁹⁵, pra diversão da criançada;

²⁹¹ Conforme sugere Dover (1968, p. 166), οὕς ἡδὺ καὶ λέγειν equivale a: “It is agreeable [to me now] even to mention them [let alone to know them personally and hear their praise]”.

²⁹² Seguimos a lição de Dover (1968, p. 167), o qual entende παρθένος “not a biological term, ‘virgin’, but a social term, ‘unmarried’”. De fato, a adoção do sentido biológico inviabilizaria o sentido da metáfora, pois se era virgem e não podia gerar, como poderia o poeta dar à luz ou expor sua criança? Não obstante, esta é a opção da maior parte das traduções em língua portuguesa: Gilda Reale, “eu — por ser ainda virgem e não ter o direito de parir — expus a minha criança, que uma outra donzela recolheu e adotou”; Gama Kury, “fui compelido pela segunda vez a enjeitar minha criança (sendo ainda virgem na época, não me era permitido ter filhos...). Mas outra mãe a adotou e vocês generosamente a nutriram e criaram.”; Baracat, “E eu, porque ainda era virgem e não me era permitido dar a luz, expus a criança, e um outro, tendo a adotado (...)”. Custódio Magueijo, embora não denote o sentido biológico de “virgem” ao termo, ainda assim desarticula o sentido lógico da metáfora pretendida por Aristófanes: “nesse tempo em que eu, sendo donzela e não podendo legalmente ‘dar à luz’, expus a criança, que outra ‘donzela’ acolheu em seus braços” — ora, se teve que expor por ser donzela, por que outra donzela o pode acolher? A tradução de Junito Brandão, por outro lado, denota um sentido coerente: “e eu — ainda jovem, não me sendo ainda permitido dar à luz — expus a criança”. No mesmo sentido vai a tradução da parábase proposta por Adriana Duarte (2000, p. 265): “eu era ainda solteira e não me era permitido parir um filho, enjeitei-o, mas uma outra menina o recolheu e adotou”.

²⁹³ Como se sabe, Aristófanes não dirigiu suas peças antes de 424 a.C, data de representação dos *Cavaleiros*. A peça em questão (*Convivas*) foi apresentada sob o nome de Calístrato, o aqui figurado pai adotivo de seu primeiro rebento.

²⁹⁴ A alusão refere-se ao renomado episódio de identificação de Orestes pela irmã Electra — tal qual representado nas *Coéforas* de Ésquilo — a partir da similitude entre seus próprios cabelos com aqueles, propositadamente, deixados sobre o túmulo pelo irmão. Do mesmo modo, almeja Aristófanes promover um episódio de reconhecimento entre a mais douta de suas comédias (ταύτην σοφώτατ' ἔχειν τῶν ἐμῶν κωμῳδιῶν) com os doutos espectadores (θεαταῖς οὕτω σοφοῖς). Literalmente: “Agora, símil a Electra, esta comedia veio ver se, por acaso, encontra espectadores igualmente letrados”.

²⁹⁵ Aristófanes elencará uma série de *topoi* da comédia antiga, dos quais, segundo o Coro, a presente peça se privou. A representação de um falo avantajado, amarrado sob curta veste, constituía parte integrante da vestimenta dos atores de comédia do século V a. C. e representava tradicional símbolo de ligação com os Sátiros, entidades ligadas a Dioniso. (OLIVEIRA & SILVA, 1991, p.31). Todavia, como explica Sommerstein (2002, p. 30), o falo na vestimenta cômica não era apresentado sempre ereto, tal como ocorria nos dramas satíricos: “In contrast with the satyric phallus, this was not normally shown erect except where there was dramatic significance to showing it thus; sometimes it was allowed to hang limp and loose, very often it was coiled into a loop and tied up to itself”.

[540-554]

οὐδ' ἔσκωψεν τοὺς φαλακροὺς, οὐδὲ κόρδαχ' εἵλκυσεν·
 οὐδὲ πρεσβύτης ὁ λέγων τᾶππῃ τῇ βακτηρίᾳ
 τύπτει τὸν παρόντ', ἀφανίζων πονηρὰ σκώμματα·
 οὐδ' εἰσῆξε δᾶδας ἔχουσ' οὐδ' “ἰοὺ ἰοὺ” βοᾷ·
 ἀλλ' αὐτῇ καὶ τοῖς ἔπεσιν πιστεύουσ' ἐλήλυθεν.
 κάγω μὲν τοιοῦτος ἀνὴρ ὦν ποητῆς οὐ κομῶ,
 οὐδ' ὑμᾶς ζητῶ 'ξαπατᾶν δις καὶ τρις ταῦτ' εἰσάγων,
 ἀλλ' αἰεὶ καινὰς ἰδέας εἰσφέρων σοφίζομαι
 οὐδὲν ἀλλήλαισιν ὁμοίας καὶ πάσας δεξιᾶς·
 ὃς μέγιστον ὄντα Κλέων' ἔπαισ' εἰς τὴν γαστέρα
 κοῦκ ἐτόλμησ' αὔθις ἐπεμπεδῆσ' αὐτῷ κειμένῳ.
 οὔτοι δ', ὥς ἅπαξ παρέδωκεν λαβὴν Ὑπέρβολος,
 τοῦτον δείλαιον κολετρῶσ' αἰεὶ καὶ τὴν μητέρα.
 Εὐπόλις μὲν τὸν Μαρικᾶν πρῶτιστον παρείλκυσεν
 ἐκστρέψας τοὺς ἡμετέρους Ἱππέας κακὸς κακῶς,

não gozou carecas²⁹⁶, nem bailou o *córdax*²⁹⁷; [540-554]
nenhum velho tagarela bengaleia o comparsa,
disfarçando o déficit humorístico dos versos²⁹⁸;
ninguém adentra com uma tocha gritando “Ai-ai-Ai!”²⁹⁹.
Longe disso, veio confiante nos próprios versos.
Quanto a mim, poeta distinto que sou:
não me descabelo nem vos ludibrio, encenando
– duas, três vezes – a mesma coisa.
Sempre engendro e apresento novidades –
distintas entre si e integralmente industriosas.
Quando Cléon era poderoso, dei-lhe no estômago³⁰⁰,
mas, no chão, não cometi a afronta de pisoteá-lo.
Já meus rivais, foi Hipérbolo³⁰¹ lhes cair nas garras
e a toda hora trituram³⁰² o miserável e a mãe³⁰³.
Começou com *Maricas*³⁰⁴, plágio do nosso *Cavaleiros*;

²⁹⁶ Suspeita-se que o próprio Aristófanes, assim como Sócrates, era calvo.

²⁹⁷ Trata-se de uma dança licenciosa, típica das comédias.

²⁹⁸ Literalmente: “Nenhum velho, ao recitar os versos, bate com o bastão no companheiro, disfarçando um humor deficitário”. Como nota Dover (1968, p. 169), restam três candidatos para a presente referência: a) o poeta Êupolis; b) o poeta Hermipo; ou c) o ator Hermão.

²⁹⁹ Embora, como não se deixou de notar amiúde, *As Nuvens* principie com um “Ai-ai-Ai” e termine com as tochas.

³⁰⁰ Alude o poeta à peça do ano anterior, os *Cavaleiros*, representada no auge do poderio de Cléon.

³⁰¹ Hipérbolo foi um comerciante de lamparinas, de origem humilde, que sucedeu ao comando da cidade após a morte de Cléon em 422 a.C.. Foi ostracizado em 417 ou 416 a. C. e assassinado, em Samos, por rivais políticos. Seu nome é reiteradamente mencionado por Aristófanes (e. g.: *Acarnenses*, 846; *Cavaleiros*, 149, 739, 1204-15 e 1363; *Vespas* 1007; e *Paz* 601 e 921). A mãe de Hipérbolo, por sua vez, passa por ter sido uma agiota, também reiteradamente alvo da invectiva pessoal por parte de Êupolis, Hermipo e Aristófanes.

³⁰² κολετρώω é um *hápax*, o qual apresenta dois possíveis sentidos: “bater no estômago” ou “pisotear”. Faz-se interessante notar que, coincidentemente, Aristófanes introduz a oração subordinada da frase pela locução ὥς ἄπαξ.

³⁰³ Literalmente: “Mas estes ai, uma vez que Hipérbolo se deixou capturar, sempre trituram o miserável e a mãe”.

³⁰⁴ *Maricas* foi representada nas Lenaias de 421 a. C.. Aventa-se a hipótese de que o título advenha de um barbarismo utilizado como epíteto para Hipérbolo. Do mesmo modo, identifica-se na figura da velha bêbada uma alusão à mãe de Hipérbolo.

προσθεῖς αὐτῷ γραῦν μεθύσῃν τοῦ κόρδακος οὔνεχ', ἦν
 Φρύνιχος πάλαι πεπόνηχ', ἦν τὸ κῆτος ἥσθιεν.
 εἶθ' Ἑρμιππος αὖθις ἐποίησεν εἰς Ὑπέρβολον,
 ἄλλοι τ' ἤδη πάντες ἐρείδουσιν εἰς Ὑπέρβολον,
 τὰς εἰκοὺς τῶν ἐγγέλεων τὰς ἐμὰς μιμούμενοι.
 ὅστις οὖν τούτοισι γελαῖ, τοῖς ἐμοῖς μὴ χαιρέτω.
 ἦν δ' ἐμοὶ καὶ τοῖσιν ἐμοῖς εὐφραίνεσθ' εὐρήμασιν,
 εἰς τὰς ὥρας τὰς ἐτέρας εὖ φρονεῖν δοκήσετε.

[555-564]

ὑψιμέδοντα μὲν θεῶν
 Ζῆνα τύραννον εἰς χορὸν

Êupolis³⁰⁵ meteu-lhe no *córdax* a velha bêbada do [555-564]
 Frínico³⁰⁶ – aquela antiga... a que a baleia³⁰⁷ devorou.
 Depois foi a vez de Hérmino³⁰⁸ atacar
 Hipérbolo³⁰⁹. E todos³¹⁰ ainda o perfuram,
 copiando meu símile das enguias³¹¹.
 Quem disso gargalhadeia, comigo não se anime.
 Mas, se admirais a mim e às minhas invenções,
 para os vindouros³¹² parecereis sensatos³¹³.

Primeiro Corifeu (*invocando a quadra divina: Zeus, Poseidon, Éter e Hélio*)³¹⁴

O súpero soberano,
 Zeus magnânimo,

³⁰⁵ Comediógrafo contemporâneo a Aristófanes, sua estreia no teatro remonta a 429 a.C. e sua morte a pouco antes do término da Guerra do Peloponeso.

³⁰⁶ Comediógrafo contemporâneo a Aristófanes. A peça em questão parece ter sido inspirada no mito de Andrômeda.

³⁰⁷ O vocábulo κῆτος, -εος/-ους, utilizado por Aristófanes, designa todo e qualquer “monstro aquático”, isto é, todos grandes animais que habitam o mar – baleia, crocodilo, hipopótamo. Já o nome próprio Κητώ, -οῦς designa uma divindade marinha, filha de Neleu, a quem, não fosse o desejo de Perseu, teria competido o destino de Andrômeda.

³⁰⁸ Comediógrafo contemporâneo a Aristófanes. Sua estreia no teatro antecede mais de uma década a do nosso poeta, visto que a primeira vitória de Hérmino nas Dionísias Urbanas remonta ao ano de 436 ou 435 a.C..

³⁰⁹ Na peça *Padeira* (Ἀρτοπώλιδες), em provável alusão à mãe de Hipérbolo.

³¹⁰ Como informa Dover (1968, p. 171), possível referência ao Platão Cômico, cujos fragmentos indicam que também compôs um *Hipérbolo*.

³¹¹ Refere-se Aristófanes a uma passagem dos *Cavaleiros* (865-868), a qual compõe o quadro da invectiva pessoal que o poeta lança contra o antecessor de Hipérbolo, o demagogo Cléon: “Estás como os pescadores de enguias. Quando o lago está parado, não pescam nada. Mas, se remexerem a lama de baixo para cima, fartam-se de pescar. Também tu apanhas sempre qualquer coisa, se virares a cidade do avesso” (Tradução de Maria de Fátima Silva e Souza).

³¹² Consoante Rogers (1916, p. 79), a locução εἰς τὰς ὥρας τὰς ἐτέρας equivale a “*all seasons yet to come, that is, for ever*”.

³¹³ Como lembra Rogers (1916, p. 79), esperava-se um novo *pnígos* após este verso, o qual pode ter sido suprimido na segunda versão da peça.

³¹⁴ Os versos 563-574 compreendem o terceiro movimento da parábase, denominado *Ode* ou *Estrofe*, na qual o Coro canta e invoca os deuses olímpicos.

πρῶτα μέγαν κικλήσκω·
 τόν τε μεγασθενῆ τριαίνης ταμίαν,
 γῆς τε καὶ ἁλμυρᾶς θαλας-
 σης ἄγριον μοχλευτήν·
 καὶ μεγαλῶνυμον ἡμέτερον πατέρ'
 Αἰθέρα σεμνότατον, βιοθρέμμονα πάντων·
 τόν θ' ἵππονώμαν, ὃς ὑπερ-
 λάμπροισ ἀκτῖσιν κατέχει
 γῆς πέδον, μέγας ἐν θεοῖς
 ἐν θνητοῖσί τε δαίμων.

[565-578]

ὦ σοφώτατοι θεαταί, δεῦρο τὸν νοῦν προσέχετε·
 ἡδικημέναι γὰρ ὑμῖν μεμφόμεσθ' ἐναντίον.
 πλεῖστα γὰρ θεῶν ἀπάντων ὠφελούσαις τὴν πόλιν
 δαιμόνων ἡμῖν μόναις οὐ θύετ' οὐδὲ σπένδετε,

ao Coro invoco.

[565-578]

O viripotente senhor
do tridente, atroz bramidor
da terra e do mar salgado³¹⁵.
Nosso luzidio pai, augusto
Éter, baluarte universal.
O conduz-corcel, que raios
fúlgidos alastra pelo plano
terrestre³¹⁶, divo magno en-
tre deuses e homens³¹⁷.

(O Coro, em nome próprio, censura e aconselha os espectadores)³¹⁸

Ilustríssimo público, prestai atenção!
Por nos ter maltratado, sois aqui confrontados³¹⁹.
Mais que outros divos, velamos³²⁰ pela *pólis* e por vós,
mas somente nós não recebemos oferendas³²¹.

³¹⁵ Poseidon, o Netuno Latino, irmão de Zeus, deus marítimo, responsável pelos abalos sísmicos.

³¹⁶ Trata-se do deus Hélios, personificação do sol, que diariamente conduz seus corcéis de leste a oeste, anunciando e mantendo o dia.

³¹⁷ Literalmente: “entre deuses e mortais”.

³¹⁸ Os versos 575-594 compreendem o *epirrema* (ἐπίρημα), parte da parábase em que o Coro de Nuvens dirige-se aos espectadores, em nome próprio, a fim de lhes repreender e aconselhar sobre matérias de cunho político.

³¹⁹ A lição tradutória geral verte μεμφόμεσθε pela primeira pessoa do plural da voz ativa e toma ὑμῖν como seu complemento: i) “Injustiçadas, nós vos censuramos, aqui em vossa presença” (Gilda Reale); ii) Injustiçados por vós, lançamos em vosso rosto a nossa censura” (Junito Brandão); “desprezados por vocês, nós os recriminamos por isso face a face” (Gama Kury); “Vítima de vossa iniquidade, é cara a cara que vos censuramos” (Magueijo); “injustiçados por vós, vos recriminamos cara a cara” (Baracat); “Maltraitées par vous, nous vous le reprochons en face” (Alfonsi); “Lésées par vous, nous vous le reprochons en face” (van Daele); e “We complain of sad ill-treatment, we’ve a bone to pick with you” (Rogers). Contrariamente, optamos por seguir o texto grego, vertendo μεμφόμεσθε pela segunda pessoa da voz passiva e entendendo ὑμῖν como agente da passiva da oração subordinada participial ἡδίκημένοι ὑμῖν.

³²⁰ Optamos por aglutinar os sentidos de ὠφελοῦσαι τὴν πόλιν e τηροῦμεν ὑμᾶς.

³²¹ Literalmente: “Vós não sacrificais e não libais somente a nós dentre as divindades”.

[579-594]

αἵτινες τηροῦμεν ὑμᾶς. ἦν γὰρ ἢ τις ἔξοδος
 μηδενὶ ξὺν νῶ, τότε ἢ βροντῶμεν ἢ ψακάζομεν.
 εἴτα τὸν θεοῖσιν ἐχθρὸν βυρσοδέψεν Παφλαγόνα
 ἡνίχ' ἡρεῖσθε στρατηγόν, τὰς ὀφρῦς ξυνήγομεν
 κάποοῦμεν δεινά, βροντὴ δ' ἐρράγη δι' ἀστραπῆς.
 ἡ σελήνη δ' ἐξέλειπεν τὰς ὁδοὺς, ὁ δ' ἥλιος
 τὴν θρυαλλίδ' εἰς ἑαυτὸν εὐθέως ξυνελκύσας
 οὐ φανεῖν ἔφασκεν ὑμῖν εἰ στρατηγήσοι Κλέων.
 ἀλλ' ὅμως εἴλεσθε τοῦτον· φασὶ γὰρ δυσβουλίαν
 τῇδε τῇ πόλει προσεῖναι, ταῦτα μέντοι τοὺς θεούς,
 ἅττ' ἂν ὑμεῖς ἐξαμάρτητ', ἐπὶ τὸ βέλτιον τρέπειν.
 ὥς δὲ καὶ τοῦτο ξυνοίσει, ῥαδίως διδάξομεν.
 ἦν Κλέωνα τὸν λάρων δώρων ἐλόντες καὶ κλοπῆς
 εἴτα φιμώσητε τούτου τῷ ξύλῳ τὸν αὐχένα,
 αὖθις εἰς τὰρχαῖον ὑμῖν, εἴ τι κάξημάρτετε,
 ἐπὶ τὸ βέλτιον τὸ πρᾶγμα τῇ πόλει ξυνοίσεται.

Basta advir uma missão tresloucada³²², [579-594]
 que logo chuviscamos e trovejamos³²³.
 Quando ides eleger estrategista³²⁴ o Paflagônio curti-couro³²⁵
 – odiento aos deuses³²⁶ –,
 embracecemos, franzimos a sobancelha e
*o trovão irrompeu entre raios*³²⁷.
 A lua deixou a rota,
 o sol recolheu as flamas³²⁸ e
 ameaçou não despontar, fosse Cléon diplomado.
 Contudo, vós o elegestes. Diz-se que a in-
 sensatez³²⁹ é autóctone desta *pólis* e que
 deuses reverterem vossos erros em acertos.
 Eis como tirareis vantagem disso³³⁰:
 Condeneis o Larápio Cléon, por concussão e
 roubo, e ateis-lhe a goela ao tronco. Se errardes,
 como de praxe, o incidente beneficiará a *pólis*.

³²² Como informa Dover (1968, p. 174), τῆς ἐξοδῶς refere-se a uma expedição militar. A passagem alude a um *tópos* da comédia antiga, segundo o qual as ordens dos estrategistas são recebidas com descrédito pelos soldados.

³²³ Chuva, raios e trovões constituíam sinal indicativo de que a resolução ou campanha não contava com a concordância divina (cf. *Acarnenses*, 170). Geralmente, a jurisdição para tal encargo era denotada a Zeus, mas, aqui, o Coro, após recusar a existência daquele deus, trata de angariar para si os atributos dele.

³²⁴ Cléon foi eleito para o posto no ano de 424 ou 423 a.C..

³²⁵ Desde os *Cavaleiros*, Paflagônio e “curtidor de couro” são epítetos aplicados por Aristófanes a Cléon, em virtude de sua atividade profissional antes de comandar a cidade.

³²⁶ “Odiento aos deuses” é a lição de Magueijo para τὸν θεοῖσιν ἐχθρόν.

³²⁷ Referência paródica ao *Teucro* de Sófocles: οὐρανοῦ δ' ἄπο ἡστραψε, βροντῇ δ' ἐρράγη δι' ἀστραπῆς.

³²⁸ Relata-se a existência de um eclipse lunar em outubro do ano de 425 e de um eclipse solar em março de 424 a.C. (DUARTE, 2000, p. 269).

³²⁹ Vertemos por “insensatez” o termo *δυσβουλία*. Quando da disputa entre Atena e Poseidon, pelo domínio da *pólis*, o deus do mar, vencido, lançou a impreciação de que a cidade sempre seria habitada pela insensatez. Para outras referências à mesma asserção proverbial em Aristófanes: cf. *Cavaleiros* (1055 et seq.); e *Assembléia de Mulheres* (473).

³³⁰ Literalmente: “que também isso será proveitoso, facilmente demonstraremos”.

[595-606]

ἀμφί μοι αὖτε Φοῖβ' ἄναξ
Δήλιε, Κυνθίαν ἔχων
ὑψικέρατα πέτραν·
ἦν τ' Ἐφέσου μάκαιρα πάγχρυσον ἔχεις
οἶκον, ἐν ᾧ κόραι σε Λυ-
δῶν μεγάλως σέβουσιν·
ἦ τ' ἐπιχώριος ἡμετέρα θεὸς
αἰγίδος ἡνίοχος, πολιοῦχος Ἀθάνη·
Παρνασσίαν θ' ὃς κατέχων
πέτραν σὺν πεύκαις σελαγεῖ
Βάκχαις Δελφίσιν ἐμπρέπων
κωμαστής Διόνυσος.

[595-606]

Segundo Corifeu (*invocando a quadra divina: Apolo, Ártemis, Atena e Dioniso*)³³¹

Venha a mim Febo,

Rex Délio, dos pétreos

píncaros cíntios inquilino³³².

E tu, venturosa, que guarda em Éfeso

pan-aúrea morada, onde lídias

donzelas prestam magnas honras³³³.

E tu, Atena porta-égide,

padroeira da *pólis*³³⁴.

E o habitante do Parnasso³³⁵

rochoso, o reputado entre bacantes³³⁶

délficas, o que reluz entremeio

aos archotes: Dioniso préstito³³⁷.

³³¹ Os versos 595-606 compreendem o quinto movimento da parábase, denominado “antiode” ou “antiestrofe”. No qual o Coro canta outros deuses olímpicos, não propriamente aqueles que possuem correlação direta com as Nuvens, mas aqueles que se constituem como o baluarte da religião na *pólis* e no teatro.

³³² Febo Apolo, o deus flecheiro, era natural da ilha de Delos, onde possuía um importante templo no alto do monte Cíntio.

³³³ Ártemis, deusa virgem da caça, irmã gêmea de Apolo.

³³⁴ Atena, filha predileta de Zeus, tendo saltado armada da cabeça do pai é uma divindade essencialmente guerreira. Em disputa com seu tio Poseidon, ganhou o patronato da cidade de Atenas. Utilizava como arma a *égide*, um escudo de couro de cabra, forjado por Hefesto ferreiro, que estampava a cabeça da medusa, petrificando aqueles que o contemplavam.

³³⁵ Pico mais alto de uma cadeia montanhosa em Delfos.

³³⁶ Trata-se das Mênades, as lascivas seguidoras de Dioniso. Durante o inverno, com a ausência de Apolo, Dioniso imperava na região de Delfos.

³³⁷ No grego κωμαστής Διόνυσος, isto é, “Dioniso, chefe do *kômos*”. O *kômos* era uma antiga procissão de fertilidade, de origem agrária, ligada a Dioniso.

[607-622]

ἡνίχ' ἡμεῖς δεῦρ' ἀφορμᾶσθαι παρεσκευάσμεθα,
 ἢ Σελήνη ξυντυχοῦσ' ἡμῖν ἐπέστειλεν φράσαι
 πρῶτα μὲν χαίρειν Ἀθηναίοισι καὶ τοῖς συμμάχοις·
 εἴτα θυμαίνειν ἔφασκε. δεινὰ γὰρ πεπονθέναι
 ὠφελοῦσ' ὑμᾶς ἅπαντας οὐ λόγοις ἀλλ' ἐμφανῶς·
 πρῶτα μὲν τοῦ μηνὸς εἰς δᾶδ' οὐκ ἔλαττον ἢ δραχμήν,
 ὥστε καὶ λέγειν ἅπαντας ἐξιόντας ἐσπέρας
 “μὴ πρίη, παῖ, δᾶδ', ἐπειδὴ φῶς Σεληναίης καλόν.”
 ἄλλα τ' εὔδρᾶν φησὶν, ὑμᾶς δ' οὐκ ἄγειν τὰς ἡμέρας
 οὐδὲν ὀρθῶς, ἀλλ' ἄνω τε καὶ κάτω κυδοιδοπᾶν,
 ὥστ' ἀπειλεῖν φησὶν αὐτῇ τοῦς θεοῦς ἐκάστοτε,
 ἡνίκ' ἂν ψευσθῶσι δείπνου κάπῳσιν οἴκαδε
 τῆς ἑορτῆς μὴ τυχόντες κατὰ λόγον τῶν ἡμερῶν.
 κᾶθ' ὅταν θύειν δέη, στρεβλοῦτε καὶ δικάζετε,
 πολλάκις δ' ἡμῶν ἀγόντων τῶν θεῶν ἀπαστίαν,
 ἡνίκ' ἂν πενθῶμεν ἢ τὸν Μέμνον' ἢ Σαρπηδόνα,

Rumávamos para cá e eis que desponta Selene^{338, 339}

[607-622]

incumbindo-nos de saudar os atenienses e seus aliados. Confidenciou ainda estar magoada, pois embora a todos prestadia – não em promessas³⁴⁰, mas às claras –, vem sendo desprezada. Antes de mais, todo mês vos economiza ao menos um dracma, já que todos podeis sair no ocaso e dizer: “criado, nada de tochas, Selene resplandece”³⁴¹. Cita ainda outros benefícios, apesar de vos atrapalhardes, de cabo a rabo, na contagem dos dias. Por conta disso, sempre que os divos, em função do calendário, não dão com um festival e retornam privados do banquete³⁴², ela é repreendida. Além do mais, se urge sacrificar, vós torturais³⁴³ e julgais³⁴⁴; se nós, numes, jejuamos enlutecidos por Mêmnon e Sarpédon³⁴⁵, vós, amiúde, libais e gargalhais.

³³⁸ Personificação da Lua, irmã de Hélios, personificação do sol.

³³⁹ Inicia-se aqui o *antiepirrema*, no qual o Coro dirige-se aos espectadores em nome próprio, isto é, na sua condição de nuvens.

³⁴⁰ Seguimos a lição de Dover (1968, p. 176), que também lê a expressão οὐ λόγοις ἀλλ' ἐμφανῶς à luz do contraste com a “utilidade” demagógica, que se apresenta em *lógos*, mas não em *érgon*.

³⁴¹ Literalmente: “Criado, não compres tochas, pois a luz de Selene é bela”.

³⁴² Crítica às inconsistências resultantes de uma reforma no calendário, operada em 432 a.C. pelo astrônomo Méton, a qual, na tentativa de adaptar os meses lunares ao ano solar, haveria alterado as datas festivas dos cultos e sacrifícios.

³⁴³ O principal expediente para se obter o ganho de causa em um tribunal ateniense repousava na apresentação de testemunhos. No caso de um escravo ser apresentado como testemunho, a garantia de seu discurso era obtida mediante a tortura (βάσanos), pelas mãos da parte contrária àquele que apresentava o testemunhante.

³⁴⁴ Durante festividades religiosas era proibido a realização de julgamentos, assim como a execução de penas – eis o motivo pelo qual Sócrates, após condenado, teve de aguardar cerca de um mês para sua execução (vide *Fédon* de Platão).

³⁴⁵ Ambos heróis foram combatentes troianos. Mêmnon, filho de Titono e Eos, pereceu nas mãos de Aquiles, sendo, posteriormente, imortalizado por Zeus. Já Sarpédon, filho mortal preferido de Zeus, pereceu nas mãos de Pátroclo.

σπένδεθ' ὑμεῖς καὶ γελαῖτ' ἀνθ' ὧν λαχὼν Ὑπέρβολος
 τῆτες ἱερομνημονεῖν κᾶπειθ' ὑφ' ἡμῶν τῶν θεῶν
 τὸν στέφανον ἀφηρέθη· μᾶλλον γὰρ οὕτως εἴσεται
 κατὰ σελήνην ὥς ἄγειν χρὴ τοῦ βίου τὰς ἡμέρας.

[623-638]

Σω. μὰ τὴν Ἀναπνοήν, μὰ τὸ Χάος, μὰ τὸν Ἄέρα,
 οὐκ εἶδον οὕτως ἄνδρ' ἄγροικον οὐδαμοῦ
 οὐδ' ἄπορον οὐδὲ σκαιὸν οὐδ' ἐπιλήσμονα,
 ὅστις σκαλαθυρμάτι' ἄττα μικρὰ μανθάνων
 ταῦτ' ἐπιλέλησται πρὶν μαθεῖν. ὅμως γε μὴν
 αὐτὸν καλῶ θύραζε δεῦρο πρὸς τὸ φῶς.
 ποῦ Στρεψιάδης; ἔξει τὸν ἀσκάντην λαβῶν;

Στ. ἀλλ' οὐκ ἐώσῃ μ' ἐξενεγκεῖν οἱ κόρεις.

Σω. ἀνύσας τι κατάθου καὶ πρόσσεχε τον (sic) νοῦν.

Στ.

ἰδοῦ.

Σω. ἄγε δῆ, τί βούλει πρῶτα νυνὶ μανθάνειν
 ὧν οὐκ ἐδίδαχθης πώποτ' οὐδέν; εἰπέ μοι.
 πότερον περὶ μέτρων ἢ περὶ ἐπῶν ἢ ῥυθμῶν;

Em função disso, Hipérbolo, recém eleito,
foi por nós descoroado do sacro-ofício³⁴⁶;
para que aprenda bem a lição: os dias da
vida se computam de acordo com a Lua.
(*O Coro sai de cena*).

[623-638]

(*Sócrates, muito irritado com Estrepsíades, retorna do Matutatório*)³⁴⁷

Soc. Pela Respiração! Pelo Caos! Pelo Éter!

Jamais vi sujeito tão bronco,
incauto, grosseiro e olvidado.

Que esquece, antes de aprender,
a menor trivialidade aprendida.

A despeito disso, chamá-lo-ei à luz.

Estrepsíades, pegue teu divã e saia!³⁴⁸

Estr. Os percevejos não estão deixando...

(*Entra arrastando o divã*)

Soc. Basta, deposita isto aí e atente-se.

Estr.

Positivo!

Soc. Muito bem, dentre o que ninguém
te ensinou, o que pretendes primeiro a-
prender: métrica, ortoépia ou rítmica?

³⁴⁶ Literalmente: “Em função disso, Hipérbolo, após eleito *hieromnemo* este ano, teve a coroa subtraída por nós, deuses”. A despeito de não haver registro da atuação de Hipérbolo nesta função, Dover (1968, p. 177) sugere que alguma situação concreta ocorreu neste sentido, como, por exemplo, uma rajada de vento ter levado a coroa na cerimônia de consagração. O *hieromnémon* era o magistrado religioso de uma irmandade (Anfictionia) interpólis, a qual objetivava programar a realização de festivais, sacrifícios e jogos.

³⁴⁷ Iniciam-se aqui as cenas episódicas, de ordem propriamente cômica.

³⁴⁸ Literalmente: “Onde está Estrepsíades? Tu saís carregando o divã?”.

Στ. περὶ τῶν μέτρων ἔγωγ' ἔναγχος γάρ ποτε
 ὑπ' ἀλφिताμοιβοῦ παρεκόπην διχοινίκῳ.

[639-648]

Σω. οὐ τοῦτ' ἐρωτῶ σ', ἀλλ' ὅτι κάλλιστον μέτρον
 ἤγεῖ, πότερον τὸ τρίμετρον ἢ τὸ τετράμετρον;

Στ. ἐγὼ μὲν οὐδὲν πρότερον ἡμιέκτεω.

Σω. οὐδὲν λέγεις, ὦνθρωπε.

Στ. περίδου νυν ἐμοὶ
 εἰ μὴ τετράμετρόν ἐστιν ἡμιέκτεων.

Σω. εἰς κόρακας. ὥς ἄγροικος εἶ καὶ δυσμαθής.
 ταχύ γ' ἂν δύναιο μανθάνειν περὶ ῥυθμῶν.

Στ. τί δέ μ' ὠφελήσουσ' οἱ ῥυθμοὶ πρὸς τᾶλφίτα;

Estr. Interesse pela medição, pois outro dia um
vendeiro³⁴⁹ me passou pra trás em dois litros³⁵⁰.

[639-648]

Socr. Não inquiri sobre isso, mas sobre qual metro
reputas mais formoso: o de três ou o de quatro pés³⁵¹?

Estr. Nada melhor do que *de quatro*.

Socr. Esta criatura delira.

Estr. Quer apostar
que de quatro pés é igual a *de quatro*?³⁵²

Socr. Para o báratro! Além de matuto és moroso!
Quiçá assimilés, mais célere, a rítmica.

Estr. De que me vale o ritmo pro ganha pão?³⁵³

³⁴⁹ ἀλφιτ-αμοιβός: “o trocador/mercador de farinha”.

³⁵⁰ δι-χοίνικος: “duplo quênice”. O quênice era uma unidade de medida equivalente a um litro. O recurso cômico assenta-se na ausência de sinonímia em relação a περὶ (τῶν) μέτρων no discurso de Sócrates e Estrepsíades. Enquanto o primeiro refere-se ao metro poético, o segundo tem em mente a mensuração de quantidades concretas; mais pontualmente, de grãos.

³⁵¹ Literalmente: “o trímetro ou o tetrâmetro”; duas medidas métricas abundantemente utilizadas na poesia grega. A opção por “o de três ou o de quatro pés” visa preservar a ambiguidade semântica que permeia o jogo de sentidos da passagem. O que nem sempre foi alcançado pelos tradutores, por exemplo: i) Socr.: “Não é isso que lhe pergunto, mas que medida você julga mais bela, o trímetro ou o tetrâmetro?” Estr.: “Nada me parece superior ao quartilho...” (Gilda Reale); ii) Socr.: “Não é isso o que pergunto, mas qual o metro que julgas mais belo: o trímetro ou o tetâmetro (sic)?” Estr.: “Eu não coloco coisa alguma acima da quarta de litro” (Junito Brandão); iii) Socr.: “Não é isso que estou perguntando, e sim qual o mais belo metro em sua opinião: o trímetro ou o tetrâmetro?” Estr.: “Quanto a mim, prefiro o tetracaneco” (Gama Kury); iv) Socr.: “Não é isso o que eu pergunto, mas sim qual é para ti a medida... quer dizer, o metro mais belo: o trímetro ou o tetrâmetro?” Estr.: “Cá para mim não há nada que chegue ao quartilho” (Magueijo); v) Socr.: “Não te pergunto isso, mas sim qual metro julgas mais bonito: o trímetro ou o tetâmetro?” Estr.: “Eu nada coloco acima da quarta de litro” (Baracat). Procedemos uma adaptação da passagem, com um sentido erótico inexistente no original, a fim de obtermos o efeito esperado pelo texto, a saber: o de dimensionar a obtusidade de Estrepsíades. Ademais, o mesmo sentido erótico aparecerá na relação dos versos que se seguem, de modo que nossa adaptação não inaugura nenhum elemento estranho à obra, mas se pauta pelo princípio da compensação.

³⁵² No original a oração é afirmativa.

³⁵³ “Que me valerão ritmos pro ganha pão?”; Estrepsíades e sua visão pragmática do mundo.

Σω. πρῶτον μὲν εἶναι κομψὸν ἐν συνουσίᾳ,
ἐπαῖονθ' ὅποῖός ἐστι τῶν ῥυθμῶν
κατ' ἐνόπλιον, χῶποῖος αὖ κατὰ δάκτυλον.

[649-657]

Στ. κατὰ δάκτυλον; νῆ τὸν Δί', ἀλλ' οἶδ'.

Σω. εἶπε δὴ.

Στ. [τίς ἄλλος ἀντὶ τουτοῦ τοῦ δακτύλου;]
πρὸ τοῦ μέν, ἔτ' ἐμοῦ παιδὸς ὄντος, οὐτοσί.

Σω. ἀγρεῖος εἶ καὶ σκαιός.

Στ. οὐ γὰρ ὥζυρὲ
τούτων ἐπιθυμῶ μαθάνειν οὐδέν.

Σω. τί δαί;

Στ. ἐκεῖν' ἐκεῖνο, τὸν ἀδικώτατον λόγον.

Socr. Antes do mais, serás
refinado na sociedade; poderás
distinguir o enóplio do dáctilo³⁵⁴.

[649-657]

Estr. O dedo dactilo-gráfico!?³⁵⁵ Sei qual é.

Socr.

Mostra!

Estr. Que outro senão este!?

(*mostra o dedo indicador*)

Já na minha meninice, era este outro...

(*mostra o dedo médio*)³⁵⁶.

Socr. És um bronco obtuso.

Estr. É que não quero
tomar ciência de nada disso.

Socr. Que almejas saber?

Estr. Aquela outra lábia, a mais injusta.

³⁵⁴ Enóplio era o ritmo das danças guerreiras. Na *República* (400b *et seq.*), o conhecimento desse e de outros ritmos e sua correlação com a ética é considerado especialidade do mestre de música Dâmon.

³⁵⁵ Aristófanes joga com os sentidos de δάκτυλος: o qual, concretamente, designa o “dedo” (de uma mão, de um pé ou de uma pata); e, em terminologia específica, designa “dáctilo”, metro poético cujo *pé* se compõe por uma sílaba longa e duas breves – em equivalência ao tamanho das falanges dos dedos. Na tradução, inserimos “dedo dactilo-gráfico” na tentativa de solucionar, sem a necessidade de ulteriores explicações, o sentido jocoso e literalmente intraduzível do texto grego.

³⁵⁶ O dedo médio, já na antiguidade, comportava o sentido valorativo de *digitus infamis*, em razão de sua equivalência com o órgão genital masculino.

Σω. ἀλλ' ἔτερα δεῖ σε πρότερα τούτου μανθάνειν,
τῶν τετραπόδων ἅττ' ἐστὶν ὀρθῶς ἄρρενα.

[658-664]

Στ. ἀλλ' οἶδ' ἔγωγε τᾶρρεν', εἰ μὴ μαίνομαι·
κριός, τράγος, ταῦρος, κύων, ἀλεκτρυών.

Σω. ὁρᾷς ἃ πάσχεις; τήν τε θήλειαν καλεῖς
ἀλεκτρυόνα κατὰ ταῦτό καὶ τὸν ἄρρενα.

Στ. πῶς δὴ, φέρε;

Σω. πῶς; ἀλεκτρυὼν κάλεκτρυών.

Socr. Aquela requer erudição prévia³⁵⁷. Vejamos: quais [658-664]
quadrúpedes denominam-se, deveras, só pelo masculino³⁵⁸?

Estr. Uai! Se não amaluquei, eu sei:
caprinos, bovinos, caninos e perus³⁵⁹.

Socr. Equivocas-te ao qualificar
peru como feminino e masculino.

Estr. De que jeito?

Socr. Ao subentender *peru macho* e *peru fêmea*³⁶⁰.

³⁵⁷ Literalmente: “Mas, é necessário que aprendas outras coisas antes disso”.

³⁵⁸ Seguimos parcialmente a lição de Dover (1968, p. 181-182), segundo a qual a questão posta por Sócrates assume o seguinte sentido: “Which of the [domestic] animals are rightly [called by] masculine [names]?”. De fato, a questão ilustra uma preocupação que parece ter sido central para muitos dos “sofistas”, a saber: a preocupação com a correção dos nomes. Sentido não captado por Estrepsíades, que, mais uma vez, interpreta a questão em sentido concreto: quais são os animais machos em contraposição às fêmeas – “Strepsiades assumes that he is being asked a simpler question, whether he can distinguish male from female animals (...)”. Fator determinante para o sentido jocoso da passagem. Por outro lado, Dover sugere que τετράπους, a despeito de sua etimologia, devia designar, na Atenas do século V a.C., o conjunto dos animais “domésticos”, o que explicaria a inserção de uma ave – obviamente não quadrúpede – na resposta de Estrepsíades. Rogers (1916, p.91), por sua vez, sugere que a confusão pode ser devida ao fato de Estrepsíades ter em mente os próprios animais de sua fazenda. Por razões exclusivamente ancoradas no afazer cômico, ignoramos esse ponto da sugestão de Dover, preferindo acreditar que a obtusidade de Estrepsíades causa-lhe embaraços na separação entre quadrúpedes e bípedes.

³⁵⁹ Literalmente: “carneiro, bode, touro, cão e galo”. Em prol do sentido da passagem, os tradutores de língua portuguesa tem optado por não traduzir literalmente ἀλεκτρούων. Visto que, diferentemente da língua grega, em que o referido substantivo é epiceno, a língua portuguesa distingue o macho (“galo”) da fêmea (“galinha”) da espécie *gallus gallus domesticus* –, o que, por conseguinte, impede o disparate resultante da passagem. As soluções substitutivas encontradas pelos tradutores foram: “pássaro”, “passarinho” e “guarnisé”. Para conferir maior sentido ao destaque feito por Sócrates, optamos por verter os três primeiros nomes da lista – “carneiro”, “bode” e “touro” –, por suas respectivas subfamílias – “caprinos” e “bovinos” –, no sentido de preservar a exclusividade do gênero masculino na nomenclatura. Já “caninos” introduz uma confusão não presente no original, mas própria da personagem, entre “canídeos” e “caninos”. Ademais, a passagem, tal como se apresenta no texto grego, carrega uma certa confusão, a ponto de Rogers (1916, p. 92) haver sugerido que dois versos devem ter sido suprimidos pelo copista: “There can, I think, be no doubt that Bentley is right in supposing two verses to have slipped out after this line, in which Socrates asks, and Strepsiades enumerates, the names of female quadrupeds, ending again with the word ἀλεκτρούων. The same word ending both lines would easily account for the omission”.

³⁶⁰ Para o falante de português que, porventura, adota a normatização de Napoleão Mendes para a concordância dos substantivos epicenos, a presente frase guarda, em si mesma, um disparate. Dado que, para o reputado gramático, o adjetivo deve concordar com o gênero do substantivo epiceno, e.g.: “o peru macho” e “peru fêmeo”; assim como, a “baleia macha” e a “baleia fêmea”.

Στ. νῆ τὸν Ποσειδῶ. νῦν δὲ πῶς με χρὴ καλεῖν;

[665-673]

Σω. ἀλεκτρύαιναν, τὸν δ' ἕτερον ἀλέκτορα.

Στ. ἀλεκτρύαιναν; εὔ γε νῆ τὸν Ἀέρα·
ὥστ' ἀντὶ τούτου τοῦ διδάγματος μόνου
διαλφιδώσω σου κύκλω τὴν κάρδοπον.

Σω. ἰδοὺ μάλ' αὖθις, τοῦθ' ἕτερον. τὴν κάρδοπον
ἄρρενα καλεῖς θήλειαν οὔσαν.

Στ. τῷ τρόπῳ;
ἄρρενα καλῶ 'γὼ κάρδοπον;

Στ. μάλιστά γε,
ὥσπερ γε καὶ Κλεώνυμον.

Στ. πῶς δὴ; φράσον.

Estr. E como hei de falar?

[665-673]

Socr. Ao macho *peru*, à fêmea *perua*.

Estr. *Perua*?! Bendito seja o Ar!

Em paga desta única lição, vou te
arrumar um saco lotado de feijão³⁶¹.

Socr. Eis outro equívoco: proferes *saco*
no masculino e não no feminino³⁶².

Estr. Como?
Falo que *saco* é macho?

Socr. Precisamente!
Tal como dizes *Cleônimo*.

Estr. Como é que é?

³⁶¹ Literalmente: “Encherei de farinha o teu *kárdopos* até o limite”. O *kárdopos* era uma espécie de pilão, um recipiente de madeira para amassar o pão.

³⁶² O texto grego traz *kárdopos*, -ou (ή): “gamela para amassar o pão”, “recipiente de madeira”, “pilão”. O gracejo de Aristófanes trabalha com uma correspondência entre duas dimensões: uma linguística, operada por Sócrates, e outra concreta, realizada por Estrepsíades. A finalidade, por sua vez, assenta-se na invectiva pessoal contra Cleônimo. De uma perspectiva linguística, Sócrates refere-se a uma possível confusão realizada por Estrepsíades em face do gênero do substantivo *kárdopos*. O qual, apesar de se inserir no conjunto de vocábulos da segunda declinação – de gênero predominantemente masculino –, constitui uma exceção à regra, sendo, na verdade, feminino. O mais interessante, todavia, é que Estrepsíades não comete o erro especificado por Sócrates, tal como se pode verificar no verso precedente: *διαλπιῶσω σου κύκλῳ τὴν κάρδοπον*. Em relação à tradução, optamos verter *kárdopos* por *saco* em razão de dois motivos. Primeiro para poder corresponder à correção linguística proposta por Sócrates, visto que a língua portuguesa comporta o feminino *saca* com o valor de unidade de medida; nesse sentido, o “saco de feijão” proposto por Estrepsíades a Sócrates, após a correção do último, tornar-se-ia “uma *saca* de feijão”, implicando em uma aumento significativo da quantidade do pagamento: de meio ou um quilograma (um *saco* de feijão) para sessenta quilogramas (uma *saca* de feijão). O segundo motivo refere-se à interpretação sexual que inferimos da passagem, visto que “saco” também comporta uma conotação sexual, como descrição de uma parte integrante do órgão reprodutor masculino; de modo que a predicação da ausência de um *saco* a Cleônimo reforça a atribuição de efeminação: “é que Cleônimo nem tinha *saco*. Ele fazia era queimar a rosca com um pilão roliço” – sentido presente no original.

Σω. ταύτὸν δύναταί σοι κάρδοπος Κλεωνύμω.

[674-682]

Στ. ἀλλ' ὦ 'γάθ', οὐδ' ἦν κάρδοπος Κλεωνύμω,
ἀλλ' ἐν θυεῖα στρογγύλῃ γ' ἀνεμάπτετο.
ἀτὰρ τὸ λοιπὸν πῶς με χρὴ καλεῖν;

Σω. ὅπως;
τὴν καρδόπην, ὥσπερ καλεῖς τὴν Σωστράτην.

Στ. τὴν καρδόπην θήλειαν;

Σω. ὀρθῶς γὰρ λέγεις.

Στ. ἐκεῖνο τδ' ἦν ἅντ' καρδόπη, Κλεωνύμη.

Σω. ἔτι δέ γε περὶ τῶν ὀνομάτων μαθεῖν σε δεῖ,
ἅττ' ἄρρεν' ἐστίν, ἅττα δ' αὐτῶν θήλεα.

Socr. *Saco* e *Cleônimo* afiguram-te correlatos.

[674-682]

Estr. O porém, doutor, é que *Cleônimo* nem tinha saco.

Ele fazia era queimar a rosca com um pilão roliço³⁶³.

Em resumo, como devo falar daqui pra diante?

Socr.

A saca de feijão.

Tal como dizes a *Sóstrata*³⁶⁴.

Estr.

Saco é fêmea?

Socr. Rigorosamente sim!

Estr. Então tá então: *a saca...* e... *a Cleônima*³⁶⁵.

Socr. É imperioso que agora aprendas, concernente aos nomes próprios, quais os masculinos, quais os femininos.

³⁶³ Literalmente: “Mas ele amassava o pão em um recipiente arredondado”. A passagem não se faz totalmente compreensível, visto não haver, fora deste verso, recorrência da “gíria” utilizada. A opção adotada infere a existência de um teor sexual que caricaturiza a efeminação de *Cleônimo* como consequência do paralelo feminino-fêmea que lhe foi atribuído nos versos precedentes. Não obstante, faz-se necessário ressaltar que tal leitura não se desprende imediatamente da passagem. Dover (1968, p. 183), por exemplo, a recusa: “but a simple reference to anal coitus will hardly do, for the slang involved is not attested in other passages where we should expect to find it, the imagery is obscure, and the act itself too much taken for granted by the Greeks to be an object of ridicule *per se*”.

³⁶⁴ Trata-se de um nome feminino bem comum, ignora-se qualquer referência específica por parte de Aristófanes.

³⁶⁵ Aristófanes declina o nome próprio de *Cleônimo* (Κλεωνύμος) – segunda declinação predominantemente masculina – com desinência própria da primeira declinação de tema em -η (Κλεωνύμη) – exclusivamente feminina. O registro linguístico constitui resultado do argumento da presente invectiva e ancora-se no fato histórico, já mencionado, de *Cleônimo* haver abandonado o escudo durante batalha, atitude pouco viril a partir da ótica guerreira grega.

Στ. ἀλλ' οἶδ' ἔγωγ' ἃ θήλε' ἐστίν.

[683-691]

Σω. εἰπὲ δή.

Στ. Λύσιλλα, Φίλιννα, Κλειπαγόρα, Δημητρία.

Σω. ἄρρενα δὲ ποῖα τῶν ὀνομάτων;

Στ. μυρία.

Φιλόξενος, Μελησίας, Ἀμεινίας.

Σω. ἀλλ' ὦ πόνηρε, ταῦτά γ' ἔστ' οὐκ ἄρρενα.

Στ. οὐκ ἄρρεν' ὑμῖν ἐστίν;

Σω. οὐδαμῶς γ', ἐπεὶ

τῷς γ' ἂν καλέσειας ἐντυχὼν Ἀμεινία;

Στ. ὅπως ἄν; ὡδί· δεῦρο δεῦρ', Ἀμεινία.

Σω. ὁρᾷς; γυναῖκα τὴν Ἀμεινίαν καλεῖς.

Estr. Os femininos eu sei.

[683-691]

Socr. Nomeia-os.

Estr. Lísila, Fílina, Cleitágora e Demétria³⁶⁶.

Socr. Quanto aos masculinos?

Estr. Tem pra não acabar mais:

Filoxenos, Melésias, Amínia³⁶⁷ –

Socr. Masculinos?! Estes não!

Estr. Não?

Socr. Absolutamente não! Se te deparasses com Aminías, como o evocarias?

Estr. Uai, normal: “ei Amínia, vem cá”.

Socr. E “Amínia” não te afigura nome de mulher?³⁶⁸

³⁶⁶ Como informa Dover (1968, p. 184-185), além de nomes comuns a mulheres, há possibilidade de que os nomes elencados por Estrepsíades integrassem algum grupo conhecido de prostitutas.

³⁶⁷ É possível que Aristófanes esteja a atacar alguns contemporâneos por falta de masculinidade. Amínias, o personagem de destaque da lista – como lembra Dover (1968, p. 185) – foi também satirizado por Cratino e Éupolis. Rogers (1916, p. 94-95) identifica-o com o Amínias mencionado nas *Vespas* (466, 1267).

³⁶⁸ Literalmente: “Tu vê? Chamas Amínias como uma mulher”. A passagem é de difícil tradução, Magueijo chega a afirmar que “é completamente impossível dar equivalência a este jogo” (p. 387, n. 234). De fato, a graça decorre do jogo de palavras ocasionado pela flexão do nome próprio *Amínias*. Na língua grega, Ἀμεινίας, -ou (ὸ) corresponde a um substantivo masculino de primeira declinação; por conseguinte, flexiona-se no vocativo singular como Ἀμεινία. Aristófanes explora o fato de que o sufixo -ία, resultante do vocativo, assemelha-se à terminação dos substantivos femininos de primeira declinação com tema em -α no caso reto, e. g.: ἀποπία, ας (ῆ). Na nossa tradução, buscamos verter esse movimento a partir da atribuição de um erro na elocução por parte de Estrepsíades, o qual haveria de pronunciar incorretamente “Amínia” e não “Amínias”, como o faz Sócrates. Nesse sentido, a comicidade resultante de uma particularidade da declinação grega, torna-se resultante de um erro de prosódia por parte dos personagens em nossa versão.

Στ. οὐκ οὐν δίκαιώς, ἥτις οὐ στρατεύεται;
ἀτὰρ τί ταῦθ' ἃ πάντες ἴσμεν μανθάνω;

[692-699]

Σω. οὐδὲν μὰ Δί', ἀλλὰ κατακλινεῖς δευρί –

Στ. τί δρῶ;

Σω. ἐκφρόντισόν τι τῶν σεαυτοῦ πραγμάτων.

Στ. μὴ δῆθ', ἱκετεύω, 'νταῦθά γ', ἀλλ' εἵπερ γε χρή,
χαμαί μ' ἔασον αὐτὰ ταῦτ' ἐκφροντίσαι.

Σω. οὐκ ἔστι παρὰ ταῦτ' ἄλλα.

Στ. κακοδαίμων ἐγώ.
οἶαν δίκην τοῖς κόρεσι δώσω τήμερον.

Estr. E com justeza, já que³⁶⁹ a moça não pode guerrear.

[692-699]

(Com raiva)

Mas pra que aprender o que todo mundo já sabe?

Sócr. Não te interessa!

(Ajeitando o divã no palco)

Agora, reclina-te aqui e...

Estr.

– Faço o quê? –

Socr. ... medita sobre teus dilemas!

Estr. Pelos deuses, aí não. Deixa eu matutar aqui mesmo no chão.

Socr. Não é lícito.

Estr. Diacho! É hoje que os percevejos dão cabo de mim³⁷⁰.
(Deita-se no divã)

³⁶⁹ Literalmente: “já que ela não combate”.

³⁷⁰ A tradução mais literal é a de Gilda Reale: “Ai, desgraçado de mim! Que pena hoje vou pagar aos percevejos!”

Χο. φρόντιζε δὴ καὶ διάθρει
 πάντα τρόπον τε σαυτὸν
 στρόβει πυκνώσας. ταχὺς δ', ὅταν εἰς ἄπορον
 πέσης, ἐπ' ἄλλο πῆδα
 νόημα φρενός· ὕπνος δ' ἀπέ-
 στω γλυκύθυμος ὁμμάτων.

[700-715]

Στ. ἀτταταῖ ἀτταταῖ.

Χο. τί πάσχεις; τί κάμνεις;

Στ. ἀπόλλυμαι δειλῖος. ἐκ τοῦ σκίμποδος
 δάκνουσί μ' ἐξέρποντες οἱ Κορίνθιοι,
 καὶ τὰς πλευρὰς δαρδάπτουσιν
 καὶ τὴν ψυχὴν ἐκπίνουσιν
 καὶ τοὺς ὄρχεις ἐξέλκουσιν
 καὶ τὸν πρωκτὸν διορύττουσιν,
 καὶ μ' ἀπολοῦσιν.

Coro³⁷¹ (*Dirigindo-se a Estrepsíades*)³⁷²

[700-715]

Pondera, perscruta, pesa
e te sopesa convulsiva-
mente.

(*Estrepsíades contorce-se todo pela ação dos percevejos*)

Se te quedares em
aporia³⁷³, saltita, presto, rumo
a outro conceito. Que o doce-
sono desvie-se de teu olhar.

Estr. Ai-ai-Ai!

Coro Que foi?

Estr. Eu definho em maus lençóis!

Corintianos³⁷⁴ pipocam da cama e
me picam, me roem de banda,
me sufocam a alma,
me botam no rabo,
me capam e vão
me matando³⁷⁵.

³⁷¹ Os próximos seis versos compõem uma estrofe, cantada pelo Coro, no intuito de encorajar Estrepsíades. Aristófanes retarda a resposta coral até os versos 804-810, com a realização da antístrofe.

³⁷² Outros editores do texto atribuem a presente passagem à personagem de Sócrates – nesse sentido traduz Gama Kury. Não obstante, Dover (1968, p. 186) apresenta consistente argumentação em prol da atribuição ao Coro, além de sugerir que, neste momento, Sócrates deveria estar ausente do palco, o que o faria ignorar a conduta de Estrepsíades.

³⁷³ A aporia é o resultado do ἔλεγχος aplicado por Sócrates em toda uma gama de diálogos platônicos (e.g. *Laques*, *Lysis*, *Eutífron*, *Cármides* e, também, *Teeteto*).

³⁷⁴ O original apresenta um jogo de palavras de difícil tradução. Aristófanes substitui o esperado “percevejos” (οἱ κόρρις) por os Coríntios (οἱ Κορίνθιοι). A graça deriva do fato de que atenienses e coríntios encontravam-se em guerra durante a representação da peça. Dover (1968, p. 186) sugere que “percevejos” pudesse ser uma gíria aplicada pelos atenienses aos coríntios. Com “corintianos” visamos captar, anacronicamente, o efeito almejado por Aristófanes, dado à rivalidade – por vezes violenta – que anima as disputas entre torcedores de clubes futebolísticos. O mesmo efeito seria conseguido com “argentinos pipocam da cama”.

³⁷⁵ Conseguimos reproduzir a simetria dos versos, mas falhamos quanto à assonância.

Χο. μή νυν βαρέως ἄλγει λίαν.

[716-729]

Στ. καὶ πῶς; ὅτε μου
φροῦδα τὰ χρήματα, φρούδη χροιά,
φρούδη ψυχή, φρούδη δ' ἐμβάς,
καὶ πρὸς τούτοις ἔτι τοῖσι κακοῖς
φρουρᾶς ἄδων
ὀλίγου φροῦδος γεγένημαι.

Σω. οὗτος τί ποιεῖς; οὐχὶ φροντίζεις;

Στ. ἐγώ;
νῆ τὸν Ποσειδῶ.

Σω. καὶ τί (sic) δῆτ' ἐφρόντισας;

Στ. ὑπὸ τῶν κόρεων εἴ μου τι περιλειφθήσεται.

Σω. ἀπολεῖ κάκιστ'.

Στ. ἀλλ' ὦ 'γάθ' ἀπόλωλ' ἀρτίως.

Χο. οὐ μαλθακιστέ' ἀλλὰ περικαλυπτέα.
ἐξευρετέος γὰρ νοῦς ἀποστερητικός
κάπαιόλημ'.

Coro Não padeças em demasia.

[716-729]

Estr. Como? Se tá tudo danificado:

bens, corpo, alma e chinelos.

E pra além dessa desgraceira,

por pouco não me

danifico

cantando de galo³⁷⁶.

Socr. (*Apontado a cabeça porta afora*)

Ei, que fazes? Não meditas?

Estr.

Por Poseidon,

matuto sim!

Socr.

Acerca do quê?

Estr. Do que vai restar de mim depois dos percevejos.

Socr. Que teu tormento seja violento!

(*Retorna para a escola*)

(*Lamentando*)

Estr.

Já venho sofrendo, doutor!

Coro Não convém afrouxar, apenas dissimular,

a fim de encontrar o raciocínio fraudulento e

ludibriador.

³⁷⁶ Literalmente “assoviando de guarda”. Refere-se ao hábito das sentinelas de assoviar para passar o tempo e afastar o sono. Por ignorarmos a situação referida por Estrepsíades, preferimos verter pela expressão “cantar de galo”, a fim de dar algum sentido ao texto final.

Στ. οἷμοι τίς ἂν δῆτ' ἐπιβάλαι
ἐξ ἀρνακίδων γνώμην ἀποστερητρίδα;

[729-736]

Σω. φέρε νυν ἀθήσω πρῶτον, ὅτι δρᾷ, τουτονί.
οὗτος, καθεύδεις;

Στ. μὰ τὸν Ἀπόλλω 'γὼ μὲν οὔ.

Σω. ἔχεις τι;

Στ. μὰ Δί' οὐ δῆτ' ἔγωγ'.

Σω. οὐδὲν πάνυ;

Στ. οὐδὲν γε πλήν ἢ τὸ πέος ἐν τῇ δεξιᾷ.

Σω. οὐκ ἐγκαλυψάμενος ταχέως τι φροντιεῖς;

Στ. περὶ τοῦ; σὺ γάρ μοι τοῦτο φράσον, ὦ Σώκρατες.

Estr. Bem que um cabra podia me cobrir com [729-736]
uma ideia embromadora...³⁷⁷

(*Sócrates sai da escola*³⁷⁸)

Socr. Bem, antes do mais, fiscalizarei o que ele faz.

(*Deparando-se com Estrepsíades deitado, inerte*)

Cochilas?

Estr. Por Apolo, de jeito maneira.

Socr. Que tens na mão?

Estr. Nada, por Zeus.

Socr. Nada mesmo?

Estr. Pra além da rola aqui³⁷⁹, nada mesmo.

Socr. (*Ignorando a obscenidade de Estrepsíades*)

Por que não te cobres e meditas?

Estr. Sobre o quê? Sinaliza pra mim o caminho.

³⁷⁷ Literalmente: “Ai de mim, alguém poderia colocar uma ideia embromadora advinda de uma pele de carneiro?”. A passagem é de difícil entendimento, os tradutores e editores aventam as mais criativas interpretações – cf. as notas que Rogers (1916, p. 98-100) e Dover (1968, p. 190) apresentam para o presente verso. De nossa parte, damos a interpretação que se segue: Estrepsíades gostaria que alguém lhe “cobrisse” com uma ideia já gerada, a fim de se furtar da reflexão filosófica indicada pelo Coro e por Sócrates. Nossa tradução acresce ao verso um sentido sexual, inexistente no original, mas largamente presente no contexto da obra, de acordo com o princípio da compensação tradutória.

³⁷⁸ É discutível se o ator que encena Sócrates haveria de deixar o palco durante este interstício.

³⁷⁹ Literalmente: “exceto o pênis na mão direita”. Preferimos o registro demonstrativo por acreditarmos que, neste passo, o ator deveria levantar o manto e mostrar o falo. O que seria mais eficaz como recurso cômico.

Σω. αὐτὸς ὅτι βούλει πρῶτος ἐξευρὼν λέγε.

[737-746]

Στ. ἀκήκοας μυριάκις ἀγὼ βούλομαι,
περὶ τῶν τόκων, ὅπως ἂν ἀποδῶ μηδενί.

Σω. ἴθι νυν καλύπτου, καὶ σχάσας τὴν φροντίδα
λεπτὴν κατὰ μικρὸν περιφρόνει τὰ πράγματα
ὀρθῶς διαιρῶν καὶ σκοπῶν.

Στ. οἴμοι τάλας.

Σω. ἔχ' ἀτρέμα· κὰν ἀπορῆς τι τῶν νοημάτων,
ἀφείς ἄπελθε, κᾶτα τῇ γνώμῃ πάλιν
κίνησον αὖθις αὐτὸ καὶ ζυγώθρισον.

Στ. ὦ Σωκρατίδιον φίλτατον.

Σω. τί, ὦ γέρον;

Socr. Descobre teus anseios e os exprime.

[737-746]

Estr. Já ouvistes mil vezes o que quero: é
sobre os juros... como não pagar ninguém...³⁸⁰

Socr. Adiante! Cobre-te e, após micro
segmentar a etérea reflexão, perscruta
os tópicos isoladamente³⁸¹.

Estr. (*Cobrindo-se e sendo atacado pelos percevejos*)

Ui, ui, Ui!

Socr. Serena-te! Se quedares em aporia com
algum raciocínio: liberte-o, reestimule a
intelecção e o reaprisione³⁸².

Estr. Ah! Socratidinho querido.

Socr. Pois não, velho?

³⁸⁰ Traduzimos literalmente o texto grego, na intenção de denotar uma certa confusão na formulação iniciática de Estrepsíades. Uma solução, mais coerente e menos literal seria: “Já falei mil vezes! Quero saber como não pagar os juros”.

³⁸¹ Platão explorará esta metodologia filosófica atribuída por Aristófanis a Sócrates em diversos diálogos escritos em sua velhice: *Sofista*, *Político* e *Fedro*. No conjunto dos diálogos platônicos, tal procedimento consistirá em uma das nuances assumidas pelo método dialético, isto é, pelo método filosófico, a saber: a *diáíresis*.

³⁸² “ζυγώθριζω”, segundo Bailly, comporta dois sentidos básicos: “pesar” e “por sob jugo”. Boa parte dos tradutores em língua portuguesa opta pelo primeiro sentido, talvez em remissão ao método filosófico-sofístico atribuído a Sócrates, por exemplo: Gilda Reale, “Depois, movimente-a de novo com o pensamento e pondere”; Magueijo, “depois agita outra vez a ideia e torna a pesar bem a coisa...”; Gama Kury, “depois, pense de novo nela, agite a coisa e pense bem nela”; Baracat, “depois movimenta a ideia de volta ao pensamento e examina-a”. Por nossa vez, seguimos lição inversa, juntamente com Brandão: “A seguir, agita novamente a inteligência e segura-a bem” (a despeito da ambiguidade resultante de sua versão). Ademais, buscamos, a partir da escolha vocabular – “libertar” e “aprisionar” –, preparar o leitor para o embate do *agôn*, interpretado a partir da sugestão de que ambos raciocínios adentrariam em cena engaiolados, como galos de briga.

Στ. ἔχω τόκου γνώμην ἀποστερητικήν.

[747-756]

Σω. ἐπίδειξον αὐτήν.

Στ. εἶπε δὴ νυν μοι –

Σω. τὸ τί;

Στ. γυναῖκα φαρμακίδ' εἰ πριάμενος Θεπταλὴν
καθέλοιμι νύκτωρ τὴν σελήνην, εἴτα δὴ
αὐτὴν καθείρξαιμ' εἰς λοφεῖον στρογγύλον
ὥσπερ κάτροπτον, κᾶτα τηροίην ἔχων.

Σω. τί δῆτα τοῦτ' ἂν ὠφελήσειέν σ';

Στ. ὅτι
εἰ μηκέτ' ἀνατέλλοι σελήνη μηδαμοῦ,
οὐκ ἂν ἀποδοίην τοὺς τόκους.

Σω. ὅτιῃ τί δῆ;

Στ. ὅτιῃ κατὰ μῆνα τάργύριον δανείζεται.

Estr. Já tenho uma ideia pra embromar os juros.

[747-756]

Socr. Demonstra-a.

Estr. Opina num ponto...

(Hesita em revelar o plano)

Socr. Dize logo³⁸³!

Estr. Eu podia arrendar uma feiticeira da Tessália³⁸⁴

pra fazer a lua baixar e, então,
prender ela numa caixa redonda. Daí,
de noite, eu podia zelar dela como dum espelho.

Socr. Em quê ser-te-ia útil?

Estr. Uai!

Não havendo mais lua cheia,
eu não ia ter que pagar os juros.

Socr. Qual o nexos?

Estr. É que a paga é feita no início do mês³⁸⁵.

³⁸³ Seguindo a lição de Dover (1968, p. 192): “Strepsiades has perhaps paused for a moment, to put his idea into words; Socrates is in effect saying ‘Go on!’”.

³⁸⁴ As mulheres da Tessália fizeram-se especialistas na arte da bruxaria desde que Medéia perdeu sua caixa de ervas na região. Desde então, eram elas capazes, dentre outros feitos, de atrair a lua para a terra e de cavalgarem pelo ar. Diversos autores, gregos e romanos, nos atestam tais capacidades, dentre os quais: Platão, *Górgias*, 513a; Virgílio, *Bucólicas*, VIII, 6. Para referências mais exaustivas, incluindo até mesmo a recepção deste ponto pela poesia inglesa, veja-se a nota de Rogers (1916, p. 100-101) para o presente verso.

³⁸⁵ Literalmente: “Porque o dinheiro é emprestado a juros mensais”. Lembrando que os meses gregos eram lunares.

Σω. εὖ γ'. ἀλλ' ἕτερον αὖ σοι προβαλῶ τι δεξιόν.
εἴ σοι γράφοιτο πεντετάλαντός τις δίκη,
ὅπως ἂν αὐτὴν ἀφανίσειας εἰπέ μοι.

[757-768]

Στ. ὅπως; ὅπως; οὐκ οἶδ'. ἀτὰρ ζητητέον.

Σω. μή νυν περὶ σαυτὸν εἶλλε τὴν γνώμην αἰεί,
ἀλλ' ἀποχάλα τὴν φροντίδ' εἰς τὸν ἀέρα
λινόδετον ὥσπερ μηλολόνθην τοῦ ποδός.

Στ. ἡὔρηκ' ἀφάνισιν τῆς δίκης σοφωτάτην,
ὥστ' αὐτὸν ὁμολογεῖν σέ μοι.

Σω. ποίαν τινά;

Στ. ἤδη παρὰ τοῖσι φαρμακοπώλαις τὴν λίθον
ταύτην ἐόρακας, τὴν καλήν, τὴν διαφανῆ,
ἀφ' ἧς τὸ πῦρ ἄπτουσι;

Σω. τὴν ὕαλον λέγεις;

Socr. Certo. Passemos a outro dilema:

[757-768]

cobrassem-te judicialmente cinco mil,
como nulificarias o processo? Discorra!

Estr. De pronto não sei, mas posso matutar...

Socr. Não te emaranhes nas próprias ideias!

Símil ao vaga-lume³⁸⁶ atado pela pata,
libera ao ar o pensamento.

Estr. Eureka! Hás de acordar comigo que achei
o jeito mais porreta de dar fim no processo.

Socr.

Qual seria?

Estr. Conheces aquela pedra medicinal³⁸⁷

– uma bem bonita e cristalina – usada
pra fazer fogo?

Socr. O quartzo criptocristalino³⁸⁸?

³⁸⁶ Literalmente o texto diz *μηλολόνη*, trata-se do *melolontha melolontha*, espécime de besouro dourado comum na Europa. Para nossa tradução, valemo-nos de outro inseto da ordem *coleoptera*, popularmente conhecido como “vaga-lume” ou “pirilampo”. O motivo para tal escolha é, deveras, particular. Acontece que essa era a espécime que costumávamos utilizar, durante a infância, para realizar a brincadeira aludida por Sócrates e descrita pelo Escoliasta nos seguintes termos: ... ὁ λαμβάνοντες οἱ παῖδες ἀποδεσμοῦσι λινῷ καὶ ἐκπεταννύουσιν (*apud* Rogers, 1916, p. 102). Costumava-se também encerrar um bom número desses reluzentes insetos em vidros transparentes, no intuito de obter verdadeiras “lanternas”, instrumentos auxiliares nas incursões noturnas pelos – naquele tempo – enormes quintais das residências mineiras.

³⁸⁷ Literalmente: “Já vistes, junto aos droguistas, aquela pedra...”.

³⁸⁸ O texto traz ὕαλος, segundo Bailly: “toute pierre transparente (albâtre, cristal, certaines pierres précieuses, etc). Nossa opção por “quartzo criptocristalino” atende a diversas razões: i) por se tratar de rocha abundantemente utilizada na produção de fogo, atendendo à demanda do argumento de Estrepsíades; ii) por comportar os adjetivos qualificativos que Estrepsíades confere-lhe (καλή, διαφανή); iii) por incorporar no texto os caracteres de intelectualidade atribuídos a Sócrates e a sua escola. As opções dos demais tradutores em língua portuguesa nos parece atender, quando muito, aos dois primeiros critérios elencados: “vidro”, “lente” “cristal” e “cristal de rocha”.

Στ. ἔγωγε. **[Σω.]** φέρε, τί δῆτ' ἄν, **[Στ.]** εἰ ταύτην λαβών,
 ὁπότε γράφοιτο τὴν δίκην ὁ γραμματεὺς,
 ἀπωτέρω στὰς ὧδε πρὸς τὸν ἥλιον
 τὰ γράμματ' ἐκτῆξαιμι τῆς ἐμῆς δίκης;

[769-778]

Σω. σοφῶς γε νῆ τὰς Χάριτας.

Στ. οἴμ', ὥς ἥδομαι
 ὅτι πεντετάλαντος διαγέγραπταί μοι δίκη.

Σω. ἄγε δὴ ταχέως τουτὶ ξυνάρπασον.

Στ. τὸ τί;

Σω. ὅπως ἀποστρέψαις ἂν ἀντιδικῶν δίκην,
 μέλλων ὀφλήσειν, μὴ παρόντων μαρτύρων.

Στ. φαυλότατα καὶ ῥᾶστ'.

Σω. εἶπε δὴ.

Essa! E se eu me posicionar com uma
delas lá longe, contra o sol, a ponto de
poder esbrasear a papelama do processo
quando o escrivão for fazer o registro³⁸⁹?

[769-778]

Socr. Bem engendrado, pelas Cárites³⁹⁰!

Estr. Uhu! Uma dívida
de cinco mil já foi riscada³⁹¹.

Socr. Avante, presto, entende mais isto:

Estr. O quê?

Socr. Como reverterias, sem provas a teu favor³⁹²,
um processo cuja condenação fosse iminente?

(*Confiante*)

Estr. De olhos fechados!³⁹³

Socr. Explicita a tática!

³⁸⁹ Os processos eram registrados em tábuas de cera, assim sendo, Estrepsíades anseia por proceder a uma queima de arquivo criminosa, derretendo as tábuas de cera nas quais se encontrariam registradas seu processo.

³⁹⁰ Deusas benfazejas dos banquetes, da harmonia e da concórdia em geral. Dover (1968, p.194) reporta um testemunho de Pausânias, segundo o qual Sócrates haveria esculpido estátuas das Graças no portal de entrada para a acrópole, o Propileu.

³⁹¹ Aristófanes, mais uma vez, nos parece caracterizar a obtusidade de Estrepsíades a partir de sua incapacidade em distinguir o real do imaginário.

³⁹² O texto grego diz “não apresentando testemunhos”. A apresentação de testemunhos constituía, pelo menos no último quarto do século V a.C., o melhor meio para angariar o ganho de causa em tribunal. Optamos pela locução “sem provas a teu favor” no intuito de que o entendimento da passagem, para o leitor menos avisado, se faça imediata, a saber: “como, em situação completamente adversa, poderias reverter uma condenação?”.

³⁹³ Literalmente: “com muita humildade e sem complicação”.

ΣΤ. καὶ δὴ λέγω.

[778-793]

εἰ πρόσθεν ἔτι μιᾶς ἐνεστώσης δίκης
πρὶν τὴν ἐμὴν καλεῖσθ' ἀπαγχαίμην τρέχων.

Σω. οὐδὲν λέγεις.

ΣΤ. νῆ τοὺς θεοὺς ἔγωγ', ἐπεὶ
οὐδεὶς κατ' ἐμοῦ τεθνεώτος εἰσάξει δίκην.

Σω. ὕθλεις. ἄπερρ'. οὐκ ἂν διδαξαίμην σ' ἔτι.

ΣΤ. ὅτιῃ τί; ναί, πρὸς τῶν θεῶν, ὦ Σώκρατες.

Σω. ἀλλ' εὐθύς ἐπιλήθαι σύ γ' ἄπ' ἂν καὶ μάθης.
ἐπεὶ τί νυνὶ πρῶτον ἐδιδάχθης; λέγε.

Στ. φέρ' ἴδω, τί μέντοι πρῶτον ἦν; τί πρῶτον ἦν;
τίς ἦν ἐν ᾗ μαπτόμεθα μέντοι τάλφιτα;
οἴμοι, τίς ἦν;

Σω. οὐκ εἰς κόρακας ἀποφθερεῖ,
ἐπιλησμότατον καὶ σκαιοτάτον γερόντιον;

Στ. οἴμοι. τί οὔν δῆθ' ὁ κακοδαίμων πείσομαι;
ἀπὸ γὰρ ὁλοῦμαι μὴ μαθὼν γλωττοστροφεῖν.
ἀλλ' ὧ Νεφέλαι, χρηστόν τι συμβουλεύσατε.

Estr. É pra já! [778-793]

Quando faltasse só um processo pra
chegar no meu, eu corria... e... me enforcava.

Socr. Balburdias.

Estr. Pego com os deuses:
comigo morto, ninguém mais me processa.

Socr. Desatinas. Vai, não te instruireis mais.

(Desesperado)

Estr. Por que isso, Sócrates? Pelos deuses!

Socr. Porque esqueces tudo quanto aprendes.
Quer ver: qual foi tua primeira lição?

(Confuso e inseguro)

Estr. Deixa ver... a pri-mei-ra... foi...?
Que trem era aquele... onde se amassava o alpiste?
Diacho! Como é que era...?

Socr. Vá para o báratro!
Velho! Caquético! Amnético!

Estr. Diacho! O que é que eu vou fazer? Se
não aprendo o molejo da língua... tô acabado.

(Ao Coro)

Hei, Nuvens, algum sugestionamento?

Χο. ἡμεῖς μὲν, ὦ πρεσβῦτα, συμβουλευόμεν,
εἴ σοι τις υἱός ἐστιν ἐκτεθραμμένος,
πέμπειν ἐκεῖνον ἀντὶ σαυτοῦ μαθάνειν.

[794-810]

Στ. ἀλλ' ἔστ' ἔμοιγ' υἱὸς καλὸς τε καὶ ἀγαθός·
ἀλλ' οὐκ ἐθέλει γὰρ μαθάνειν, τί ἐγὼ πάθω;

Χο. σὺ δ' ἐπιτρέπεις;

Στ. εὐσωματεῖ γὰρ καὶ σφριγᾷ,
κάστ' ἐκ γυναικῶν εὐπτέρων καὶ Κοισύρας.
ἀτὰρ μέτειμί γ' αὐτόν· ἦν δὲ μὴ θέλῃ,
οὐκ ἔσθ' ὅπως οὐκ ἐξελῶ 'κ τῆς οἰκίας.
ἀλλ' ἐπανάμεινόν μ' ὀλίγον εἰσελθὼν χρόνον.

Χο. ἄρ' αἰσθάνει πλεῖστα δι' ἡ-
μᾶς ἀγάθ' αὐτίχ' ἔξων
μόνας θεῶν; ὥς ἔτοιμος ὅδ' ἐστὶν ἅπαν-
τα δρᾶν ὅσ' ἂν κελεύῃς.
σὺ δ' ἀνδρὸς ἐκπεπληγμένου
καὶ φανερώς ἐπηρμένου
γνοὺς ἀπολάψεις ὅτι πλείστον δύνασαι

Coro Eis nossa recomendação,
 ancião: caso tenhas um filho já
 criado, destine-o a aprender por ti.

[794-810]

Estr. E não é que tenho um bem de jeito!
 Só que não quer estudar: que que eu faço?

Coro. Por que toleras?

Estr. Porque ele é um garanhão taludo,
 cria duma dessas patricinhas³⁹⁴ emplumadas.
 Quer saber: vou atrás dele! E se ele botar
 resistência, vai direto pro olho da rua³⁹⁵.
 (*A Sócrates*)
 Espera um cado aí! Já volto!
 (*Sai de cena*)

Coro³⁹⁶ (*A Sócrates*)
 Antevês os inúmeros
 benefícios que lograrás
 graças a nós? O homem
 predispõe-se a obedecer
 incontestemente. Aproveite o
 atordoamento e a euforia
 para o devorar. Sê

³⁹⁴ Literalmente: “Césiras”. Para a personagem, assim como para sua tradução por “patricinha”, veja-se a nota referente ao verso 48.

³⁹⁵ Literalmente: “não há meios pelos quais / não é possível que (οὐκ ἔσθ' ὅπως)... eu não o expulse para fora de casa (οὐκ ἐξελῶ 'κ τῆς οἰκίας)”.

³⁹⁶ Os próximos dez versos compõem a antístrofe cantada pelo coro no intuito de aconselhar Sócrates. Os seis primeiros versos (804-809) respondem aos versos 700-706 da estrofe.

ταχέως· φιλεῖ γάρ πως τὰ τοι-
αῦθ' ἐτέρᾳ τρέπεσθαι.

[811-825]

Στ. οὔτοι μὰ τὴν Ὀμίχλην ἔτ' ἐνταυθοῖ μενεῖς,
ἀλλ' ἔσθι' ἐλθὼν τοὺς Μεγακλέους κίονας.

Φε. ὦ δαιμόνιε, τί χρήμα πάσχεις, ὦ πάτερ;
οὐκ εὖ φρονεῖς, μὰ τὸν Δία τὸν Ὀλύμπιον.

Στ. ἰδοὺ γ' ἰδοὺ Δί' Ὀλύμπιον. τῆς μωρίας·
τὸν Δία νομίζειν ὄντα τηλικουτονί.

Φε. τί δὲ τοῦτ' ἐγέλασας ἐτεόν;

Στ. ἐνθυμούμενος
ὅτι παιδάριον εἶ καὶ φρονεῖς ἀρχαῖϊκά.
ὅμως γε μὴν πρόσσελθ', ἵν' εἰδῆς πλείονα,
καί σοι φράσω τι πρᾶγμ' ὃ [σὺ] μαθὼν ἀνὴρ ἔσει.
ὅπως δὲ τοῦτο μὴ διδάξεις μηδένα.

Φε. ἰδοὺ. τί ἐστίν;

Στ. ὥμοσας νυνὶ Δία.

presto, tais conjunturas
adoram uma reviravolta.

[811-825]

(*Entram Estrepsíades, furioso, e Fidípedes, confuso*)³⁹⁷

Estr. Juro pelo Nevoeiro³⁹⁸, lá em casa não ficas mais;
se for do teu agrado, vai comer as colunas de Mégacles³⁹⁹.

Fidi. Por Zeus Olímpico, pai,
qual é a tua? Pirastes?

(*Sarcástico*)

Estr. Espia só a birutice: *Zeus Olímpico!*?
Quem, na tua idade, acredita em Zeus?⁴⁰⁰

Fidi. Qual é a graça?

Estr. É que fedes a cueiro com
tuas matutações atrasadas⁴⁰¹. Mas passa pra cá,
vem aprender um cado. Vou te participar duns
segredos que, quando sabidos, vão te tornar
crescido. Mas vê lá: não vais ensinar pra ninguém!

Fidi. Já tô na área. Fala!

Estr. Agora mesmo chamastes por Zeus.

³⁹⁷ Inicia-se aqui a segunda cena de transição (814-889), também denominada de “Cena Episódica”.

³⁹⁸ Estrepsíades tentará, nesta cena episódica, aplicar os ensinamentos recebidos no Matutatório. Todavia, tal como diagnosticado por Sócrates, suas limitações intelectuais impedirão a correção dos ensinamentos. Situação que, por sua vez, constitui um dos elementos que ensejam o efeito cômico da peça.

³⁹⁹ Possível alusão à falência de Mégacles, de cuja fortuna somente haveriam restado as colunas – símbolo de opulência e poder, em se tratando de uma residência.

⁴⁰⁰ No original, a oração é afirmativa: “Que loucura. Acreditar em Zeus com esta idade aí”.

⁴⁰¹ Literalmente: “Matutando que és um rapazola e que raciocinas de modo arcaico”.

Φε. ἔγωγ'.

[826-837]

Στ. ὁρᾷς οὖν ὡς ἀγαθὸν τὸ μανθάνειν;
οὐκ ἔστιν, ὦ Φειδιππίδη, Ζεύς.

Φε. ἀλλὰ τίς;

Στ. Δῖνος βασιλεύει τὸν Δί' ἐξεληλακῶς.

Φε. αἰβοῖ· τί ληρεῖς;

Στ. ἴσθι τοῦθ' οὕτως ἔχον.

Φε. τίς φησι ταῦτα;

Στ. Σωκράτης ὁ Μήλιος
καὶ Χαιρεφῶν, ὃς οἶδε τὰ ψυλλῶν ἵχνη.

Φε. σὺ δ' εἰς τοσοῦτον τῶν μανιῶν ἐλήλυθας
ὥστ' ἀνδράσιν πείθει χολῶσιν;

Στ. εὐστόμει
καὶ μηδὲν εἵπησ φλαῦρον ἄνδρας δεξιούς
καὶ νοῦν ἔχοντας, ὧν ὑπὸ τῆς φειδωλίας
ἀπεκείρατ' οὐδεὶς πώποτ' οὐδ' ἠλείψατο
οὐδ' εἰς βαλανεῖον ἦλθε λουσόμενος· σὺ δὲ

Fidi. E daí?

[826-837]

Estr. Atina então com a serventia do estudo:

Zeus, Fidípedes, não existe.

Fidi. Então quem...

Estr. O *Torneiro*!⁴⁰² Ele deu no pé com Zeus e agora é o manda-chuva.

Fidi. Putz! Que lorota é essa?

Estr. Pode confiar que é desse jeito!

Fidi. Quem te disse isso?

Estr. Sócrates de Mélio⁴⁰³ e Querefonte, o sabido sobre rastros de pulga.

Fidi. E embirutastes a ponto de seguir uns doidos varridos⁴⁰⁴?

Estr. Amacia a língua e não desmereças homens direitos e sabidos; que, de tão controlados, não cortam cabelo, não se lambuzam de óleo e nem se banham em saunas. Já tu me *lavas* até a alma, como

⁴⁰² Consoante à tradução proposta para o verso 380.

⁴⁰³ Sócrates era ateniense, Aristófanes atribui-lhe o epíteto “Mélios” em *Alusão a Diágoras de Mélios*. A antiguidade tomava esse personagem como símbolo da impiedade, tributando-lhe, inclusive, o ateísmo – condição não atestada na antiguidade. De fato, em 415 a.C., Diágoras foi processado e banido de Atenas, supostamente em reação à mutilação das estátuas de Hermes e à profanação dos mistérios de Elêusis.

⁴⁰⁴ Literalmente: “tu chegastes a tal ponto de loucura que obedeces homens biliosos”. Nos tempos de Aristófanes, o excesso de bília era tido como causa tanto do sentimento de raiva como da loucura.

ὥσπερ τεθνεῶτος καταλόει μου τὸν βίον.
 ἀλλ' ὥς τάχιστ' ἐλθὼν ὑπὲρ ἐμοῦ μάνθανε.

[838-848]

Φε. τί δ' ἂν παρ' ἐκείνων καὶ μάθοι χρηστόν τις ἄν;

Στ. ἄληθες; ὅσαπέρ ἐστιν ἀνθρώποις σοφά.
 γνώσει δὲ σαυτὸν ὥς ἀμαθὴς εἶ καὶ παχύς.
 ἀλλ' ἐπανάμεινόν μ' ὀλίγον ἐνταυθοῖ χρόνον.

Φε. οἴμοι· τί δράσω παραφρονοῦντος τοῦ πατρός;
 πότερον παρανοίας αὐτὸν εἰσαγαγὼν ἔλω,
 ἢ τοῖς σοροπηγοῖς τὴν μανίαν αὐτοῦ φράσω;

Στ. φέρ' ἴδω, σὺ τοῦτον τίνα νομίζεις; εἰπέ μοι.

Φε. ἀλεκτρυόνα.

se eu já tivesse batido as botas⁴⁰⁵.

[838-848]

(Apontando para o matutatório)

Vai, corre pra lá e aprende pra mim.

Fidi. O quê de maneira vou aprender com eles?

Estr. Tudo que é de serventia pra homens: vais

conhecer a ti mesmo... saber que és bocó e

bruto⁴⁰⁶. *(Tendo uma ideia)*

Mas espera só um cadinho aqui.

(Sai de cena)

(Dirigindo-se aos espectadores)

Fidi. Putz! Meu velho pirou! Que

faço: interdito ele por demência

ou já vou preparando o caixão⁴⁰⁷?

(Estrepsíades retorna portando um casal de perus)

(Mostrando o peru macho)

Estr. Espia só: como chamas isso aqui?

Fidi. Peru?!⁴⁰⁸

⁴⁰⁵ Em referência ao rito fúnebre do banho aplicado aos cadáveres pelos familiares.

⁴⁰⁶ O conhecimento de si mesmo e a ignorância como resultado do ensinamento socrático é ponto coincidente entre Aristófanes e Platão. Além disso, em ambos o primeiro se apresenta como referência direta ao famoso Oráculo de Delfos.

⁴⁰⁷ Literalmente: “Ai de mim! O que farei com o meu pai estando louco? Devo o levar a tribunal por insanidade ou anunciar a loucura dele aos fabricantes de caixão?”. A primeira opção cogitada por Fidípedes faz parte do que os gregos denominavam por γραφή παρανοίας, um processo de interdição judicial que impedia os atacados por demência de dilapidarem os próprios bens. Já a segunda opção, embora não nos pareça de todo evidente, nos faz pensar que o jovem cogita que o delírio paterno constitua um prenúncio da sua morte – assim também pensa Rogers (1916, p. 110).

⁴⁰⁸ Estrepsíades tenta reproduzir, empiricamente, o aprendizado do verso 666. Tanto aqui como lá, adaptamos a espécime galinácea, a fim de permitir a ambiguidade pretendida pelo autor.

ΣΤ. καλῶς γε. ταυτηνὶ δὲ τί;

[848-858]

ΦΕ. ἀλεκτρυόν'.

ΣΤ. ἄμφω ταυτό; καταγέλαστος εἶ.
μή νυν τὸ λοιπόν, ἀλλὰ τήνδε μὲν καλεῖν
ἀλεκτρύαιναν, τουτονὶ δ' ἀλέκτορα.

ΦΕ. ἀλεκτρύαιναν; ταῦτ' ἔμαθες τὰ δεξιὰ
εἴσω παρελθὼν ἄρτι παρὰ τοὺς γηγενεῖς;

ΣΤ. χᾶτερά γε πόλλ'. ἀλλ' ὅτι μάτοιμ' ἐκάστοτε
ἐπελανθανόμην ἂν εὐθύς ὑπὸ πλήθους ἐτῶν.

ΦΕ. διὰ ταῦτα δὴ καὶ θοίμάτιον ἀπώλεσας;

ΣΤ. ἀλλ' οὐκ ἀπολώλεκ', ἀλλὰ καταπεφρόντικα.

ΦΕ. τὰς δ' ἐμβάδας ποῖ τέτροφας, ὧ ἵνόητε σύ;

Estr. Batuta! E esta daqui?

[848-858]

(*Mostra o peru fêmea*)

Fidi. Peru.

Estr. Todos dois? Só rindo!

Daqui pra diante chames este aqui
de “peru” e esta daqui de “perua”.

Fidi. Perua?! São esses os talentos que
aprendestes lá com aqueles sujismundos⁴⁰⁹?

Estr. E outros mais! Só que, por conta da idade,
tudo quanto aprendia, de pronto, esquecia.

Fidi. Por isso perdestes também o manto⁴¹⁰?

Estr. Não perdi, apenas me despi-stei⁴¹¹ dele pro estudo.

Fidi. E as sandálias, desmiolado, onde foram parar?

⁴⁰⁹ “γηγενής”, literalmente, designa o “nascido da terra”. Segundo o Escoliasta (*apud* Rogers, 1916, p.110), duas são as possibilidades para a presente adjetivação: ὠχρούς καὶ νεκρώδεις. ἢ ἀσεβεῖς καὶ Θεομάχους διὰ τοὺς Γίγαντας. Em nossa tradução optamos por uma adaptação da primeira possibilidade. Eis como vertem os demais tradutores: Gilda Reale, “terrígenos”; Junito Brandão, “filhos da terra”; Magueijo, “filhos da terra”; Gama Kury, “filhos da terra”; e Baracat, “titãs”.

⁴¹⁰ Como sabemos, o manto foi deixado, no verso 497, na porta da escola de Sócrates. A sugestão é a de que Estrepsíades foi pilhado por Sócrates – o que evoca a prática descrita nos versos 177 *et seq.*. O passo expressa o grau de envolvimento de Estrepsíades com a escola de Sócrates, já que não é de se esperar que um velho sovina se despenda com tal facilidade de seus bens. De fato, quando da reviravolta de seu estado de espírito para com o matutatório, isto é, quando estiver incendiando a escola, Estrepsíades evocará o roubo de seu manto como uma das causas de sua vingança (v. 1498).

⁴¹¹ Como nota Rogers (1916, p.111), Estrepsíades “is using, or misusing, the terms of his new learning for the purpose of evading his son's inconvenient inquiries”. O termo em questão é καταπεφρόντικα; literalmente, “retirar/deixar para pensar”. Eis como verteram os tradutores: Gilda Reale, “Não, não perdi, dispensei-o”; Junito Brandão, “Não o perdi, mas o dis...pensei”; Magueijo, “Bem... não o... perdi, mas antes... desp... dis...pensei-o”; Gama Kury, “Eu não esqueci; dispensei o manto”; e Baracat, “Mas não a tinha perdido: eu a gastei com o pensamento”.

ΣΤ. ὥσπερ Περικλῆς, εἰς τὸ δέον ἀπώλεσα.

[859-865]

ἀλλ' ἴθι, βάδιζ', ἴωμεν. εἴτα τῷ πατρὶ
πειθόμενος ἐξάμαρτε. κἀγὼ τοι ποτὲ
οἶδ' ἐξέτει σοι τραυλίσαντι πιθόμενος.
ὄν πρῶτον ὀβολὸν ἔλαβον ἡλιαστικόν,
τούτου ἑπριάμην σοι Διασίοις ἀμαξίδα.

ΦΕ. ἦ μὲν σὺ τούτοις τῷ χρόνῳ ποτ' ἀχθέσει.

Estr. Consumi por precisão, que nem o Péricles⁴¹².

[859-865]

(Conduzindo o filho para o matutatório)

Já basta, vamos! Ainda que falhes, presta

obediência ao teu pai. Noutro tempo eu

também te obedeci: tu tinhas seis anos e

mal falavas, e eu, com meu primeiro ganho

de jurado⁴¹³, te dei um carrinho nas Diásias⁴¹⁴.

(Aceita, a contragosto, entrar para o matutatório)

Estr. Tá bom. Mas ainda vais choramingar por isso.

⁴¹² Resposta dada por Péricles, por influencia de uma sugestão de Alcibíades, quando confrontado sobre o destino de dez talentos que haviam sido gastos para conter a revolta de Eubéia em 445 a.C.. Valor que fora utilizado para subornar os líderes espartanos.

⁴¹³ Literalmente: “com o primeiro óbulo que ganhei como heliasta”. A Heliéia era o tribunal popular ateniense, composto por um número de seis mil juízes-jurados, isto é heliastas, (ARISTÓFANES, *As Vespas*, v. 660; ARISTÓTELES, *Constituição Ateniense*, 24.3), sorteados todos os anos – seiscentos para cada uma das dez tribos –, cujos membros variavam diariamente na execução do exercício. Propriamente dito, o nome “Heliastas” (praça em pleno sol) designava o principal dentre os dez tribunais atenienses, de modo que a aplicação do termo a todo o conjunto de seis mil juízes se deu por extensão da função. Para tornar-se um juiz era preciso, além da cidadania, ter idade superior a trinta anos. Cada um dos constituintes desse montante realizava, no início do ano, um juramento que, dentre outras coisas, os incitavam a serem os guardiões do regime democrático. Por seus serviços prestados à cidade, cada qual recebia uma quantia por dia trabalhado – um óbulo a princípio, posteriormente dois e, ao menos no último quarto do século V a.C., por obra de Cléon, a quantia de três óbulos –, referentes ao μισθὸς ἡλιαστικός, instituído por Péricles no intuito de democratizar a participação dos cidadãos nas causas da cidade. Dado à quantia irrisória de tal salário, estima-se que a função de heliasta era desempenhada, em grosso número, por pessoas idosas que já não mantinham outras ocupações remuneradas. Esse, pelo menos, é o retrato esboçado por Aristófanes nas *Vespas*, peça cujo protagonista e coro são compostos por velhos jurados. No tempo aludido por Estrepsíades, o salário deveria ser de dois óbulos. Logo, é bem possível que ele tenha gastado metade do salário em um presente para o filho. O que não deixaria de ser atípico, caso esteja o velho nos dizendo a verdade.

⁴¹⁴ Durante as Diásias, festa em honra a Zeus, era comum presentear os filhos com doces e brinquedos.

Στ. εὖ γ' ὅτι ἐπείσθης.

[866-875]

δεῦρο δεῦρ' ὦ Σώκρατες,
ἔξελθ'· ἄγω γάρ σοι τὸν υἱὸν τουτονὶ
ἄκοντ' ἀναπείσας.

Σω. νηπύτιος γάρ ἐστ' ἔτι
καὶ τῶν κρεμαστῶν οὐ τρίβων τῶν ἐνθάδε.

Φε. αὐτὸς τρίβων εἴης ἄν, εἰ κρέμαιό γε.

Στ. οὐκ εἰς κόρακας; καταρᾷ σὺ τῷ διδασκάλῳ;

Σω. ἰδοὺ κρέμαι'· ὥς ἡλίθιον ἐφθέγξατο
καὶ τοῖσι χείλεσιν διερρυηκόσιν.
πῶς ἂν μάθοι ποθ' οὗτος ἀπόφευξιν δίκης
ἢ κλῆσιν ἢ χαύνωσιν ἀναπειστηρίαν;

Estr. Ainda bem que aceitaste.

[866-875]

(Eufórico, grita por Sócrates, o qual se encontra dentro da escola)

Ei Sócrates, chega

aqui! Tô te trazendo minha cria. E olha que foi custoso convencer o moleque.

Socr. É porque ele é um anebo⁴¹⁵ e ainda não foi alisado aqui nos nossos cestos.

Fidi. Alisadinho⁴¹⁶ ficarias tu, se te pendurassem no tronco⁴¹⁷.

Estr. Que diacho é esse? Praguejas contra o mestre?

Socr. *(Com desprezo)*

Como é canhestro! Notem a frouxidão dos lábios

quando ele articula "... se te pendu-ra-ssem..."⁴¹⁸.

Conseguirá ele aprender a absolvição processual, o protocolo intimatório e a melíflua elocução dissuasiva?

⁴¹⁵ Sócrates se vale de νηπίτιος, um equivalente épico de νήπιος. Dover (1968, p. 205) sugere que "to make an impression on the young man".

⁴¹⁶ Há um jogo de palavras com τρίβω. Sócrates utiliza o termo na sua forma verbal, cujo primeiro sentido (concreto) é "esfregar"; de onde "gastar", "triturar", "consumir", "desgastar", "esfregar", etc. Fidípedes, por sua vez, utiliza o termo na sua forma nominal, o qual designa uma "vestimenta de trabalho surrada". O imbróglio é gerado pelo fato de Fidípedes ignorar o procedimento de ascensão ao cesto para a contemplação dos astros. Assim sendo, ele entende que Sócrates está sugerindo algum processo de agressão contra ele. Razão pela qual ele retruca com violência. Em nossa tradução, valem-nos de "alisar" e "alisadinho" tanto para captar, em algum aspecto, o sentido de τρίβω, quanto para sugerir um cunho sexual – não existente no original – que evocaria a reação defensiva de Fidípedes. Outra solução seria: "É porque ele é um anebo e ainda não foi passado aqui nos nossos cestos". "Passadinho ficarias tu se te estendessem no tronco".

⁴¹⁷ Seguindo a sugestão de Dover (1968, p. 205-206), para quem Estrepsíades deveria ter em mente um procedimento de tortura utilizado para com os escravos, os quais eram amarrados e dependurados pelos pés.

⁴¹⁸ Não se sabe, ao certo, qual seria o problema de articulação referido por Sócrates. Dover (1968, p. 206) sugere duas possibilidades: i) alguma dificuldade própria da infância ii) algum estilo de pronúncia próprio de determinado grupo social. A última opção nos parece mais plausível.

καίτοι ταλάντου τοῦτ' ἔμαθεν Ὑπέρβολος.

[876-888]

Στ. ἀμέλει δίδασκε. Θυμόσοφός ἐστιν φύσει.
 εὐθύς γε τοι παιδάριον ὃν τυννουτονὶ
 ἔπλαπτεν ἔνδον οἰκίας ναῦς τ' ἔγλυφεν
 ἀμαξίδας τε τσικυτίνας ἡργάζετο
 κάκ τῶν σιδίων βατράχους ἐποίει, πῶς δοκεῖς;
 ὅπως δ' ἐκείνῳ τὸ λόγῳ μαθήσεται,
 τὸν κρείττον', ὅστις ἐστί, καὶ τὸν ἥττονα,
 ὃς τᾶδिका λέγων ἀνατρέπει τὸν κρείττονα·
 ἐὰν δὲ μή, τὸν γοῦν ἄδικον πάσῃ τέχνῃ.

Σω. αὐτὸς μαθήσεται παρ' αὐτοῖν τοῖν λόγοιν·
 ἐγὼ δ' ἀπέσομαι.

Στ. τοῦτό νυν μέμνησ', ὅπως
 πρὸς πάντα τὰ δίκαι' ἀντιλέγειν δυνήσεται.

Hipérbolo⁴¹⁹, com efeito, aprendeu tudo isso... por mero milhão⁴²⁰.

[876-888]

Estr. Ensina despreocupado. O moleque é sabido de nascença. Ainda catatau já modelava casinhas, esculpia navios, talhava carrinhos de couro e fazia rãs de casca de romã. Dá pra acreditar? De jeito igual ele vai aprender o palavrório taludo, que é o que é, e o franzino, que, com lábia ilegítima, vence o taludo. Não dando, ensina, a todo custo, o franzino.

Socr. Ele aprenderá junto aos dois discursos. Por ora, retirar-me-ei.

Estr. Só trata de alembrar que ele carece poder rebater tudo quanto for justo.

Coro⁴²¹. (...)

⁴¹⁹ Para Hipérbolo, confira a nota do verso 551. A crítica em pauta seria a de que a destreza discursiva do demagogo não seria própria de sua lavra, mas resultado do esforço descomedido de algum professor e do investimento de alguma soma exorbitante.

⁴²⁰ Literalmente: “por um talento”. Trata-se de quantia exorbitante para qualquer aprendizado. Dover (1968, p. 207) recorda a *Apologia* de Platão (20b), na qual se atesta que Pródico cobrava cinco minas por seus ensinamentos, o que equivalia a um doze avos de um talento.

⁴²¹ Como informa Dover (1968, p. 208-209), a antiguidade já notava a ausência de uma entrada coral entre a transição da cena episódica e o *agôn* propriamente dito, possivelmente suprimida na edição revisada. Tal procedimento fazia-se necessário, inclusive, para que o ator que interpretava Sócrates pudesse adentrar na escola e trocar de vestimenta, a fim de interpretar um dos dois discursos. Um forte indício sobre a utilização de um interlúdio coral em semelhantes situações pode ser observado nas *Rãs*, cuja estrutura formal do *agôn* possui forte semelhança com as *Nuvens* (vide *Rãs*, v. 814-829).

Discurso Forte

[889-899]

*(Irritado e gesticulante, sai da escola instando o Discurso Fraco a lhe seguir)*⁴²²

Apareça aqui, revela tua
insolência aos espectadores.

Discurso Fraco

Por onde vás: maior a audiência,
maior meu afã em te aniquilar.

Dis. For. Quem és, para me aniquilar?

Dis. Fra.

Um discurso...

Dis. For.

... fraco.

Dis. Fra. Ainda assim, capaz
de vencer o que se diz mais forte.

Dis. For. Com qual sapiência?

Dis. Fra. Com a que revela neo-raciocínios.

Dis. For. Aqueles tais
que florescem entre néscios.

Dis. Fra. Entre néscios não, entre sábios sim.

Dis. For.

Aniquilar-te-ei sem piedade.

⁴²² Inicia-se aqui o *âgon* da peça. Neste movimento, dois personagens disputam verbalmente a respeito de concepções antagônicas de mundo: o Discurso Forte representando a antiga educação ateniense, assim como os valores sustentados pela tradição e veiculados pela educação poética de Homero, Ésquilo e Sófocles; e o do Discurso Fraco, por sua vez, representando as inovações de pensamento e de costume surgidas com os sofistas em Atenas, a partir de meados do século V a.C., assim como as inovações dramáticas de Eurípedes. Não se sabe ao certo como era realizada a aparição de ambas personagens. Existe a sugestão de que seriam trazidos em gaiolas e instados à luta como dois galos de briga; Rogers (1916, p. 114-115), todavia, rejeita tal hipótese.

Ητ. εἰπέ, τί ποιῶν;

[900-910]

Κρ. τὰ δίκαια λέγων.

Ητ. ἀλλ' ἀνατρέψω ταῦτ' ἀντιλέγων·
οὐδὲ γὰρ εἶναι πάνυ φημι Δίκην.

Κρ. οὐκ εἶναι φῆς;

Ητ. φέρε γάρ, ποῦ 'στίν;

Κρ. παρὰ τοῖσι θεοῖς.

Ητ. πῶς δῆτα Δίκης οὔσης ὁ Ζεὺς
οὐκ ἀπόλωλεν τὸν πατέρ' αὐτοῦ
δήσας;

Κρ. αἰβοῖ, τουτὶ καὶ δῆ.
χωρεῖ τὸ κακόν. δότε μοι λεκάνην.

Ητ. τυφογέρων εἴ κανάρμοστος.

Κρ. καταπύγων εἴ καναίσχυντος.

Ητ. ῥόδα μ' εἴρηκας.

Dis. Fra. Com qual expediente?

[900-910]

Dis. For. Com o que profere coisas justas.

Dis. Fra. Então te emaranharei com minhas réplicas,
pois, categoricamente, afirmo: a Justiça⁴²³ sequer existe .

Dis. For. Sustentas que ela *não é*?

Dis. Fra. Se fosse, onde estaria?

Dis. For. Junto aos divos.

Dis. Fra. Se ela existe, como não padeceu
Zeus, a despeito de ter agrilhado o próprio
pai⁴²⁴?

Dis. For. Ai-ai-ai! Eis que
pulula a perversidade. Traz o balde.
(*Faz menção de vomitar*).

Dis. Fra. És um velho esclerosado, um desequilibrado!

Dis. For. E tu um pau-no-cu, um cara de pau!

Dis. Fra. Lança-me rosas.

⁴²³ Filha de Zeus e de Têmis, Dike era a personificação da justiça. Enquanto conceito filosófico, a definição de justiça é investigada nos quatro primeiros livros da *República* de Platão.

⁴²⁴ Isto é, Cronos. Refere-se ao destino dado por Zeus a Cronos durante a titanomaquia (cf. Hesíodo, *Teogonia*, 154 et seq.; 423 et seq.). O mesmo argumento é utilizado por Sócrates contra Eutífron no diálogo homônimo (5c et seq.). Conforme expressa Dover (1968, p. 211), o episódio era considerado σκάνδαλον τοῖς Ἕλλησιν. Na *República* (II, 377e-378a), Sócrates inclui o episódio no rol de mitologemas que deveriam ser censurados ou restritos na cidade.

Κρ. καὶ βωμολόχος.

[910-924]

Ητ. κρίνεσι στεφανοῖς.

Κρ. καὶ πατραλοίας.

Ητ. χρυσῷ πάντων μ' οὐ γινώσκεις.

Κρ. οὐ δῆτα πρὸ τοῦ γ', ἀλλὰ μολύβδω.

Ητ. νῦν δέ γε κόσμος τοῦτ' ἐστὶν ἐμοί.

Κρ. θρασὺς εἶ πολλοῦ.

Ητ. σὺ δέ γ' ἀρχαῖος.

Κρ. διὰ σὲ δὲ φοιτᾶν
οὐδεὶς ἐθέλει τῶν μειρακίων.
καὶ γνωσθήσει ποτ' Ἀθηναίοις
οἷα διδάσκεις τοὺς ἀνόητους.

Ητ. αὐχμεῖς αἰσχροῶς.

Κρ. σὺ δέ γ' εὖ πράττεις.
καίτοι πρότερόν γ' ἐπτώχευες,
Τήλεφος εἶναι Μυσοῶ φάσκων
ἐκ πηριδίου
γνώμας τρώγων Πανδελετείους.

Dis. For. Depravado! [910-924]

Dis. Fra. Coroa-me com lírios.

Dis. For. Parricida!

Dis. Fra. Não vês que me purpurinas... com ouro?

Dis. For. Antigamente, dir-se-ia... “com chumbo”.

Dis. Fra. Mas hoje... trata-se de um ornato.

Dis. For. Depravado!

Dis. Fra. Antiquado!

Dis. For. Por tua influência,
jovem nenhum almeja estudar.
Os atenienses ainda hão de sa-
ber o que ensinas aos néscios.

Dis. Fra. Putrefas asquerosamente.

Dis. For. Tu, decerto, vais bem...
mas há pouco mendigavas, dis-
farçado de Télefo de Mísias⁴²⁵, e
desenterravas máximas de Pan-
deteleu⁴²⁶ a fim de ruminá-las.

⁴²⁵ Referência à tragédia *Télefo* de Eurípedes, encenada em 438 a.C., na qual o rei de Mísias, Télefo, foi representado disfarçado de mendigo na corte de Agamêmnon.

⁴²⁶ Possivelmente tratava-se de um sicofanta.

Ητ. ὤμοι σοφίας –

[925-938]

Κρ. ὤμοι μανίας –

Ητ. ἥς ἐμνήσθης.

Κρ. τῆς σῆς πόλεως θ’
ἥτις σε τρέφει
λυμαινόμενον τοῖς μεираκίοις.

Ητ. οὐχὶ διδάξεις τοῦτον Κρόνος ὦν.

Κρ. εἴπερ γ’ αὐτὸν σωθῆναι χρή
καὶ μὴ λαλιὰν μόνον ἀσκῆσαι.

Ητ. δεῦρ’ ἴθι, τοῦτον δ’ ἔα μαίνεσθαι.

Κρ. κλαύσει, τὴν χεῖρ’ ἣν ἐπιβάλλης.

Χο. παύσασθε μάχης καὶ λοιδορίας.
ἀλλ’ ἐπίδειξαι
σύ τε τοὺς προτέρους ἅττ’ ἐδίδασκες,
σύ τε τὴν καινὴν
παίδευσιν, ὅπως ἂν ἀκούσας σφῶν
ἀντιλεγόντων κρίνας φοιτᾷ.

Dis. Fra. Ai, santa cultura...

[925-938]

Dis. For. Ai, santa loucura...

Dis. Fra. Recordastes de algo?

Dis. For. Das cidades
que te engordam,
enquanto corrompes os jovens.

(Apontando para Fidípedes)

Dis. Fra. Tu, antiquado como és⁴²⁷, jamais o instruirás.

Dis. For. Se for crucial para protegê-lo e
impedir a prática isolada da verborragia...

(Dirigindo-se a Fidípedes)

Dis. Fra. Vem aqui, esquece as loucuras dele.

Dis. For. Trisques nele e te arrependerás.

(Interpondo-se entre ambos discursos, dirige-se ao Justo e depois ao Injusto)

Coro. Sobrestai a contenda e a afronta.

Tu, externali

o que ensinavas aos de antanho;

tu, a educação

hodierna. *(Referindo-se a Fidípedes)*

Que ele escute o contraditório
e decida qual vai frequentar.

⁴²⁷ Literalmente “sendo Cronos”, isto é, “ser do tempo de Cronos” era expressão em uso para denotar a antiguidade de alguém ou algo, por vezes com carga pejorativa de “ultrapassado”, “desusado”. O método proposta pelo Coro, de apresentação de discursos antagônicos e posterior tomada de decisão, era próprio dos mais variados usos do *lógos* na Atenas dos séculos V e IV a.C., por exemplo: nas assembleias, no judiciário e mesmo nas discussões casuais. O Sócrates de Platão, em contrapartida, critica e rejeita tal procedimento como adequado para a busca da verdade (e.g. *Laques*, 180a-185b).

Κρ. δρᾶν ταῦτ' ἐθέλω.

[939-960]

Ητ. κᾶγωγ' ἐθέλω.

Χο. φέρε δῆ, πότερος λέξει πρότερος;

Ητ. τούτῳ δώσω·
 κᾶτ' ἐκ τούτων ὧν ἂν λέξη
 ῥηματίοισιν καινοῖς αὐτὸν
 καὶ διανοίαις κατατοξεύσω,
 τὸ τελευταῖον δ', ἣν ἀναγρύζη,
 τὸ πρόσωπον ἅπαν καὶ τῷ φθαλμῷ
 κεντούμενος ὥσπερ ὑπ' ἀνθρηνῶν
 ὑπὸ τῶν γνωμῶν ἀπολεῖται.

Χο. νῦν δεῖξετον τῷ πισύνῳ
 τοῖς περιδεξίοισιν
 λόγοισι καὶ φροντίσι καὶ
 γνωμοτύποις μερίμναις
 ὁπότερος αὐτοῖν ἀμεί-
 νων λέγων φανήσεται.
 νῦν γὰρ ἅπας ἐνθάδε κίν-
 δυνος ἀνεῖται σοφίας,
 ἥς πέρι τοῖς ἐμοῖς φίλοις
 ἐστὶν ἀγὼν μέγιστος.

ἀλλ' ὧ πολλοῖς τοὺς πρεσβυτέρους ἤθεσι χρηστοῖς στεφανώσας,
 ῥῆξον φωνὴν ἥτινι χαίρεις καὶ τὴν σαυτοῦ φύσιν εἶπέ.

Dis. For. Concordo com o plano.

[939-960]

Dis. Fra.

Eu também.

Coro. Quem pronunciará primeiro?

Dis. Fra. Concedo-lhe a primazia.

A partir do que disser,
flechá-lo-ei com locuções e
pensamentos nupérrimos.
Por fim, caso ainda rumoreje,
símil ao zangão, aguilhá-lo-ei na
face e nos olhos; e ele expirará
pela força dos apotegmas.

Coro⁴²⁸. Destarte, respaldados
pela especulação, por
ambivalentes raciocínios e
por elaboradas maquinações,
estabelecer-se-á qual deles
se revela melhor orador.
A disputa intelectual, que ora
principia, tornará patente
qual de meus amigos é
o contedor supremo.

(Dirigindo-se ao Justo)

Tu, que tantos costumes probos disseminou entre os de
antanho, verbaliza o que te concerne e descreve teu âmagô.

⁴²⁸ Nova estrofe entoada pelo coro (v. 949-58), cuja antístrofe será retardada até o verso 1024.

[961-976]

Κρ. λέξω τοίνυν τὴν ἀρχαίαν παιδείαν ὡς διέκειτο,
 ὅτ' ἐγὼ τὰ δίκαια λέγων ἦνθουν καὶ σωφροσύνην ἐνένομιστο.
 πρῶτον μὲν ἔδει παιδὸς φωνὴν γρύξαντος μηδὲν ἀκοῦσαι·
 εἴτα βαδίζειν ἐν ταῖσιν ὁδοῖς εὐτάκτως εἰς κιθαριστοῦ
 τοὺς κωμήτας γυμνοὺς ἀθρόους, καὶ κριμνῶδη καταναίφοι.
 εἴτ' αὖ προμαθεῖν ᾄσιν· ἐδίδασκεν τὼ μὴρῳ μὴ ξυνέχοντας,
 ἢ “Παλλάδα περσέπολιν δεινάν” ἢ “τηλέπορόν τι βόαμα”,
 ἐντειναμένους τὴν ἀρμονίαν ἣν οἱ πατέρες παρέδωκαν.
 εἰ δέ τις αὐτῶν βωμολοχεύσαιτ' ἢ κάμψειν τινα καμπὴν
 οἷας οἱ νῦν, τὰς κατὰ Φρυγίαν ταύτας τὰς δυσκολοκάμπτους,
 ἐπετρίβετο τυτπόμενος πολλὰς ὡς τὰς Μούσας ἀφανίζων.
 ἐν παιδοτρίβου δὲ καθίζοντας τὸν μὴρῳ ἔδει προβαλέσθαι
 τοὺς παῖδας, ὅπως τοῖς ἔξωθεν μηδὲν δείξειαν ἀπηνέες·
 εἴτ' αὖ πάλιν αὖθις ἀνιστάμενον συμψηῆσαι καὶ προνοεῖσθαι
 εἰδῶλον τοῖσιν ἐρασταῖσιν τῆς ἡβης μὴ καταλείπειν.

Dis. For.⁴²⁹ Exporei sobre a educação que vigia em meu tempo, [961-976]
quando se dizia coisas probas e a moderação era regra⁴³⁰.
Pra começar, não se ouvia jovens cochicharem;
os vizinhos de bairro marchavam em fila e sem
manto até o citarista⁴³¹, ainda que debaixo de neve.
Lá, de coxas apartadas, decoravam hinos como
“terrífica Palas devasta-pólis” ou “um brado retumbante”⁴³²,
perpetuando a harmonia⁴³³ transmitida pelos antepassados.
E se algum traquina pilheriava ou modulava a voz,
como é comum hoje nos cacófatos de Frínias⁴³⁴, logo
caía na palmatória por atentado contra as Musas.
Junto ao educador físico⁴³⁵, sentavam-se, obrigatoriamente, com a perna
estirada, para que nada de tentador se descortinasse aos alóctones.
Ao se levantarem, aplainavam cuidadosamente o terreno, para
que os contornos da puberdade não se delineassem aos amantes.

⁴²⁹ A disputa entre o Discurso Fraco e o Discurso Forte caracteriza o *agôn*, cuja subdivisão obedece à seguinte disposição: ode (v. 949-958); *epirrema* (v. 959-1008); *pnigos* (v. 1009-1023); antode (v. 1024-1033); *antepirrema* (1034-1084); e *antepnigos* (v. 1085-1104). A participação do Discurso Forte compreende os versos 961-1023. Dover (1968, p.122) supõe que, através do Discurso Forte, Aristófanes expressa as próprias opiniões à respeito da educação, cuja realização histórica teria se dado a cerca de setenta anos antes da representação da peça, quando das grandes batalhas travadas durante a guerra contra os Persas. Delaunoy (1986, p. 86; *passim*), por sua vez, relativiza semelhante juízo, colocando em dúvida a vinculação entre autor e obra: “Et surtout, on l’a pris trop au sérieux en recherchant ses convictions profondes [i.e. as de Aristófanes], en faisant de lui un patriote, un moraliste, un éducateur, un penseur, un réformateur de société, de politique, de justice, un sage conseiller des Athéniens en une période critique, et pour les *Nuées* en particulier, un opposant-contestataire à la nouvelle éducation. Pour peu, il serait à rapprocher de Caton le Censeur ! On a prétendu aussi y trouver des sources d’information d’ordre biographique, historique, social, institutionnel, comme s’il eût été un historien de métier: une bouffonnerie a souvent été prise pour un fait, une caricature pour un portrait, une satire pour un document”.

⁴³⁰ Literalmente: “Exporei, então, a educação antiga, a que imperava quando eu florescia, falando coisas justas e a moderação era considerada”.

⁴³¹ Ficava a cargo do citarista o ensino da poesia e da música para os jovens que já haviam sido alfabetizados.

⁴³² Versos atribuídos, respectivamente, a Lâmpocles ou a Estesícoro e a Círides de Hermíone.

⁴³³ Trata-se do modo dórico, o mais austero e respeitoso. Platão trata do assunto nos livros III e IV da *República*.

⁴³⁴ Natural de Mitilene, foi um citarista de vanguarda, que passa por ter operado modulações melódicas.

⁴³⁵ O *paidótribos*, literalmente “o que exercita crianças”, era o professor de ginástica; o qual, junto ao gramático e ao citarista, compunha o alicerce da educação grega.

ήλείψατο δ' ἄν τοῦμφαλοῦ οὐδεὶς παῖς ὑπένερθεν τότ' ἄν, ὥστε
 τοῖς αἰδοίοισι δρόσος καὶ χνοῦς ὥσπερ μήλοισιν ἐπήνθει.
 οὐδ' ἄν μαλακὴν φυρασάμενος τὴν φωνὴν πρὸς τὸν ἐραστὴν
 αὐτὸς ἑαυτὸν προαγωγεύων τοῖν ὀφθαλμοῖν ἐβάδιζεν.
 οὐδ' ἀνελέσθαι δειπνοῦντ' ἐξῆν κεφάλαιον τῆς ῥαφανίδος,
 οὐδ' ἄννηθον τῶν πρεσβυτέρων ἀρπάζειν οὐδὲ σέλινον,
 οὐδ' ὀψοφαγεῖν οὐδὲ κιχλίζειν οὐδ' ἴσχειν τῷ πόδ' ἐναλλάξ.

[977-989]

Ητ. ἀρχαῖά γε καὶ Διπολιώδη καὶ τεττίγων ἀνάμεστα
 καὶ Κηκίδου καὶ Βουφονίων.

Κρ. ἄλλ' οὖν ταῦτ' ἐστὶν ἐκεῖνα
 ἐξ ὧν ἄνδρας Μαραθωνομάχας ἡμῇ παιδείευσις ἔθρεψεν.
 σὺ δὲ τοὺς νῦν εὐθύς ἐν ἱματίοισι διδάσκεις ἐντετυλίχθαι,
 ὥστε μ' ἀπάγγχεσθ' ὅταν ὀρχεῖσθαι Παναθηναίοις δέον αὐτοὺς
 τὴν ἀσπίδα τῆς κωλῆς προέχων ἀμελῇ τις Τριτογενεΐης.

Ninguém besuntava a púbis⁴³⁶, que símil a
uma maçã, anunciava apenas tenra ramagem.

[977-989]

Ninguém afeminava a voz junto ao pre-
tendente e nem se oferecia por olhares.

Não era lícito: faltar-se de ovos com paçoca⁴³⁷;
comer e rir em demasia; cruzar as pernas; e nem
passar a mão⁴³⁸ no salsão⁴³⁹ e no anis dos velhos.

Dis. Fra. Sei. Antiquilhas da era de Círides e das
Dipólias, com suas tiaras de cigarra e hecatombes⁴⁴⁰.

Dis. For. Só que
com tais antiquilhas formamos os bravos de Maratona⁴⁴¹.
Quanto aos de hoje, tu os ensinas tanto a se acobertarem
que quero morrer quando um deles, no afã de se tapar com o
escudo, negligencia a Tritogênia⁴⁴² na dança das Panateneias⁴⁴³.

⁴³⁶ Literalmente: “abaixo do umbigo”.

⁴³⁷ Literalmente: “cabeça dos rabanetes”.

⁴³⁸ A opção pela expressão “passar a mão”, ao invés do imediato “roubar”, expressa bem o duplo sentido, de cunho sexual, pressuposto na passagem.

⁴³⁹ Dentre as propriedades que os antigos atribuíam ao σέλινον estava a capacidade de revigorar os moribundos. O que explica sua pressuposta predileção por parte dos mais velhos.

⁴⁴⁰ O texto grego é bem mais sintético e não permite a compreensão imediata da passagem. As Dipólias eram antigas festas em honra a Zeus. Nelas os fiéis marchavam em procissão com os cabelos presos por broches de ouro em forma de cigarras e sacrificavam bois (βουφονία, no texto original). Quanto a Círides, tratava-se de um antigo compositor de ditirambos.

⁴⁴¹ A batalha de Maratona ocorreu em 490 a.C., durante as Guerras Médicas. Liderada por Milcíades, os atenienses infringiram uma vitória memorável aos Persas, sobretudo em função do menor número do exército grego. O discurso Forte remete seu sistema educacional aos valores dessa geração, a qual, de fato, era reiteradamente evocada com orgulho pelos atenienses.

⁴⁴² Epíteto de Atena

⁴⁴³ Refere-se à Pírrica (πυρρική), espécie de dança, executada durante as Panatenéias, em que os meninos apresentavam-se nus, portando, unicamente, o escudo.

πρὸς ταῦτ' ὦ μειράκιον, θαρρῶν ἐμὲ τὸν κρείττω λόγον αἶροῦ.
 κάπιστήσῃ μισεῖν ἀγορὰν καὶ βαλανείων ἀπέχεσθαι,
 καὶ τοῖς αἰσχροῖς αἰσχύνεσθαι κἂν σκώπτῃ τίς σε φλέγεσθαι,
 καὶ τῶν θάκων τοῖς πρεσβυτέροις ὑπανίστασθαι προσιοῦσιν,
 καὶ μὴ περὶ τοὺς σαυτοῦ γονέας σκαιουργεῖν, ἄλλο τε μηδὲν
 αἰσχρὸν ποιεῖν ὅτι τῆς Αἰδοῦς μέλλεις τᾶγαλμ' ἴαναπλήσειν†.
 μηδ' εἰς ὀρχηστρίδος εἰσάπτειν, ἵνα μὴ πρὸς ταῦτα κεχηνῶς
 μήλω βληθεὶς ὑπὸ πορνιδίου τῆς εὐκλείας ἀποθραυσθῇς,
 μηδ' ἀντειπεῖν τῷ πατρὶ μηδὲν μηδ' Ἰαπετὸν καλέσαντα
 μνησικακῆσαι τὴν ἡλικίαν ἐξ ἧς ἐνεοπτοτροφήθης.

[990-1004]

Ητ. εἰ ταῦτ', ὦ μειράκιον, πείσει τούτῳ, νῆ τὸν Διόνυσον
 τοῖς Ἰπποκράτους υἱέσιν εἵξεις καὶ σε καλοῦσι βλιτομάμμαν.

Κρ. ἀλλ' οὖν λιπαρός γε καὶ εὐανθῆς ἐν γυμνασίοις διατρίψεις,
 οὐ στωμύλλων κατὰ τὴν ἀγορὰν τριβολεκτράπελ', οἷάπερ οἱ νῦν,
 οὐδ' ἐλκόμενος περὶ πραγματίου γλισχραντιλογεξεπιτρίπτου,

(*Volta-se para Fidípedes*)

[990-1004]

Destarte, meu jovem, opte, sem receio, por mim.
Com meu discurso forte aprenderás: a abominar a
ágora; a repudiar saunas; a enrubescer frente ao
torpe; a exasperar-te quando insultado; a ceder lugar aos
idosos; a não ser insolente com os progenitores; e, fiel ao
protótipo do bom-moço, a não cometer pequenezas. E mais: a
não ter a re-puta-ção abalada por se enrabichar com alguma
moça de má fama que tenha te dado uma pisca-dela⁴⁴⁴; e a
jamais contrariar ou criticar a idade do pai que te
criou, apelidando-lhe de Jápeto⁴⁴⁵.

Dis. Fra. Por Dioniso, rapaz, obedeça-lhe e parecerás a pro-
le de Hipócrates⁴⁴⁶: apelidar-te-ão de “bebezinho da mamãe”.

Dis. For. Ao contrário, símil à rútila flor, viverás pelos giná-
sios, ao invés de mexericar pela ágora como os de agora;
nem te barafustarás em litígio por qualquer picuinha⁴⁴⁷.

⁴⁴⁴ O texto grego refere-se a uma “maçã”. Como explica Dover (1968, p. 220), jogar uma maçã era convenção utilizada por uma mulher a fim de demonstrar que ela estava disposta a ser cortejada.

⁴⁴⁵ Irmão de Cronos, pai de Atlas, Prometeu e Epimeteu. Chamar alguém de Jápeto equivale a chamar alguém de Cronos ou, conforme ao uso cristão, de antediluviano.

⁴⁴⁶ Trata-se, possivelmente, do estrategista que foi companheiro de Demóstenes em três batalhas de 424 a.C.: a de Megára; a invasão da Beócia; e, por fim, a batalha de Délíos – na qual os atenienses foram derrotados e Hipócrates morto (Sócrates também combateu nesta batalha). Ademais, era sobrinho de Péricles e pai de três filhos: Telesipo, Demofão e Péricles. Os quais, por sua notória estupidez, foram apelidados de “porcos”; animal que, para os gregos, constituía signo da ignorância (cf. *Cavaleiros*, 986; *Paz*, 928).

⁴⁴⁷ O termo “Picuinha”, por carregar a carga semântica de desavença banal e abjeta, tenta resolver o neologismo γλισχρ-αντιλογ-εξεπιτρίπτου. Rogers (1916, p. 130) sugere “tenacious, disputatious, accursed”; o *Bailly*, por sua vez, registra “chicaneur expert em faux-fuyants et em subtilités”. Dentre as traduções em língua portuguesa, somente a organizada por Baracat tenta elaborar um neologismo para a versão do termo: “nem litigando a respeito de assunto pegajosespinhentodioso”. As demais, valem-se de paráfrases para a versão do termo: Gilda Reale, “arrastado aos tribunais por um negocinho cheio de chicanas e contradições capciosas”; Junito Brandão, “nem te deixarás entusiasmar por processozinhos de chicaneiros habilidosos e argutos”; Magueijo, “ou em vez de te esfarrapares todo por causa dum processozito qualquer que requer ronha, lábia e calo”; e Gama Kury, “ou de gastar suas energias com questões armadas sobre chicanas, contestações e trapaças”.

ἀλλ' εἰς Ἀκαδήμειαν κατιῶν ὑπὸ ταῖς μορίαις ἀποθρέξει [1005-1023]

στεφανωσάμενος καλάμῳ λευκῷ μετὰ σώφρονος ἡλικιώτου,
σμίλακος ὄζων καὶ ἀπραγμοσύνης καὶ λεύκης †φυλλοβολούσης†,
ἦρος ἐν ὥρᾳ, χαίρων ὁπότεν πλάτανος πτελέα ψιθυρίζῃ.

ἦν ταῦτα ποῆς ἀγὼ φράζω
καὶ πρὸς τούτοις προσέχης τὸν νοῦν
ἔξεις αἰεὶ

στῆθος λιπαρόν, χροῖαν λαμπράν,
ὤμους μεγάλους, γλῶτταν βαιάν,
πυγὴν μεγάλην, πόσθην μικράν·

ἦν δ' ἅπερ οἱ νῦν ἐπιτηδεύης,
πρῶτα μὲν ἔξεις
χροῖαν ὠχράν, ὤμους μικρούς,
στῆθος λεπτόν, γλῶτταν μεγάλην,
κωλὴν μικράν, ψήφισμα μακρόν,
καὶ σ' ἀναπείσει τὸ μὲν αἰσχρὸν ἅπαν
καλὸν ἡγεῖσθαι, τὸ καλὸν δ' αἰσχρὸν,
καὶ πρὸς τούτοις τῆς Ἀντιμάχου
καταπυγοσύνης ἀναπλήσει.

Ao descer rumo à Academia⁴⁴⁸, adornado por níveo ramo,
rescendendo a teixos, tílias⁴⁴⁹ e serenidade⁴⁵⁰, no desfrute
do ciclar primavera do plátano com o olmo, bater-te-ás
em velocidade, sob as oliveiras, com outro de tua idade.

[1005-1023]

Fazendo o que digo⁴⁵¹
e aplicando-te nisso,
sempre terás:
peitoral definido, pele sedosa,
ombros robustos, língua parca,
bumbum volumoso e pipiu reduzido⁴⁵².
Mas, ao curso da moda,
em breve terás:
pele pálida, ombros mirrados,
peitoral franzino, língua farta,
pernas frágeis e decretos extensos.

(Apontando para o Discurso Fraco)

Ele tudo fará:

- i) para te persuadir de que o vício é virtude e a virtude vício; e
- ii) para te contagiar com a depravação de Antímaco⁴⁵³.

⁴⁴⁸ Região situada a um quilômetro e duzentos metros a noroeste de Atenas. Travava-se de uma espécie de parque, revitalizado por Címon, no qual se situava um ginásio que, mais tarde, abrigaria a escola filosófica de Platão.

⁴⁴⁹ Rogers (1916, p. 130) identifica λεύκης φυλλοβολούσης com a Tília, árvore da família *malvaceae*.

⁴⁵⁰ Aristófanes de Bizâncio acreditava que ἀπραγμοσύνης deveria designar alguma flor que florescia na região da academia. Não obstante, seguimos a sugestão de Dover (1968, p. 221-222), que vê na passagem “a characteristic Aristophanic mixture of concrete and abstract”.

⁴⁵¹ Inicia-se aqui o *pnigus*, em que o Discurso Forte elenca, a um só fôlego, os benefícios decorrentes de sua educação.

⁴⁵² Eis o ideal de beleza grego, abundantemente ilustrado a partir da representação imagética dos vasos: pênis pequeno, lembra Dover (1968, p. 222), é próprio de deuses e heróis; pênis avantajado, de escravos, bárbaros e sátiros. Na tradução, optamos por vocábulos infantis – “bumbum”, “pipiu” – para denotar um certo ar fora de moda ao discurso.

⁴⁵³ Desconhece-se a identidade deste personagem.

Χο. ὦ καλλίπυργον σοφίαν

[1024-1042]

κλεινοτάτην ἐπασκῶν,

ὥς ἡδύ σου τοῖσι λόγοις

σῶφρον ἔπεστιν ἄνθος.

εὐδαίμονες ἄρ' ἦσαν οἱ ζῶντες τότε.

πρὸς τάδε σ', ὦ κομποπρεπῇ μοῦσαν ἔχων,

δεῖ σε λέγειν τι καινόν, ὥς

ἠὺδοκίμηκεν ἀνὴρ.

δεινῶν δέ σοι βουλευμάτων ἔοικε δεῖν πρὸς αὐτόν,

εἵπερ τὸν ἄνδρ' ὑπερβαλεῖ καὶ μὴ γέλωτ' ὀφλήσεις.

Ητ. καὶ μὴν πάλαι 'γὼ 'πνιγόμεν τὰ σπλάγχα κάπεθύμουν

ἅπαντα ταῦτ' ἐναντίαις γνώμασι συνταράξαι.

ἐγὼ γὰρ ἦττων μὲν λόγος δι' αὐτὸ τοῦτ' ἐκλήθην

ἐν τοῖσι φροντισταῖσιν, ὅτι πρῶτιστος ἐπενόησα

τοῖσιν νόμοις καὶ ταῖς δίκαις τάναντί' ἀντιλέξαι.

καὶ τοῦτο πλεῖν ἢ μυρίων ἔστ' ἄξιον στατήρων,

αἰρούμενον τοὺς ἥττονας λόγους ἔπειτα νικᾶν.

(Dirigindo-se ao Discurso Forte)

[1024-1042]

Coro⁴⁵⁴. Afável e circumspecta
rosa permeia tuas palavras,
ó baluarte honorífico
de insígnia sabedoria.
Afortunados os de antanho!

(Dirigindo-se ao Discurso Fraco)

Quanto a ti, detentor do múseo-lampejo,
precisas arengar novidades,
pois o homem foi exitoso.

(Dirigindo-se ao Discurso Fraco)

Cori. Miríficos expedientes serão necessários para
que sobrepujes o homem e não quedes no ridículo.

Dis. Fra. Há tempos corrói-me a alma o ímpeto
de derrocar tal ladainha com contra-argumentos.
Entremeio aos intelectuais, fui chamado de “dis-
curso fraco” justamente pelo pioneirismo na propo-
sição de juízos antitéticos às leis e aos costumes.
Eis a coisa toda: aduzo discursos fracos,
venço e recebo uma miríade de moedas⁴⁵⁵.

⁴⁵⁴ Inicia-se aqui a antístrofe relativa à estrofe dos versos 949-958. Rogers (1916, p. 132) acredita ser esta a primeira aparição do Coro em função própria, isto é, como representante do pensamento do poeta. Visto que, em sua participação precedente, o coro de nuvens agia na condição de divindade representativa da sofística, compactuando, por conseguinte, com seus ideais.

⁴⁵⁵ Aristófanes especifica a moeda em questão, trata-se da Estáter (στατήρ), uma moeda cunhada em ouro que, a despeito de não ser ateniense, era conhecida tanto na Hélade quanto em boa parte do império Persa.

σκέψαι δὲ τὴν παιδευσιν ἣ πέποιθεν, ὡς ἐλέγξω,
 ὅστις σε θερμῷ φησὶ λοῦσθαι πρῶτον οὐκ ἔάσειν.
 καίτοι τίνα γνώμην ἔχων ψέγεις τὰ θερμὰ λουτρά;

[1043-1054]

Κρ. ὅτιῃ κάκιστόν ἐστι καὶ δειλὸν ποεῖ τὸν ἄνδρα.

Ητ. ἐπίσχες· εὐτύς γάρ σε μέσον ἔχω λαβὼν ἄφυκτον.
 καί μοι φράσον· τῶν τοῦ Διὸς παίδων τίν' ἄνδρ' ἄριστον
 ψυχὴν νομίζεις, εἶπέ, καὶ πλείστους πόνους πονῆσαι;

Κρ. ἐγὼ μὲν οὐδέν' Ἡρακλέους βελτίον' ἄνδρα κρίνω.

Ητ. ποῦ ψυχρὰ δῆτα πώποτ' εἶδες Ἡράκλεια λουτρά;
 καίτοι τίς ἀνδρειότερος ἦν;

Κρ. ταῦτ' ἐστί, ταῦτ', ἐκεῖνα
 ἃ τῶν νεανίσκων ἀεὶ δι' ἡμέρας λαλούντων
 πληρὲς τὸ βαλανεῖον ποιεῖ κενὰς δὲ τὰς παλαίστρας.

(Dirigindo-se a Fidípedes)

[1043-1054]

Perscruta como refutarei a didatologia dele,
que, de início, interdita-te o banho nas termas⁴⁵⁶.

(Dirigindo-se ao Discurso Forte)

Por que desaprovas os banhos termais?⁴⁵⁷

Dis. For. Por ser lesivo e tornar o homem pusilânime.

Dis. Fra. Ôpa! Te peguei pelo pé! Não há escapatória!

Dize-me: dos filhos de Zeus, quem é o mais
intrépido, quem padeceu maiores fadigas?

Dis. For. Ninguém supera o súpero Héracles⁴⁵⁸.

Dis. Fra. E já vistes “termas de Héracles” frias⁴⁵⁹?

Ainda assim, qual varão lhe foi mais viril?

Dis. For. Eis o que
faz os balneários repletos de jovens tagarelas e
as salas de luta vazias⁴⁶⁰.

⁴⁵⁶ Os banhos públicos em termas constituíam expedientes de luxo para o mundo grego. A censura referida na passagem encontra-se no verso 991.

⁴⁵⁷ Literalmente: “Então, de posse de que juízo censuras os banhos termais”.

⁴⁵⁸ Semideus, filho de Zeus e Alcmena, foi o mais celebrado dos heróis na antiguidade. Os padecimentos sofridos referem-se aos renomados doze trabalhos executados pelo herói.

⁴⁵⁹ Diversas tradições associam Héracles e seus altares às águas termais, seja por obra de Hefesto seja por obra de Atena. A ponto da expressão λουτρὰ Ἡράκλεια τὰ θερμὰ ter se tornado proverbial na antiguidade como designação para “águas termais”.

⁴⁶⁰ Literalmente: as palestras (τὰς παλαίστρας).

Ητ. εἴτ' ἐν ἀγορᾷ τὴν διατριβὴν ψέγεις, ἐγὼ δ' ἐπαινῶ.

[1055-1066]

εἰ γὰρ πονηρὸν ἦν, Ὅμηρος οὐδέ ποτ' ἂν ἐποίει
τὸν Νέστορ' ἀγορητὴν ἄν, οὐδὲ τοὺς σοφοὺς ἅπαντας.
ἄνειμι δῆτ' ἐντεῦθεν εἰς τὴν γλῶτταν, ἦν ὁδὶ μὲν
οὗ φησι χρῆναι τοὺς νέους ἀσκεῖν, ἐγὼ δέ φημι.
καὶ σωφρονεῖν αὖ φησὶ χρῆναι, δύο κακῶ μεγίστω.
ἐπεὶ σὺ διὰ τὸ σωφρονεῖν τῷ πώποτ' εἶδες ἤδη
ἀγαθὸν τι γενόμενον; φράσον, καί μ' ἐξέλεγξον εἰπών.

Κρ. πολλοῖς. ὁ γοῦν Πηλεὺς ἔλαβε διὰ τοῦτο τὴν μάχαιραν.

Ητ. μάχαιραν; ἀστεῖόν γε κέρδος ἔλαβεν ὁ κακοδαίμων.

Ὑπέρβολος δ' οὐκ τῶν λύχνων πλεῖν ἢ τάλαντα πολλὰ
εἵληφε διὰ πονηρίαν, ἀλλ' οὐ μὰ Δί' οὐ μάχαιραν.

Dis. Fra. Ademais, censuras a estadia na [1055-1066]
 ágora. Fosse ela deletéria, jamais Homero
 conceberia Nestor⁴⁶¹ e os demais sábios⁴⁶²
 como ag-oradores. E quando alegas que os
 jovens devem abandonar o linguajar em prol
 do comedimento, logo penso: dupla catástrofe⁴⁶³.
 Já viste alguém obter benefício por
 ser comedido? Fale! Contradiga-me!

Dis. For. Peleu, por exemplo, obteve aquela⁴⁶⁴ adaga⁴⁶⁵.

Dis. Fra. Uma adaga?! Que belo prêmio, hein!?⁴⁶⁶
 Hipérbolo, o vendedor de tochas, angariou milhões⁴⁶⁷
 com seus embustes. Agora, uma adaga...?! Por Zeus!

⁴⁶¹ Como informa Rogers (1916, p. 135), tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia*, ἀγορητής expressa um tratamento de louvor. Veja-se, por exemplo, duas passagens da *Ilíada* em que Homero assim qualifica Nestor: “Néstor / levantou-se então, grande orador, fala doce, / voz melíflua de Pílio (λιγὺς Πυλίων ἀγορητής), palavras de mel” (I, v. 247-249); “Defrontou com Néstor, / de Pílo, orador clari-harmonioso (λιγὺν Πυλίων ἀγορητήν)” (IV, v. 291-292) – tradução de Haroldo de Campos.

⁴⁶² Como recorda Dover (1968, p. 225), por exemplo, Peleu: “Quanto sofreria / o vetusto Peleu, condutor de corcéis, / ilustre conselheiro e orador dos Mirmídones (ἔσθλος Μυρμιδόνων βουλευφόρος ἢ δ’ ἀγορητής) / que outrora se alegrava em seu paço, indagando-me / sobre a estirpe dos Gregos, sua linhagem, vendo / que agora todos tremem diante de Héctor” (*Ilíada*, VII, v. 125-130) – tradução de Haroldo de Campos.

⁴⁶³ Mais literalmente: “Volto-me agora para o linguajar, discordo quando diz não convir aos jovens praticá-lo. E também que devem ser humildes, dupla catástrofe”.

⁴⁶⁴ Atendendo à lição de Dover (1968, p. 225), segundo a qual “τὴν presupposes that the hearer knows the story to which the speaker alludes”.

⁴⁶⁵ Peleu, injustamente acusado de tentar seduzir a esposa de seu anfitrião, Acastos, foi abandonado em uma região repleta de feras. Momento em que recebeu de Hefesto uma adaga para prover sua própria defesa (Dover, 1968, p. 225).

⁴⁶⁶ Literalmente: “Ótimo prêmio recebeu o infeliz”.

⁴⁶⁷ Literalmente: “muitos talentos”. Junito Brandão, preservando a literalidade do texto, obteve um bom resultado para estes três versos: “Um facão?! Que proveito de bom gosto teve o desgraçado! Hipérbolo, o comerciante de lâmpadas, ganhou muitíssimos talentos com sua desonestidade, mas não, por Zeus, não um facão!”.

Κρ. καὶ τὴν Θέτιν γ' ἔγημε διὰ τὸ σωφρονεῖν ὁ Πηλεΐδης.

[1067-1084]

Ητ. κᾶτ' ἀπολιποῦσά γ' αὐτὸν ὥχετ'· οὐ γὰρ ἦν ὑβριστῆς
οὐδ' ἡδὺς ἐν τοῖς στρώμασιν τὴν νύκτα παννυχίζειν·
γυνὴ δὲ σιναμωρουμένη χαίρει. σὺ δ' εἴ Κρόνιππος.
σκέψαι γάρ, ὦ μεράκιον, ἐν τῷ σωφρονεῖν ἅπαντα
ἄνεστιν, ἡδονῶν θ' ὅσων μέλλεις ἀποστερεῖσθαι·
παίδων, γυναικῶν, κοττάβων, ὄψων, πότων, καχασμῶν.
καίτοι τί σοι ζῆν ἄξιον, τούτων ἐὰν στερηθῇς;
εἶεν. πάρειμ' ἐντεῦθεν εἰς τὰς τῆς φύσεως ἀνάγκας.
ἤμαρτες, ἡράσθης, ἐμοίχευσάς τι, κᾶτ' ἐλήφθης.
ἀπόλωλας· ἀδύνατος γὰρ εἶ λέγειν. ἐμοὶ δ' ὁμιλῶν
χρῶ τῇ φύσει, σκίρτα, γέλα, νόμιζε μηδὲν αἰσχρόν.
μοιχὸς γὰρ ἦν τύχης ἀλούς, τάδ' ἀντερεῖς πρὸς αὐτόν,
ὥς οὐδὲν ἡδίκηκας· εἴτ' εἰς τὸν Δί' ἐπανενεγκεῖν,
κάκεϊνος ὡς ἥπτων ἔρωτός ἐστι καὶ γυναικῶν·
καίτοι σὺ θνητὸς ὢν θεοῦ πῶς μεῖζον ἂν δύναιο;

Κρ. τί δ' ἦν ῥαφανιδωθῇ πιθόμενός σοι τέφρα τε τιλθῇ;
ἔξει τινὰ γνώμην λέγειν τὸ μὴ εὐρύπρωκτος εἶναι;

Dis. For. E, por seu comedimento, Peleu desposou Tétis.

[1067-1084]

Dis. Fra. E, em ato contínuo, ela o abandonou. Pois, de madrugada, faltava-lhe ímpeto e cupidez no leito⁴⁶⁸. E a mulher se deleita quando a foda bem feita. Velho caquético!

(Dirigindo-se à Fidípedes)

Atente-se, jovem, no que representa o comedimento e no rol de prazeres de que te verás privado: bofes, moças, jogos⁴⁶⁹, comidas, bebidas e piadas. Ora, de que vale a vida se te absténs disso? Passemos aos encargos do instinto: saístes do trilho, te enrabi-chastes, corneastes alguém e fostes flagrado. Se não sacas uma desculpa és morto! Conviva comigo e irás copular, saltitar e rir à vontade: nada é imoral! Caso flagrado, dirás ao corno⁴⁷⁰ que nada fizestes de indecoroso, que a culpa é de Zeus⁴⁷¹. Pois se até Ele é débil perante a libido e as mulheres, como tu, mero mortal, poderia ser mais resoluto do que um deus?

Dis. For. E se te enrabanetarem e despelarem com cinza⁴⁷²?

Haverá argumento para que não te apelidem de cu frouxo?

⁴⁶⁸ Essa versão, apresentada pelo Discurso Fraco, para a separação de Tétis e Peleu, não encontra registro na tradição.

⁴⁶⁹ O texto refere-se, especificamente, ao *cotábo* – um jogo típico em fins de banquete. Eis seu funcionamento: explicitava-se o nome do ente amado concomitantemente ao lançamento de um jato de vinho sobre um recipiente de metal; de acordo com a intensidade sonora resultante, podia-se pressupor a reciprocidade e a intensidade dos sentimentos da contraparte.

⁴⁷⁰ O grego diz apenas τῷ ἀντρεῖς πρὸς αὐτό – “então, dirás a ele”.

⁴⁷¹ A lista das relações extraconjugais de Zeus, com deusas ou mortais, é enorme.

⁴⁷² Além da pena de morte, aludida acima, eis outra punição legalmente aplicada para os crimes de adultério: caso dado o flagrante, era lícito ao esposo inserir, em praça pública, algum objeto fálico no ânus do sedutor, assim como depilar-lhe os pelos pubianos utilizando-se de cinza quente. Para expressar a primeira parte do castigo, criamos o neologismo “enrabanetar”: inserir um rabanete no rabo.

Ητ. ἥν δ' εὐρύπρωκτος ἦ, τί πείσεται κακόν;

[1085-1097]

Κρ. τί μὲν οὖν ἂν ἔτι μείζον πάθοι τούτου ποτέ;

Ητ. τί δῆτ' ἐρεῖς, ἥν τοῦτο νικηθῆς ἐμοῦ;

Κρ. σιγήσομαι. τί δ' ἄλλο;

Ητ. φέρε δὴ μοι φράσον,
συνηγοροῦσιν ἐκ τίνων;

Κρ. ἐξ εὐρυπρώκτων.

Ητ. πείθομαι.
τί δαί; τραγωδοῦς' ἐκ τίνων;

Κρ. ἐξ εὐρυπρώκτων.

Ητ. εὖ λέγεις.
δημηγοροῦσι δ' ἐκ τίνων;

Κρ. ἐξ εὐρυπρώκτων.

Ητ. ἄρα δῆτ'
ἔγνωκας ὥς οὐδὲν λέγεις;
καὶ τῶν θεατῶν ὁπότεροι πλείους σκόπτει.

Κρ. καὶ δὴ σκοπῶ.

Ητ. τί δῆθ' ὀρᾷς;

Dis. Fra. O que há de mal em ser cu frouxo?

[1085-1097]

Dis. For. O que haveria de pior?

Dis. Fra. E se eu te convencer, que dirás?

Dis. For. Calar-me-ei. O que mais?

Dis. Fra. Então responde:
de onde advém os defensores públicos?

Dis. For. Dos de cu frouxo.

Dis. Fra. Certo.
E os tragediógrafos?

Dis. For. Dos de cu frouxo.

Dis. Fra. Muito bem.
E os oradores?

Dis. For. Dos de cu frouxo.

Dis. Fra. Percebestes
como te equivocavas? Repare:
o que mais abunda na audiência?

(Observando os espectadores)

Dis. For. De fato...

Dis. Fra. ... de fato o quê?

[1098-1112]

Κρ. πολὺ πλείονας, νῆ τοῦς θεοῦς,
 τοὺς εὐρυπρώκτους. τουτονὶ
 γοῦν οἶδ' ἐγὼ κάκεινονι
 καὶ τὸν κομήτην τουτονί.

Κρ. τί δῆτ' ἐρεῖς;

Κρ. ἡττήμεθ'. ὧ κινούμενοι,
 πρὸς τῶν θεῶν δέξασθέ μου θοῖμάτιον, ὥς
 ἐξαυτομολῶ πρὸς ὑμᾶς.

Ητ. τί δῆτα; πότερα τοῦτον ἀπάγεσθαι λαβὼν
 βούλει τὸν υἱόν, ἢ διδάσκω σοι λέγειν;

Στ. δίδασκε καὶ κόλαζε καὶ μέμνησ' ὅπως
 εὖ μοι στομώσεις αὐτόν, ἐπὶ μὲν θάτερα
 οἶον δικιδίοις, τὴν δ' ἐτέραν αὐτοῦ γνάθον
 στόμωσον οἶαν εἰς τὰ μείζω πράγματα.

Ητ. ἀμέλει, κομιεῖ τοῦτον σοφιστὴν δεξιόν.

Φε. ὠχρὸν μὲν οὖν οἶμαί γε καὶ κακοδαίμονα.

Dis. For. Abundam os de

[1098-1112]

cu frouxo.

(Apontando para os espectadores)

Deuses, reconheço

este! Também aquele! E

mais o cabeludo ali!

Dis. Fra. E o que dizes?

(Dirigindo-se ao público).

Dis. For. É o fim da linha. Pervertidos!

Pelos deuses, dispam-me o manto,

desertarei para vosso lado.

(Adentra o Matutatório)

(Dirigindo-se a Estrepsíade)

Dis. Fra. Pois bem! Vais levar teu filho

embora ou vou ensiná-lo a discursar?

Estr. Ensina, açoita e deixa ele bem amolado

pra mim: duma banda, só pros processos

miúdos; da outra, lima bem os dentes, que

é pros casos de mais envergadura.

Dis. Fra. Relaxe, devolver-te-ei um hábil sofista.

(Desiludido)

Fidi. Tô até vendo: hepático e desgraçado.

Χο. χωρεῖτέ νυν. οἶμαι δὲ σοὶ

[1113-1130]

ταῦτα μεταμελήσειν.

τοὺς κριτὰς ἃ κερδανοῦσιν, ἦν τι τόνδε τὸν χορὸν
 ὠφελῶς ἐκ τῶν δικαίων, βουλόμεσθ' ἡμεῖς φράσαι.
 πρῶτα μὲν γάρ, ἦν νεᾶν βούλησθ' ἐν ὥρᾳ τοὺς ἀγρούς,
 ὕσομεν πρώτοισιν ὑμῖν, τοῖσι δ' ἄλλοις ὕστερον.
 εἶτα τὸν καρπὸν τεκούσας ἀμπέλους φυλάξομεν,
 ὥστε μήτ' αὐχμὸν πιέζειν μήτ' ἄγαν ἐπομβρίαν.
 ἦν δ' ἀτιμάση τις ἡμᾶς θνηθὸς ὦν οὔσας θεάς,
 προσεχέτω τὸν νοῦν πρὸς ἡμῶν οἷα πείσεται κακά,
 λαμβάνων οὔτ' οἶνον οὔτ' ἄλλ' οὐδὲν ἐκ τοῦ χωρίου.
 ἡνίκ' ἂν γὰρ αἶ τ' ἐλαῖαι βλαστάνωσ' αἶ τ' ἄμπελοι,
 ἀποκεκόψονται· τοιαύταις σφενδόναις παιήσομεν.
 ἦν δὲ πλινθεύοντ' ἴδωμεν, ὕσομεν καὶ τοῦ τέγου
 τὸν κέραμον αὐτοῦ χαλάζαις στρογγύλαις συντρίψομεν.
 κἂν γαμῇ ποτ' αὐτὸς ἢ τῶν συγγενῶν ἢ τῶν φίλων,
 ὕσομεν τὴν νύκτα πᾶσαν, ὥστ' ἴσως βουλήσεται
 κἂν ἐν Αἰγύπτῳ τυχεῖν ὦν μᾶλλον ἢ κρῖναι κακῶς.

Coro. Recolhei-vos.

[1113-1130]

(Fídípedes e o Discurso Fraco adentram no Matutatório)

(Dirigindo-se a Estrepsíades)

Quanto a ti,
estimo que te arrependerás!

*(Dirigindo-se à audiência)*⁴⁷³

Eis os benefícios que lograrão os
júizes que auxiliarem este coro:
no tempo de arar a terra, choveremos por vós em primeiro lugar e
protegeremos os cachos de uva
da seca e do excesso de chuva.
Já ao mortal que violar nossa sacralidade, eis a sanção disciplinar:
nem vinho nem nada lhe frutificará –
com chuva e granizos devastaremos
toda videira e oliveira que germinar,
varreremos o telhado de qualquer edificação que encetar. E caso ele, parente
ou amigo venha a se casar, choveremos
a noite toda; de sorte que preferirá o
Egito⁴⁷⁴ a incorrer em errôneo julgamento.

⁴⁷³ Inicia-se aqui a segunda parábase (1115-1130), na qual o Coro, na qualidade de nuvens, endereça-se aos jurados para tratar do resultado do concurso. Para tanto, promete benefícios aos que votarem favoravelmente e malefícios aos opositores.

⁴⁷⁴ Dover (1968, p. 231) e Rogers (1916, p. 142) referem-se à crença de que no Egito as chuvas eram muito frequentes. E como os casamentos gregos possuíam diversos rituais externos, como procissão e danças, a chuva constituía um elemento impeditivo.

Στ. πέμπτη, τετράς, τρίτη· μετὰ ταύτην δευτέρα·

[1131-1145]

εἴθ' ἦν ἐγὼ μάλιστα πασῶν ἡμερῶν
 δέδοικα καὶ πέφρικα καὶ βδελύττομαι,
 εὐθύς μετὰ ταύτην ἔσθ' ἔνη τε καὶ νέα.
 πᾶς γάρ τις ὁμνύς, οἷς ὀφείλων τυγχάνω,
 θεῖς μοι πρυτανεῖ' ἀπολεῖν μέ φησι κάξολεῖν.
 κάμοῦ μέτριά τε καὶ δίκαι' αἰτουμένου,
 “ὦ δαιμόνιε, τὸ μέν τι νυνὶ μὴ λάβης,
 τὸ δ' ἀναβαλοῦ μοι, τὸ δ' ἄφες”, οὗ φασὶν ποτε
 οὕτως ἀπολήψεσθ', ἀλλὰ λοιδοροῦσί με
 ὥς ἄδικός εἰμι, καὶ δικάσεσθαί φασί μοι.
 νῦν οὖν δικαζέσθων. ὀλίγον γάρ μοι μέλει,
 εἴπερ μεμάθηκεν εὖ λέγειν Φειδιππίδης.
 τάχα δ' εἴσομαι κόψας τὸ φροντιστήριον.
 παῖ, ἡμί, παῖ, παῖ.

Σω. Στρεψιάδην ἀσπάζομαι.

(Preocupado, dirige-se ao Matutatório em busca do filho)

[1131-1145]

Estr. Cinco, quatro, três... daí vem o dois... depois, o que mais arreceio, que mais enjeito, que me faz tremelicar: o dia das duas luas – a nova e a velha⁴⁷⁵. Cada qual pra quem devo jura que vai a juízo⁴⁷⁶ dar cabo de mim. Bem que tento selar algum trato: “Ô sô, não cobra hoje; adia aquela; me desobriga desta”; mas eles retrucam que assim não lucram, me xingam de pilantra e me ameaçam com processo. Só que agora, se é que meu Fidípides aprendeu a lábia certa, não tô nem aí. Bem, já vou ficar sabendo...

(Batendo na porta do Matutatório)

Escravo! Filho!

(Abrindo a porta do Matutatório)

Socr. Saudações, Estrepsíades.

⁴⁷⁵ Literalmente: “a seguir, depois dele, é o velho e novo”, isto é, o dia da lua velha e nova. Os gregos dividiam a contagem do mês em três dezenas, sendo que a última – após o dia vinte – era contada retroativamente. Cada mês tinha duração de vinte e nove dias, em consonância com o ciclo lunar. Além disso, havia um dia de transição entre os meses, era o chamado dia da lua nova e velha, no qual todas as dívidas e juros deveriam ser quitados. Como os ciclos lunares possuem duração de vinte nove dias e meio, a denominação de ἔνῃ τε καὶ νέῃ para o último dia do mês se deve à alteração lunar durante o curso deste dia: em declínio no início do dia, logo velha, mas crescente no final, transformando-se em nova.

⁴⁷⁶ Literalmente: “depositar a pritania”; τὰ πρυτανεῖα designava os valores previamente depositados antes de uma ação judicial, a fim de cobrir as despesas do processo, caso seu promotor perdesse a causa por menos de um quinto dos sufrágios – no final do século V a.C., esse valor era fixado em mil dracmas. Na *Apologia*, (36a-b), Sócrates levanta a hipótese de que Meleto, não fosse a interferência de seus aliados no discurso de acusação (συνήγοροι), não teria alcançado esse montante de votos e, portanto, teria estado sujeito à multa processual.

Στ. κ᾿γωγέ σ'. ἀλλὰ τουτονὶ πρῶτον λαβέ.

[1146-1162]

χρὴ γὰρ ἐπιθαυμάζειν τι τὸν διδάσκαλον.

καί μοι τὸν υἱόν, εἰ μεμάθηκε τὸν λόγον

ἐκεῖνον, εἴφ', ὃν ἀρτίως εἰσήγαγες.

Σω. μεμάθηκεν.

Στ. εὖ γ', ὦ παμβασίλει' Ἀπαιόλη.

Σω. ὥστ' ἀποφύγοις ἂν ἦντιν' ἂν βούλῃ δίκην.

Στ. κεῖ μάρτυρες παρῆσαν ὅτ' ἐδανειζόμεν;

Σω. πολλῶ γε μᾶλλον, κἂν παρῶσι χίλιοι.

Στ. βοάσομαι τᾶρα τὰν ὑπέρτονον

βοάν. ἰώ, κλάετ' ὦ 'βολοστάται,

αὐτοί τε καὶ τάρχαῖα καὶ τόκοι τόκων.

οὐδὲν γὰρ ἄν με φλαῦρον ἐργάσαισθ' ἔτι,

οἷος ἐμοὶ τρέφεται

τοῖσδ' ἐνὶ δώμασι παῖς

ἀμφήκει γλώττη λάμπων,

πρόβολος ἐμός, σωτὴρ δόμοις, ἐχθροῖς βλάβη,

λυσανίας πατρῶων μεγάλων κακῶν·

Estr. Ôpa! Ah, deixa eu pagar o [1146-1162]

mestre: toma aqui! (*Entrega um saco de... cifrão?... grão?*)

Conta cá, meu
menino, o que entrou aí de pouco,
aprendeu aquela lábia?

Socr. Certamente.

Estr. Salve a Trapaça!

Socr. Já podes te safar de qualquer processo.

Estr. E se tiver testemunho de empréstimo?

Socr. Enquanto mais, melhor⁴⁷⁷.

(*Entoando uma canção de triunfo*)⁴⁷⁸

Estr. Assim sendo, vou berrar o berro dos
berros: ei, agiotistas, vós, vossos bens
e vossos juros de juros, já podem chorar;
ninguém mais vai ganhar em cima de mim,
pois deste antro (*indica o Matutatório*)
surge o filho que
me defende, o língua duplicada,
o escudo do lar, o danifica inimigos,
o empacador das desgraças paternas.

⁴⁷⁷ Literalmente: “Melhor ainda! Que apresentem mil”.

⁴⁷⁸ Rogers (1916, p. 146) e Dover (1968, p. 233) informam que a presente canção (1154-1170) vale-se de uma miscelânea de paródias de autores trágicos.

ὄν κάλεσον τρέχων ἔνδοθεν ὡς ἐμέ.

[1163-1177]

ὦ τέκνον, ὦ παῖ, ἔξελθ' οἴκων,

ἄϊε σοῦ πατρός.

Σω. ὅδ' ἐκεῖνος ἀνὴρ.

Στ. ὦ φίλος, ὦ φίλος.

Σω. ἄπιθι λαβών.

Στ. ἰὼ ἰὼ, τέκνον.

ἰοῦ ἰοῦ.

ὡς ἤδομαί σου πρῶτα τὴν χροιάν ἰδὼν.

νῦν μὲν γ' ἰδεῖν εἶ πρῶτον ἐξαρνητικὸς

κάντιλογικός, καὶ τοῦτο τούπιχώριον

ἀτεχνῶς ἐπανθεῖ, τὸ “τί λέγεις σύ;” καὶ δοκεῖν

ἀδικοῦντ' ἀδικεῖσθαι, καὶ κακουργοῦντ', οἶδ' ὅτι.

ἐπὶ τοῦ προσώπου τ' ἐστὶν Ἀπτικὸν βλέπος.

νῦν οὔν ὅπως σώσεις μ', ἐπεὶ κάπῳλεσας.

(Dirigindo-se a Sócrates)

[1163-1177]

Chama logo ele aí pra mim.

(Gritando)

Filho, filhinho, vem aqui,
escuta o pai.

(Saindo com Fidípedes)

Socr. *Ecce homo.*

Estr. Filho adorado!

Socr. Vai! Leva-o!

Estr. Eba! Uhu!

Graças!

Já tô contente só de ver tua aparência⁴⁷⁹...

e de saber que já és um retrucador.

É certo que já apresentas aquele jeito

bruto de falar, de se fazer de ofendido

quando se tá ofendendo⁴⁸⁰: tá na tua cara

aquela olhadela ática!⁴⁸¹ Agora, igual

me arruinastes, já podes me acudir.

⁴⁷⁹ Possivelmente, Fidípedes deveria estar pálido (c.f v. 119-120), o que, para Estrepsíades, poderia ser um signo físico do aprendizado da retórica.

⁴⁸⁰ A passagem é de difícil tradução. Optamos por suprimir a exemplificação direta da questão (“τί λέγεις σὺ;”), a qual, como explica Dover (1968, p. 235), constituía uma forma de amedrontar o interlocutor em função da agressividade com a qual era proferida.

⁴⁸¹ Gilda Reale (1967) explica em nota de tradução: “Eram notórias a impudência e sem-vergonhice dos atenienses”.

Φε. φοβεῖ δὲ δὴ τί;

[1178-1188]

Στ. τὴν ἔνην τε καὶ νέαν.

Φε. ἔνη γάρ ἐστι καὶ νέα τις ἡμέρα;

Στ. εἰς ἣν γε θήσιν τὰ πρυτανεῖά φασί μοι.

Φε. ἀπολοῦσ' ἄρ' αὖθ' οἱ θέντες. οὐ γάρ ἐσθ' ὅπως
μί' ἡμέρα γένοιτ' ἂν ἡμέραι δύο.

Στ. οὐκ ἂν γένοιτο;

Φε. πῶς γάρ, εἰ μή περ γ' ἅμα
αὐτὴ γένοιτ' ἂν γραῦς τε καὶ νέα γυνή.

Στ. καὶ μὴν νενόμισταί γ'.

Φε. οὐ γὰρ οἶμαι τὸν νόμον
ἴσασιν ὀρθῶς ὅτι νοεῖ.

Στ. νοεῖ δὲ τί;

Φε. ὁ Σόλων ὁ παλαιὸς ἦν φιλόδημος τὴν φύσιν.

Στ. τουτὶ μὲν οὐδέν πω πρὸς ἔνην τε καὶ νέαν.

Fidi. Tens receio do quê?

[1178-1188]

Estr. Do dia de duas luas, da nova e da velha.

Fidi. Haverá *um único* dia com *duplo* luar?

Estr. E é nele que querem me processar.

Fidi. Pois malograrão, já que não é próprio do uno tornar-se duplo⁴⁸².

Estr. Não?

Fidi. Tal qual não é próprio a mesma mulher ser, a um só tempo, velha e nova.

Estr. Mas a lei é tal qual.

Fidi. Suspeito que se equivoquem na interpretação da lei.

Estr. Como é?

Fidi. O vetusto Sólon⁴⁸³ era um populista nato...

(*Interrompendo*)

Estr. E daí, que tem isso com a lua velha e nova?

⁴⁸² Literalmente: “Pois não é próprio um dia se tornar dois”.

⁴⁸³ Político ateniense do século VI a.C., em função das inúmeras reformas operadas na legislação ateniense, é frequentemente tido como o pai da democracia.

Φε. ἐκεῖνος οὖν τὴν κλῆσιν εἰς δὴ ἡμέρας
ἔθηκεν, εἰς γε τὴν ἔννην τε καὶ νέαν,
ἵν' αἱ θέσεις γίγνοιτο τῇ νουμηνίᾳ.

[1189-1205]

Στ. ἵνα δὴ τί τὴν ἔννην προσέθηκεν;

Φε. ἵν', ὦ μέλε,
παρόντες οἱ φεύγοντες ἡμέρᾳ μιᾷ
πρότερον ἀπαλλάττοιθ' ἐκόντες· εἰ δὲ μή,
ἔωθεν ὑπανιῶντο τῇ νουμηνίᾳ.

Στ. πῶς οὐ δέχονται δῆτα τῇ νουμηνίᾳ
ἀρχαὶ τὰ πρυτανεῖ, ἀλλ' ἔνη τε καὶ νέα;

Φε. ὅπερ οἱ προτένθαι γὰρ δοκοῦσί μοι παθεῖν·
ὅπως τάχιστα τὰ πρυτανεῖ ὑφελοίατο,
διὰ τοῦτο προυτένθευσαν ἡμέρᾳ μιᾷ.

Στ. εὖ γ'. ὦ κακοδαίμονες, τί κάθησθ' ἀβέλτεροι,
ἡμέτερα κέρδη τῶν σοφῶν, ὄντες λίθοι,
ἀριθμός, πρόβατ' ἄλλως, ἀμφορῆς νενησμένοι;
ὥστ' εἰς ἑμαυτὸν καὶ τὸν υἱὸν τουτονὶ
ἐπ' εὐτυχίαισιν ἄστέον μούγκωμιον.

Fidi. ...ele estipulou dois dias para intimações
– o da lua velha e o da nova –, almejando que
os processos se dessem no dia da nova.

[1189-1205]

Estr. Pra que, então, ajuntar o da lua velha?

Fidi. Para
que apenas os réus que não se resolvessem no
primeiro dia fossem atribulados no dia da lua nova.

Estr. E por que os juízes só aceitam
intimações no dia da lua nova e velha?

Fidi. Creio que sofram de apetite voraz⁴⁸⁴.
subtraem celeremente as intimações,
a fim de devorá-las já no primeiro dia.

Estr. Entendido. (*Dirigindo-se à audiência*)
Ei desvalidos, ainda sentados?
O lucro é todo nosso, dos sábios. Vós não passais
de potes entulhados, de cordeiros, de um número
a mais. Em razão de tal feito, passo a entoar uma
cantiga de louvor, pra mim e pro meu filho aqui:

⁴⁸⁴ Segundo Rogers (1916, p. 150), οἱ προτένθαι pode se referir: i) aos glutões; ii) a encarregados de provar os alimentos servidos a um monarca, a fim de verificar se encontram-se envenenados; e iii) a encarregados de experimentar a alimentação a ser servida durante um banquete. Nossa proposta visa facilitar o entendimento imediato da passagem.

“μάκαρ ὦ Στρεψιάδες
 αὐτός τ’ ἔφυς, ὡς σοφός,
 χοῖον τὸν υἱὸν τρέφεις”,
 φήσουσι δὴ μ’ οἱ φίλοι χοῖοι δημόται
 ζηλοῦντες ἡνίκ’ ἂν σὺ νι-
 κᾷς λέγων τὰς δίκας.
 ἀλλ’ εἰσάγων σε βούλομαι πρῶτον ἐστιᾶσαι.

[1206-1221]

ΧΡΗΣΤΗΣ Α΄

εἴτ’ ἄνδρα τῶν αὐτοῦ τι χρὴ προΐεναι;
 οὐδέποτε γ’, ἀλλὰ κρεῖττον εὐθύς ἦν τότε
 ἀπερυθριᾶσαι μᾶλλον ἢ σχεῖν πράγματα,
 ὅτε τῶν ἐμαυτοῦ γ’ ἔνεκα νυνὶ χρημάτων
 ἔλκω σε κλητεύσοντα, καὶ γενήσομαι
 ἐχθρὸς ἔτι πρὸς τούτοισιν ἀνδρὶ δημότῃ.
 ἀτὰρ οὐδέποτε γε τὴν πατρίδα καταισχυνῶ
 ζῶν, ἀλλὰ καλοῦμαι Στρεψιάδην —

Στ.

τίς οὐτοσί;

“Es-trep-sí-des quando nasce,
vem sortudo e sabichão,
de sabido ele sabe,
a criar sua criação”⁴⁸⁵.

[1206-1221]

(Dirigindo-se ao filho)

Tá aí o que vizinhos e amigos vão
falar, cheios de inveja, quando ga-
nhares os processos com tua lábia.
Mas, de primeiro, vou te levar pra casa e te dar de comer.
(Entram para a casa de Estrepsíades)

(Credores, acompanhados por testemunhas, chegam à casa de Estrepsíades)

PÁSIAS *(Primeiro Credor)*

Um homem pode desistir do que é seu?
Não né! Antes tivesse desconversado⁴⁸⁶!
Não teria arranjado tal confusão.

(Dirigindo-se à testemunha)

Justamente por estes meus bens,
trago-te aqui, como testemunha,
e viro inimigo de um vizinho.
Mas, enquanto viver, jamais deslus-
trarei a pátria:

(Gritando)

Venho te intimar, Estrepsíades.

(Colocando a cabeça janela afora)

Estr.

Quem é esse um?

⁴⁸⁵ Uma versão menos livre seria: “Sortudo é o Estrepsíades, / que sabido de nascença, / soube criar a cria”. Mas, em razão da personagem, creio que a paródia de uma canção popular surta mais efeito.

⁴⁸⁶ Literalmente: “ter sido hipócrita”, isto é, deveria ter fingido não ter o dinheiro e, por conseguinte, não o ter emprestado.

Pasi. Venho pelo lua velha e nova.

[1222-1233]

(Dirigindo-se à testemunha)

Estr. És prova de
que ele enumerou dois dias. Qual é a conta?

Pasi. Os doze mil⁴⁸⁷ que solicitastes pra compra do
corcel cinza.

Estr. Um corcel?

(Dirigindo-se para a audiência)

Escutais?

Não é sabido pelo povo que odeio cavalos?

Pasi. Jurastes pelos deuses que pagarias.

Estr. É... só que meu Fidípedes ainda
não tinha aprendido a lábia matadora.

Pasi. E só por isso, agora, negas a dívida?

Estr. Posso tirar outro proveito do aprendizado?

Pasi. Juras pelos deuses, com figa ou sem figa⁴⁸⁸,
que não me debes?

⁴⁸⁷ Doze minas.

⁴⁸⁸ Literalmente: “Aceitas fazer a recusa em nome dos deuses, no local em que eu te indicar”. Para os gregos, o juramento perante locais sagrados apresentava maior credibilidade e, por conseguinte, era levado mais a sério em seus propósitos. “Com figa ou sem figa” visa, a partir de uma paráfrase criativa, abarcar o sentido de que o juramento prestado possui efeito vinculativo com a promessa em causa.

Στ. τοὺς ποίους θεοὺς; [1233-1241]

Χρ. τὸν Δία, τὸν Ἑρμῆν, τὸν Ποσειδῶ.

Στ. νῆ Δία,
κἂν προσκαταθείην γ', ὥστ' ὁμόσαι, τριώβολον.

Χρ. ἀπόλοιο τοίνυν ἔνεκ' ἀναιδεΐας ἔτι.

Στ. ἄλσιν διασμηχθεὶς ὄναιτ' ἂν οὐτοσί.

Χρ. οἴμ' ὥς καταγελᾶς.

Στ. ἔξ χοᾶς χωρήσεται.

Χρ. οὔτοι μὰ τὸν Δία τὸν μέγαν καὶ τοὺς θεοὺς
ἐμοῦ καταπρόϊξει.

Στ. θαυμασίως ἦσθην θεοῖς,
καὶ Ζεὺς γελοῖος ὁμνύμενος τοῖς εἰδόσιν.

Estr. Por quais deuses? [1233-1241]

Pasi. Zeus, Hermes e Poseidon⁴⁸⁹.

Estr. Sim, por Zeus!

E ainda ajunto três moedas⁴⁹⁰ na jura.

Pasi. Que tu morras por tal desaforo!

(Apalpando a barriga de Pásias e imaginando um odre de vinho)

Estr. Curtido no sal, até que ia ser de alguma valia...⁴⁹¹

Pasi. Zombas de mim?!

Estr. Ia caber quase uns vinte litros⁴⁹²...

Pasi. Juro por Zeus e pelos deuses todos:

ainda me pagas por isso!

(Entremeio à gargalhadas)

Estr. Morro de rir com teus deuses!

Pros sabidos, o Zeus de tuas juras é um fiasco.

⁴⁸⁹ O costume de se jurar por uma tríade parece remontar às reformas de Drácon e Sólon. Como bem notou Maria Gilda Reale (1967), em nota ao presente verso, os deuses aqui invocados adequam-se perfeitamente à natureza da transação: Zeus, protetor dos juramentos; Hermes, protetor dos lucros; e Poseidon, protetor dos cavalos.

⁴⁹⁰ Isto é, “acrescento três óbulos no juramento”. Um para cada deus, com a finalidade de confirmação. Tal passagem representa o ápice do cinismo de Estrepsíades.

⁴⁹¹ Como informa Dover (1968, p. 241), a sugestão é a de que se poderia fazer um odre de vinho com a pele do abdômen do credor. No nosso contexto, seria interessante pensar em um barrilzinho de chope.

⁴⁹² Literalmente, seis *choos*. Cada *χόος* equivalia a uma medida de aproximados 3,25 litros. Junito de Souza ou suprime ou se esquece do presente verso em sua tradução.

Χρ. ἥ μὴν σὺ τούτων τῷ χρόνῳ δώσεις δίκην.
 ἀλλ' εἴτ' ἀποδώσεις μοι τὰ χρήματ' εἴτε μὴ,
 ἀπόπεμψον ἀποκρινάμενος.

[1242-1254]

Στ. ἔχε νυν ἥσυχος·
 ἐγὼ γὰρ αὐτίκ' ἀποκρinoῦμαί σοι σαφῶς.

Χρ. τί σοι δοκεῖ δράσειν; ἀποδώσειν σοι δοκεῖ;

Στ. ποῦ 'σθ' οὗτος ἀπαιτῶν με τ'ἀργύριον; λέγε,
 τουτὶ τί ἐστί;

Χρ. τοῦθ' ὅτι ἐστί; κάρδοπος.

Στ. ἔπειτ' ἀπαιτεῖς ἀργύριον τοιοῦτος ὢν;
 οὐκ ἂν ἀποδοίην οὐδ' ἂν ὀβολὸν οὐδενὶ
 ὅστις καλέσειε “κάρδοπον” τὴν καρδόπην.

Χρ. οὐκ ἄρ' ἀποδώσεις;

Στ. οὐχ ὅσον γ' ἔμ' εἰδέναι.
 οὐκουν ἀνύσας τι θᾶπτον ἀπολιταργιεῖς
 ἀπὸ τῆς θύρας;

Pasi. Cedo ou tarde vais pagar por isso.
Quanto ao meu dinheiro, pagas ou não?
Fala, pra eu poder ir embora.

[1242-1254]

Estr. Calma aí!
Já te respondo com precisão. (*Entra em casa*)

(*Dirigindo-se à testemunha*)

Pasi. Achas que ele vai me pagar?

(*Retornando com um rolo de amassar*)

Estr. Cade o um que me cobra? Diz aí,
o que é isto?

Pasi. O quê... um rolo⁴⁹³.

Estr. Não tens vergonha de me cobrar?⁴⁹⁴
Não pago nenhum tostão⁴⁹⁵ pra
quem chama a “rola” de “rolo”.

Pasi. Então não pagas?!

Estr. Julgo que não.
Agora chega disso, casca fora da
minha porta!

⁴⁹³ No grego κάρδοπος, “masseira”, “pilão”. Estrepsíades está replicando os ensinamentos aprendidos com Sócrates nos versos 670-674. Quanto à tradução, não foi possível replicar a tradução dada a κάρδοπος naquela passagem no contexto atual.

⁴⁹⁴ Literalmente: “Então, tu, sendo assim, reclama-me dinheiro?”

⁴⁹⁵ Literalmente: “nenhum óbolo”.

Χρ. ἄπειμι· καὶ τοῦτ' ἴσθ', ὅτι
θήσω πρυτανεῖ, ἢ μηκέτι ζώην ἐγώ.

[1254-1266]

Στ. προσαποβαλεῖς ἄρ' αὐτὰ πρὸς ταῖς δώδεκα.
καίτοι σε τοῦτό γ' οὐχὶ βούλομαι παθεῖν
ὅτι ἡ 'κάλεσας εὐηθικῶς "τὴν κάρδοπον".

ΧΡΗΣΤΗΣ Β'

ἰώ μοι μοι.

Στ. ἕα·
τίς οὐτοσί ποτ' ἔσθ' ὁ θρηνῶν; οὔ τι που
τῶν Καρκίνου τις δαιμόνων ἐφθέγγατο;

Χρ. τί δ', ὅστις εἰμί, τοῦτο βούλεσθ' εἰδέναι;
ἀνὴρ κακοδαίμων.

Στ. κατὰ σεαυτὸν νυν τρέπου.

Χρ. ὦ σκληρὲ δαῖμον· ὦ τύχαι θραυσάντυγες
ἵππων ἐμῶν· ὦ Παλλάς, ὥς μ' ἀπώλεσας.

Στ. τί δαί σε Τλημπόλεμός ποτ' εἵργασται κακόν;

Pasi. Vou e já vou avisando: não quero viver, se não te levar na justiça.
(*Sai com a testemunha*)

[1254-1266]

(*Em tom de lamento*)

Estr. Vais perder outro tanto, pra além dos doze mil. E eu nem queria te ver arruinado, só por ter errado o nome da “rola”.

AMNÍAS (*Segundo credor*)

Ai, Ai!

Estr. Êpa!

Quem tá gemendo aí? Alguma das divindades do Cárcino⁴⁹⁶?

Amni. Queres saber quem sou?
Um homem azarado!

Estr. Então dá ré pra trás.

(*Pomposamente*)

Amni. Nume cruel! Sina fende rodas!
Palas dizimadora!⁴⁹⁷

Estr. O que é? Trepólemo⁴⁹⁸ te destratou?

⁴⁹⁶ Aristófanes critica recorrentemente Cárcino e os filhos, os quais, possivelmente, foram tragediógrafos. Em relação à passagem, supõe-se a existência de alguma tragédia na qual os deuses foram representados a lamentar (DOVER, 1968, p. 242-243).

⁴⁹⁷ Paródia de uma tragédia de Xênocles, filho de Cárcino (DOVER, 1968, p. 243).

⁴⁹⁸ Possivelmente, os versos anteriores teriam sido narrados por um personagem cujo irmão fora assassinado por Trepólemo (BRANDÃO, 1976, p.67).

Χρ. μὴ σκῶπτέ μ', ὦ τᾶν, ἀλλὰ μοι τὰ χρήματα
τὸν υἱὸν ἀποδοῦναι κέλευσον ἄλαβεν,
ἄλλως τε μέντοι καὶ κακῶς πεπραγότι.

[1267-1281]

Στ. τὰ ποῖα ταῦτα χρήμαθ';

Χρ. ἀδανείσατο.

Στ. κακῶς ἄρ' ὄντως εἶχες, ὥς γ' ἐμοὶ δοκεῖς.

Χρ. ἵππους γ' ἐλαύνων ἐξέπεσον νῆ τοὺς θεούς.

Στ. τί δῆτα ληρεῖς ὥσπερ ἀπ' ὄνου καταπεσών;

Χρ. ληρῶ, τὰ χρήματ' ἀπολαβεῖν εἰ βούλομαι;

Στ. οὐκ ἔσθ' ὅπως σύ γ' αὐτὸς ὑγιαίνεις.

Χρ. τί δαί;

Στ. τὸν ἐγκέφαλον ὥσπερ σεσεῖσθαί μοι δοκεῖς.

Χρ. σὺ δὲ νῆ τὸν Ἑρμῆν προσκεκλήσεσθαί γ' ἐμοί,
εἰ μὴ ἵποδῶσεις τάργυριον.

Στ. κάτειπέ νυν·

πότερα νομίζεις καινὸν αἶει τὸν Δία

ὔειν ὕδωρ ἐκάστοτ', ἢ τὸν ἥλιον

ἔλκειν κάτωθεν ταῦτ' οὗθ' ὕδωρ πάλιν;

Amni. Ô parceiro, ao invés de caçoar,
manda teu filho acertar o empréstimo,
até porque eu tô na pior.

[1267-1281]

Estr. Que empréstimo?

Amni. O que ele contraiu.

Estr. Neste caso, estás mesmo na pior.

Amni. Sim, pelos deuses, eu cai do cavalo...

Estr. E desatinas como quem caiu de cabeça⁴⁹⁹?

Amni. Desatino por querer ser pago?

Estr. Não tem como estar menos são!

Amni. Como é?

Estr. Acho que teus miolos chacoalharam.

Amni. Por Hermes: ou me pagas ou te
processo.

Estr. Antes me diz o que pensas:
Zeus sempre renova as
águas da chuva ou Hélios
reaproveita a água caída?

⁴⁹⁹ Literalmente: “Então por que deliras como se caísse de um burro”. “Cair de um burro” (ἀπ’ ὄνου), em razão de sua assonância com ἀπὸ νοῦ – afastar-se razão –, era expressão proverbial para “perder o juízo”. Como não é possível traduzir tal jogo de palavras, optamos por privilegiar o efeito ao invés da causa do jogo de palavras, diferentemente de Magueijo: “Dir-se-ia que caíste mas foi de cima dum.. dum asno”.

Χρ. οὐκ οἶδ' ἔγωγ' ὁπότερον, οὐδέ μοι μέλει.

[1282-1297]

Στ. πῶς οὖν ἀπολαβεῖν τὰργύριον δίκαιος εἶ,
εἰ μηδὲν οἶσθα τῶν μετεώρων πραγμάτων;

Χρ. ἀλλ' εἰ ἥσπανίζεις τὰργυρίου μοι τὸν τόκον
ἀπόδοτε†.

Στ. τοῦτο δ' ἔσθ', ὁ τόκος, τί θηρίον;

Χρ. τί δ' ἄλλο γ' ἢ κατὰ μῆνα καὶ καθ' ἡμέραν
πλέον πλέον τὰργύριον αἰεὶ γίγνεται
ὑπορρέοντος τοῦ χρόνου;

Στ. καλῶς λέγεις.
τί δῆτα; τὴν θάλατταν ἔσθ' ὅτι πλείονα
νυνὶ νομίζεις ἢ πρὸ τοῦ;

Χρ. μὰ Δί', ἀλλ' ἴσην.
οὐ γὰρ δίκαιον πλείον' εἶναι.

Στ. κᾶτα πῶς
αὕτη μέν, ὧ κακόδαιμον, οὐδὲν γίγνεται
ἐπιρρεόντων τῶν ποταμῶν πλείων, σὺ δὲ
ζητεῖς ποῆσαι τὰργύριον πλέον τὸ σόν;
οὐκ ἀποδιώξει σαυτὸν ἀπὸ τῆς οἰκίας;
φέρε μοι τὸ κέντρον.

Χρ. ταῦτ' ἐγὼ μαρτύρομαι.

Amni. Não sei e tenho raiva de quem sabe.

[1282-1297]

Estr. Achas certo receber dinheiro se
não sabes o que se passa nos céus?

Amni. Se não tens o dinheiro, pague,
ao menos, os juros.

Estr. Que que é esse trem de juros?

Amni. É o dinheiro que cresce a cada dia,
a cada mês... que se multiplica sem parar
com o escoar do tempo.

Estr. Certo.
Diz aqui: achas que o mar hoje
é mais graúdo do que antes?

Amni. Não é
plausível que seja maior, apenas igual.

Estr. Pois então,
velhaco, se nem com o deságue
de muitos rios ele cresce, como
pretendes que teu dinheiro aumente?
Ainda não te mandastes daqui?
(*Gritando para os escravos*)
Arranjem-me um chicote!

Amni. Tenho testemunhas de tudo.

Στ. ὕπαγε, τί μέλλεις; οὐκ ἔλῃς, ὦ σαμφόρα;

[1298-1310b]

Χρ. ταῦτ' οὐχ ὕβρις δῆτ' ἐστίν;

Στ. ἄξεις; ἐπιαλῶ
κεντῶν ὑπὸ τὸν πρωκτὸν σε τὸν σειραφόρον.
φεύγεις; ἔμελλον σ' ἄρα κινήσειν ἐγὼ
αὐτοῖς τροχοῖς τοῖς σοῖσι καὶ ξυνωρίσιν.

Χο. οἶον τὸ πραγμάτων ἐρᾶν φλαύρων· ὁ γὰρ
γέρων ὃδ' ἐρασθεῖς
ἀποστερῆσαι βούλεται
τὰ χρήμαθ' ἀδανείσατο.
κούκ ἔσθ' ὅπως οὐ τήμερον
λήψεται τι πράγμ' ὃ τοῦ-
τον ποήσει τὸν σοφι-
στήν ὣν πανουργεῖν ἤρξατ' ἐξ-
αίφνης †τι κακὸν λαβεῖν†.

(*Chicoteando-o*)

[1298-1310b]

Estr. Vamos! Desempaca pangaré⁵⁰⁰!

Amni. Que abuso é esse?

Estr. Refugas?

Já já te tareio o rabo, cavalo de trela.

(*Amnías sai de cena, correndo*)

Foges! Já bem ia te meter...

a galope, com roda e tudo⁵⁰¹.

Coro.⁵⁰² Eis o deleite das vicissitudes!

O velho, arrebatado

pela pecha, almeja

calotear os credores.

Fatalmente, o

que hoje sobre-

virá, expurgará

as perversidades

deste sofista⁵⁰³.

⁵⁰⁰ Estrepsíades, na verdade, denomina-o σαμφόρα, a mesma raça de cavalos adquirida pelo filho com o dinheiro do empréstimo, trata-se, portanto, de uma raça nobre.

⁵⁰¹ Toda a passagem comporta uma ambiguidade de cunho sexual.

⁵⁰² Segue-se a ode e a antode lírica, as quais antecipam a desdita do personagem principal.

⁵⁰³ Há de se notar que, contrariamente ao que era de se esperar, não foi Fidípedes quem se encarregou de refutar os credores em nome do pai, mas o próprio Estrepsíades, inspirado por suas lições no Matutatório e, talvez, por aquelas adquiridas junto ao filho. Por essa razão, não há de se espantar que a qualificação de “sofista” tenha sido aplicada ao velho camponês e não ao seu jovem herdeiro.

οἶμαι γὰρ αὐτὸν αὐτίχ' εὐρήσειν ὅπερ
 πάλαι ποτ' ἐζήτει,
 εἶναι τὸν υἱὸν δεινὸν οἱ
 γνώμας ἐναντίας λέγειν
 τοῖσιν δικαίοις, ὥστε νι-
 κᾶν ἅπαντας, οἷσπερ ἂν
 συγγένηται, κᾶν λέγη
 παμπόνηρ'. ἴσως δ' ἴσως
 βουλήσεται
 κᾶφωνον αὐτὸν εἶναι.

[1311-1326]

Στ. ἰοῦ ἰοῦ.

ὦ γείτονες καὶ συγγενεῖς καὶ δημόται,
 ἀμυνάθετέ μοι τυπτομένῳ πάσῃ τέχνῃ.
 οἶμοι κακοδαίμων τῆς κεφαλῆς καὶ τῆς γνάθου.
 ὦ μιαρέ, τύπτεις τὸν πατέρα;

Φε. φήμι, ὦ πάτερ.

Στ. ὁρᾷθ' ὁμολογοῦνθ' ὅτι με τύπτει;

Φε. καὶ μάλα.

Pressinto que alcançará o que
 outrora buscava: um
 filho apto a emitir juí-
 zos antagônicos ao
 justo; capaz de vencer,
 pela maledicente lábia,
 quem se lhe interponha
 no caminho. Mas...
 quiçá... há de preferir
 que ele quede mudo.

[1311-1326]

(*Estrepsíades, eufórico, sai correndo de casa, Fidípedes, sereno, sai na sequência*)

Estr. Socorro!⁵⁰⁴

Vizinhos, parentes, povo do bairro, arrumem
 um jeito de me acudir que eu tô apanhando!

(*Apanha novamente*)

Ai minha cabeça! Ai meu queixo!

Desnaturado, espancas teu pai?

Fidi.

Positivo.

Estr. Vedes como ele admite?

Fidi.

Sobremaneira.

⁵⁰⁴ Tem início o segundo *agôn* da peça (v. 1321-1451), em que Fidípedes exhibe o aprendizado obtido e sua filiação com os parâmetros do Discurso Injusto, eis sua estrutura geral: *Pro-Agôn* (1321-1344); *Ode* (1345-1350); *Epirrema* (1351-1385); *Pnigos* (1386-1390); *Antode* (1391-1396); *Antipirrema* (1397-1444); e *Antipnigos* (1445-1451). Como nota Dover (1968, p. 248), há um paralelismo estrutural entre os dois *agônes* da peça, assim como entre o discurso de Estrepsíades e o do Injusto: "The parallelism of structure between the two contests emphasizes the extent to which Pheidippides has emerged from his education a replica of Wrong; we shall see how he reproduces not only the rhetorical methods but even the actual words of Wrong".

Estr. Desnaturado! Matador de pai! Larápio!

[1327-1339]

Fidi. Repete tudo outra vez.

Apetece-me sobremodo escutar tais agravos.

Estr. Toba frouxo!

Fidi. Esparge-me rosas...

Estr. Espancas teu pai?

Fidi. Sim, por Zeus, e demonstrar-te-ei
que o fiz com razão.

Estr. Desnaturado!
De que jeito bater no pai pode ser certo?

Fidi. Provarei e vencer-te-ei argumentativamente.

Estr. Sobre isso?

Fidi. Naturalmente.
Qual dos discursos preferes?

Estr. Que discursos?

Fidi. O forte ou o fraco?

(Em tom de arrependimento)

Estr. Por Zeus, rapazinho, se me con-
venceres ser certo e adequado um pai

μέλλεις ἀναπείσειν, ὥς δίκαιον καὶ καλὸν
τὸν πατέρα τύπτεσθ' ἐστὶν ὑπὸ τῶν υἱέων.

[1340-1358]

Φε. ἀλλ' οἶμαι μέντοι σ' ἀναπείσειν, ὥστε γε
οὐδ' αὐτὸς ἀκροασάμενος οὐδὲν ἀντερεῖς.

Στ. καὶ μὴν ὅτι καὶ λέξεις ἀκοῦσαι βούλομαι.

Χο. σὸν ἔργον, ὦ πρεσβύτα, φροντίζειν ὅπη
τὸν ἄνδρα κρατήσεις,
ὥς οὗτος, εἰ μὴ τῷ 'πεποιθὲν, οὐκ ἂν ἦν
οὕτως ἀκόλαστος.
ἀλλ' ἔσθ' ὅτῳ θρασύνεται· δῆλόν <γε τοι>
τὸ λῆμα τάνθρωπου.

ἀλλ' ἐξ ὅτου τὸ πρῶτον ἦρξαθ' ἡ μάχη γενέσθαι
ἤδη λέγειν χρὴ πρὸς χορόν· πάντως δὲ τοῦτο δράσεις.

Στ. καὶ μὴν ὅθεν γε πρῶτον ἐρξάμεσθα λοιδορεῖσθαι
ἐγὼ φράσω. 'πειδὴ γὰρ εἰστιώμεθ', ὥσπερ ἴστε,
πρῶτον μὲν αὐτὸν τὴν λύραν λαβόντ' ἐγὼ 'κέλευσα
ᾄσαι Σιμωνίδου μέλος, τὸν Κριόν, ὥς ἐπέχθη.
ὁ δ' εὐθέως ἀρχαῖον εἶν' ἔφασκε τὸ κιθαρίζειν
ᾄδειν τε πίνονθ', ὥσπερ εἰ κάχρυσ γυναικ' ἀλοῦσαν.

apanhar dos filhos, então aprendestes⁵⁰⁵
mesmo a contrariar o justo.

[1340-1358]

Fidi. Creio te convencer de tal modo
que, após escutar, nada objetarás.

Estr. Quero até ouvir o que vais dizer.

Coro. Compete ao ancião refrear
o homem.

A determinação dele é
manifesta.

Provavelmente, algo ancora e enseja-lhe a
insolência.

Cori. É mister informar ao Coro, com acribia,
qual móbil encetou a disputa⁵⁰⁶.

Estr. Tá bom! Vou contar como principiou
a rília. A gente tava comendo quando eu
mandei ele pegar a lira e entoar um verso
do Simônides⁵⁰⁷, aquele do penteado do Crio⁵⁰⁸.
De pronto ele disse que tocar e cantar bebendo,
que nem mulher pilando arroz, era coisa atrasada⁵⁰⁹.

⁵⁰⁵ Literalmente: “então te ensinei mesmo a contrariar o justo”.

⁵⁰⁶ Como nota Dover (1968, p. 250-251), esta é a única ocorrência em que o Coro atua como uma espécie de diretor teatral, orientando os personagens sobre como proceder em cena.

⁵⁰⁷ Poeta lírico, natural de Céos.

⁵⁰⁸ Célebre lutador de Egina.

⁵⁰⁹ Gilda Reale (1967, n. 367) formula com clareza a tensão implícita entre Estrepsíades e Fidípedes sobre o tema: “Todo ateniense bem educado devia saber cantar poesias dos grandes líricos, trechos dos poemas épicos e cantos apropriados a essas reuniões, chamados *escólios*. Cf. *Vesp.*, vv. 1222, 1239; *Rãs*, v. 1301. (...) Todavia, durante a Guerra do Peloponeso, esse costume passou a ser considerado fora de moda”.

Φε. οὐ γὰρ τότε εὐθύς χρῆν σ' ἀράπτεσθαί τε καὶ πατεῖσθαι,
ἄδειν κελεύονθ', ὥσπερ εἰ τέττιγας ἐστιῶντα;

[1359-1376]

Στ. τοιαῦτα μέντοι καὶ τότε ἔλεγεν ἔνδον, οἷάπερ νῦν,
καὶ τὸν Σιμωνίδην ἔφασκ' εἶναι κακὸν ποητήν.
κάγῳ μόλις μέν, ἀλλ' ὅμως, ἤνεσχόμην τὸ πρῶτον.
ἔπειτα δ' ἐκέλευσ' αὐτὸν ἀλλὰ μυρρίνην λαβόντα
τῶν Αἰσχύλου λέξαι τί μοι. καὶ οὗτος εὐθύς εἶπεν·
“ἐγὼ γὰρ Αἰσχύλον νομίζω πρῶτον ἐν ποηταῖς—
ψόφου πλέων, ἀξύστατον, στόμφακα, κρημνοποιόν.”
κάνταῦθα πῶς οἶσθέ μου τὴν καρδίαν ὀρεχθεῖν;
ὅμως δὲ τὸν θυμὸν δακῶν ἔφην· “σὺ δ' ἀλλὰ τούτων
λέξον τι τῶν νεωτέρων, ἅττ' ἐστὶ τὰ σοφὰ ταῦτα.”
ὁ δ' εὐθύς ἦγ' Εὐριπίδου ῥῆσιν τιν', ὥς ἐκίνει
ἀδελφός, ὃν ἔλεξίκακε, τὴν ὁμομητρίαν ἀδελφήν.
κάγῳ οὐκέτ' ἐξηνεσχόμην, ἀλλ' εὐθέως ἀράπτω
πολλοῖς κακοῖς καίσχροῖσι, καὶ ἐντεῦθεν, οἷον εἰκός,
ἔπος πρὸς ἔπος ἡρειδόμεσθ'· εἴθ' οὗτος ἐπαναπηδᾷ,
κάππειτ' ἔφλα με κάσπόδει κάπνιγε κάπέτριβεν.

Fidi. Não era então necessário te socar e chutar?

[1359-1376]

Instaste-me a cantar como quem alimenta uma cigarra⁵¹⁰.

Estr. Ele repete à risca o que disse lá dentro.

Depois falou que Simônides era um reles

poeta. Até aí eu me controlei. Sugestionei

ele, então, a pegar um ramo⁵¹¹ e entoar Ésquilo.

Ao que ele retrucou: “Ésquilo, o primeiro dos poetas...

em algazarra, incoerência, exagero e lacunas”.

Nisso, meu peito já fumegava. Ainda assim,

abafei a raiva e pedi: “quem sabe entoas

uma destas engenhosidades recentes”. Sem

pestanejar, ele me veio com uma do Eurípedes,

em que um irmão – pelos deuses! – bolina com a

irmã⁵¹². Aí não suportei mais, disparei insultos e

desaforos⁵¹³. Mas, até então, tudo certo,

batíamos ideia contra ideia. Quando,

de um só salto, ele veio pra cima de mim,

me enforcou e me moeu na pancada⁵¹⁴.

⁵¹⁰ Era crença comum que as cigarras podiam cantar, ininterruptamente, sem se alimentarem, apenas regadas a uma gota de orvalho (Cf. Platão, *Fedro*, 259c). Talvez, a indignação de Fidípedes faça eco ao caráter sovina de Estrepsíades, que poderia – por que não? –, com tal estratégia, economizar no banquete de recepção dado ao próprio filho.

⁵¹¹ Era costume a apreciação musical acompanhada de vinho após a refeição, a qual poderia ficar a cargo de escravos ou mesmo dos participantes. No último caso, era comum que o recitante portasse um ramo de mirra durante a execução da peça, o qual ele poderia passar a outro participante de sua escolha; este, por sua vez, deveria recitar alguma peça correlata com a anterior.

⁵¹² O original especifica: “com a irmã uterina”, visto que casamentos entre irmãos por parte de pai eram permitidos por lei. Quanto ao conteúdo, trata-se do mitologema envolvendo os filhos de Éolo: Macareu e Cânace. A versão tradicional do mito é a de que Macareu praticou o incesto sem o consentimento da irmã. Todavia, na versão de Eurípedes, a relação parece ter sido consensual e com a aprovação paterna (Cf. ROGERS, 1916, p. 166).

⁵¹³ A antítese entre Ésquilo e Eurípedes é retomada na segunda metade das *Rãs*. Estrepsíades, a despeito de sua incursão com a sofística socrática, apresenta-se como saudosista dos valores da geração precedente, tal como defendido pelo Discurso Justo – o que explica sua clara predileção por Ésquilo e sua desconfiança para com Eurípedes. Nesse sentido, este segundo *agôn* replica, na esfera dos personagens, a oposição já exposta na esfera dos discursos.

⁵¹⁴ Na impossibilidade de reproduzir a aliteração do verso original *κάπτειτ' ἔφλα με κάσπόδει κάπνιγε κάπτειβεν*, tentamos, ao menos, dar uma equivalência genérica para o verso: “ci-**ma** de **mim**, **me** enforcou e **me** moeu na pancada”.

Φε. οὐκουν δικαίως, ὅστις οὐκ Εὐριπίδην ἐπαινεῖς,
σοφώτατον;

[1377-1396]

Στ. σοφώτατον γ' ἐκεῖνον, ὦ – τί σ' εἶπω;
ἀλλ' αὖθις αὖ τυπτήσομαι.

Φε. νῆ τὸν Δί', ἐν δίκη γ' ἄν.

Στ. καὶ πῶς δικαίως; ὅστις ὦ 'ναίσχυντέ σ' ἐξέθρεψα
αἰσθάνομενός σου πάντα τραυλίζοντος, ὅτι νοοίης.
εἰ μὲν γε βρῦν εἶποις, ἐγὼ γνοὺς ἂν πιεῖν ἐπέσχον·
μαμῶν δ' ἂν αἰτήσαντος, ἦκόν σοι φέρων ἂν ἄρτον·
κακῶν δ' ἂν οὐκ ἔφθης φράσας κἀγὼ λαβὼν θύραζε
ἐξέφερον ἂν καὶ προυσχόμην σε. σὺ δέ με νῦν ἀπάγχων,
βοῶντα καὶ κεκραγόθ' ὅτι
χεζητιώην, οὐκ ἔτλης
ἔξω 'ξενεγκεῖν, ὦ μιარέ,
θύραζε μ', ἀλλὰ πνιγόμενος
αὐτοῦ 'πόησα κακῶν.

Χο. οἶμαί γε τῶν νεωτέρων τὰς καρδίας
πηδᾷν ὅτι λέξει.
εἰ γὰρ τοιαῦτά γ' οὔτος ἐξεργασμένος
λαλῶν ἀναπείσει,
τὸ δέρμα τῶν γεραιτέρων λάβοιμεν ἂν
ἀλλ' οὐδ' ἐρεβίνθου.

Fidi. E com razão, já que não glorificas o ilustríssimo Eurípedes.

[1377-1396]

Estr. Ilustríssimo!? És mesmo um... um... – convém falar... ou arrisco apanhar de novo?

Fidi. Certamente! E com razão!

Estr. Como com razão? Eu te criei, ingrato! Quando balbuciavas, eu elucidava o que ideavas. Se dizias: “brum”, te dava de beber; “mamá”, te trazia pão; “caca”, te levava pra fora e te segurava. Já tu, crápula, mesmo eu berrando que queria cagar, não parou de me sufocar e nem me levou pra fora. Tive que soltar o caldo ali mesmo.

Coro. Já ausculto a taquicardia da juventude frente ao que ele dirá.
E se sua loquacidade, apesar dos fatos, lograr persuasão,
não daremos mais nenhum tostão⁵¹⁵ pela pele dos velhos.

⁵¹⁵ Literalmente ἐρεβίνθος: “nenhum grão de bico”.

σὸν ἔργον, ὃ καινῶν ἐπῶν κινητὰ καὶ μοχλευτά,
πειθῶ τινα ζητεῖν, ὅπως δόξεις λέγειν δίκαια.

[1397-1414]

Φε. ὥς ἡδὺ καινοῖς πράγμασιν καὶ δεξιοῖς ὁμιλεῖν
καὶν τῶν καθεστῶτων νόμων ὑπερφρονεῖν δύνασθαι.
ἐγὼ γὰρ ὅτε μὲν ἵππικῇ τὸν νοῦν μόνῃ προσεῖχον,
οὐδ' ἂν τρί' εἶπεῖν ῥήμαθ' οἷός τ' ἦν πρὶν ἐξαμαρτεῖν·
νυνὶ δ', ἐπειδὴ μ' οὐτοσὶ τούτων ἔπαυσεν αὐτός,
γνώμαις δὲ λεπταῖς καὶ λόγοις ξύνειμι καὶ μερίμναις,
οἷμαι διδάξειν ὥς δίκαιον τὸν πατέρα κολάζειν.

Στ. ἵππευε τοίνυν νῆ Δί', ὥς ἔμοιγε κρεῖττον ἐστὶν
ἵππων τρέφειν τέθριππον ἢ τυπτόμενον ἐπιτριβῆναι.

Φε. ἐκεῖσε δ' ὅθεν ἀπέσχισάς με τοῦ λόγου μέτειμι,
καὶ πρῶτ' ἐρήσομαί σε τουτί· παῖδά μ' ὄντ' ἔτυπτες;

Στ. ἔγωγέ σ', εὐνοῶν τε καὶ κηδόμενος.

Φε. εἶπε δὴ μοι,
οὐ κάμῃ σοὶ δίκαιόν ἐστιν εὐνοεῖν ὁμοίως
τύπτειν τ', ἐπειδὴ περ γε τοῦτ' ἔστ' εὐνοεῖν, τὸ τύπτειν;
πῶς γὰρ τὸ μὲν σὸν σῶμα χρή πληγῶν ἀθῶον εἶναι,
τούμῳ δὲ μή; καὶ μὴν ἔφυν ἐλεύθερός γε κάγω.

(*Dirigindo-se a Fídipedes*)

[1397-1414]

Cori. Tu, fautor de novas máximas, deve angariar a persuasão com discursos que aparentem ser justos.

Fidi. É hiper deleitoso participar de novo ambiente e desprezar os costumes vigentes. Quando somente o hipismo ocupava-me a mente, não emitia três vocábulos sem errar. Hoje, após Ele me livrar do vício⁵¹⁶, ocupo-me com sutis pensamentos, argumentos e reflexões; e tenho condição de provar que é justo castigar o pai.

Estr. Eia! Então trata de galopar! Melhor bancar uma carroça⁵¹⁷ do que ser esfarinhado na pancada.

Fidi. Prossigamos: quando eu era criança, batias em mim⁵¹⁸?

Estr. Sim... pensando no teu bem.

Fidi. Pois bem: se “bater” equivale a “pensar no bem”, não é justo que eu te bata também? Por que teu torso deve se livrar das pancadas e o meu não? Também não nasci livre?

⁵¹⁶ Assim como o discípulo (v. 219), Estrepsíades refere-se a Sócrates por αὐτός – literalmente: “o próprio”, no caso nominativo –, em alusão ao caráter iniciático de seus ensinamentos.

⁵¹⁷ O texto diz: uma quadriga.

⁵¹⁸ Literalmente: “Eu retorno lá onde me interrompestes e primeiro perguntar-te-ei isto: batias em mim, sendo eu criança?”.

“κλάουσι παῖδες, πατέρα δ' οὐ κλάειν δοκεῖς;”
 φήσεις νομίζεσθαι σὺ παιδὸς τοῦτο τοὔργον εἶναι·
 ἐγὼ δέ γ' ἀντείποιμ' ἂν ὥς δις παῖδες οἱ γέροντες.
 εἰκός τε μᾶλλον τοὺς γέροντας ἢ νέους τι κλάειν,
 ὅσῳ περ ἑξαμαρτάνειν ἥττον δίκαιον αὐτούς.

[1415-1433]

Στ. ἀλλ' οὐδαμοῦ νομίζεται τὸν πατέρα τοῦτο πάσχειν.

Φε. οὐκ οὐν ἀνὴρ ὁ τὸν νόμον θεὸς τοῦτον ἦν τὸ πρῶτον,
 ὥσπερ σὺ κάγω, καὶ λέγων ἔπειθε τοὺς παλαιούς;
 ἥττον τι δῆτ' ἔξεστι κάμοι καινὸν αὖ τὸ λοιπὸν
 θεῖναι νόμον τοῖς υἱέσιν, τοὺς πατέρας ἀντιτύπτειν;
 ὅσας δὲ πληγὰς εἴχομεν πρὶν τὸν νόμον τεθῆναι,
 ἀφίεμεν, καὶ δίδομεν αὐτοῖς προῖκα συγκεκόφθαι.
 σκέψαι δὲ τοὺς ἀλεκτρυόνας καὶ τᾶλλα τὰ βοτὰ ταυτί,
 ὥς τοὺς πατέρας ἀμύνεται· καίτοι τί διαφέρουσιν
 ἡμῶν ἐκεῖνοι, πλήν γ' ὅτι ψηφίσματ' οὐ γράφουσιν;

Στ. τί δῆτ', ἐπειδὴ τοὺς ἀλεκτρυόνας ἅπαντα μιμεῖ,
 οὐκ ἐσθίεις καὶ τὴν κόπρον κάπῃ ξύλου καθεύδεις;

Φε. οὐ ταυτόν, ὧ τᾶν, ἐστίν, οὐδ' ἂν Σωκράτει δοκοίη.

Στ. πρὸς ταῦτα μὴ τύπτ'· εἰ δὲ μή, σαυτόν ποτ' αἰτιάσει.

“Progênie geme e progenitores não podem gemer?”⁵¹⁹

[1415-1433]

Se alegares que choro é próprio de crianças,
ripostarei que velhos são duplamente crianças⁵²⁰.

Logo, convém mais a eles gemer, tal como
lhes compete errar em menor grado.

Estr. Nenhum lugar tolera uma afronta dessa.

Fidi. Não foi um homem, símil a nós, que persuadiu
os antigos e estabeleceu tal costume pela vez
primeira⁵²¹? Ser-me-ia interdito estabelecer um
novo, em que filhos batem em pais? As
bordoadas pregressas ao novo costume
seriam remitidas e ofertadas como cortesia.
Observe como galos e demais animais
vingam-se dos pais. Em que diferem eles
de nós? Exceto não promulgarem decretos...

Estr. Já que copias os galos em tudo, por que
não comes esterco e dormes num poleiro?

Fidi. Não há equipolência e Sócrates não concordaria⁵²².

Estr. Então cessa de agressão ou ainda vais ser causa das tuas.

⁵¹⁹ Mais uma paródia da *Alceste* de Eurípedes (v. 691): χαίρεις ὀρῶν φῶς, πατέρα δ' οὐ χαίρειν δοκεῖς.

⁵²⁰ Provérbio grego, e.g.: ὡς ἔοικεν, ὁ γέρων δις παῖς γίγναιτ' ἄν (Platão, *Leis*, I, 646a).

⁵²¹ A relativização das leis e costumes foi um tema muito em voga na segunda metade do século V a.C., quando da difusão do pensamento sofístico; cf. a oposição entre *physis* e *nômos* (e.g. GUTHRIE, 1995, *passim*).

⁵²² A utilização de exemplos é instrumento recorrente do método dialético do Sócrates de Platão. A despeito da caricatura aristofânica, os interlocutores de Sócrates nem sempre aceitam de bom grado as especificações de Sócrates (cf. *Apologia* 27b, *Hípias Maior*, 288a-e).

Φε. καὶ πῶς;

[1434-1444]

Στ. ἐπεὶ σὲ μὲν δίκαιός εἰμ' ἐγὼ κολάζειν,
σὺ δ', ἦν γένηταί σοι, τὸν υἱόν.

Φε. ἦν δὲ μὴ γένηται,
μάτην ἐμοὶ κεκλαύσεται, σὺ δ' ἐγχανὼν τεθνήξεις.

Στ. ἐμοὶ μέν, ὦνδρες ἥλικες, δοκεῖ λέγειν δίκαια,
κάμοιγε συγχωρεῖν δοκεῖ τούτοισι τάπικκῃ·
κλάειν γὰρ ἡμᾶς εἰκός ἐστ', ἦν μὴ δίκαια δρῶμεν.

Φε. σκέψαι δὲ χᾶτέραν ἔτι γνώμην.

Στ. ἀπὸ γὰρ ὀλοῦμαι.

Φε. καὶ μὴν ἴσως γ' οὐκ ἀχθέσει παθῶν ἃ νῦν πέπονθας.

Στ. πῶς δῆ; δίδαξον γὰρ τί μ' ἐκ τούτων ἐπωφελήσεις.

Φε. τὴν μητέρ' ὥσπερ καὶ σὲ τυπτήσω.

Στ. τί φῆς, τί φῆς σύ;
τοῦθ' ἕτερον αὖ μείζον κακόν.

Fidi. Por quê?

[1434-1444]

Estr. Porque tenho o direito de te bater,
igual vais ter com tua cria⁵²³.

Fidi. E se eu não procriar,
terei apanhado em vão enquanto rirás do túmulo?

(Dirigindo-se aos espectadores)

Estr. Compadres, ele tá com a razão.
Temos que anuir com os jovens: ou
andamos na linha, ou apanhamos.

Fidi. Considera mais um adendo.

Estr. Assim acabo morrendo.

Fidi. Ao contrário, talvez amenize-te o sofrimento.

Estr. Desembucha: que alento tens pra mim?

Fidi. Também violentarei mamãe.

Estr. Como é que é?!
Me desalentas ainda mais!

⁵²³ A limitação intelectual de Estrepsíades transparece na tentativa de formulação de um contra-argumento.

Φε.

τί δ' ἦν ἔχων τὸν ἥπτω

[1444-1461]

λόγον σε νικήσω λέγων

τὴν μητέρ' ὥς τύπτειν χρεών;

Στ. τί δ' ἄλλο γ' ἦ, ταῦτ' ἦν ποῆς,

οὐδέν σε κωλύσει σεαυτὸν ἐμβαλεῖν

εἰς τὸ βάραθρον μετὰ Σωκράτους

καὶ τὸν λόγον τὸν ἥπτω;

ταυτὶ δι' ὑμᾶς, ὦ Νεφέλαι, πέπονθ' ἐγώ,

ὕμιν ἀναθεῖς ἅπαντα τὰμὰ πράγματα.

Χο. αὐτὸς μὲν οὖν σαυτῷ σὺ τούτων αἴτιος,

στρέψας σεαυτὸν εἰς πονηρὰ πράγματα.

Στ. τί δῆτα ταῦτ' οὐ μοι τότε ἡγορεύετε,

ἀλλ' ἄνδρ' ἄγροικον καὶ γέροντ' ἐπήρατε;

Χο. ἡμεῖς ποοῦμεν ταῦθ' ἐκάστοθ', ὄντιν' ἂν

γνώμεν πονηρῶν ὄντ' ἐραστὴν πραγμάτων,

ἕως ἂν αὐτὸν ἐμβάλωμεν εἰς κακόν,

ὅπως ἂν εἰδῇ τοὺς θεοὺς δεδοικέναι.

Fidi.

E se

[1444-1461]

eu te convencer, com meu discurso
fraco, de que é correto bater na mãe?

Estr. Se fizer isso, vais
sucumbir no abismo⁵²⁴,
junto com Sócrates e
com o discurso franzino.

(Dirigindo-se ao Coro das Nuvens)

Eis quanto sofro, Nuvens, por vos
ter confiado meus problemas.

Coro. Ao lançar-te a ti mesmo em ações abjetas,
tornastes-te o único culpado por teus males.

Estr. E por que não contastes isto antes,
ao invés de aticar um velho do mato?

Coro. Sempre que distinguimos um
entusiasta de práticas abjetas, até o
arruinar, assim procedemos; a fim de
que aprenda reverenciar os deuses.

⁵²⁴ Literalmente: τὸ βάραθρον, trata-se de um penhasco localizado em Atenas. Dentre os instrumentos para a execução da pena capital, um deles constituía arremessar o condenado deste despenhadeiro abaixo.

Στ. ὦμοι, πονηρά γ', ὦ Νεφέλαι, δίκαια δέ·
οὐ γάρ με χρῆν τὰ χρήμαθ' ἀδανεισάμην
ἀποστερεῖν. νῦν οὖν ὅπως, ὦ φίλτατε,
τὸν Χαιρεφῶντα τὸν μιάρων καὶ Σωκράτη
ἀπολεῖς μετ' ἐμοῦ ἰθὺς, οἳ σὲ κάμ' ἐξηπάτων.

[1462-1471]

Φε. ἀλλ' οὐκ ἂν ἀδικήσαιμι τοὺς διδασκάλους.

Στ. ναὶ ναί, καταιδέσθητι πατρῶον Δία.

Φε. ἰδοὺ γε Δία πατρῶον. ὥς ἀρχαῖος εἶ.
Ζεὺς γάρ τις ἐστίν;

Στ. ἐστίν.

Φε. οὐκ ἔστ', οὔκ, ἐπεὶ
Δῖνος βασιλεύει, τὸν Δί' ἐξεληλακῶς.

(Arrependido)⁵²⁵

[1462-1471]

Estr. Pior! Minha ruína é justificada.

Eu não precisava ter dado calote nos
empréstimos. (*Dirigindo-se a Fidípedes*)

Vem, filho, vamos acabar
com a raça do Sócrates e do Querefonte,
os cafajestes que nos fizeram de bobo.

Fidi. Seria incapaz de injuriar meus mestres...

Estr. És capaz sim! Em respeito ao Zeus dos pais.

Fidi. Zeus paternal? Como és obsoleto!
Zeus, por acaso, existe?

Estr. Existe!

Fidi. Não existe não! Zeus
sucumbiu, o Etéreo Tornear impera.

⁵²⁵ Estrepsíades arrepende-se, sobretudo, de ter levado o filho para receber os ensinamentos de Sócrates. O desfecho que tal plano atinge na peça, com a agressão do pai seguida de uma justificação retórica, desdobrar-se-á, no imaginário ateniense, na associação da figura de Sócrates com a corrupção da juventude. “Os diálogos de Platão, por sua vez, em diversas ocasiões, apresentarão juízos contrários à lição das *Nuven*s. Em suma, pode-se dizer que, na perspectiva dos diálogos, o convívio com Sócrates – independentemente da disposição do último para assumir a posição de mestre frente a eventuais discípulos (*Apologia*, 33a) – propiciava o aprimoramento e o avanço individuais, o qual poderia retroagir caso os supostos aprendizes afastassem-se do mestre. Como exemplo, poderíamos citar o personagem de Aristides, um dos dois jovens que motivam toda a discussão do *Laques*. Embora, ao final do diálogo, Sócrates recuse-se a proceder à instrução dos jovens, dois outros diálogos, atribuídos a Platão, mencionam uma disposição contrastante. No *Teeteto* (150c-151a), por exemplo, o próprio personagem de Sócrates menciona que os jovens que frequentam sua companhia, embora não aprendam nada diretamente dele, realizam admiráveis progressos, advindos deles mesmos. Todavia, uma vez que se afastam, ou mesmo quando se ligam a más companhias, perdem o que haviam conquistado, por fazerem “mais caso do falso e do imaginário do que da verdade” (*Teeteto*, 151a); citando, a título de comprovação, o nome do jovem Aristides. Um segundo exemplo pode ser retirado do *Teágenes* (134a-e), desta feita, Aristides é novamente mencionado como alguém que estando a progredir na companhia de Sócrates, em razão de seu afastamento – por conta de uma expedição militar –, perdera tudo o que havia, outrora, alcançado. Como se pode perceber, a mensagem presente nos referidos diálogos contrapõe-se, diretamente, com aquela apresentada pelas *Nuven*s: enquanto uma aponta para os benefícios oriundos da companhia de Sócrates, a outra elenca os malefícios inerentes a essa mesma companhia” (MATOS JÚNIOR, 2013, P. 111).

Στ. οὐκ ἐξελήλακ', ἀλλ' ἐγὼ τοῦτ' ὠόμην
 διὰ τουτονὶ τὸν δῖνον, ὥμοι δειλαιοι,
 ὅτε καὶ σὲ χυτρεοῦν ὄντα θεὸν ἡγησάμην.

[1472-1484]

Φε. ἐνταῦθα σαυτῷ παραφρόνει καὶ φληνάφα.

Στ. οἴμοι παρανοίας. ὥς ἐμαινόμεν ἄρα
 ὅτ' ἐξέβαλον καὶ τοὺς θεοὺς διὰ Σωκράτη.

ἀλλ' ὦ φίλ' Ἑρμῇ, μηδαμῶς θύμαινέ μοι,
 μηδὲ μ' ἐπιτρίψης, ἀλλὰ συγγνώμην ἔχε
 ἐμοῦ παρανοήσαντος ἀδολεσχία.
 καί μοι γενοῦ ξύμβουλος, εἴτ' αὐτοὺς γραφὴν
 διωκάθω γραψάμενος, εἴθ' ὅτι σοι δοκεῖ.

ὀρθῶς παραινεῖς οὐκ ἐὼν δικορραφεῖν
 ἀλλ' ὥς τάχιστ' ἐμπιμπράναι τὴν οἰκίαν
 τῶν ἀδολεσχῶν.

Estr. Sucumbiu não! Eu pensava isso [1472-1484]

por conta aqui deste torneado. (*Aponta para um vaso de cerâmica*⁵²⁶)

(*Dirigindo-se ao vaso*) Que desaire!

Sendo apenas vaso, supunha-te deus⁵²⁷.

Fidi. Deixo-te com teus delírios e despautérios.

(*Sai de cena*)

Estr. Que doidura! Onde eu tava com a cabeça
ao me arredar dos deuses por conta do Sócrates.

(*Dirigindo-se a uma estátua de Hermes*)

Amado Hermes, não te espezinhes
comigo: ao invés de me fulminar,
tem dó de mim, que saí dos trilhos
por conta duma lorota. E agora me
dá sua opinião: levo eles a juízo⁵²⁸?

(*Aproxima o ouvido da estátua a fim de ouvir a resposta*)

Boa sugestão: ao invés de me enrolar
num processo, vou logo tacar
fogo no antro dos tagarelas.

⁵²⁶ Aristófanes realiza um jogo de palavras com o vocábulo *ῥῖνος*, que pode significar: tanto “Turbilhão”; quanto “vaso”.

⁵²⁷ Gama Kury, equivocadamente, inverteu o sentido do verso: “Coitado de mim, que considerava você apenas um vaso quando na verdade você é um deus!”.

⁵²⁸ De dois tipos eram as acusações impetradas no sistema judiciário: ou causas públicas (*γραφαί*) ou causas privadas (*δικαί*). A diferença básica entre ambas era que enquanto as primeiras se destinavam a crimes cometidos contra a cidade como um todo, as últimas restringiam o leque de prejudicados à esfera privada. Por conseguinte, uma acusação pública poderia ser apresentada, indiscriminadamente, por qualquer cidadão, ao passo que a privada reservava-se para os diretamente atingidos ou seus representantes. Tanto Meleto quanto Estrepsíades visualizam as ações de Sócrates com um crime cometido contra a cidade, logo, sujeito a uma ação pública (*γραφή*). E Meleto, de fato, assim o fará, quase um quarto de século depois da representação da peça.

δεῦρο δεῦρ', ὦ Ξανθία,
 κλίμακα λαβὼν ἔξελθε καὶ σμινύην φέρων,
 κᾶπειτ' ἐπαναβάς ἐπὶ τὸ φροντιστήριον
 τὸ τέγος κατάσκαπτ', εἰ φιλεῖς τὸν δεσπότην,
 ἕως ἂν αὐτοῖς ἐμβάλῃς τὴν οἰκίαν.
 ἐμοὶ δὲ δῶδ' ἐνεγκάτω τις ἡμμένην.
 κἀγὼ τιν' αὐτῶν τήμερον δοῦναι δίκην
 ἐμοὶ ποήσω, κεῖ σφόδρ' εἶς' ἀλαζόνες.

[1485-1496]

ΜΑΘΗΤΗΣ Α'

ἰοὺ ἰοὺ.

Στ. σὸν ἔργον, ὦ δῶς, ἰέναι πολλὴν φλόγα.

Μα. ἄνθρωπε, τί ποεῖς;

Στ. ὅτι ποῶ; τί δ' ἄλλο γ' ἢ
 διαλεπτολογοῦμαι ταῖς δοκοῖς τῆς οἰκίας;

(Dirigindo-se a um escravo)

[1485-1496]

Xântias, vem cá!

Se tens apreço por teu dono,
arranja uma escada, uma picareta,
sobe no Matutatório e derruba
a maloca em cima daqueles-uns.

(Dirigindo-se a outro escravo)

Alguém me traz uma tocha acesa.

Algun deles vai me pagar hoje,
por mais loroteiros que sejam.

(Sobe no telhado e incendeia o Matutatório)

DISCÍPULO I

Socorro!

(Dirigindo-se à tocha)

Estr. Solta tua labareda, tocha.

I Disc. Que fazes aí, criatura?

Estr. Nada de mais! Só
travando uma reflexãozinha com as traves da casa.

ΜΑΘΗΤΗΣ Β΄

[1497-1505]

οἶμοι· τίς ἡμῶν πυρπολεῖ τὴν οἰκίαν;

Στ. ἐκεῖνος οὐ̐περ θοίμάτιον εἰλήφατε.

Μα. ἀπολεῖς, ἀπολεῖς.

Στ. τοῦτ' αὐτὸ γὰρ καὶ βούλομαι,
ἦν ἡ σμινύη μοι μὴ προδῶ τὰς ἐλπίδας
ἢ ἔγω πρότερόν πως ἐκτραχηλισθῶ πεσών.

Σω. οὗτος, τί ποιεῖς ἑτεόν, οὐπὶ τοῦ τέγου;

Στ. ἀεροβατῶ καὶ περιφρονῶ τὸν ἥλιον.

Σω. οἶμοι τάλας δείλαιος, ἀποπνιγήσομαι.

Μα. ἐγὼ δὲ κακοδαίμων γε κατακαυθήσομαι.

QUEREFONTE⁵²⁹

[1497-1505]

(Confuso, sai auxiliado por discípulos, piscando muito em razão da luz do dia)

Quem incendeia-nos o lar?

Estr. O tal de quem surrupiastes o manto⁵³⁰.

(Entremeio à fumaça)

Quer. Vais nos matar matado!

Estr. É só o que quero,
se a picareta não me deixar na mão
ou eu não rachar a cuca no chão.

Socr. Ei, qual teu real intento aí neste telhado?

Estr. Jornadear pelo ar e perquirir o sol⁵³¹.

Socr. Mísero fim: asfixiar-me-ei.

Quer. Infeliz de mim: carbonizar-me-ei.

⁵²⁹ Embora a edição final de Dover (1968) não atribua essa fala a Querefonte, mas apenas a um genérico discípulo, o editor não deixa de notar: "The introduction of Chairephon (about which the scholia are completely silent) is na astute interpretation, giving a symmetrical duet, the last words from the sophists (...) It would be dramatically most effective if Chairefon were the last to appear, chalk-white, thin, and bewildered in the unaccustomed day-light, perhaps winkled out of the burning house by other students" (p. 267). Não obstante, contrargumenta Dover que a atribuição de tal fala a Querefonte exigiria a presença de cinco atores em cena, predicação que não possuiria sustentação sólida. Allan Sommerstein, por sua vez (*apud* Magueijo, 2006, p. 450), opta pela introdução de Querefonte com base na indicação de alguns manuscritos. Em nossa tradução, optamos pela atribuição a Querefonte na tentativa de maximizar o grau de comicidade da passagem.

⁵³⁰ Cf. v. 497; 857.

⁵³¹ Estrepsíades repete, *ipsis litteris*, as palavras de Sócrates no verso 225. Na primeira ocorrência do verso, optamos por uma tradução literal, respeitando a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na presente ocorrência, no entanto, em razão da coesão prosódica com o verso precedente, valemo-nos do infinitivo no lugar do indicativo.

Στ. τί γὰρ μαθόντες τοὺς θεοὺς ὑβρίζετε
καὶ τῆς σελήνης ἐσκοπεῖσθε τὴν ἔδραν;
δίωκε, παῖε, βάλλε, πολλῶν οὔνεκα,
μάλιστα δ' εἰδὼς τοὺς θεοὺς ὡς ἡδίκουν.

[1506-1510/11]

Χο. ἡγεῖσθ' ἔξω· κεχόρευται γὰρ μετρίως τό γε τήμερον
ἡμῖν.

Estr. Quem mandou usar de estudo pra de-
preciar os deuses e bisbilhotar o cavado da lua.

[1506-1510/11]

HERMES (*Dirigindo-se a um escravo*)⁵³²

Pega! Bate! Joga! Por tudo e mais ainda
por saber o quanto injuriavam os deuses.

(*Confusão e balbúrdia tomam conta da cena*)

Coro. (*Retirando-se*)

Levai-nos embora. Já dançamos a medida certa
por hoje.

⁵³² Como argumenta Dover (1968, p. 268), embora dois manuscritos atribuam esta fala a Hermes, é mais plausível que ela seja continuação da explanação de Estrepsíades. Mais uma vez, todavia, optamos pela via divergente em função da maximização do grau de comicidade, visto que a atribuição de *μάλιστα δ' εἰδῶς τοὺς θεοὺς ὡς ἡδίκουν* a uma divindade tradicional denotaria um tom de ironia e de vindita ao desfecho da peça, o que seria corroborado pelos versos 1482-1485, os quais visualizariam o mesmo deus como mentor do ataque em causa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A – Aristófanes: edições e traduções

ARISTOPHANES. *Comedies of Aristophanes*. Edited, translated and explained by Benjamin Bickley Rogers. London: George Bell & Sons, 1902-1916. 6v.

ARISTOPHANES. *The Clouds*. Introduction, translation, critical notes and comentary by W. J. M. Starkie. London: Macmillan and Co., 1911.

ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Tradução de Gilda Maria Reale Starzinsky. São Paulo: Difel, 1967.

ARISTOPHANES. *Clouds*. Edited with introduction and commentary by K. J. Dover. Oxford: Clarendon Press, 1968.

ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Tradução de Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

ARISTÓFANES. *As Nuvens, Só para mulheres, Um deus chamado dinheiro*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

ARISTÓFANES. *A greve do sexo (Lisístrata), A Revolução das Mulheres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 3.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

ARISTÓFANES. *As Vespas, As Aves, As Rãs*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1996.

ARISTOPHANE. *Les Acharniens, Les Cavaliers, Les Nuées, Les Guêpes, La Paix*. Traduction, introduction, notices et notes par Marc-Jean Alfonsi. Paris: GF Flammarion, 1996. (Théâtre Complet, v. 1).

ARISTOPHANE. *Comédies: Les Acharniens, Les Cavaliers et Les Nuées*. Texte établi par Victor Coulon et traduit par Hilaire van Daele. 15. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

ARISTOPHANES. *Clouds. Wasps. Peace*. Edited and translated by Jeffrey Henderson. Cambridge: Harvard University Press, 1998 (Loeb Classical Library).

ARISTÓFANES. *As Aves*. Tradução de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: 2000.

ARISTÓFANES. *Acarnenses, Cavaleiros e Nuvens*. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva e Custódio Magueijo. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. (Comédias I).

ARISTÓFANES. *As Vespas, Paz, As Aves, Lisístrata*. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva e Carlos Martins de Jesus. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010. (Comédias II).

ARISTÓFANES. *Lisístrata e Tesmoforiantes*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Tradução organizada por José Carlos Baracat Junior. Porto Alegre: UFRGS, 2013. (Cadernos de Tradução n. 32).

B – Autores Antigos

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. 2 ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução, introdução e notas por Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília: UNB, 2008.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. 3 ed. Introdução, tradução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996. (Biblioteca Pólen).

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001. (Biblioteca Pólen).

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos, com introdução e organização de Trajano Vieira. 4 ed. São Paulo: Arx, 2003. 2v.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: ed. 34, 2011.

PLATO. *Euthyphro, Apology of Sócrates and Crito*. J. Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1924.

PLATON. *Oeuvres Complètes*. Tradução e notas por L. Robin. Paris: Gallimard, 1950.

PLATON. *Oeuvres Complètes*. Traduction pour Maurice Croiset. Paris: Les Belles Lettres.

PLATON. *The Dialogues of Plato and The Seventh Letter*. Translated by Benjamin Jowett and J. Harward. Chicago; London; Toronto: William benton, Publisher, 1952. (Great Books of the Western World).

PLATON. *Apologie de Socrate, Críton*. Traduction, introduction et notes pour Luc Brisson. Paris: Flammarion (G. F.), 1997.

PLATÃO. *Banquete*. Tradução introdução e notas por José Cavalcante de Souza. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PLATÃO. *Eutidemo*. Tradução de Adriana Manuele de Mendonça Freire Nogueira. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.

PLATÃO. *Banquete*. Tradução notas e comentários de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2011. (Coleção L&PM POCKET, v. 711).

PLATÃO. *República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. *Eutidemo*. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglesias. Rio de Janeiro: Loyola; Ed. Puc Rio, 2011.

PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos e textos modernos*. Organização e tradução José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os Pensadores, vol. I).

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução, introdução e notas por M. G. Kury. 2 ed. Brasília: UNB, 1986.

XENOFONTE. *Banquete, Apologia de Sócrates*. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008. (Coleção Autores Gregos e Latinos).

XENOFONTE. *Memoráveis*. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1999. (Coleção Autores Gregos e Latinos).

C – Obras de referências.

BAILLY A. *Dictionnaire Grec Français*. 4. ed. Paris: Hachette, 2000.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. New York: Oxford University Press, 1996.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Dicionário grego-português (DGP)*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006-2010. 5 v.

D – Literatura critica e textos modernos

AGOSTINI, Cristina de Souza. *Aristóфанes e Platão: deformadores da democracia Antiga*. São Paulo: [s. n.], 2008.

ANDRADE, T. B. C. *A arte de Aristóфанes: estudo poético e tradução das “Rãs”*. São Paulo: [s. n.], 2014.

AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. “O Filósofo Cômico”. *Kleos*, n 2/3: 84-99, 1998-1999.

- BEKKER, I. *Aristophanis Comoediae, cum scholiis et varietate lectionis*. Londini: Sumtibus Whittaker, 1829. 5v.
- BONNECHERE, Pierre. La scène d'initiation des Nuées d'Aristophane et Trophonios: nouvelles lumières sur le culte lébadéen. In: *Revue des Études Grecques*, 111, Juillet-décembre 1998. p. 436-480.
- BUARQUE, L. *As armas cômicas: os interlocutores de Platão no "Crátilo"*. Rio de Janeiro: Ali Celestino, 2010.
- BURNET, J. *A aurora da filosofia grega*. Tradução de Vera Ribeiro, Henrique Cairus, Agatha Bacelar e Tatiana Oliveira Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: ed. Puc-Rio, 2006.
- BYL, Simon. "Pourquoi Aristophane a-t-il intitulé sa comédie de 423 « Les Nuées »?". In: *Revue de l'histoire des religions*, 204, n°3, 1987. p. 239-248.
- CAVAIGNAC, Eugène. "Aristophane e Démocrite". In: *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n° 18, 1928. pp. 32-34.
- DELAUNOIS, Marcel. "Le comique dans les Nuées d'Aristophane". In: *L'antiquité classique*, 55, 1986. pp. 86-112;
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. "O mimo grego: uma apresentação". *Itinerários*, Araraquara, n. 6, p.37-46, 1993.
- DOVER, K. J. *Aristophanic Comedy*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1972.
- DUARTE, A. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- FÉRAL, C. M. R. *O "agôn" na poética aristofânica: diversidade da forma e do conteúdo*. Araraquara: [s. n.], 2009. (Tese de doutorado)
- GRIPP, Bruno Salviano. *Além das Nuvens: Crítica à Filosofia nos Fragmentos da Comédia Antiga*. Belo Horizonte: [s. n.], 2009.
- GUTHRIE, W. K. C. *Historia de la Filosofia Grieca*. Tradução para o espanhol por A. V. Campos e A. M. González. Madrid: Gredos, 1990. 6 v.
- GUTHRIE, W. K. C. *Os Sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. (Filosofia).
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. F.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.
- KONSTAN, David. "Socrates in Aristophanes' *Clouds*". In *The Cambridge Companion to Socrates*. New York: Cambridge University Press, 2011.

MATOS JUNIOR, F. A. A limitação do *elenchos* e sua implicação na defesa de Sócrates conforme à *Apologia* de Platão. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, jul./dez. 2007.

MATOS JUNIOR, F. A. *A contextualização dramática do Laques e sua relação com a Apologia de Platão*. Campinas: [s. n.], 2008. (Dissertação de mestrado).

MATOS JUNIOR, F. A. *O tratamento da impiedade no contexto dramático do “Eutífron”: um pastiche das “Nuvens” como extensão da “Apologia de Sócrates”*. Campinas: [s. n.], 2013. (Tese de doutorado)

NOËL, Marie-Pierre. Aristophane et les intellectuels: le portrait de Socrate et des «sophistes» dans les Nuées. In: *Le théâtre grec antique: la comédie*. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2000. p. 111-128. (Cahiers de la Villa Kérylos, 10).

OLIVEIRA, F.; SILVA, F. M. *O teatro de Aristófanos*. Coimbra: FLUC, 1991.

SACCONI, K. A. *Fragmentos de Aristófanos: estudo e tradução*. São Paulo: [s. n.], 2018. (Tese de doutorado).

ROGERS, Benjamin Bickley. *The Clouds of Aristophanes*. London: George Bell & Sons, 1916. v. 2. (*Comedies of Aristophanes*).

SOMMERSTEIN, Alan H.. *Greek drama and dramatists*. London: Routledge, 2002.

STRAUSS, Leo. *Socrate et Aristophane*. Traduit de l'anglais et presente par Olivier Sedeyn. [S. L.]: Éditions de l'Éclat, 1993.